

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

João do Rio

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 CINEMATÓGRAFO
(CRÔNICAS CARIOCAS)

Rio de Janeiro 2009

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2009

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Mindlin

José Murilo de Carvalho

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Augusto Sérgio Bastos

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

R452 Rio, João do, 1881-1921.
Cinematógrafo : crônicas cariocas / João do Rio. — Rio de Janeiro : ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto ; v. 87)

290 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7440-124-9

I. Literatura Brasileira. I. Academia Brasileira de Letras.

II. Título: Crônicas cariocas. III. Série.

CDD B869

Neste livro foi mantida a grafia original em francês de João do Rio.

Apresentação

LÊDO IVO

UM OLHAR SOBRE JOÃO DO RIO

Para João do Rio (1881-1921) o cinema – as *fitas* – era algo extra-moderno, “como o arrolador da vida atual, como a grande história visual do mundo”, e marcava uma das maiores mudanças ocorridas no Universo. Este livro de crônicas escritas em 1908 e regidas em grande parte por diálogos imaginários, é uma das referências dessa mudança, da passagem que gerou o Brasil de hoje e especialmente a hoje degradada e camelotizada cidade do Rio de Janeiro.

Uma República sucedia a um Império. Uma nova sociedade especuladora, mercantilista e arrivista surgia dos destroços de uma vitoriana sociedade tropical, fundada na impiedade e crueza da escravidão e do domínio dos grandes proprietários de terra. Uma aristocracia econômica e política sustentava o cetro imperial e os privilégios e injustiças inerentes a uma Nação separada pela riqueza da minoria dominante e a pobreza – que ia até a miséria extrema – dos dominados.

No alvorear do século XX, o Brasil, com os seus sonhos, inquietações e pesadelos, despertava para uma nova época – a *belle époque*. Numerosos foram os elementos que caracterizam esse tempo. O prefeito Pereira Passos, um barão Haussmann tropical, trouxera de Paris o novo modelo urbanístico, que transformava o centro da Cidade – com exceção da rumorosa Rua do Ouvidor uma sufocante sucessão de pequenas e infectas ruas tortuosas lardeadas de cortiços miseráveis – numa Avenida Central. Era a política do *bota-abaixo*. Ao multissecular modelo de urbanização portuguesa, sucedia a espacialidade da urbanização característica dos bulevares de Paris. Surgiram o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Cinelândia, o Palácio Monroe. “O Rio civiliza-se” proclamou, do alto do seu monóculo, o cronista Mendes Pimentel. E, com efeito, era uma nova civilização que nascia. O combate a endemias como a febre amarela, belicosamente deflagrado por Oswaldo Cruz, abriu o porto do Rio de Janeiro a uma intensa importação de mercadorias inglesas e francesas – de uma boa manteiga da Normandia às costureiras, cabeleireiros e cocotes. Os autores portugueses eram substituídos pelos nomes prestígio de Anatole France, Paul Bourget e Guy de Maupassant.

Era um tempo de exacerbado francesismo, o qual imperava desde a Academia Brasileira de Letras ao baixo meretrício do Mangue e às discretas e às vezes escandalosamente indiscretas *maisons closes* aparelhadas para a propagação de refinadas volúpias. Esse francesismo envolve a imprensa e literatura – e o francês deliciosamente macarrônico que se espria neste *Cinematógrafo* e ainda as citações estropiadas e às vezes até hilariantes de poetas franceses apontam para João do Rio como um usuário inveterado da língua francesa e propagador de galicismos.

Além dos francesismos e francesices, os numerosos anglicismos frequentes nos textos de João do Rio, e em sua maior parte provenien-

tes do glossário social e mundano, representavam outro atestado de seu antiprovincianismo.

O *dandy* gordalhão e espalhafoso proclama viver na época que, sendo do cinema mudo, é também do rumor das multidões nas ruas e avenidas, dos fonógrafos, do estrépito do *music-ball*, do *jazz band*, do *fox-trot*, dos *chopps* e *tramways*, dos *flirtations* que eram o vestibular dos casamentos e adultérios, dos *land-walks* e *trotters*.

Sem temer os riscos ou evidências de rastaquerismo, o autor destas “Crônicas Cariocas” dilata os seus às vezes dengosos meios de expressão.

Cronista e jornalista inovador, João do Rio renovou atrevidamente a reportagem doméstica, dando-lhe cor e teor, e uma sapiidez que o tempo não terá desmaiado. *As Religiões do Rio*, peça indispensável e inconfundível de nossa brasiliana, é um rico inventário das seitas e religiões, especialmente as de origem africana, cultuadas em guetos cariocas dispersos pelo tempo. O *Momento Literário* permanece imprescindível à compulsão dos investigadores e ressuscitadores do nosso passado cultural. É também um robusto acervo de informações ao alcance da pirataria literária. Até nos palcos João do Rio brilhava – as suas peças, como “A bela madame Vargas”, proibida de ser encenada durante o Estado Novo, em decorrência do sobrenome – requisitava aplausos. Autor de várias obras-primas do nosso conto, só manquejava ou mesmo se arrastava no romance. Falecia-lhe o largo sopro criativo dos ficcionistas de bom metal, como o Lima Barreto de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o Adolfo Caminha de *O Bom Criolo*, e o Aluísio Azevedo do vigoroso *O Cortiço*.

Cinematógrafo. Uma nova linguagem surgia no Brasil multissecularmente aferrado à civilização da palavra. Começava a era da imagem, que haveria de dominar o século XX e se incorporou para sempre à visão humana do mundo e tem hoje na televisão a sua referência mais precla-

ra. Era uma nova ficção, endereçada ao olhar; e o silêncio da cena muda condizia com as novas estridências do universo. Nenhum outro escritor brasileiro como João do Rio exprimiu de forma tão vívida, e nervosa, e estonteante, esse novo tempo que se prolongou até as inquietações e abalos políticos, militares e culturais da década de 1920. Mulato e homossexual, o carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto soube exprimir bela e até freneticamente a sua época como nenhum outro dos seus invejosos companheiros de jornada.

Sem embargo de um visceral riodejaneirismo, foi um cosmopolita para quem o Homem Que Viaja, e conhece as grandes metrópoles do mundo, é o novo homem do novo século – e cabe uma comparação entre a sua obra, que registra a nova e borbulhante sociedade, com os seus salões frívolos e adegas pródigas, e a do mulato cachaceiro e suburbano Lima Barreto, condenado ao tédio das viagens modorrentas nos trens da Central e às frequentações dos botecos, e retratista incomparável da mesma sociedade, mas vista do outro lado: o lado das inextirpáveis injustiças sociais e das aflições e pesadelos da arraia-miúda. Enquanto Lima Barreto se vestia andrajosamente, e buscava nas colaborações jornalísticas a complementação financeira para o sustento de sua vida de pequeno funcionário do Ministério de Guerra, o gordo e triunfante e bebedor de *champagne* João do Rio transitava nos salões mundanos e nas embaixadas, com os seus ternos de fazenda inglesa, o seu monóculo, e a sua frase cintilante. E, em grandes e demoradas viagens, respirava a brisa dos transatlânticos. Eram dois caminhos e dois destinos.

Embora João do Rio se posicionasse ostensivamente ao lado dos ricos e bem nascidos – e cortejasse desembaraçadamente os comendadores portugueses que costumavam abastecer-lhe os bolsos sempre furados de dissipador incorrigível, – em certos instantes ele revelou um espí-

rito de denúncia e solidariedade para com os pobres que o coloca na primeira linha dos nossos críticos sociais. Há em *Portugal d'Agora* páginas flamejantes sobre a miséria em certos bairros de Lisboa; e neste *Cinematógrafo* a indignada crônica “Os Humildes” se antecipa ao clamor dos nossos romancistas mais voltados para a exploração econômica do homem pelo homem.

João do Rio inspirava desde a admiração mais tórrida – como a de Gilberto Amado, que não hesitava em dar estrondosos tiros preventivos para o ar em plena Avenida Central (tornada Avenida Rio Branco desde 1912, com a morte do chanceler), a fim de protegê-lo de agressões de adversários – a ódios profundos, entre os quais avultavam os do ferino Humberto de Campos e do ressentido e amargurado Lima Barreto.

Adepto da velocidade, numa singular precedência aos fogosos modernistas de 1922, andava de táxi, naquele tempo em que os automóveis – especialmente os fords-de-bigode – começavam a substituir os tálburis, e os bondes elétricos tomavam o lugar dos bondes-de-burro. *O Rio civiliza-se*. João do Rio, que portava o nome da cidade amada no próprio pseudônimo, era ao mesmo tempo o propagador e consumidor dessa nova e brilhante civilização. E até a sua morte, com os cem mil acompanhantes do seu enterro, tem um sentido simbólico e metafórico: morreu dentro de um táxi. Era uma prova de que ele tinha pressa em viver e apreciava a modernidade dos transportes. Era um *homme pressé*, para invocar aqui Paul Morand, o grande cronista ocidental dessa época que assistiu à descoberta da terra inteira e à instalação do império da velocidade e da imagem.

Para falar da “alma encantadora das ruas”, e da alma menos encantada dos homens, João do Rio se alfaiou de um estilo inconfundível. Não foi um pré-moderno, como costumam estampilhá-lo os sisudos historiadores literários sempre açulados pelo desejo de rotu-

lar e historicizar os cenários culturais sucessivos, convertendo-os em redutos congelados. Seu estilo visual e imagístico, de notável laconismo fotográfico, é um dos mais originais de nossa língua literária. Uma formação haurida nos simbolistas europeus e na *écriture artistique* francesa, somada à poderosa influência de Oscar Wilde (de quem traduziu *Salomé* e seguiu preceitos estéticos e morais tanto no tocante à sua arte como à sua vida pessoal), proporcionou-lhe uma dicção de singular expressividade e capacidade de envolvimento.

As suas crônicas sobre uma briga de galos e o velho mercado, neste *Cinematógrafo*, esbanjam objetividade e realismo. Mestre das entressombras, o impressionista João do Rio possuía também uma palheta expressionista habilitada para a produção de paisagens e cenas claras e cruas. Aí estão os contos e crônicas em que ele, trilhando o realismo mais ortodoxo, revela saber ver e olhar, com olhos arregalados de *voyeur*, os vícios, caprichos e perversidades que proliferam na escuridão da noite carioca ou na mortífera luminosidade das fofas alcovas sigilosas. “O bebê de tarlatana rosa” e “O carro da Semana Santa” conduzem o leitor a um território até então inexplorado na literatura brasileira.

Ao escritor e jornalista afeiçoado às banalidades e superficialidades da vida estrepitosa e cosmética, e dos ambientes hedonísticos desprovidos de espiritualidade e transcendência, sabia-lhe bem descer a certas profundezas dos tormentos e vilanias humanas. Era João do Rio como um nadador de maré rasa que tivesse algo de mergulhador ou mesmo de escafandrista.

Como um *flâneur* baudelairiano João do Rio procede à descoberta da noite dos que não dormem, e sob o abrigo da escuridão saciam os seus desejos perversos. Mas a noite é o domínio predileto do Demônio (*La nuit appartient au diable*, adverte o pároco de Trocy, personagem do romance *Journal d'un Curé de Campagne*, de Georges Bernanos).

João do Rio é o visitante da noite. Da noite urbana, semeada de viciosidades e mistérios, e até de aberrações; e da noite que baixa mesmo durante o dia ofuscante, a fim de que os espectadores, reféns da civilização da imagem e do olhar, possam usufruir o prazer do cinematógrafo.

Publicado em 1909, *Cinematógrafo* só agora é reeditado. Este volume da Coleção Afrânio Peixoto testemunha mais uma vez o zelo e o amor pelo nosso passado literário que guiam a atuação cultural e acadêmica de Antonio Carlos Secchin. É *Cinematógrafo* o livro de um passado que não morre; um passado que está em nós como um presente estacionado; um ontem que o poder de expressão literária de João do Rio e de outros escritores de sua laia faz respirar em nosso hoje e em nosso agora.

Sumário

CINEMATÓGRAFO (CRÔNICAS CARIOCAS)

INTRODUÇÃO.....	3
GENTE DE <i>MUSIC-HALL</i>	7
NO PAÍS DOS GÊNIOS.....	14
A CURA NOVA.....	21
AS CRIANÇAS QUE MATAM... ..	28
ONTEM E HOJE.....	34
O 20:025!.....	40
MÁSCARAS DE TODO ANO....	46
CHUVA DE <i>LAND-TROTTERS</i>	52
A FUTILIDADE DE INFORMAÇÃO E OS SEIS MINISTROS . . .	57
UM PROBLEMA.....	65
NOVA VOCAÇÃO.....	70
O BARRACÃO DAS RINHAS.....	75
A VALORIZAÇÃO DAS PALAVRAS.....	82
O DITO DA “RUA”.....	87
A DECADÊNCIA DOS <i>CHOPPS</i>	92
JUNHO DE OUTRORA.....	98

<i>LUDUS DIVINUS</i>	104
A SOLUÇÃO DOS TRANSATLÂNTICOS.....	111
A REFORMA DAS CORISTAS.....	116
A CRÍTICA NOS BASTIDORES.....	121
GNATHO.....	127
UMA EXPOSIÇÃO.....	133
OS HUMILDES.....	139
ALGUNS POETAS DO HOSPÍCIO.....	145
O VELHO MERCADO.....	153
<i>CHERS CONFRÈRES</i>	159
A CASA DOS MILAGRES.....	165
O MELHOR PISTOLÃO.....	171
HORAS DA BIBLIOTECA.....	176
O CHARUTO DAS FILIPINAS.....	183
O <i>CLOU</i> DA EXPOSIÇÃO.....	188
QUANDO O BRASILEIRO DESCOBRIRÁ O BRASIL?.....	194
O MILAGRE DA MOCIDADE.....	200
A CARTA DE UM DELEGADO À EXPOSIÇÃO.....	205
OS ANIMAIS NA EXPOSIÇÃO.....	211
OS ESNOBES E A EXPOSIÇÃO.....	218
A POLÍCIA DE COSTUMES.....	225
EPITÁFIOS.....	231
O PAVILHÃO DE PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO.....	240
IMPRESSÕES BORORÓS.....	245
AS INFELIZES MENINAS DA EXPOSIÇÃO.....	250
O BAIRRISMO.....	255
NOTURNO POLICROMO.....	260
A PRESSA DE ACABAR.....	266
AO LEITOR.....	272

 CINEMATÓGRAFO
(CRÔNICAS CARIOCAS)

INTRODUÇÃO

Uma fita, outra fita, mais outra... Não nos agrada a primeira? Passemos à segunda. Não nos serve a segunda? Para diante então! Há fitas cômicas, há fitas sérias, há melancólicas, picarescas, fúnebres, alegres — algumas preparadas por atores notáveis para dar a reprodução idealizada de qualquer fato, outras tomadas nervosamente pelo operador, à passagem do fato. Umhas curtas, outras longas. Podes deixar em meio uma delas sem receio e procurar a diversão mais além. Talvez encontres gente conhecida que não te fala, o que é um bem. Talvez vejas desconhecidos que não te falam mas riem conforme os tomou a máquina, perpetuando esse sintoma de alegria. Com pouco tens a agregação de vários fatos, a história do ano, a vida da cidade numa sessão de cinematógrafo, documento excelente com a excelente qualidade a mais de não obrigar a pensar, senão quando o cavalheiro teima mesmo em querer ter idéias.

Dizem que a sua melhor qualidade essa é. Quem sabe? O pano, uma sala escura, uma projeção, o operador tocando a manivela e aí temos ruas, miseráveis, políticos, atrizes, loucuras, pagodes, agonias, divórcios, fomes, festas, triunfos, derrotas, um bando de gente, a cidade inteira, uma torrente humana — que apenas deixa indicados os gestos e passa leve sem deixar marca, passa sem se deixar penetrar...

— Interessante aquela fita, dizes. E dois minutos depois não te lembras mais.

– Viste a fita passada?

– Não, aproveitei-a para beijar a mão daquela senhora que não conheço.

E pronto. Não há mal nenhum no caso. Isto é, no beijo talvez possa haver porque o beijo tem uma grande importância relativa. Em não ver a fita é que não. A história fez-se, o fato subsiste, o operador gozou em compô-lo e talvez outros tivessem reparado. E como nem o Destino, autor dos principais quadros da vida não tem pretensão, como o operador também não se imagina um ser excepcional, e os que lá estão a assistir ao perpassar das fitas não se julgam na obrigação de julgar ver coisas importantes para dar a sua opinião definitiva – dessa despretenção geral nasce o grande panorama da vida, fixado pela ilusão, que é a única verdade resistente no mundo subsolar.

Alguns estetas de atrasada percepção desdenham do cinematógrafo. Esses estetas são quase sempre velhos críticos anquilosados cuja vida se passou a notar defeitos nos que sabem agir e viver. Nenhum desses homens, graves cidadãos, compreende a superioridade do alivante progresso d'arte. O cinematógrafo é bem moderno e bem d'agora. Essa é a sua primeira qualidade. Todos os gêneros de arte perdem-se no tempo distante. Todas as ciências têm raízes fundas na negridão clássica das eras. Não há princípios de boa filosofia que os árias não tivessem fixado, feição d'arte que o oriente antigo não já tivesse criado e instrumento de utilidade dos mais modernos que não tivesse sido descoberto pela China, muitíssimos anos antes de Cristo. A China é realmente enervadora nestes assuntos. O cinematógrafo ao contrário. É doutro dia, é extramoderno, sendo como é resultado de uma resultante de um resultado científico moderno.

Ao demais, se a vida é um cinematógrafo colossal, cada homem tem no crânio um cinematógrafo de que o operador é a imaginação.

Basta fechar os olhos e as fitas correm no cortical com uma velocidade inacreditável. Tudo quanto o ser humano realizou não passa de uma reprodução ampliada da sua própria máquina e das necessidades instintivas dessa máquina. O cinematógrafo é uma delas.

Ora como os fatos sucedendo-se não se parecem e que ninguém pode exatamente repetir com a mesma emoção e o mesmo estado d'alma um ato da existência, o cinematógrafo fica modesta e gloriosamente como o arrolador da vida atual, como a grande história visual do mundo. Um rolo de cem metros na caixa de um cinematografista vale cem mil vezes mais que um volume de história – mesmo porque não tem comentários filosóficos. E isso, porque no fundo o cinematógrafo é uma série de novelas e de impressões pessoais do operador à procura do “bom momento”, é a nota do seu temperamento a escolher o assunto já feito, e a procurar as posições para tomar a fita.

Daí a multidão abandonar tudo pelo cinematógrafo, porque além dessas qualidades, com ele não se cansa e não se fatiga. Daí, já assustados, romancistas e dramaturgos a escrever cenários para os cinematógrafos. Daí não haver pequena de rampa que não queira ser reproduzida pelo aparelho. É uma feição científica da arte – arte que o é quando o querem, arte que declina dessa honra quando meia dúzia de prevenidos protesta, mas a única que reproduz o polimorfismo integral da vida, e que não melindra ninguém por não passar de reflexos.

A crônica evoluiu para a cinematografia. Era reflexão e comentário, o reverso desse sinistro animal de gênero indefinido a que chamam: o artigo de fundo. Passou a desenho e a caricatura. Ultimamente era fotografia retocada mas sem vida. Com o delírio apressado de todos nós, é agora cinematográfica – um cinematógrafo de letras, o romance da vida do operador no labirinto dos fatos, da vida alheia e da fantasia – mas romance em que o operador é personagem secundário arrastado

na torrente dos acontecimentos. Esta é a sua feição, o desdobramento das fitas, que explicam tudo sem reflexões, e como o século está cansado de pensar, e como a frase verdadeiramente exata da humanidade na fatura dos casos é o clássico: – já vi! o operador escreve despreocupado, pouco lhe importando que vejam a fita, que a compreendam ou não, ou que tornem a vê-la.

Segue-se daí que nem a fita se revê, nem a página parecida com a vida se torna a ler. Supremo consolo! Desagradou ou encantou. Não houve tempo de reler para notar defeitos – mesmo porque não há tempo para nada. A grande ideia dos que mudam o aparelho da reprodução da vida seria que os espectadores esquecessem o que já disseram na fita passada para sentir a novidade da próxima. Assim poderiam contradizer-se sem escândalo – o que é um gozo intelectual superfino, e parecer sempre novo – o que, apesar de acendrados reclamos, não o consegue ser agora nem mesmo o velho e decadente Destino...

GENTE DE MUSIC-HALL

O cassino palpitava. Tantan Balty, no seu último número, dissera, com quebras de olhos e perversidades na voz, uma cançoneta extraordinariamente velhaca. A sala, sob a clara luz das lâmpadas elétricas, acendia-se, gania luxúrias. Senhores torciam o bigode com o olhar vítreo, as damas envolviam os braços nas plumas das boás com um ar mais acariciador. Nós estávamos todos. Na orla dos camarotes, pintados de vermelho, pousavam em atitudes de academia, expondo vestidos de tonalidades vagas e anéis em todos os dedos as mais encantadoras criaturas da estação. Por trás dos camarotes surgiam panamás, monóculos, faces escanhoadas, bigodes à *kaiser*, e os garçons passavam de corrida levando garrafas e bandejas. Em baixo, na plateia, velhos frequentadores tomando *bocks*, repórteres, caixeiros, moços do comércio batendo as bengalas nas folhas das mesas, uma ou outra mulher entristecida e a claque, uma claque absurda, berrando chamadas diante dos copos vazios, quase no fim da sala.

Tantan Balty voltara, resfolegara, e com as duas grossas mãos no lábio rubro, parecia querer beijar toda a multidão. Afinal, a campanha retiniu e o velário correu, cerrou-se sobre uma última graça de Tantan. Tinha acabado a segunda parte. Havia um rumor de cadeiras, de estampidos de rolha, de copos entrechocados, por todo o *hall*. As lâmpadas elétricas tinham uma medonha trepidação, como se fossem grandes borboletas de luz presas de agonia a bater as asas brancas.

No camarote de boca, solitários e de *smoking* fui encontrar o barão Belfort e o conde Sabiani. O conde era um homem alto, de torso largo, bigode espesso. Tinha a fisionomia fatigada e flácida. Olhando o seu turvo olhar, logo me vieram à mente as coisas tenebrosas que a respeito correm. O barão, porém, contava, com um ar desprendido, a história de Tantan Balty, que ele conhecera numa bodega de Toulouse, em 1890, já velha e já gorda. Parou, sorriu: – Seja bem-vinda a virtude entre o crime e o vício...

O conde Sabiani estendeu a sua mão cheia de anéis, consultou o programa preguiçosamente.

– Temos agora a princesa Verônica. *Per Dio! Quelle femme, mon petit!*

Disse isso como um obséquo, endireitou o punho, recostou-se. Usava uma pulseira de pequenas opalas com fecho d'ouro. O barão sorriera novamente, endireitando os cravos da botoeira.

– Conhece a princesa Verônica?

– A princesa? Há de concordar, barão, de certo tempo para cá, o Rio tem uma epidemia de titulares exóticas...

– Que quer? É a civilização. E quase todas mais ou menos autênticas! São as titulares de Bizâncio, meu caro. Consulte os programas dos cassinos e as notas dos jornalecos livres. Há princesas valáquias, príncipes magiares, condessas italianas, marquesas húngaras, duquesas descendentes de Coligny, fidalgas do Papa – a marquesa de Castellane, a princesa russa, a condessa de Bragança, a princesa Tolomei, Gladys Wright, mulher de um lorde, a princesa Thrasny, todas com um título que lhes doura a arte e a renda. O Rio não seria cosmópole se não as tivesse. A grande preocupação dessas admiráveis criaturas é convencer os amigos com documentos fartos de que são mesmo descendentes de famílias ilustres, e a sociedade fica convencida porque isso satisfaz a sua imensa vaidade. Nós estamos exatamente como na

corte de Justiniano, em que Theodora, dançarina de circo, era imperatriz. E isso é prodigiosamente agradável ao burguês que paga, à turba que olha, e ao princípio imanente da beleza e da democracia. Não há comerciante triste depois de ter pago joias a princesas. Estas formosas deusas, que o povo admira e inveja, puseram os braços ao alcance de todos os lábios. São as princesas de Bizâncio, caro. Sagrou-as o bispo de Hermápolis.

O conde Sabiani sorriu com perversidade e literatura.

– O barão faz a iniciação dos puros?

Belfort não respondeu. Já começara a terceira parte. O bombo dera uma pancada grossa, e os violinos da orquestra faziam uma escala de *pizzicati*, sustentados pelas longas e sensuais arcadas dos violoncelos e do contrabaixo. O velário de púrpura descerrou-se por sobre uma paisagem lunar. Os cenários estavam tão apagados à luz de leite das lâmpadas, que todo o palco parecia alongar-se numa infinita brancura. Na plateia apareciam faces de homem, mulheres ajustavam o *face à main*, e a claque ao fundo, diante dos mesmos copos vazios, berrava:

– Verônica! Verônica!

– Faça a iniciação, meu amigo, como diz o Sabiani, faça...

Sim tutelar, ó Lua

Margem da Alegria

Onde abordam os barcos das almas puras...

Houve um trilo de flauta como um trinado de pássaro, o bombo reboou, caiu num choque de pratos, e de um pulo surgiu, no meio do palco, a princesa Verônica. Era magra, desossada, com a face afiada das divindades egípcias. Sorrindo mostrava os dentes irregulares, e tinha a cor das múmias, como se a sua pele fosse queimada por lentos

óleos bárbaros. Vestia meias de seda cor de carne; os pés, enluvados de branco, de tão finos e minúsculos recordavam a graça dos lírios a desabrochar, e o seu corpo de serpente ondulava dentro de um estojo de lantejoulas de prata.

– É uma crioula!

– Da Jamaica, filha de um velho rei índio.

*Bizarre déité, brune comme les nuits,
Au parfum mélangé de musc et de havane
Œuvre de quelque obi...*

O barão citava Baudelaire, o barão amava!

Verônica bateu as pálpebras, abriu os olhos luxuriosos, e numa reviravolta, adejou. A multidão inteira ofegava, com a alma presa àquela visão de sílfide perversa. Não era o bailado clássico das dançarinas do Scala e da Opera, com violências de artelhos e sorrisos pregados nos lábios, não era o quebro idiota das danças húngaras ou a coreia álcara dos bailes ingleses – era uma dança inédita. Havia no seu meneio a graça das aves, no sorriso a volúpia de um outro mundo, no langor com que abria os braços, o delíquio da paixão. Os grossos diamantes que lhe escorriam dos lóbulos pareciam aquecer-se na sua pele ardente; as flores, presas à carapinha de negra, aureolavam-na de desmaios de púrpura. Ela flutuava, pássaro, serpente lendária, adejando num esplendor de prata.

– Oh! Barão deu-lhe agora para o exotismo. Essa Verônica é uma preta como outra qualquer, que se intitula princesa.

Calei-me porém. O barão falava, sussurrava as frases da sua admiração.

– Como ela dança! A dança é tudo, é o desejo, a súplica, a raiva, a loucura... Ela dança como uma sacerdotisa, como uma estrela perdida

nas nuvens. Tem desde o salto medroso das feras até o voo medroso das pombas. Há nos seus gestos a orgia sanguinária de uma leoa e a maravilha constelada de uma ave do paraíso. Ao vê-la recorda a gente Salomé diante de Herodes, dançando a dança dos sete véus para obter a cabeça de São João; diante desse ondear de vida que no ar se desfaz em sensualidades, sonha-se o tetrarca de Wilde, ébrio de amor “Salomé! Salomé! Os teus pés, a dançar, são como as rosas brancas que dançam sobre as árvores!”

Verônica terminara o bailado, toda ela rodopiante, desaparecida no halo argênteo do saíote, e assim girando vertiginosamente, com os seus dois pés finos e estranhos, parecia uma flor de prata, uma estranha parasita caída dos espaços naquele ambiente de névoas. As palmas rebentaram num chuva. Ela parou, abriu os braços, deixou escorregar vagarosamente os pés, tão devagar que parecia ir-se afundando, até que caiu no grande *écart*, a mão na testa sorrindo. O público, porém, enervado queria mais, batia com as mãos, com os pés; as mulheres nos camarotes erguiam-se e Verônica tornou a aparecer, fazendo gestos de agradecimento que eram como súplicas de amor.

– *Danses américaines!* Disse.

E imediatamente, no miúdo compasso da orquestra, o seu corpo, da cinta para baixo, começou a desarticular-se, a mexer. Os pés estalavam no chão, rápidos, havia sapateados e corridas; as ancas magras cresciam, aumentaram rebolando; o ventre ondulava; aquele corpo que fugia e avançava com meneios negaceados, confundiu-se na harmonia dos compassos em adejos. A mulher desaparecia numa exasperante combinação de sons gesticulados, de vibrações de cantárida, de crises danadas de espasmo. Era perturbadora, infernal, incomparável!

Quando ela acabou, o barão ergueu-se rápido.

– Vamos vê-la...

O conde Sabiani, que olhava para baixo, acompanhando o movimento febril da multidão, fez um vago gesto, ficou cheirando o seu cravo.

Nós descemos a escada pequena que dá no botequim. Já a orquestra tocava um fandango e a bela Carmen, uma antigüíssima espanhola de meias rubras, soltava olés roufenhos. O público desinteressava-se. O barão parou um instante como à espera de um homem gordo, que caminhava amparado à bengala. O homem vinha conversando com dois rapazes de fraque e chapéu de palha, que recuavam estendendo as mãos como a abotoar invisíveis inimigos e caíam para a frente, mimando cabeçadas cruéis. O homem gordo acabou por encostar-se ao balaustre e disse sem rir:

— *C'est drôle ça!*

Um dos moços, com o colarinho inverossimilmente alto, afastou o outro na ânsia de acumular as atenções e segurando a gola do gorducho, murmurou:

— Então eu segurei o cabra...

O barão seguiu.

— São os elegantes valentes! Não acabam mais com as histórias. Vamos ver a Verônica... Sabes que ela se perfuma de sândalo?

Seguimos para o fundo do jardim onde só havia, na iluminação de névoa, entre as árvores, duas mulheres de grande manto a conversar: subimos a entrada de sarrafos da caixa. O *regisseur*, um italiano loiro de face inteligente, cumprimentou-nos com um sorriso camarário e nós fomos andando, entre criados de blusa azul e varredores. A um canto, um duo americano preparava-se para entrar em cena. Às portas dos camarins abertas, as *chanteuses* esperavam todas pintadas, as mãos nervosas. O barão bateu à porta do camarim da princesa: — *Go in...*

E nós entramos. O pequeno espaço rescendia todo a um inebriante perfume de sândalo, e havia por toda a parte uma orgia floral – rosas vermelhas, rosas brancas, catleiascripi estendendo os tentáculos de neve, lírios vermelhos com os pistilos amarelos, angélicas, anêmonas, cravos, tuberosas – e enramando a olência desse deboche de flores, o fino desenho, a renda anêmica das avencas verdes. Na redolente atmosfera, afundada no divã, envolta numa toalha de felpo, surgia a figurinha de bronze da princesa indiana, e a princesa chorava. Grossas lágrimas corriam dos seus olhos de deusa Ísis e adejando as mãos ela soluçava.

– *Oh! my dear, sweet heart, ce chien...* ele não veio.

– Quem?

– O de ontem, aquele de ontem. E não pagam. Dizem que é pela minha cor. Há muitos aqui. *It is very, Belfort? Mon petit, c'est vrai?* Abriu os braços como uma boneca, emborcou num choro convulso:

– *Malheureuse. I'm malheureuse...*

Ela falava todas as línguas da Europa numa ingênua e horrível confusão. O barão limpou o monóculo, pegou-lhe no braço paternal e filosófico.

– Estranha criatura, ainda continuas a te perfumar de sândalo? Ainda és o sonho enervante do Oriente, o fluido das florestas bizarras?... Deixa lá... Acalma-te. Não te compreendem, pequeno ídolo amado. É como se esses homens pudessem diferenciar o sabor que tem um licor quando bebido num maravilhoso vaso trabalhado pelos bárbaros, do mesmo licor tragado em qualquer copo. Eles são homens. E tu – tu és a princesa dos sândalos...

E ficamos ali vendo a criaturinha chorar, enquanto lá fora nos ruídos da música, no bruaá da multidão, subia mais forte a onda da luxúria.

NO PAÍS DOS GÊNIOS

Nos corredores da Câmara um mundo nervoso e febril. Tudo cheira a interesse, a combinação, a negócio. Há os farejadores de grandes empresas, há cobradores, há cavalheiros que querem ser empregados, há viúvas chorando pensões, há atrizes passando benefícios com sorrisos de que beneficiam mesmo os capazes de rejeitar cartões – uma esquisita galeria que passa, repassa, torna a passar, gruda-se aos reposteiros, lança olhares compridos para os sítios vedados ao público.

E, exatamente aí, nessa confusão, encontro Tancredo Pereira, um sujeito desagradável. Infelizmente, conheço-o há dez anos e Tancredo diz-se meu amigo íntimo. Quando o vi pela vez primeira era repórter. Depois passou a solicitador, a fiscal de bondes; reconheci-o certa noite, bombeiro; li-lhe o nome como passador de nota falsa; descobri-o, num circo, palhaço cantador de modinhas. É um sujeito variável. Variável e mal arranjado.

Entretanto, Tancredo, longe de explodir alegrias excessivas, como em geral tem por hábito fazer, apertou-me a destra, de lado, com uma intimidade de quem se entrega e murmurou apenas:

- Como vais tu?
- Eu, bem. E o Sr.?
- Como Deus é servido.

Havia na sua voz um lamento e a sua mão continuava inexoravelmente agarrada à minha.

– Que se faz?

– Espero a boa vontade dos Srs. Deputados! Os nossos representantes são sempre assim! Muito amáveis antes da eleição, uns ingratarões depois de trepar.

Mentalmente, julguei Tancredo cabo eleitoral. Mas não. Tancredo, que ainda não me largara a mão e era acompanhado de um grave cidadão de sobrecasaca puída, deu-me um safanão de súbito e bradou:

– Tu é que poderias servir! Não digas que não! Preciso de uma apresentação a alguns deputados, preciso que o Arsenal fabrique o meu invento: o “salva pedras”.

– O “salva-pedras”?

– Sim, o “salva-pedras”. Como deves saber, a nossa baía está cheia de arrecifes. Eu imaginei um aparelho magnético negativo, sensível às pedras que as barcas e as lanchas terão à proa. Ao aproximar da pedra, vibração imediata correspondente à guarita do mestre da barca. É maravilhoso.

Esfreguei os olhos, tornei a esfregá-los. Tancredo inventor! O sujeito desagradável não me deu tempo a reflexões:

– E ainda não te apresentei ao Sr. Clodomiro Alexandre Cesar, um outro caipora, que teve a infelicidade de ter nascido brasileiro.

– Mas por quê?

– Por quê? fez soturnamente Alexandre Cesar, porque há dois anos tenho no Ministério da Indústria o “Arado Maravilhoso”, e não me deram a patente de invenção.

– É mau.

– É horrível. Se me roubam os planos? O Sr. é que podia se empenhar com esse jovem ministro...

– Empenha-se, assegurou Tancredo, é muito amigo do ministro e ainda mais meu. Empenha-se! Deixa-te apresentar o Dr. Zelio Alcântara, autor do “Abridor Sebastianista”.

O autor do “Abridor Sebastianista” era um homem magrinho, de pastinhas e unhas grandes. Estava ali havia dez minutos como quem não espera nada.

– Havia muito tempo que esperava a sua apresentação, diz-me todo meloso. Eu fiz, eu inventei um abridor de latas de manteiga, que abre sozinho. Como, porém, chamo-me Alcântara, denominei-o “sebastianista”. Será por isso que o desprezam?

– Por que não o denominou mineiro?

O Dr. Zélio Sebastianista fez um gesto de lástima, arrepanhando em rugas no alto da testa, toda a pele da sua face de inventor...

– Ah! O Sr. conhece bem o mundo... É verdade. Se Santos Dumont tivesse ficado no Brasil não teríamos a navegação aérea...

Diante da calamidade daquele Zélio e daquele Alexandre, acrescidos do detestável e poliprofissional Tancredo, percebi que era difícil escapar. Tentei entretanto:

– Pois não tem dúvida... Hei de falar.

– Não, hoje. Falas hoje por nós três.

– O meu préstimo fraco...

– É sempre uma pedra.

Furioso, mas com o sorriso no lábio, esperei a passagem da primeira vítima da representação nacional – um deputado gordo a quem trato de você, porque S. Ex.^a me trata por tu, mas de quem até hoje ignoro o nome – e arrumei-lhe o inconcebível Zélio. Dei mais três passos e larguei Alexandre com um rio-grandense. E não sabia como apresentar o imoral Tancredo, quando Tancredo disse:

– Não, obrigado, não te aborreças mais. Por hoje basta. O meu invento pode esperar.

Fiquei contentíssimo. Mas decerto os deuses tinham apenas naquele dia pensado em advertir-me do perigo – porque na tarde seguinte

fui perseguido por três gênios mais nos corredores da Câmara, dois dias depois tinha apresentado dez inventores, três semanas depois o meu cérebro hesitava num dilema atroz: ou a cidade é um ninho de águias ou um vasto manicômio. Uma multidão de gênios ignorados passeava incógnita pelos corredores e arredores da Câmara. Inventores de uma infinidade de coisas frívolas e inverossímeis, algumas já aparecidas, reais, palpáveis e inúteis, esperavam-me até a esquina da Rua do Ouvidor para desdobrar sonhos de glória ou de fortuna, que seriam também minhas. Alguns desses cavalheiros superiores tinham abandonado o emprego pelo invento. Conheci, sobraçando as *Viagens Aéreas* de Flammarion e alguns compêndios de física elementar, 25 rivais de Santos Dumont. Um deles fora copofonista no Café Java; outro era inspetor de polícia, atuava presos e fazia ao mesmo tempo desenhos de dirigíveis. Mas se esses andavam no ar, outros mais práticos queriam a facilidade da vida terrena. Dentistas, negociantes, guarda-livros, músicos, apareceram-me sob essa auréola de gênios inventivos. Tive que aturar meia hora a descrição do “Necrópole-esmalte”, invento de um senhor da Praça da Batalha para substituir os mármore das sepulturas; aturei um dentista a demonstrar o moto-contínuo por meio de tambores de metal, examinei uma litografia de 6 cores de um praticante dos Correios, o problema econômico da diminuição dos acetilenos, 80 máquinas de álcool, o invento colossal com desejo de patente de um cavalheiro que fazia do capim alfafa, pondo óculos verdes nos burros, uma espécie bizarra de papel para apanhar moscas, uma ratoeira ideal...

Essa ratoeira ideal de um espanhol chamado Prates gastou-me algumas horas. Em compensação tinha-lhe gasto a ele parte da vida.

É espantosa. A ratoeira tem uma portinhola. O rato entra por essa portinhola atraído pelo cheiro do toucinho. A portinhola fecha com

estrepito, assusta o rato, que pensa escapar pelo outro lado de vidro transparente. Mas recebe o choque, o soalho fende e o rato cai em baixo numa vasilha de sublimado, enquanto de novo a portinhola se escancara. Prates bradava:

– Vamos ganhar uma fortuna!

Eu recuava trêmulo. Mas dessas invenções tive até uma inteiramente fracassada, que era preciso reerguer. A invenção tivera privilégio, a invenção tentara uma firma comercial, e não dera resultado: – Era a admirável descoberta dos fósforos de duas cabeças!

Quando eu chegava à Câmara não deixava nunca de encontrar um inventor e um gênio à minha espera. Comecei a entrar por outras portas, a meter-me no recinto receoso dessa notabilidade que se cifrava apenas nisso: eu fora o único infame capaz de apresentar tantos assombros aos pobres deputados. Os representantes da Pátria, já quando me encontravam, sorriam:

– Temos algum privilégio ou algum gênio para hoje?

E alguns:

– Quantos gênios estão à tua espera?

Afinal, uma vez, depois de atender ao autor da “Asa de Netuno”, aparelho destinado a voar pelo oceano; e ao “Escafandro Social”, navio de investigação submarina para dez pessoas – acabei sendo atacado por um sujeito que desejava o meu interesse para as “armações sociais”.

Essas armações sociais de que o tipo pretendia tirar privilégio, eram uma série de guaritas de armas, expostas em cada esquina e com comunicação secreta com o Quartel General. Se por acaso corresse a notícia da invasão do estrangeiro, “as armações sociais” apresentavam armas e começavam a disparar à vontade e segundo a direção imposta no Quartel por qualquer electricista. Era a guerra sem soldados. O inventor, porém, dizia-me:

- V. hoje vai apresentar-me ao ministro da Guerra.
- Mas se o não conheço?
- Tem que ir. Ombro! Armas! Marche!
- Mas cavalheiro...
- Recusa o seu auxílio às “armações sociais”?
- Às sociais como a qualquer outra espécie de armações.
- Covarde!
- Idiota!

E eu ia lutar, talvez pela pacificação universal, quando dois secretos agarraram o mavórtico cidadão: – era um louco, um doido do Hospício, que graças ao *open-door*, saía todo o dia a tratar dos seus inventos na Câmara.

Fugi então, deixei de aparecer naqueles corredores onde a Invenção Nacional estrebucha pedindo privilégios e concessões e dinheiros. Oh! a minha fraqueza! Como essa qualidade, triplicada pela bondade e pela paciência, mostrara-me o gênio ignorado do meu país! E eu acumulava notas, cortava as patentes de invenção publicadas pelo *Diário Oficial*, quando ontem encontrei novamente o detestável sujeito Tancredo, – meu amigo íntimo. Quis fugir. Não foi possível. Tancredo ria, e estava bem vestido, com um anel de brilhante no dedo mínimo.

- Não fujas. Já não sou inventor. Pateta!
- Pateta?

– Pois está claro. Essa coisa de invenção é uma loucura endêmica na cidade. Falho de tudo, resolvi explorá-la. Arranjei um invento, bem inventado e comecei a “cavar” ao lado dos idiotas, mordendo-os regularmente. Depois a minha influência apresentou-os à tua boa vontade e eu servia-me sempre de ti para lhes absorver alguma coisa. Vou falar a Fulano que falará ao ministro. E zás! Agia.

- E agiste muito? Interroguei lívido diante do ladrão.

– Agi tão bem que me estabeleci na minha última e definitiva profissão. Sou agora, ao teu dispor, prestamista a 12% ao mês...

– E partiu, alegre, como o superior que nessa leva de gênios inventores tinha sabido explorar a única invenção prática do mundo: a incommensurável palermice humana.

Eis porque, outro dia, lendo nos jornais a lista das novas patentes de invenção, eu senti um arrepio de pavor correr-me os membros assustados.

A CURA NOVA

— **P**ois quê! Ainda doente?

— É verdade, meu caro amigo, ainda doente — coisa, aliás, natural porque há muita gente que passa mais tempo em pior estado. Aqui, onde me vês, venho de consultar o 25.º médico ilustre. Nunca houve no Rio tanto médico ilustre como agora. É talvez por isso que, com 25 médicos, eu tenha até o presente momento 25 diagnósticos diferentes. Parece-te extraordinário? A verdade neste mundo é sempre extraordinária. Tantos diagnósticos, pronunciados por 25 cidadãos formados pela mesma Escola diante de um corpo examinado pelos mesmos processos, causaram-me uma confusão absoluta.

Tenho as ideias baralhadas, falha-me a fé, o escudo precioso da ignorância... Imagina que eu sou forçado a um dilema: ou esses médicos são umas proeminentes cavalgadas, ou eu sofro de um mal misterioso como os que atacavam certos senhores feudais no tempo de Gilles de Rais ou de Luís XI. Naturalmente, o meu temperamento, pouco dado a violências e propenso ao mistério, preferirá o mal misterioso, mesmo porque, haja dilema ou não, o fato é que eu estou no meio e que morro deixando de perfeita saúde os 25 facultativos. Se é fatal a morte, morramos de um mal estranho. É muito mais bonito.

— Deixa de dizer tolices. Se ainda estás doente é porque queres. Eu estive pior e salvei-me sem tomar uma droga, graças ao Jerônimo de Albuquerque. Não conheces o Dr. Albuquerque?

– Não.

– O notável Dr. Jerônimo?

– Não, filho, não.

– O Dr. Jerônimo é uma verdadeira sumidade. A base do seu tratamento é dieta, questão de regime contínuo. Eu estou sempre em tratamento. Vês as minhas faces? O sangue torna-as rosadas. Vês a minha língua? Sem saburra. Queres ver os músculos do meu braço?

Estávamos na “caçada” do Castelões, às quatro horas da tarde de um dia cheio de sol. Havia um formigamento de gente ao redor da nossa mesa. Como o cavaleiro, com o gesto patenteador, já desabotoava o punho, precipitei-me.

– Acredito, homem, acredito. Mas, dize logo, que regime é esse?

– O mais cômodo possível. Bebo, às oito da manhã, uma xícara de leite convenientemente esterilizado. Às 11 como uma asa de frango, assado sem gordura, com 2 ou 3 folhas de alface também esterilizada. Às cinco janto.

– Tu jantas às cinco, sem luz, como os empregados públicos do século passado?

– A higiene, filho, o regime. Mas a essa hora como ainda menos: apenas um pedaço de galinha com pão torrado. E às sete da noite, uma xícara de chá.

– Para desgastar?

– Para desgastar.

– E há quanto tempo vives assim?

– Há um ano.

Apalpei o cavaleiro, ferrei bem os olhos no seu rosto, baixei-lhe a pálpebra inferior a ver se tinha sangue, e, arfando entusiasmado:

– Onde mora o Dr. Jerônimo?

– Rua Direita.

Corri à Rua Direita e mais uma vez, sentado numa cadeira, aturei, repugnado, a promiscuidade dolorosa de uma sala de consultório. Fechados entre as quatro paredes, diante de uma porta que tomava lentidões irritantes para se descerrar, o mundo era para nós, desconhecidos ligados de súbito pelo traço da moléstia, inteiramente outro, e os nossos olhares impacientes perscrutavam os recém-vindos como a dizer-lhes: Também este! Num tom de mofa, de raiva e de vago contentamento. Eu, entretanto, contando os dentes do Dr. Albuquerque, imaginava o prejuízo que os mercados teriam em breve. Adeus conservas, adeus camarões, adeus trufas! Nesse momento, o notável facultativo, descerrando a porta, murmurou o meu nome, e eu desapareci com ele, sob a ira contida dos consultantes.

– Muito obrigado, doutor.

– Sente-se. Aprecio-o muito.

– Desvanecido. Tamanha honra...

– Deite-se. Vou examiná-lo. A sua moléstia é realmente esquisita. Mas a questão é de regime. Se seguiu-lo à risca, fica bom. Seguiu-lo-á?

– Sigo.

– Pois é este. Nada de café, nada de chá, nada de chocolate. Abandone os restaurantes, os molhos, os peixes, as caças, e as manteigas. Não me coma nada de latas, de *foie-gras*, *bécasses*, salmão, não ingira pimentas. Gosta de vinho? É o veneno. Bordeaux, Sauterne, Bourgogne, Clarette? Tudo isso – veneno.

– E champanhe?

– Champanhe? O senhor fala de champanhe? É a morte.

– Então, doutor, que hei de fazer?

– Durante dois anos, o seu regime será o seguinte: três xícaras de leite por dia, leite de estábulo, esterilizado. Ao almoço e ao jantar, 100

gramas de galinha assada, 50 de pão torrado, com 3 copos de água – um pela manhã, outro ao meio dia, outro ao deitar.

– E uma costeleta, um bife?

– E as toxinas, homem de Deus? A carne, quando é de boi – é venenoso. Quanto ao carneiro e ao porco são a morte para os artríticos como o senhor. Vá, experimente...

E, majestosamente, estendeu-me a destra.

Nesse mesmo dia comi um pernil de frango com uma torrada tão dura que quase me quebra um dente. No dia seguinte, com dores de estômago, e uma sede de explorador africano em pleno areal, não trabalhei.

Só tinha uma preocupação: a hora da comida, a hora do copo de água. O criado do restaurante, com a macabra filosofia de que são únicos possuidores no mundo os velhos criados de restaurante, sorria da avidez com que eu me atirava ao seco pernil de um frango seco, e ainda mais secamente engolia o copo de água. Uma semana depois, tive um delíquio. Estava pálido, ansiado...

Foi precisamente quando encontrei a veneranda Mme. Teixeira, outrora gordíssima e hoje esgalgada e elegante.

– Que é isso, menino? fez, maternal, a velha dama. Assim doente? Qual, a mocidade, a extravagância... Se você tivesse um regime...

– Não me fale nisso, Mme. Teixeira!

– Mas eu sou um exemplo, uma prova, uma trombeta da fama do ilustre Dr. Firmino, essa notabilidade que assombraria mesmo os grandes centros da Europa...

– A senhora pode ser uma trombeta, o Dr. Firmino pode ser uma notabilidade. Eu é que não posso deixar de comer!

– Mas quem fala em não comer? Eu era gorda – gordura artrítica. Sofria de dispênsia, de varizes e de reumatismo. Fui ao Dr. Firmino de

Souza, uma glória nacional. E sabe você como estou radicalmente curada? Apenas com o regime!

– Que regime, Mme. Teixeira? indaguei num suspiro – o suspiro de todo o doente, desejoso de rechaçar o mal.

– De manhã, um mingauzinho.

– Sempre melhor que o Dr. Jerônimo.

– Almoço, um copo de água.

– Que? um copo de água?

Agarrei-me à esquina, para não cair. Mme. Teixeira estava elegante, alegre, sadia, interessante. Era espantoso.

– E ao jantar, às quatro e meia da tarde, uma gema de ovo, uma colher de feijão e outro copo de água filtrada.

No dia seguinte eu acamava com uma febre de 40 graus.

Quarenta graus, precisamente? não sei. O termômetro do Dr. Pereira – não conhecem o Dr. Pereira? o extraordinário médico! – marcava 39 e 8 décimos; o do Dr. José de Vasconcellos – um sábio, um taumaturgo! – 39 e 7 décimos; o do Dr. Everardo Duchner – curso nos hospitais de Viena e Berlim, célebre, que digo? arquicélebre – 40 graus e 2 décimos; o do meu criado de quarto, trazido de Santos, 40 justos. No semidélírio da febre, aceitei o último – refletindo que não tinha segredos para o servo atento, e principalmente porque todas essas sumidades descompunham os termômetros dos colegas, elogiando o próprio.

Mas no leito, requeimado pela febre insidiosa, que só aumentava com as eminentes receitas prescritas para debelá-la, recebendo a cada instante cartões de pessoas que me iam visitar, eu era forçado, pelo hábito bem nacional, pela tirania da intimidade, a receber cheio de agradecimentos os mais camaradas. E cada um, depois de contar a sua ex-moléstia, dava-me um conselho. – Doente assim? Porque não con-

sulta o grande Dr. Duarte? Eu fiquei bom de uma febre apenas com a dieta rigorosa. Três dias comia, três dias jejuava tomando sal de frutas, e, como a semana tem sete dias, ao domingo almoçava, mas não jantava, sistema misto. — Tão mal? É porque quer! Consulte o Dr. Leandro Gomes, um talento extraordinário. Ele é severo. A dieta é tão rigorosa que eu em 20 dias perdi 18 quilos. Mas, como me sinto bem, que prazer!

Então eu, que passava com uma xícara de chá e uma torrada, compreendi que a medicina inventara uma nova cura, a cura da fome, cura tão radical que se estenderia aos vermes forçados a só encontrar ossos e peles nos futuros cadáveres... Reagi, fugi dos médicos, subi a montanha a ver se, num hotel em plena floresta, escapava à obsessão fetíctica do doente, que acredita *quand-même* no saber do facultativo. E, estrompado, exausto, reclinado numa *dormeuse*, mandei chamar o dono do hotel.

— Diga-me cá, muitos hóspedes?

— Um bando. Quase todos neurastênicos, campo curioso para a observação de V. Ex.^a.

— A minha observação, deixe-a em paz. Neurastênicos, diz você?

— Mandados pelo Dr. Jerônimo, o célebre...

— Hein? Jerônimo? o célebre? Jerônimo? a nova cura? o regime? a dieta? um copo de leite? nada de manteigas? Volto. Parto amanhã. Prepare a conta. Esse homem...

— Qual regime! O senhor se engana. Com efeito, eles chegam cá munidos de regime.

Ervas, menos repolho, couve, agrião, azedinha, etc... Isto é, ervas menos ervas igual a zero, galinha sem gordura, três xícaras de leite... Mas ao cabo de três dias, o ar puro, o oxigênio da floresta, abrem tão violentamente o apetite, que eles comem tudo, devoram, dão-me um

trabalho tremendo, ficam bons, afinal, quando não rebentam de indigestão. O cardápio do jantar de hoje é: creme de aspargos.

– Aspargos? Fará mal?

– É excelente. Lagosta com molho picante.

– Que horror!

– Abre o apetite. Carneiro com molho de alcaparras.

– Eu sou artrítico.

– Que tem o artritismo com o carneiro? E um suntuoso assado para concluir, além de queijos, frutas, doces e um excelente curaçau para o café.

Caí na *dormeuse* outra vez. A minha antiga alma renascia, hesitante. Escovei o *smoking* tremendo. Mas sempre cheguei à mesa redonda. O bando das vítimas da cura nova, sem febre e com apetite, recobrava na sopa de aspargos, vorazmente, os jejuns anteriores e forçados. Foi então que revoguei para sempre as curas, adiando por algum tempo o negro final de todos nós – final a que chegam fatalmente, para equidade da vida, as lagostas, os carneiros, os bois, os doentes e também os médicos...

AS CRIANÇAS QUE MATAM...

Mas é assombrosa a proporção do crime nesta cidade, e principalmente do crime praticado por crianças! Estamos a precisar de uma liga para a proteção das crianças, como a imaginava o velho Julio Vallés...

– Que houve de mais? Indagou Sertorio de Azambuja, estirando-se no largo divã forrado de brocado cor d’ouro velho.

– Vê o jornal. Na Saúde, um bandido de treze anos acaba de assassinar um garotito de nove. É horrível!

O meu amigo teve um gesto displicente.

– Crime sem interesse...

A menos que não se dê um caso de genialidade, um homem só pode cometer um belo crime, um assassinato digno, depois dos 16 anos. Uma criança está sempre sujeita aos desatinos da idade. Ora, o assassinato só se torna admirável quando o assassino fica impune e realiza integralmente a sua obra. Desde Caim nós temos na pele o gosto apavorador do assassinato. Não estejas a olhar para mim assim assustado. As mais frágeis criaturas procuram nos jornais a notícia das cenas de sangue. Não há homem que, durante um segundo ao menos, não pense em matar sem ser preso.

E o assassinio é de tal forma a inutilidade necessária ao prazer imaginativo da humanidade, que ninguém se abala para ver um homem morto de morte natural, mas toda gente corre ao necrotério ou ao local do crime para admirar a cabeça degolada ou a prova inicial do cri-

me. Dado o grau de civilização atual, civilização que tem em gérmen todas as decadências, o crime tende a aumentar, como aumentam os orçamentos das grandes potências, e com uma percentagem cada vez maior de impunidade. Lembra-te das reflexões de Thomas de Quincey na sua pedagogia do crime! É dele esta frase profunda: “– O público que lê jornais contenta-se com qualquer coisa sangrenta; os espíritos superiores exigem alguma coisa mais...”

Humilhadamente, dobrei o jornal:

– Então só os espíritos superiores?...

– Podem idealizar um crime brilhante. Esse caso da Saúde não tem importância alguma. É antes um exemplo comum da influência do bairro, desse bairro rubro, cuja história sombria passa através dos anos encharcada em sangue. Nunca foste ao bairro rubro? Queres lá ir agora? São oito horas. Vamos? Vem daí...

Descemos. Estava uma noite ameaçadora. No céu escuro, carregado de nuvens, relâmpagos acendiam clarões fugazes. A atmosfera abafava. Uma agonia vaga pairava na luz dos combustores. Insensivelmente vinham-me à memória as estrofes da Albert Samain:

*Il est des nuits de doute où l'angoisse vous tord,
Où l'âme, au bout de la spirale descendue,
Pâle et sur l'infini terrible suspendue;
Sent la cent de l'abime et recule éperdue!
Il est des nuits de doute où l'angoisse vous tord,
Et ces nuits-là, je suis dans l'ombre comme un mort.*

Sertorio de Azambuja ia de chapéu mole, com um lenço de seda à guisa de gravata. Ao chegar ao Largo do Machado, chamou um carro, mandou tocar para o começo da Rua da Imperatriz.

– Que te parece o nosso passeio? Estamos como Dorian Gray, partindo para o vício inconfessável.

Lord Henry dizia: “Curar os sentidos por meio da alma e a alma por meio dos sentidos. Vamos entrar no outro mundo...”

Eu atirara-me para o fundo da vitória de praça e via vagamente a iluminação das casas, os grandes panos de sombra das ruas pouco iluminadas, a multidão, na escuridão às vezes, às vezes queimada na fulguração de uma luz intensa, os risos, os gritos, o barulho de uma cidade que se atravessa. Na Rua Marechal Floriano, Sertorio pagou ao cocheiro, dizendo:

– Saltaremos em movimento.

E para mim:

– Não vale dar na vista...

Um instante depois saltou. Acompanhei-o. O carro continuou a rodar. O bairro rubro não é um distrito, uma freguesia: é uma reunião de ruas pertencentes a diversos distritos, mas que misteriosamente, para além das forças humanas, conseguiu criar a rede tenebrosa, o encadeamento lúgubre da miséria e do crime, insaciáveis. A Rua da Imperatriz é um dos corredores de entrada.

O bairro onde o assassinato é natural abraça a Rua da Saúde, com todos os becos, vielas e pequenos cais que dela partem, a Rua da Harmonia, a do Propósito, a do Conselheiro Zacharias, que são paralelas à da Gamboa, a do Santo Cristo, a do Livramento e a atual Rua do Acre. Naturalmente as ruas que as limitam ou que nelas terminam – São Jorge, Conceição, Costa, Senador Pompeu, América, Vidal Negreiros e Praia do Saco – participam do estado de alma dominante.

Toda essa parte da cidade, uma das mais antigas, ainda cheia de recordações coloniais, tem, a cada passo, um traço de história lúgubre. A Rua da Gamboa é escura, cheia de pó, com um cemitério entre a casa-

ria; a da Harmonia já se chamou do Cemitério, por ter aí existido a necrópole dos escravos vindos da costa da África; a da Saúde, cheia de trapiches, irradiando ruelas e becos, trepando morro acima os seus tentáculos, é o caminho do desespero; a da Prainha, mesmo hoje aberta, com prédios novos, causa, à noite, uma impressão de susto.

Como dizia o meu guia, estávamos num novo mundo...

A Rua da Imperatriz, às oito e meia, com uma porção de casas comerciais velhas e tão juntas, tão trepadas na calçada, que parecem despejadas na rua, estava em plena febre. Os botequins reles, as barbearias sujas, as tascas imundas gorgolejavam gente, e essa gente era curiosa – trabalhadores em mangas de camisa, carroceiros, carregadores, fumando “mata-ratos” infectos, cuspinhando cachaça em altos berros, num calão de imprevido, e rapazes, mulatos, brancos, de grandes calças a balão, chapéu ao alto, a se arrastarem bamboleando o passo, ou em tabernas barulhentas. A nossa passagem era acompanhada com um olhar de ironia, e bastava parar dois segundos defronte de uma taberna, para que de dentro todos os olhos se cravassem em nós.

Eu sentia acentuar-se um mal-estar bizarro. Sertorio ria.

– A vulgaridade da população! Há por aqui, entre esses marçanos fortes, gente boa. Há também ruim. Estão fatalmente destinados ou a apanhar ou a dar, desde crianças. É a vida. Alguns são perversos: provocam, matam. Vais ver. Nasceram aqui, de pais trabalhadores...

Tínhamos chegado à Rua Camerino, esquina da da Saúde. Há aí uma venda com um pequeno terraço de entrada. O prédio desfaz-se, mas dentro redemoinha uma turba estranha: negralhões às guinadas, inteiramente bêbedos, adolescentes ricos de músculos, embarcações foguistas.

Fala-se uma língua babélica, com termos da África, expressões portuguesas, frases inglesas. Uns cantam, outros rouquejam insultos. Ser-

torio aproxima-se de um grupo. Há um mulato de tamancos, que parece um arenque ensalmonado, no meio da roda. O mulato cuspinha:

– *Go on, go on... já, farewell! já!*

É brasileiro. Está aprendendo todas essas línguas estrangeiras com os práticos ingleses.

Há um venerável ancião, da Colônia do Cabo, tão alcoolizado que não consegue senão fazer um gesto de enjoo: há um copta, apanhado por um navio de carga no Mar Vermelho; há dois negrinhos retintos, com os dentes de uma alvura estranha, que bradam:

– *Eh oui, petit monsieur, nous sommes du Congo. Étudiéz avec peres blancs...*

Todos incondicionalmente abominam o Rio: querem partir.

Sertorio paga maduros; eles fazem roda. O mulato brasileiro está delicado.

– Hip! hip! cambada! para mostrar a vocês que cá na terra há gente para embrulhar língua direito! Aguenta, negrada!

– *Sai burrique!* grunhe o ancião.

Dando guinadas com os copos a escorrer o líquido sujo do maduro, essa tropa parecia toda vacilar com a casa, com as luzes, com os caixeiros. Saí antes, meio tonto. Sertorio livrava-se da matilha distribuindo níqueis.

Quando consegui não ser acompanhado, meteu-se pelo beco.

Segui-o e, de repente, nós demos nos trechos silenciosos e lúgubres. Nas ruas, a escuridão era quase completa. Um transeunte ao longe anunciava-se pelo ruído dos passos.

De vez em quando uma rótula aberta e dentro uma sombra. Que lugares eram aqueles? O outro mundo! A outra cidade! A atmosfera era aquecida pelo cheiro penetrante e pesado dos grandes trapiches. Em alguns trechos a treva era total. Na passagem da estrada de ferro, a luz elétrica, muito fraca, espalhava como um sudário de angústias.

Foi então que começamos a encontrar em cada esquina, ou sentados nas soleiras das portas, ou em plena calçada, uns rapazes, alguns crescidos, outros pequenos. À nossa passagem calavam-se, riam. Mas nós íamos seguindo, cada vez mais curiosos.

Afinal, demos no Largo da Harmonia, deserto e lamentável. À porta da igreja uma outra roda, maior que as outras, confabulava. Aproximamo-nos.

– Boa noite!

– Boa noite! respondeu um pretalhão, erguendo-se com os tamanhos na mão.

Os outros ficaram hesitantes, desconfiando da amabilidade.

– Boa noite!

Que fazem vocês aí?

– Nós? indagou um rapazola já de buço, gingando o corpo. Contamos histórias: ora aí tem! interessa-lhe muito?

– Histórias! mas eu gosto de histórias. Quem as conta?

– Isso é costume cá no bairro. Há rapazes que sabem contar que até dá gosto. Aqui quem estava contando era o José, este caturrita...

Era um pequeno, franzino, magro, com uma estranha luz nos olhos.

Talvez matasse amanhã, talvez roubasse! Estava ingenuamente contando histórias...

Sertorio insistia, entretanto, para ouvi-lo. Ele não se fez de rogado. Tossiu, pôs as mãos nos joelhos...

– Era um dia, uma princesa, que tinha uma estrela de brilhantes na testa...

A roda caíra de novo num silêncio atento. A escuridão parecia aumentar, e, involuntariamente, eu e o meu amigo sentimos n'alma a emoção inenarrável que a bondade do que julgamos mau sempre nos causa...

ONTEM E HOJE

A questão palpitante é a reforma do ensino. A ignorância clamorante da mocidade foi subitamente decretada, e só há um meio de revogá-la: reformar. A Câmara agita-se, os possíveis professores interessam-se, as velhas notabilidades pedagógicas escrevem artigos, escrevem livros, fazem discursos, bradam que é impossível continuar essa inenarrável miséria.

Outro dia, à noite, encontro um deputado.

– Que há de novo?

A reforma da instrução. Venho da casa de um colega, onde estive-mos a ler o esboço do último projeto. É severíssimo. Desta vez, a coisa vai.

– Então, graças ao céu!

– Mesmo porque é impossível continuar como está! Nós chegamos a um grau de desmoralização absoluta.

Deixei o deputado convencido de que a instrução do meu país chegara à vergonha mais completa do globo, e ia pensando na possibilidade de ninguém saber ler no Brasil, mesmo antes da reforma da ortografia, quando me lembrou ir consultar um velho professor dotado de grande cérebro e de um generoso coração.

Tomei um tálburi, atirei-me pelas ruas maltratadas na dinastia Aguiar, saltei na casa do velho lente, mesmo na ocasião em que ele saía.

– Você...

– Eu mesmo, caro mestre. Venho consultá-lo sobre a indecência da nossa instrução. Eu tenho um temperamento tão fantasista que ainda acredito nas correntes urbanas das opiniões, e estou neste momento prestes a achar a instrução pública atual uma escandalosa imoralidade.

– Pois venha daí. Eu vou dar um passeio pelo cais a olhar um pouco o mar, o “grande laboratório” como diziam divinatoriamente os árias ao vê-lo pela vez primeira. Conversaremos. A coisa não é tão feia. E talvez eu o possa afirmar – porque há 40 anos ensino meninos...

Gravemente, o velho lente pôs-se a andar. Tristemente, acompanhei-o.

Com um leve sorriso, o lente disse:

– Está uma noite linda.

E depois, sem transição, continuou:

– Esta reforma está nas condições de todas as outras realizadas pelo poder temporal da nossa pátria desde 1854. Isto é: visa criar cadeiras ou dividir as existentes com o fim de poder empregar meia dúzia de filhotes.

– Há muitos desses nas passadas reformas?

– Não citemos nomes. O governo na sua mensagem, meu caro discípulo, fala da desorganização do ensino secundário por ele mesmo administrado, do mau preparo da geração atual. Precisam dizer qualquer coisa de atroz para justificar reformas, justificáveis apenas com a evolução e a progressão do saber. Daí cometerem a grande falsidade.

– E a grande falsidade?

– É a de assegurar que a geração atual nada sabe e passa através de um túnel de empenhos, absolutamente incapaz. Oh! Deus! que exagero! Acredita você que o empenho seja de hoje e acabe amanhã? Não! o empenho sempre existiu, em todas as gerações passam protegidos

mais ou menos felizes, realizando cursos científicos graças apenas à proteção dos maiores.

Sorriu de novo e continuou:

– Para bem julgar da grande falsidade, basta comparar dois grupos: por exemplo, a minha e a sua geração.

– Oh! mestre.

– Eu falo sempre sem lisonja. Em primeiro lugar o grupo de protegidos da minha geração era de tal ordem, que um notável lente, após a aprovação de um deles, na Escola Central, levantou-se, foi à janela e gritou para a rua: “Afastem-se! Vai sair um Burro!” Oh! não ria. Assisti na Escola de Medicina à defesa de tese de um estudante, hoje *notável* cidadão, de que ainda guardo uma resposta. Onde fica a célula biliar? indagava o examinador. – No cérebro! respondeu ele. Esses fatos eram comuns. Não me esqueço de um exame oral, cujo ponto tinha sido dado 24 horas antes. Era de astronomia e o professor protegia o examinando. – Qual é o seu ponto? – A resolução do triângulo esférico A. B. C. – E se fosse o triângulo D. E. F.? O examinando respondeu: Não era o meu ponto! E foi aprovado, e hoje dá cartas em engenharia e com certeza acha que o ensino de agora é o cúmulo da imoralidade. São sempre esses os que mais gritam contra o mau preparo da atual geração...

Pelo Parlamento, meu amável discípulo, sempre se aferiu a mentalidade de uma raça. Se hoje o Parlamento tem Heredias e meia dúzia de chefes eleitorais representantes da força da cabala, percorra os anais antigos. Em 1867 um deputado justificava um projeto no qual entrava o peso da atmosfera. Quando o deputado falou do peso do ar, uma porção de colegas estalou a rir e houve este aparte: – Ora, o ar pesado!! Com a atual nevrose de conferências fúteis, falam muito da ciência educativa das passadas conferências da Glória. Pois eu ouvi, numa

dessas conferências, um senador, ex-ministro dos estrangeiros, ex-presidente da Câmara, dizer: “A lua, cuja superfície todos nós conhecemos, em virtude dela girar em torno do seu eixo...”

Qual a criança de escola pública que não sabe hoje mostrar a lua sempre a mesma face à terra?

Oh! os exemplos, as anedotas não faltam! A ciência não se difundira, estava entregue a um limitado grupo de homens, de modo que tal ou tal ciência só era ensinada mal aos rapazes que se destinavam a uma determinada profissão. Assim, cada *doutor* conhecia apenas os fatos mais gerais de um só departamento do conjunto do saber humano, de modo que a sua completa ignorância a respeito do mundo e do homem era perfeitamente justificável. E por isso, os erros que lhe aponteí mostravam até esforço de assimilação...

Veja, porém, agora. Os protegidos de hoje são como os do passado. Em maior número, é verdade, porque o número dos que estudam hoje é quase 2.300 vezes maior do que o do meu tempo. No ensino secundário só se faziam exames gerais em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco, nos cursos anexos e aqui. Hoje até em Campos, terra do Dr. Nilo, e em Niterói. Mas cumpre dizer que o número dos protegidos de hoje, incapazes de saber a disciplina cujo exame prestam, é, no fundo, extremamente limitado. E a razão é simples: a ciência difunde-se, o menino nasce aprendendo e aos 8 anos sabe, com um livro de lições de coisas, o que só aos 20 os meus contemporâneos iam saber na *Botânica* do Bonfim, por exemplo, quando já acadêmicos. A lição de coisas! Um petiz de agora define a cubatura da esfera, conhece os fatos gerais da física, da química, da biologia. Por mais destituído de inteligência que o possamos imaginar, é impossível compará-lo nos conhecimentos gerais aos do meu tempo. Ainda anteontem ouvi uma criança de nove anos explicar o calor do sol no verão dos países do norte do

equador. Na minha geração, eram sábios os que estudavam astronomia e só se aprendia esta coisa, hoje abaixo dos almanaques, dos 20 anos em diante. Os professores da atualidade têm uma grande cópia de conhecimentos abstratos. Transmitidos esses conhecimentos à geração de pirralhos de agora, os pirralhos aos 15 anos serão sábios em relação aos sábios da minha geração.

Eu rio. A sua fina ironia pesponta gravemente os argumentos de uma blague a frio, que desconcerta um pouco. O meu ex-lente fica sério.

– Não faço troça, meu amigo. Estou plenamente certo que nenhum dos sábios da minha geração é capaz de contestar o que lhe disse. No grupo dos felizes da proteção da minha época, há uma grande diferença para melhor em favor da atual geração. Ou os governos e os cientistas que auxiliam os governos nas reorganizações de ensino estão em erro, ou caluniam para arranjar os protegidos formados nas reorganizações elaboradas.

É um crime falar da desmoralização da mocidade, meu caro discípulo. O ensino não chegou a essa baixaza. Para me justificar, basta examinar de leve os diferentes departamentos do nosso saber e notar o grande número de moços cheios de cultura de moralidade. Veja os talentos nas escolas, veja o número dos que aparecem violentamente, examine os que ocupam lugares de responsabilidade dando resultados brilhantíssimos, estude o jornalismo, a arte, as ciências de agora, comparando com os de 30 anos atrás. É a mocidade, a sagrada mocidade sempre incomparavelmente melhor do que nós, a mocidade que nos arranca o facho para lhe dar à chama vida maior, luz maior, brilho mais intenso...

– Oh! professor...

Estávamos na Avenida Beira-Mar, sombria, deserta, naquele trecho que foi o Russel. O capim crescia como o desleixo do *bluff* prefeitural,

raros automóveis coruscavam com intermitência e, sobre o silêncio, o céu de inverno estendia o veludoso negror da noite palpitante de estrelas. O velho mestre estava comovido. Limpou as lentes, parou um instante, sorriu.

– *Ne nous emballons pas...* Resumamos. É melhor. A reforma é um resultado da evolução. A reforma, mesmo má, é uma tendência para melhor. Coimbra e Salamanca morrem por não se reformarem. A reforma, além disso, empregará alguns cavalheiros necessitados. Mas para reformar não é preciso vir dizer que o ensino caiu e que, *agora*, a desmoralização chegou ao auge.

É mentira, é tolice, é calúnia. Empenhos sempre os houve e haverá; gente idiota querendo ser bacharel e passando, nos cursos, sempre houve e haverá; mas, comparando a minha geração com esta de que fazem parte você e meus filhos, eu não tenho, como esses patetas, a estultice, o atraso, o lamentável e desumano esquecimento dos velhos. Antes, pelo contrário. Enche-me o coração um grande orgulho, porque verifico ter cooperado para a formação de uma geração 10 vezes mais forte, mais sabida, mais capaz do que a minha – geração que fará dos meus netos aos 15 anos a maravilha dos sábios avós. E isso é um consolo, menino! Reformemos, reformemos, reformemos quanto for possível aos legisladores. Mas, dando a César o que César pode fazer, respeitemos a verdade e o orgulho da vida, que é a juventude.

Depois, limpou o lábio, repôs as lentes e, como decerto Platão fazia nos jardins de Academus, após uma sábia verdade, continuou a andar e disse, com doçura e prazer:

– Está uma noite linda!

O 20:025!

Como tivesse assistido ao pavoroso incêndio, desde a hora do primeiro alarme até o momento em que se retirou o heroico Corpo de Bombeiros, comprei pela manhãzinha todos os jornais. Não é que a leitura das folhas alguma coisa adiantasse. Ao contrário. A leitura atrapalha às vezes. Mas o incêndio fora numa pensão conhecida, frequentada por mim, eu assistira à fúria devastadora das chamas, salvara mesmo aos pedaços uma vitrine de salão que um bravo bombeiro atirara da janela do segundo andar, e sentia a necessidade irreprimível de rever a noite ardente na descrição dos jornais. Nada mais humano e menos prejudicial.

Fui para o quarto, abri o bico de gás, abanquei e dispus-me a ler as informações dos repórteres. Que serviço admirável! Todos os jornais abriam duas colunas com uns títulos verdadeiramente incendiários e as notas de reportagem acumulavam-se em períodos cerrados por mais uma coluna sem títulos. Como poderiam aqueles rapazes ter tempo para ver tudo aquilo e escrever embelezando os menores incidentes? Era espantoso. A leitura das notícias é que me avivava a memória um pouco cansada. Estava nos jornais tudo: a criada que dera o alarma, o vizinho que tentara durante dez minutos extinguir o fogo, enquanto não vinha imediatamente, com a presteza habitual, o bravo Corpo de Bombeiros, o ataque ao fogo, a falta d'água, tudo!

Um noticiarista mesmo descrevera assim o escorchamento da fogueira: “Então, quando os bravos Bombeiros sentiram água, puseram

as bombas em posição, soaram toques de corneta e o comandante, que chegava com um pequeno atraso, deu ordem de ataque. A água entumescceu a borracha, rouquejou nas bombas, e de súbito, o braseiro estalou ao quádruplo ataque dos jatos violentos! A água caía por quatro lados, como fantásticos alfanjes de cristal, esfacelando a fogueira numa nuvem de fumaça.”

Era exatamente o que eu sentira, era a minha impressão. Quem poderia deixar de fazer o melhor juízo da reportagem? Acontece sempre isso quando os jornais são da nossa opinião...

O sentimento agradável, porém, não durou muito. Os meus olhos viam em letras normandas este subtítulo:

O 20:025!

“No meio da confusão, ouviu-se um grito angustioso: – Minha filha! Era uma das criadas da pensão, Jesuína Pereira, de 30 anos, que deixara a dormir no segundo andar, sua inocente filhinha Odaliska de 7 anos, um formoso anjinho. Houve um grito de horror na multidão. – Onde está? perguntou uma voz. Era a voz de um bombeiro, um rapazola, nervoso. – No segundo andar! – Vou buscá-la! E meteu-se na fogueira. Houve um silêncio atroz em toda a rua. Que se iria passar, deuses celestes? O bombeiro desaparecera na chama armado de uma bomba. Era um bicho estranho. De repente Jesuína, que olhava a cena semimorta gritou: Ela! Sim, era ela, a sua filhinha nos braços do heroico rapaz, que apenas com leves queimaduras nos braços a depôs aos pés da mãe feliz, voltando logo ao incêndio.

O povo fez uma estrondosa ovação ao moço heroico. Conseguimos saber-lhe o número; é o 20.025.”

Como? seria possível? Mas eu estivera no incêndio do começo ao fim e não vira nada disso! Qual! Abri outro jornal. Lá estava a cena. Abri mais outro: a cena lá estava. Todos, absolutamente todos, davam, com mais ou menos detalhes, o ato heroico do 20.025. Não havia dúvida. Escapara-me o melhor trecho do incêndio. Se todos os jornais tinham visto, eu é que não prestara bem atenção. Talvez o 20.025 fosse o rapaz que atirara a vitrine da janela do segundo andar. Uma criança e uma vitrine! Valoroso homem! E como eu salvara os pedaços da vitrine senti uma íntima ligação misteriosa com o salvador, senti-me um adendo ao ato bravo.

Também eu estivera ligado à ação heroica! Era preciso que os jornais soubessem!

Olhei-me ao espelho, vi que tinha uma palidez romântica de quem acorda de uma ressaca, verifiquei a beleza do ato mais uma vez, e parti para as redações a pôr em evidência o meu nome – ao lado do número.

Nada mais fácil.

Os jornais da tarde diziam com entrelinhas: “O Sr. Eleutério Barroso, que esteve presente ao incêndio e viu a coragem sobre-humana do 20.025, trouxe-nos a ideia de uma subscrição para ser dada uma medalha de ouro ao bravo rapaz. A subscrição, que reputamos justíssima, fica aberta no escritório de um dos nossos colegas da manhã. O Sr. Eleutério abre as assinaturas com o donativo de 50\$000.”

E eu fui o homem do 20.025! O jornal em que eu abrira a subscrição chamou-me distinto e digno: os meus amigos sorriam de inveja, algumas senhoras pediram-me detalhes.

– Mas o senhor viu mesmo?

– Como estou vendo V. Exa. Nunca pensei, minha senhora. O rapaz entrou desabaladamente no fogo. Os corações estavam pequeninos de medo. Imagine quando ele apareceu, simples e calmo, sobraçando a inocentinha!

– Depois de ter atirado a vitrine?

– Depois, excelentíssima. Ah! esses heróis que salvam a vida do próximo é que deviam ter mais que a nossa admiração, o nosso respeito.

Uma tarde, no Clube dos Diários, durante uma *sauterie* de crianças, repeti dez vezes a emocionante anedota. E como frequente (secretamente em virtude da minha posição de homem casado) o Clube dos Democráticos, todas as noites deliciava esse remanso da Alegria com a história comovente do 20.025. Algumas das raparigas, por sentimentalismo, pediram-me mesmo o retrato do herói.

E eu de tanto cantar o heroísmo, capacitei-me de que o tinha visto. Todo eu, da cabeça aos pés, era o 20.025. Pinteí-o como um herói antigo, indiferente às glórias mundanas; descobri-lhe uma família modesta, sustentada à custa do seu labor, insinuei nos jornais entrevistas e descrições.

A subscrição atingiu a uma soma colossal. Fui procurar um dos afamados desenhistas e encomendei-lhe a medalha com os seguintes dizeres: “Ao heroico 20.025 – A cidade do Rio de Janeiro.” O ouro em que ela foi moldada era dos mais finos, e para torná-la mais importante, mandei-a cravar de rubis.

Só faltava descobrir o bravo e modesto rapaz. Atirei-me ao Corpo.

– Faz o obséquio dizer se o 20.025 está?

– Não sei, respondia a sentinela.

Esperava do lado de fora algumas praças.

– O 20.025?

– Não conheço, não senhor.

Corri assim todas as estações de Bombeiros, inclusive a marítima. Os valentes rapazes – é singular como há rapazes valentes neste país! – respondiam-me invariavelmente.

– O 20.025? Não conheço.

Alguns sorriam com ironia. Que se teria dado, Deus misericordioso! A subscrição fechara, a medalha estava pronta, o povo esperava consagrar o herói, a minha situação complicava-se. Tomei uma resolução também heroica (era a ideia do jovem) e fui decidir o dia da cerimônia – honra ao mérito – com o comandante. Fui até de sobrecasaca e chapéu alto, apesar do horrível calor, para dar um aspecto grave à deliberação.

Recebeu-me imediatamente um oficial. Eu sentei-me.

– Sr. oficial, devo dizer-lhe antes de tudo que, como todo bom carioca, admiro esta admirável instituição federal de que V. Ex.^a faz parte.

– Muito obrigado.

– V. Ex.^a deve lembrar-se, apesar de serem tão constantes os incêndios no Rio que, há três meses, no incêndio de uma pensão, o Corpo se portou heroicamente. De resto, os jornais falaram, e falaram principalmente de uma praça, que a esta hora já deve estar promovida. Para agradecer à praça em questão, um jornal abriu subscrição a que o povo concorreu em massa. A medalha está pronta e eu vinha pedir-lhe para marcar o dia da cerimônia.

– Que número tem ela?

– 20.025.

– Hein? Ah! o senhor deve estar enganado. Nunca existiu o 20.025. Há aqui o 225. Mas este estava na enfermaria no dia do incêndio. É engano.

Ergui-me, abri a boca, quis falar, pedi um copo de água, engoli-o de um trago, tartamudeei:

– E agora?

Olhei em de redor. Estava suando frio. Sim. O 20.025 era um símbolo! Eu não vira o ato! Ninguém vira! Cumprimentei como quem vai

suicidar-se e fugi, fugi rua afora, encerrei-me no meu quarto, tracei rapidamente esta notícia tremenda: – Faleceu ontem repentinamente o heroico 20.025, a praça que salvou duas míseras crianças no incêndio da Pensão X, há três meses. Paz à sua alma e honra ao mérito.

E nunca mais, juro-o, nunca mais direi que vi um ato heroico de qualquer número, nem abrirei subscrições mesmo que seja eu o salvo da fatal voragem...

MÁSCARAS DE TODO ANO...

Faltam três dias para o Carnaval. Para o Carnaval e para o cortejo solene das frases conselheiras, que nunca deixa de acompanhá-lo. É curioso, mas verdadeiro. Inexoravelmente o aparecimento da primeira máscara num armarinho combina com o ressurgimento no cérebro carioca de uma sentença moral. Quando todas as casas vendem confete, máscaras e cornetins, é certo que em todos os lares e em todos os jornais revivem aquelas profundas máximas de desconsolante ceticismo: – “No Carnaval é que a gente se desmascara”. “Tristezas não pagam dívidas”. “O Carnaval é uma loucura”. “Quando a gente perde o juízo perde a hipocrisia”. “Este mundo é uma mentira com três dias de verdade” e outras ainda mais importantes e ainda mais fastidiosas.

Nada mais fastidioso realmente do que encontrar, assim, de repente, num canto de rua, um senhor grave que diz:

– Ah, meu amigo! Já estou preparando as malas para fugir a esse barulho infernal! Não posso aguentar! O Carnaval é uma loucura. Quando se desafivela a máscara da alma... É da gente agarrar o homem pelo gasganete e desafivelar-lhe a máscara da glote num ímpeto, – tanto mais quanto o homem que não gosta do Carnaval e vai partir filosoficamente para não morrer de zabumbas, passa os três dias numa pândega maluca, dando à perna no teatro São Pedro e mascarando o cérebro de álcool. Como não é possível, porém estrangulá-lo, a máxima seguinte vem que parece até puxada a cordel:

– Não me diga isso. O mundo é uma grande mascarada que só des-cansa no Carnaval.

Depois desta frase só o suicídio. Mas não há quem não a diga e quem não se veja obrigado, reconhecendo a sua imensa sandice, a dizê-la quando se aproxima o Carnaval com o seu cortejo de sentenças.

Eu, entretanto, divirjo dessa opinião, tantas vezes secular. O Carnaval é uma crise de alegria neurastênica, é a loucura, é a porneia organizada e cínica, é delicioso ou infame, é o que quiserem os definidores. O máscara, porém, o máscara propriamente, é um caso empolgante de variação de personalidade, um caso de doença. Nas grandes mascaradas, o delírio é idêntico às crises desvairantes da Idade Média e da Idade que chamamos Antiga, por mais que ela nos pareça sempre mais moça. No máscara isolado há todo um tratado de patopsicologia. Um homem que trabalha o ano inteiro para se vestir de “princês” ou de “rei de diabos”, e que sai por aí convencido na fatiota multicolor, não pode ser muito certo, e um pobre rapaz, capaz de se fantasiar de “Pai João” e de tentar fazer espírito não é um prodígio de sensatez. Alguém mesmo já descobriu que a fantasia corresponde quase sempre à pequena racha que o tipo tem na mioleira, ou a qualidade predominante da sua alma, contando os dominós pela hipocrisia; os princeses pelo efeminamento, os reis dos diabos pelo desvairamento delirante, os palhaços pela gente sem personalidade ou de personalidade complacente. E esse alguém não deixava de me dizer:

– Não há um rei dos diabos que não seja um capoeira valentíssimo, um princês sem langores femininos, e repara no grande número de mulheres alegres usando as roupas de palhaço que elas denominam de clóvis.

Tudo no mundo se explica. A máscara um desvio transitório da personalidade, um acesso que passa em três dias de papelão, bisnagas e

cores violentas. A moléstia geral vai-se, mas ficam andando por aí alguns casos que nunca puseram na face um pedaço de seda ao menos.

São os máscaras de todo o ano, os autômatos humanos.

Os máscaras de todo o ano! Os senhores já decerto repararam nesses homens que mudam de andar de semana em semana, apropriam gestos e modos de pessoas de certa notoriedade, e são um dia pelas costas exatamente Fulano de tal para no seguinte passarem para sicrano? Os senhores com certeza já tiveram dó desses transformistas espontâneos?

É positivamente uma nevrose a acumulação de sócias propositais. Nós temos tido várias doenças morais muito próximas de manicômio e do *open-door*, mas nenhuma como essa curiosa moléstia de despersonalização consciente, a acomodação de um duplo que nos apaga ou nos exagera. Há uma porção. Espio de há muito um cavalheiro que é o Dr. Carlos Peixoto tal qual, usa até uma gravata de veludo roxo; conheço um cidadão que anda fantasiado de David Campista, falando por períodos curtos a brincar com o *pince-nez*; já corri atrás de um moço que fingia de James Darcy à meia-noite, saindo de um teatro e conheço vários Bilac, vários Guimarães Passos, dois ou três Rauis e pelo menos meia dúzia de Calixtos.

Um homem que vos diz no Hospício, grave ou a sorrir: — eu sou o Corcovado? ou eu sou o sapo? É muito menos perigoso do que esses máscaras de todo o ano soltos em plena praça. Para que afinal arranja um homem a cara e o passo do Dr. Afonso Pena, finge o andar do Guimarães Passos, fala como o José Ricardo e anda na rua vestido de Calixto? Admiração? Mas só a admiração leva alguém a reproduzir as atitudes físicas de outrem? Será a compreensão imitativa da originalidade? Hoje está provado que nós só usamos gravata por uma questão de imitação. Mas a imitação vai até a escolha dos gestos, a

entonação vocal, as frases, o andar sem indicar da parte do imitador uma verdadeira doença, um estado latente de cárie irremediável da personalidade? Uma atitude, já dizia o admirável Oscar Wilde, não se organiza num dia.

É preciso acumular paradoxos e excentricidades para criar a legenda, que é sempre como o corpo odico da fantasia. A imitação criou essa espécie de tipo das classes e que fez as classes, as agremiações e as fardas: o soldado com tacões altos, o poeta de chapelão, o pintor de cabeleira. O século XIX que foi por excelência o nivelador da nulidade, deu o apetite de todos se parecerem, depois de uma certa idade, ao burguês comedido. Os sujeitos fora dessa regra são exceções raras, ou casos de atavismo ou casos de violenta personalidade, capazes de impor uma atitude. Os que os imitam – emasculados da imaginação, frustes da fantasia, que na mediocridade como no gênio, começa pela fatiota.

Nas observações dos alienados sabe-se o delicado prazer que os pobres têm ao verem-se tratados como se fossem os tipos em que se talharam.

– Meu caro sapo, você é um sapo esperto.

O doido arredonda o gesto, fica contente, ri. É sapo da cabeça aos pés.

Mas o doente da personalidade solto é um fugitivo, um medroso, um agonizado. Há no seu cérebro a noção do plágio, da ladroeira do físico que ele imaginara. Nunca rouba todo o indivíduo de pancada e nunca se fixa definitivamente num único herói. Há sujeitos que começam pela barba, pelo feitio da barba. Depois tomam o andar. Em seguida apropriam o chapéu, o gesto de saudar. Quando conhecem o imitado, em breve há uma verdadeira absorção: o riso é o mesmo, as palavras as mesmas, como num cinematógrafo as figuras exageradas. E

se alguém lhes diz: você imita fulano, eles ficam realmente furiosos, ou balbuciam tímidos.

– É uma mentira! É uma calúnia!

Mas a novidade desvaira-os. Há duas classes desses sócias ilusionistas: os íntimos e os desconhecidos.

Os íntimos são as vítimas fracas da sugestão direta. Pensam do mesmo modo, agem do mesmo modo, têm a mesma roupa e as mesmas frases. Vestir igual é para eles o supremo grau, a uniformidade integral. Há anos conheci um sujeito que imitava o falecido Orlando Teixeira, e andava de ombro derreado, tossindo, escarrando, falando rouco com ares de tísico só para se parecer com o malgrado poeta. E nas rodas literárias, de que é sempre prudente fugir, já várias vezes tenho encontrado três ou quatro Raulis conversando com cinco ou seis Graça Aranhas de pancada.

Os desconhecidos, os anônimos são os que roubam com medo. Não pedem emprestado, subtraem, e vão pelas ruas fingindo do tipo que copiam, satisfeitíssimos mas prontos a dobrar a primeira esquina se são descobertos.

Outro dia, eu vi pela manhã de chapéu de castor cinza, sapato branco e roupa de brim, o caricaturista Calixto. Era ele, não havia dúvida. Calixto ia devagar.

Chamei-o, mas ao primeiro apelo Calixto apressou o passo. Apressei o meu também, chamei de novo e com grande pasmo vi Calixto correr, enfiar num túlburi. Que tal, hein? Que desaforo! Duas horas depois encontro Calixto de preto com chapelão preto.

– Menino, você hoje está extraordinário. Ainda há pouco de brim, não querendo cumprimentar-me; agora de preto...

– Há engano, homem. Saio agora de casa...

Seria outro Calixto? Era. À noite Calixto passava pelo Lírico vestido de preto.

Bradei por ele. Calixto apressou o andar.

– Não, desta vez não me escapa!

E, decidido, deitei a correr. Na frente Calixto corria em direção ao morro de Santo Antônio. Por fim, parou exausto. Avancei, rindo, mas logo fugiu-me o riso dos lábios. Diante de mim, com a roupa exatamente igual à do caricaturista, o gravatão, as caveiras, tudo quanto forma o aspecto de Calixto, um homem da mesma altura, mais claro, porém, e com a fisionomia mudada – olhava-me.

– Perdão! Pensei que o senhor fosse Calixto Cordeiro.

O homem descerrou o lábio.

– Para que o senhor anda a brincar? É uma coincidência apenas – a minha roupa igual... Não quero imitar, não... Descanse... Depois, que tem com isso?

Curvei-me. Pedi desculpas. Quase dou-lhe um abraço. Porque, afinal, o homem comovia-me. Na eterna curiosidade da vida urbana era bem um caso, o caso típico desse desvio da personalidade que faz de ano em ano o Carnaval, desse desvio que faz procurar a multidão o seu ideal numa data fixa, mas que solta na rua diariamente, grotescos, tímidos, dolorosos, autômatos, os sócias conscientes da gente conhecida – os máscaras sem máscara de todo o dia...

CHUVA DE LAND-TROTTERS

— Quero apresentar-lhe um homem original.

— Ainda haverá um homem nestas condições depois do pecado?

— Há: é um sujeito que viaja a pé, apenas por prazer, sem se anunciar nos jornais e sem tentações de vencer recordes excessivos. Chama-se Justino Moreira. É um boêmio, o tipo *sui generis* do *chemineau* com dinheiro. Conhece o Estado do Rio aldeia por aldeia, estrada por estrada, e Minas e São Paulo. Muito esquisito. Hoje aqui; amanhã talvez esteja em plena floresta, com um saco às costas...

Vinha na minha direção um sujeito simples, com um fato também simples e talvez mais cansado do que ele. O meu amigo chamou-o, fez uma apresentação comovente, chamando o cavalheiro de *land-trotter*, e o cavalheiro sorriu sem a menor pretensão.

— Com efeito, é espantoso deixar o asfalto das avenidas, para ir por essas estradas esburacadas, cheias de maus encontros e talvez de bichos ferozes.

— Eu não tenho medo de bichos. De resto há muita gente que faz o mesmo. Não lhes falo de artistas dramáticos que aparecem de aldeia em aldeia, usando como nome de guerra o nome dos atores populares do Rio. Há uma grande quantidade de Brandões, Machados, Olympios Nogueiras, Pepas, tão falsos como a nota mais falsa.

— É a trucagem da arte teatral.

– Já por aí o senhor percebe que as estradas da roça entram na civilização. Há outros *land-trotters*, entretanto. Os negociantes de bugigangas e quinquilharias, por exemplo. Esses dão preferência pelos arraiais e lugarejos habitados por menos de cem pessoas. Andam a pé, por economia e conveniência dos negócios, e, quase sempre, um, dois, três juntos.

– Mas ninguém dirá!

– Junte a esses os vendedores de joias de plaquê, os músicos ambulantes, o homem do fonógrafo de galeria e tubos de borracha, o da lanterna mágica com as vistas multicores e imóveis, os religiosos que vendem velas bentas para se acender durante as súplicas ao Senhor, os mercadores de medalhas santas, os de orações, os de imagens litografadas, os de enfeites de *biscuit*, os da fotografia instantânea, os propagandistas do Evangelho, os mendigos (quando a polícia profibe a profissão aqui no Rio)...

– Mas decididamente as estradas sujas e ferozes são um prolongamento, quanto ao moral, das nossas ruas!

– Oh! Há de tudo, mesmo gatunos. Eu já ouvi gritar em Congonhas do Campo o *Namoro do caixeiro e da mulata* e a *Criada revoltosa*! As relações desse pessoal com os vendedores de aves são intensas. A venda faz-se, às vezes, primitivamente, pela troca: “Deixa ver a imagem de São José e toma uma dúzia de ovos”. E os ovos têm uma grande extração, porque, mesmo velhos, vendem-se. Ah! é curioso vir a gente só, pelas estradas desertas, e de repente encontrar num cavaliocoque ordinário seguido do camarada, um *cometa* de casa comercial. “Salve-o Deus! Bom dia!” Sabe tão bem esta simples saudação! E mesmo, quando é um turco, com o seu cesto cheio de sabonetes baratos, ou um mendigo oscilante e leproso estendendo a mão na sombra das árvores... Fique o cavalheiro sabendo: não há, para amar os homens, como ver poucos homens.

– Mas deve ser horrível dormir ao relento...

– Nas noites de luar até é bonito. São tantos, porém, os que tentam essas viagens julgadas irrealizáveis no Rio! O brasileiro é, pela hereditariedade, um aventureiro. Depois de Pedro Álvares Cabral, não imagina quanta gente tem descoberto o Brasil...

O Sr. Justino Moreira era evidentemente um original e um homem de relativo espírito. Convidei-o a tomar café. Aceitou simplesmente e, sorvendo a valorizada rubiácea, continuou:

– Eu conheço um crioulo da Bahia que teve um dia a fantasia de vir a pé do cais Dourado ao Largo da Carioca. Comprou em São Salvador cerca de cem mil réis de artigos de *biscuit* e seguiu para Vila Nova da Rainha e desta para Juazeiro. Depois ganhou a margem do São Francisco até Pirapora. Levou 55 dias a passar pelas povoações que margeiam o famoso rio, sem ter um dia de chuva; passou por todas as estações da Central e, ao cabo de sete meses, alcançou a sua meta, tendo na algibeira oito contos de réis!

– Oito contos? (recuei a cadeira, larguei a xícara). Ou nós entramos no domínio das histórias árabes ou diverte-se conosco!

– Os oito contos não eram produto da mercadoria; eram o resultado do jogo do *caipira*, o tal de – *quem mais bota mais tira*, e do *Sete da Bahia*, que o negro explorava simultaneamente.

– Então... o jogo?

– Grassa violentamente entre as gentes dos povoados. Eu conheço mesmo alguns jogadores que adotaram o sistema das viagens: Luiz Italiano, José Mulatinho, Pica-pau, Antonio Pequeno, o Paraíso da Saúde. O bando de aventureiros não falta às festas de Congonhas do Campo, às quais afluí gente de 20 léguas em redor; à da Penha, de São Paulo, que dura um mês; à de Bom Jesus do Tremembé; à de Nossa Senhora do Carmo do Rio Verde; à de São Bento do Sapucaí e a muitas outras.

A minha curiosidade era tal, que o *land-trotter* quis retificar o excesso de tal impressão.

– Meu caro senhor, eu não sou o único nestas condições. Não sei até se já lhe fiz sentir esta falta de originalidade. Além dos negociantes, dos jogadores, dos exploradores, há os cantores de modinhas, que fecham os olhos, afinam o violão e cantam *no duro*:

Eu agora vou-me casá
 Com uma dúzia de muié:
 Três Thereza, três Maria,
 Três Luiza, três Zabé.

Quantos?! Lembro-me que, uma vez, indo de viagem de Taparu para São Pedro d’Aldeia, encontrei dois conhecedores do Estado; o Guilherme e o Aurélio, ambos exploradores do fonógrafo. De repente caiu uma forte pancada de chuva, e, quando eles procuravam abrigo, viram-se numa campina inundada. Era o caso de dilúvio. Trepamos os três, mais o fonógrafo, para uma árvore, e passamos assim cinco horas em pleno lago... Não é preciso ter dinheiro para viajar a pé. A hospitalidade salva da fome. Alguns mesmo fazem dinheiro sem o ter. Um tal Jayme atravessou o norte e oeste de São Paulo remetendo a toda a gente envelopes cor de rosa com os seguintes dizeres: “Devoção. Tendo feito promessa a N. S. da Aparecida, vem muito respeitosamente pedir a V. S. uma espórtula em troco deste registro – O criado Jayme Silveira”. Dentro havia cromozinhos! A religião é uma fonte de capitais magnífica. Com uns milhares de orações vive-se regaladamente. Devo dizer, entretanto, que nem todas as religiões. Os protestantes, apesar de chamarem toda a gente de irmãos, levam de vez em quando pedradas.

– O senhor é um homem fabuloso!

– Há outros. Arthur Pereira já fez cinco turnês. A maior foi de 33 dias, indo de Niterói até Friburgo e voltando ao ponto de partida. O Jacobino, um preto feio, já veio a pé, de São Paulo, e voltou em 37 dias. O Guimarães tem a mania de vir de Niterói até aqui. Já veio três vezes. Há *land-trotters* de todos os temperamentos. Conheço um, mesmo, o José dos Santos, com medo do saci, das almas do outro mundo e do diabo. Pois bem. José tem medo; mas o instinto de liberdade é tal, que não resiste a arriscar-se nas florestas, para dormir entregue ao diabo, ao saci e às almas.

O Sr. Justino Moreira levantou-se.

– E, agora, tem algum novo passeio em vista?

– Não sei. Talvez vá à Bahia. Pretendo levar uns oito meses.

E rindo do nosso pasmo:

– Quantos, concluiu ele, através das florestas luxuriantes sofrem uma infinidade de privações, sujeitos sempre à chuva, à intempérie, ao cáustico do sol... e sempre felizes! Quantos, enquanto reverbera no azul o meio-dia, param à beira dos rios, lavam a camisa única e comem, com apetite e saúde, carne seca e pirão de farinha... quantos? É uma vida nômade, uma vida de surpresas ignoradas, mas livre e solta – a dos pássaros, a dos animais da mata e do ar...

Ainda uma vez olhei o homem estranho.

Tinha as mãos e a tez queimadas da adusta reverberação do sol. E, como ele se sumisse enfim, voltei devagar, convencido de que é sempre preferível ser *street-trotter*, limitar os passeios a pé nas avenidas cheias de confeitarias, de críticos teatrais e outros fenômenos.

Mesmo porque nem as próprias estradas perdidas, nem os próprios povoados, nem as próprias florestas selvagens estão livres, neste formidável começo de século, de jogadores, exploradores, enganadores, músicos ambulantes e fonógrafos assustadores...

A FUTILIDADE DE INFORMAÇÃO E OS SEIS MINISTROS

O público quer sempre curiosidades. As multidões meridionais são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros sintomas da agitação e da nevrose. Em Roma, a antiga, sabia-se sempre muito bem da vida alheia e principalmente da vida dos dirigentes.

Essa curiosidade, cuja psicologia está decerto por fazer, persiste na alma da multidão e talvez tenha agora um período de recrudescência aguda. A curiosidade é uma ânsia... Desde que um homem comete uma ação fora do normal ou é guindado a um cargo de responsabilidade, mata outro, atira contra a esposa, suicida-se ou se faz ministro, subitamente esse homem não se pertence mais, começa por pertencer ao público e acaba pertencendo exclusivamente à fantasia dos jornais para parar enfim, ou num apagado inquérito ou num índice que, à primeira vista, parece curto mas, na realidade, é vasto — o índice dos antigos ministros.

A monarquia tinha as crises de gabinete; a república tem a fatalidade dos quadriênios. Um belo dia um jornal, por pilhéria, diz que o futuro presidente já pensa nos futuros ministros. Há palpites, há apostas. Os homens práticos e interesseiros passam aflitos por não saber a

quem melhor bajular. Os antigos ministros, nervosos, fazem nomeações a torto e a direito. É de repente ministro um cavalheiro com quem ninguém conta. Ministro! Quanta coisa um ministro pode fazer! A preamar do interesse afoga-o, as deliquescências da lisonja lambuzam-lhe os pés, o humilde deputado de ontem, o provinciano da véspera, vê abrir-se com os arcanos nunca desvendáveis de uma secretaria todas as bocas num sorriso, todas as mãos num gesto rapace-afetuoso, e a porta da rua a um repórter que indaga, também sorrindo e talvez também rapace-afetuoso:

– Qual o plano de V. Ex.^ª?

Na sua confusão e no seu maravilhamento, o novo diretor dos destinos da pátria ainda não se lembrou de concertar um plano, mas organiza três ou quatro últimos planos de pintura com escapadas de perspectiva imensa, ou põe diante do *interviewer* três ou quatro próximos atos que entram pelos olhos como as figuras da frente nas fitas cinematográficas e no dia seguinte lê nos jornais coisas interessantes, acreditando que o povo inteiro se incomoda e pensa com as suas ideias.

Engano! Desastroso engano! A multidão, o povo, quando qualquer tipo chega a uma posição notável, ou gosta de saber qual a canalhice que o fez galgar tão rapidamente o alto posto ou, quando não há canalhice, só se preocupa de como vive o cidadão em plena evidência. É a curiosidade da vida alheia, a hereditariedade latina. Um jornalista prático não perderá nunca o seu tempo em inventar uma *interview* para esses ingratalhões de quatro anos. Um jornalista prático vai ao pior inimigo do homem ex-desconhecido e pede-lhe um dossiê de calúnias, ou então mune-se de um *book notes* e em plena apoteose do funcionalismo saudador, indaga:

– Quantas horas dorme V. Ex.^ª? Qual o seu livro de cabeceira? O seu prato preferido? Passeia a pé, de bicicleta, em fiacre ou de automóvel?

E com essas imensas futilidades tem a certeza de que o público todo, ávido e nervoso, se preocupa muito mais com o modo de passear do ministro que com o seu plano, aliás sempre irrealizado, de salvação do país...

Com esta opinião estranhada, outro dia no Ministério do Interior, eu descobri que conhecia mais ou menos a vida dos atuais ministros, os seus temperamentos, o seu trato familiar, e que esse ministério é a mais desencontrada série das periódicas aritméticas da política quanto a gostos e a modos de vida.

O Ministro do Interior, o Sr. Tavares de Lyra, eu o conheci deputado, morando num quarto que era também gabinete de trabalho, no Grande Hotel, e tratando da questão eterna do sal com o Estado do Ceará. A primeira vez que me recebeu na sua casa foi em chinelas e tratando-me por tu.

Ainda não era célebre mas já era inteligente, bom, simples e familiar. A sua qualidade social irredutível é que continuará a ser o mesmo Tavares de Lyra, calmo, reconhecendo a inteligência e o valor alheio, vestindo a mesma sobrecasaca e a mesma gravata de laço dado, incapaz um instante de se deixar seduzir pela vertigem das grandezas. No dia em que não for mais ministro, Tavares de Lyra voltará naturalmente ao seu quarto do Grande Hotel com uma grande simplicidade. A sua vida é a de um funcionário público atento, a sua modéstia obriga-o a evitar entradas sensacionais nas grandes festas, indo sempre na mesma ocasião do presidente para ficar pequeno na luz do astro rei. A sua bondade faz um prazer a estadia no seu gabinete, onde não se encontra S. Ex.^a, o ministro, mas o homem simplesmente amável.

Se eu lhe perguntasse qual o seu prato preferido, Tavares de Lyra dir-me-ia, sem pretensão, um modesto prato do norte.

A pasta da Fazenda é o mais violento contraste da pasta do Interior. O seu titular, David Campista, tem de Brummel, tem de Rivarol e é um dos tipos mais agudamente modernos que eu conheço pela cultura, pela maneira de falar, pelos gostos, pelas atitudes da vida. Pinta, compõe, anda de bicicleta, fala, creio que mais de metade das línguas vivas e parece entender profundamente de tudo. Pelo menos, após um segundo de atenção ao interlocutor, desenvolve vertiginosamente um princípio em que a clareza e a síntese se juntam para encantar. Que ideia faz ele do mundo? Que pensa ele de você com quem acabou de conversar ou de mim a quem acaba de dizer com a sua voz ácida de divino egoísta: Viva! não há mais ninguém que o veja? Mistério! É apenas possível afirmar a sua inteligência sempre muito maior que os seus cargos e notar daí uma ambição afiada por todos os instintos de refinamento, de estesia, de aristocracia. E essa ambição, a ambição de glória, de brilho, de fulgor, que faz o orgulho da vida atual, dá-lhe à vida uma trepidação assustadora, uma atividade de pascar, sempre pronto, sempre sabedor de tudo, sempre muito cuidado na sua elegância, à hora em todas as dependências do seu ministério, à hora nos teatros, à hora nas recepções, e mesmo à hora no seu salão da Caixa de Conversão, onde conversa às cinco com os amigos e de leve se abandona ao exercício de uma ou outra ironia que corta, escalpela, assassina. Se eu indagasse a esse homem que prato prefere, ele ficaria sério e diria:

— Conforme. V. compreende que é grave. E decerto não escolheria um prato mineiro... É o mais parisiense dos brasileiros.

Mas se o Sr. David Campista é assim o oposto do Sr. Tavares de Lyra, o Sr. Miguel Calmon é integralmente diverso de ambos. Na idade em que os cariocas fazem versos babosos, o Sr. Calmon viajava pela Índia, estudando a irrigação de Calcutá e de Bombaim; na idade em que todos nós aspiramos a um lugar no povoamento do solo, ca-

çando e apanhando um emprego nessa cobiçada repartição, ele é solteiro e é ministro. Austero, seco, com a cabeça quase branca, deita-se em geral às 10 horas da noite, acorda às 4 ou 5, trabalha até as 11, sai para o serviço exterior do ministério, encerra-se na secretaria até as 8, dando um trabalho bruto aos funcionários, janta depois de tudo isso e dorme logo em seguida. O Sr. Lauro Müller fez a Avenida Central. Ele quer cortar o Brasil de Norte a Sul de estradas de ferro e povoar, encher de gente, abarrotar de braços, os seus nove milhões de quilômetros quadrados. É, evidentemente, muito mais. A vontade torna-o despegado do mundo, indiferente ao amor, ao prazer, às blandícias da vida. Aos 30 anos é feito de aço, todo de aço, com um cérebro que tem a força de Querer, Querer somente e de Dominar. Deve ter um orgulho formidável, uma noção de si mesmo elevadíssima, e essa qualidade diamantina fá-lo o eterno vitorioso na política-gem dos velhos chefes cavilosos e na sã política de empreendimento e capacidade.

Se eu perguntasse a Calmon qual o seu prato preferido, ele decerto não o saberia dizer. É um homem sem os apetites de toda a gente: quer o mundo quando os outros querem jantar.

O ministro da Guerra, entretanto, o marechal Hermes, dir-me-ia logo, acrescentando:

– Ai menino, olha que é gostoso.

Porque o marechal reúne as qualidades máximas do soldado brasileiro: a coragem, a finura da campanha e a franqueza rude. Na sua casa entra toda a gente que lhe quer falar. Nada de orgulhos, nada de vaidades. Ele é o Hermes, marechal, ministro, mas um homem como outro qualquer. Disciplina, respeito, sim senhor. Mas nada de efeito, de cenário.

– O marechal Hermes está?

– Está, diz o ordenança. Pode entrar.

Entra-se pelo jardim, bate-se à porta da sala de espera, que por sinal está aberta. Às vezes é o próprio marechal que aparece de calça de brim branco e casaco de alpaca, fumando um charuto.

– Entre. Acabei de jantar, é servido? Vamos lá. Que deseja?

Fica o sujeito muito lisonjeado, pensando que é um favor pessoal de S. Ex.^a O ministro. Não é. É apenas o sentimento de hospitalidade patriarcal que torna delicioso e incomparável o lar brasileiro. No ministério, Hermes é seco e responde de pé: – a disciplina.

Até hoje foi o único homem com que eu não fiz uma entrevista sensacional, mesmo por que para uma entrevista sensacional, o processo é sempre fazê-la. E a razão é simples. Quando fui indagar dos seus planos, o marechal disse-me simples, carinhoso e franco:

– Eu tenho um plano de mobilização, de defesa de fronteiras, de preparo de soldados. Se conversar com você digo tudo. Mas acho que qualquer coisa publicada faria mal ao Brasil.

– Pois pode ter a certeza que não escreverei uma linha.

E perdi de boa vontade o meu dia – sem ter de resto a ideia de que o marechal viesse a me ser útil por qualquer motivo.

É o que não se pode pensar acedendo a uma opinião do almirante Alexandrino de Alencar. Como acontecia com o Sr. Seabra, desde que se trata com o titular da Marinha, tem-se a impressão de que se lhe vai ficar a dever um favor. Qual? Ninguém sabe. Talvez não se saiba nunca e só o ministro tenha realmente um resultado prático. Mas é definitivo. O almirante Alexandrino de Alencar tem a elegância da marinha, rodeia-se de moços que vestem bem, tem gestos belos, e recebe no seu gabinete como se estivesse num salão em noite de baile. Todo ele sorri, todo ele é amabilidade, gentileza, e todo ele nos dá uma grande intimidade – que realmente não existe.

A lisonja e o elogio parecem ser para a sua alma o perfume inebriante, o seu gesto consente, acolhe, anima, as suas frases são largas. Entretanto, toda essa aparência encobre uma vontade de aço, que sacudiu e faz cumprir um programa ruidoso, e se fortifica numa vida solitária – porque o almirante Alexandrino gosta de passear só, de chapéu mole e bengala, como qualquer mortal.

Se eu lhe indagasse de que prato gosta, havia de responder:

– De todos, meu bem.

Quando realmente só gosta de alguns e só desses se alimenta.

Finalmente, há um que é imenso, é grande, é bom, e que a fantasia da informação pode pintar com todos os exageros sem conseguir pintá-lo um homem tremendo, que já deu ao Brasil pedaços do tamanho da França e que o faz, com calma e altivez, no mundo. Esse homem é o barão do Rio Branco. Não se sabe quando dorme, quando trabalha, a que horas come. É irregular. Trabalha 48 horas a fio, ou passa a noite tomando sorvete de fruta e conversando, almoça às 10 da manhã ou às 3 da tarde, mas é grande Senhor, aquele a quem os Deuses benditamente deram os destinos do Brasil e os destinos de uma porção de meninos pretendentes à diplomacia. O seu palácio é a morada do Luxo; o seu quarto tem um simples cabide, a mesa atulhada de papéis e pingos de espermacete por todos os lados – porque na noite alta, o estadista admirável diverte a sua insônia ou a sua preocupação caçando moscas com a vela.

Oh! essa intimidade, desvendada pelos seus amigos, e que o torna bem superior, bem o irreal homem capaz de esculpir no momento a estátua futura do maior dos brasileiros de agora! Essa intimidade e todas as outras em que se misturam o orgulho do mundo, a posse de tudo, o boêmio antigo e o espírito clarividente! Essas e todas as seguintes que o completam e fazem de cada ato seu, simples e calmo, mais para o Brasil do que todos nós a gritar.

Mas a esse – oh? a esse – francamente eu juro que se lhe perguntassem qual o prato favorito, não adivinharia, enquanto durasse o seu silêncio, o que me diria ele...

Tanto a multidão curiosa, como eu novidadeiro, verificaríamos que tanto maiores os homens e de vida mais pública e de maior estoque de frases e gestos no domínio popular – menos a nós pertencem nos tempos modernos. E assim, certos, nem a multidão se interessaria pela vida íntima dos notáveis, que lhe é sempre imposta, nem os jornais indagariam essas futilidades, esses moldes dos homens que são sempre a causa dos grandes fatos, essas feições de contato com os seis homens que conduzem o Brasil agora no infinito caminho do futuro.

Mas o mundo quer curiosidades sempre. Os ministros pertencem-lhe. E a cidade discutiria um mês, e a democracia rejubilaria se o ministro do Exterior declarasse solenemente o seu gosto pela cozinha abundante do restaurante do Minho.

– A futilidade da informação...

UM PROBLEMA

Como fosse ontem visitar o meu amigo conselheiro Azevedo, (Guimarães Azevedo, antigo cônsul da Dinamarca) tive o desprazer de encontrá-lo furioso. Assim que, com prudência e conforto, eu me afundei num vasto divã da sua sala de fumar, Azevedo, antigo cônsul da Dinamarca, desabafou:

– Oh! os filhos! os filhos! Meu amigo, mate-se, mas não tenha filhos. É preferível morrer!

Deus misericordioso! Seria possível que Azevedo, conselheiro, rico, feliz, antigo cônsul, com dois filhos desempenados e cinco raparigas tão lindas que era para julgar cinco as graças redivivas, seria possível mesmo que assim fosse amargurado pela prole?

– Não é pela prole, é só pelos meninos! berrou ele. As meninas são uns anjos, os rapazes é que só nos darão desgostos. Mate-se, mas não tenha filhos!

E entre exclamações de cólera, naquele gabinete feito para o sonho embrutecido dos fumantes, Guimarães Azevedo, conselheiro, pai de sete filhos, meu amigo e antigo cônsul da Dinamarca, contou-me a causa da sua fúria.

Essa causa encerra um dos mais graves problemas do Brasil, porque resume, num exemplo único e perfeito, um mal geral.

Guimarães Azevedo, riquíssimo, teve desde muito cedo a mania do estrangeiro. O Rio de Janeiro foi sempre para ele um lugar de sofri-

mento, uma espécie de prisão. Uma aldeia horrível da Bretanha com camponeses mais selvagens que os nossos selvagens tinha para ele mais encantos do que Petrópolis, sem diplomatas. Londres era o tipo da cidade ideal. Paris fazia-o revirar os olhos e lamber os beijos só com a sua lembrança, e, a propósito de qualquer coisa, sempre da sua cachola saíam símiles estrangeiros:

– Ora vejam, este pão assim redondo! Em Bruxelas, o pão era mais oval.

E quando gostava de alguém, logo comunicava ao universo: – Não sabem vocês porque simpatizo com Fulano? Porque tem um ar estrangeiro, um ar lavado...

Um dia, Azevedo encontrou em D. Carlota Pereira, (Yayá para os íntimos), esse ar estrangeiro, esse ar lavado por uma porção de centenas de contos do velho comendador Pereira. E casou. Desde então dividiu o ano: seis meses aqui, na prisão, no forno, tratando dos negócios, seis meses lá, no paraíso. Os filhos foram nascendo nesse perpétuo passeio. Abigail, a mais velha, nascera na Escócia, na região dos lagos, e era em casa a *miss*, apesar de ser uma cabocla de olhar ardente e negra crina selvagem; Antonieta nascera em Sorrento, após uma crise sentimental de D. Yayá pela *Graziella*, de Lamartine, e havia uma até que nascera no polo, numa *croisierie* feita por Azevedo e um negociante dinamarquês pelas costas da Escandinávia, até ao arquipélago de Loffoden.

Na intimidade, a família de Azevedo achava maravilhoso jogar com cinco línguas. Se o pai perguntava em alemão, D. Yayá respondia em italiano, e as meninas exclamavam em francês. Isso era para eles muito chique e ainda hoje quem frequenta a sua linda casa deve pelo menos compreender meia dúzia de idiomas. Mas o fato é que os desprendia da sua própria terra, do seu país, sem lhes dar outro. Azevedo já era um ho-

mem sem pátria, mas restava-lhe a família. Que fez ele com o seu estrangeirismo? Matou-a. As meninas educadas em casa ainda guardam por ele um certo amor, no curto descaso que lhes concede a *flirtation*; os meninos, esses, que deviam ser os seus amigos, logo que puderam soletrar o alfabeto, Azevedo jogou-os num internato suíço.

– Vão ver que educação eles terão! bradava em várias línguas. E de seis em seis meses ia vê-los a Lucerna. Um dia encontrou Octavio, o mais velho, com a cabeça quebrada. Fora o professor que lha rachara. Ficou furioso e removeu os meninos para um colégio de padres da Áustria, mas aí a colônia de meninos ricos brasileiros que se desnacionalizavam era tal que, aterrorizado, Azevedo atirou os meninos definitivamente na Inglaterra.

Os meninos ficaram. A pouco e pouco foram criando uma outra alma e vendo no pai tudo menos um pai. A família começou a ser para eles um grupo de senhoras desconhecidas em várias pensões de turismo, e eu creio bem que pelo *entrainement* habitual, nos minutos em que se viam, havia quase o *flirt* familiar, de tal forma eram artificiais as moimes e as frases estrangeiras das conversas.

Um belo dia Azevedo lembrou-se de que os filhos deviam trabalhar. Trabalhar onde? No Rio, neste forno infernal.

Meninos, sabendo línguas, tendo feito exercícios de composição grega em Oxford, com uma sólida educação física, estavam aqui, estavam com belos lugares. Octavio, o mais velho, apesar da prática do futebol e do remo que sucessivamente na Suíça e na Inglaterra lhe deformara o corpo, tinha uma alma feminina e passiva. Chegou, empregou-se.

– Eu não gosto disso, não, papai.

E Azevedo cruel, porque nada como a separação para fazer pensar aos pais que a paternidade confere direitos de posse e de escravidão:

– Nada de reclamações. Dei-lhes educação, gastei dinheiro. Trabalhem.

Jorge, porém, o mais moço, além de um gênio voluntarioso e másculo, herdara as manias do pai. O esnobismo de Azevedo transformara-se em verdadeiro horror pelo Brasil, na sua alma jovem. Dois dias depois ele disse:

– Meu pai, não posso ficar aqui. Esta gente causa-me nojo. Não posso ficar.

O horror, longe de decrescer, aumentou. Quando Azevedo preparava as malas para ir passar o nosso verão em Londres, aos soluços, o pequeno, que tem apenas quinze anos, jurou que não ficava, que não podia ficar. Foi em vão. Azevedo deixou-os morando no seu palacete das Laranjeiras, ambos empregados. E, ao voltar, há quatro ou cinco dias, tivera a fatal notícia pelo Octavio. Jorge fugira. Tinham-no visto a conversar com um despenseiro da Royal Mail, no Largo do Paço, uma noite, e pela manhã Jorge não aparecera. Assustado, Octavio julgara a princípio que o irmão seguira como criado de bordo para a Inglaterra, fora à agência da companhia, inquirira, daqui partiram perguntas para todos os pontos, cujo serviço é feito pela companhia e, quando Azevedo chegara, Octavio, tremendo, entregou-lhe uma carta datada de Punta Arenas, na Patagônia. Essa carta era escrita em espanhol e dizia assim: “Encontramos seu irmão, afinal. O pobre rapaz esteve a princípio na Terra do Fogo, veio depois para aqui, e passou fome e frio. Exausto, com o nome trocado, foi ao cônsul inglês, que tem um estabelecimento comercial, e disse ser inglês, filho de inglês com uma brasileira. Chama-se agora Georges Bender e é caixeiro do cônsul. Quando o fomos procurar pediu-nos quase de joelhos que não lhe desvendássemos o segredo. Prefere a miséria aqui ou no deserto, à opulência aí. Saiba V. S.^a que seu irmão não gosta do Brasil.”

Quando acabei de ler a carta, no *fumoir* do meu amigo Azevedo, antigo cônsul da Dinamarca, eu tinha os olhos rasos de água.

– Canalha! Canalha! bradava o Azevedo como se tivesse sido roubado. Que achas disso? Vou-lhe mandar a roupa que aqui deixou! Não quero ouvir falar mais nesse malandro!

E, enquanto Azevedo vociferava, eu recordava outros casos dolorosos, outras conclusões fatais da educação de rapazes ricos do meu conhecimento, lembrava meninos fortes, adolescentes, vigorosos, mais estrangeiros na sua terra que os próprios estrangeiros, mais deslocados e frios no próprio lar que numa rua de Londres – produtos glaciais do esnobismo ou da tolice dos pais, que acabam odiando a própria pátria e renegando a família; eu resumia com amargura todos os exemplos desse grande problema da desnacionalização da classe elevada do Brasil, enquanto o Brasil é desnacionalizado pelas grandes correntes imigratórias...

– E diz V. que é preferível morrer a ter filhos? Que dirão então eles, homem de Deus, dos pais – que os puseram no mundo para não lhes dar nem família nem pátria? Que dirão eles dos pais?

Azevedo olhou para mim sem compreender, tomou um cálice de *port wine*, pigarreou, atirou-se no divã:

– Estou a ver que viraste sentimental. Não há problema nenhum. Um bandidozinho abandona a sua terra, a casa de seu pai, e julgas nosa a culpa? Parece até pilhéria. Vais ver entretanto como sou generoso. Mando-lhe a roupa e cem libras para endireitar-lhe a vida. Patife!

E fomos dali ver Mme. Yayá, antiga consulesa, que coitada! apesar do esnobismo de uma vida inteira, e apesar de afastada há muito do filho, tinha os olhos vermelhos de chorar...

NOVA VOCAÇÃO

Nada mais difícil que descobrir a própria vocação. Muitos cavaleiros, aliás trabalhadores, passam a vida acidentada à procura, sem resultado, de um ofício definitivo que se coadune com o próprio temperamento, e há indivíduos que depois de uma peregrinação pública por todas as profissões imagináveis morrem sem ter persistido em nenhuma. Admiro e respeito esses cidadãos em perpétua ânsia de sensações novas, e mais do que todos venero e estimo o cidadão Fortunato Gonzaga, homem de 42 anos, bom humor, filosofia complacente, que com o bom humor, os 42 e a filosofia, já passou por umas 20 profissões e ainda hesitava na vocação definitiva.

Fortunato Gonzaga foi com efeito solicitador, estudante, ator, artista de café cantante, organizador de reclamos, ensaiador teatral, jornalista, escritor, condutor de bonde, eleitor dos partidos dominantes, apontador de obras, moço bonito, empreiteiro, *clown*, engenheiro, carnavalesco, o diabo. Ultimamente, depois de ser pintor, oscilava entre a propaganda na Europa e um lugar nos trabalhos da Exposição.

Ontem, tive o prazer de encontrar o interessante homem.

– Então, já foi nomeado?

– Para quê?

– Para a Exposição, para a Europa...

– Qual! não penso mais nisto. A minha vocação é outra. A minha vocação é a vocação nacional. O amigo ri, porque não quer compreender a minha filosofia e os meus estudos. Eu sou um psicólogo social.

– Outra vocação.

– Por diletantismo apenas, mas vocação não rende muito.

– Daí?

– Daí guiar-me pelas correntes sociais da nação. É bonita a frase, hein? Ora, a nossa nação (o cavalheiro deve saber) tem oscilado, como eu, neste negócio de vocação. Qual é a vocação nacional? Ninguém sabia, ninguém sabe até agora, senão eu, que estudo e aprofundo estas questões.

A primeira vocação, que o Brasil imaginou ter, foi a agrícola. Vem dessa ilusão a frase amargamente irônica: o Brasil é um país essencialmente agrícola. Também logo depois dessa tamanha mentira, criou-se um qualificativo para a agricultura: a abandonada. De modo que o país começou logo por abandonar a vocação, e até hoje é o caso único de indemissibilidade por abandono de emprego.

Depois o país teve a irreprimível vocação republicana, para cair na vocação patriótica, uma vocação muito interessante de que eu também fiz parte: A América é dos americanos, o Brasil é dos brasileiros, etc., rolos, *meetings*, jacobinismo. Mas essas eram propriamente vocações transitórias, passageiras. As duas grandes correntes do país eram o bacharelismo e a poesia. Toda a gente neste país ou é doutor ou é poeta, e às vezes os doutores são também poetas e os poetas são chamados de doutores.

Neste período da minha vida, passei atrozés crises de consciência. O cavalheiro não imagina como custa seguir a vocação de seu país. Eu consultava veneráveis pais de família:

– Doutor, que vai fazer de seus filhos?

– Homem, o José quer ser doutor em engenharia; o Dudu mais o Maneco doutores em direito, e o Tônico vou fazê-lo médico. É uma vocação.

– Que idade tem o Tônico?

– Quatorze meses, mas bebe os remédios sem torcer o nariz e a sua mania é tomar o pulso à ama.

As próprias meninas entravam nessa propensão nacional. Uma vez que eu tentava a vocação de contínuo do Ginásio, contei, fazendo exames de preparatórios, 60 meninas que se destinavam ao doutoramento, abandonando a costura pelos autos e os direitos do lar pela arte de formular e pela álgebra.

Em compensação, a corrente poética era tão intensa quanto a doutoral. Durante dois meses em que me exercitava como garçom de café, no Brito, contei de passagem pelas mesas recitando poesias, pelo menos 10 mil poetas, que oscilavam entre os 10 e os 40 anos de idade.

Que fazer? Ser poeta ou doutor? Não seria eu o primeiro garçom que resolvesse alçar-se a esses títulos de colega de Virgílio, de Miguel do Couto, do Frontin ou do conselheiro Rui Barbosa. Mas eu tenho escrúpulos e a confusão era grande. Quando eu chamava um cavalheiro de poeta, ele dizia:

– Poeta, eu? Eu sou doutor! Poesia é diversão...

E se atacava outro:

– O senhor é um bacharel de mão cheia!

– Qual! respondia o homem, bacharel é a fatalidade. De vocação sou poeta.

O meu caso é idêntico ao do Guerra Junqueiro e ao de Mario de Alencar. De modo que eu, fazendo o giro das pequenas vocações, não sabia o que devia ser. Poeta ou doutor? Era esta a questão...”

Aí eu interrompi o poliprofissional Fortunato Gonzaga, homem de minha admiração.

– Mas Gonzaga, realmente, pela estatística, a verdade é patente. O país é essencialmente bacharel e poeta. Como o Brasil é grande, a vocação é dupla. Só vejo um meio: adotares nos cartões a poesia e o doutoramento.

– Qual! bradou ele. Depois disso o país atirou-se todo, definitivamente, a uma nova vocação: a de fazer conferências. Toda a gente fazia conferências de Botafogo à Saúde, do Amazonas ao Prata. Não havia cavalheiro ou dama que não fosse conferente, conferencista ou conferencionista. Bom! estamos no país das conferências! dizia eu, e logo lancei em tiras largas o título da primeira oração, destinada a um grande êxito: *A minha vida privada*. O público havia de interessar-se vivamente com a minha vida, e além do mais privada.

Mas, quando eu já anunciara a palpitante conferência, com o meu nome, o meu pseudônimo e a promessa do batalhão de infantaria da Marinha, para tocar no saguão, as conferências começaram a não se realizar, por falta de concorrência, e um moço elegante assegurou-me:

– *Cher* Fortunato, conferências não são mais *up to date* nem *smart*. Moda, o chique, *sweetheart*, é o *corso*, é vestir bem, é dar *five-o-clocks*. Você não é um homem *derniers ressorts*, é pouco *petrolette*...

Não compreendi muito bem o esperanto no primeiro momento, mas depois os jornais eram de ponta a ponta escritos nesta linguagem, e eu verifiquei por uma crônica fulminante do Sr. Antonio Salles, que tudo isso se chamava *esnobismo*.

Esnobismo! ai de mim! Era outra vocação nacional! Toda a gente era *esnobe!* Que país! Decididamente, com entusiasmo, inaugurei uma *Virginia smoking conversa nove* no sótão que tem a honra de ser habitado por mim na Rua Fresca; e estava resolvido a ser por vocação *esnobe*.

Mas, chegando a este ponto, entrou-me pelos olhos, a única, a verdadeira vocação nacional!... É dar um passeio por este tempo de férias e é encontrar um colégio em festa. Cada colégio tem um fardamento. Os meninos marcham de carabina ao ombro; há coronéis de seis anos com o peito mais coberto de medalhas que as fotografias do falecido Herval. Aonde o cavalheiro vá, encontra uma farda, uma fardinha, uma fardeta. Há uma infinidade de bordados no ar. Os próprios institutos de ensino civil passam fardados pela Rua do Ouvidor, com um garbo de meter inveja às legiões do Kaiser. Tudo indicava neste país a vocação militar até nas crianças, que logo depois de andar querem uma espada e uma pistola. Mas isso ainda não tinha sido dito em letra impressa quando o Sr. Victorino Monteiro e o general Pires Ferreira, muito em breve marechal, resolveram afirmar que este país, apesar de erroneamente agrícola, necessita de soldados, de muitos soldados. E esta afirmação foi a luz, foi a revelação para a minha alma atribulada. Achar, caro amigo, a única, a primeira, a excelente vocação, a vocação nacional, depois de 42 anos de luta e de estudos.

– Vai ser então soldado, Gonzaga?

Fortunato Gonzaga empertigou-se digno:

– Que pergunta! Há muito que eu o era por diletantismo, como toda a Nação, cavalheiro. Eu sou da guarda nacional...

O BARRACÃO DAS RINHAS

A cerca de cem metros da estação do Sampaio fica o barracão. Quando saltamos às três da tarde de um trem de subúrbio atulhado de gente, íamos com o semiassustado prazer da sensação por gozar. Era ali, naquele barracão, que se cultivava o esporte feroz das brigas de galos. Eu já estava um pouco fatigado dos *matches* de futebol, dos *law-tennis* familiares, da ardente pelota basca, de toda essa diversidade de jogos a que se entrega o cidadão civilizado para mostrar que vive e se diverte. A briga de galos seria um aspecto novo, tanto mais quanto, como nos tempos dos Césares, o prazer do chefe deve ser o prazer aclamado do povo...

Logo à entrada, impressionou-me a multidão. Eram todos homens, homens endomingados, de cara tostada de sol, homens em mangas de camisa, apesar da temperatura quase outonal, rapazolas com essas caras de vício que parecem ter tido uma prévia educação de atos ilícitos extraterrena, velhos cegos de entusiasmo, discutindo, bradando, berrando, e cavalheiros graves, torcendo o bigode, pálidos. Como que fazendo um corredor, dois renques de gaiolas, com acomodações para 48 galos, todas numeradas. Através das telas de arame eu pressentia a agitada nervosidade dos animais, talvez menor que a nevrose daquela estranha gente. Um cheiro esquisito, misto de suor, de galinheiro e de folhas silvestres, empapava a atmosfera dou-rada da tarde. Ao centro da grande praça, cujo capim parecera arran-

cado na véspera, quatro circos de paredes acolchoadas, sujas de poeira, de luz e de manchas de sangue. Entre o segundo e o terceiro circo, com uma face de julgador de baixo relevo egípcio, um sujeito imponente escreve num livro grande, e tem diante do livro uma balança memorável e uma ruma de pesos.

Atrevo-me a perguntar a um cidadão:

– Quem é aquele?

– É o Porto Carreiro, o diretor e o juiz.

– E a balança?

O cidadão olha para mim, sorri cheio de piedade.

– A apostar que o sr. não conhece a briga de galos?

– Exatamente, não conheço.

– A balança é para pesar os galos. Este gênero de diversão tem os seus *habitués* distintos. Olhe, por exemplo, o Ex.^{mo} Sr. General Pinheiro Machado, o poeta Dr. Luiz Murat.

– Eles estão aí?

– Vamos agora mesmo ver uma briga de um galo do Dr. Murat, pelo qual S. S.^a rejeitou 120 mil réis. Estão no botequim.

Acompanhei o cidadão até ao fundo, – um tosco balcão encostado à parede, em que se vendiam, sem animação, café, sanduíches com cara de poucos amigos, e uma limitada série de bebidas alcoólicas. Lá estava, com efeito, olímpico e sereno, com a melena correta e um ar elegantemente esgalgado, o general dominador. Ao lado, de sobrecasaca, pálido e grave, o poeta das *Ondas*; e, gritando, discutindo com tão altas personalidades da política e das letras, cavalheiros que me apontavam como sendo o dr. Teixeira Brito, o dr. Alfredo Guimarães, o Manuel Pingueta, charuteiro, o Morales, o Teixeira Perna de Pau, o Rosa Gritador, o Manuel Padeiro... Era democrático, era bárbaro, era pandemônico. Na algazarra, o sr. Rosa parecia um leiloeiro a ver quem dá

mais na hasta pública, e reparando bem, eu vi que além da turba move-diça do campo, havia uma dupla galeria cheia de espectadores.

Ia começar uma briga. – Vou todo no *Nilo*, berrava um sujeito. – No *Frei Satanás*, no *Frei Satanás!* bradavam lá longe, faço jogo no *Frei Satanás!* contra qualquer outro. – É gabarolice! – É perder. – Jogo no *Nilo!* No *Nilo!* Cuidado, olha o que te aconteceu com o *Madressilva*. *Nilo! Nilo!* A grita era enorme.

– Que *Nilo* é este? indaguei ao mesmo cidadão.

– Não é o Peçanha, não senhor. É outro, é um galo.

– Os galos aqui têm nome?

– Está claro. Olhe, o *Frei Satanás* é um galo de fama. Agora há o *Madressilva*, o *Nilo*, o *Rio Nu*, o *Fonfom*, o *Vitória*, o *General*...

– Ah! muito bem, é curioso.

O cidadão tornou a olhar-me com pena, e disse:

– Venha para perto. Vão realizar-se os dois últimos combates.

Os dois últimos combates realizavam-se nos circos número dois e número três. No três deviam soltar *Frei Satanás* contra *Nilo*, e no dois, *Vitória* contra *Rio Nu*. Furamos a custo a massa dos apostadores, para chegar à mesa do juiz, que me deitou um olhar de Teutates, severo e avaliador. E no meio de um alarido atroz, diante da política, das letras, do proletariado, da charutaria, e de representantes de outras classes sociais, não menos importantes, começou o combate do circo dois.

Oh! esse combate! Os dois galos tinham vindo ao colo dos proprietários, com os pescoços compridos, as pernas compridas, o olhar em chama.

Tinham-nos soltado ao mesmo tempo. A princípio os dois bichos eriçaram as raras penas, ergueram levemente as asas, como certos mocinhos erguem os braços musculosos, esticaram os pescoços. Um em frente do outro, esses pescoços vibravam como dois estra-

nhos floretes conscientes. Depois um aproximou-se, o outro deu um pulo à frente soltando uns sons roucos, e pegaram-se num choque brusco, às bicadas, peito contra peito, numa desabrida fúria impossível de ser contida.

Não evitavam os golpes, antes os recebiam como um incentivo de furor; era dilacerante ver aqueles dois bichos com os pescoços depenados, pulando, bicando, saltando, esporeando, numa ânsia mútua de destruição. Os apostadores que seguiam o combate estavam transmutados. Havia faces violáceas, congestas, havia faces lívidas de uma lividez de cera velha. Uns torciam os bigodes, outros estavam imóveis, outros gritavam dando pinchos como os galos, torcendo para o seu galo, acotovelando os demais. Uma vibração de cóleras contidas polarizava todos os nervos, anunciava a borrasca do conflito.

E os bichos, filhos de brigadores, nascidos para brigar, luxo bárbaro com o único instinto de destruição cultivado, esperneavam agarrados à crista um do outro, num desespero superagudo de acabar, de esgotar, de sangrar, de matar. No inchaço purpúreo dos dois pescoços e das duas cristas, as contas amarelas dos olhos de um, as contas sanguiinolentas dos olhos de outros tinham chispas de incêndio, e os bicos duros, agudos, perfurantes, lembravam um terceiro esporão, o esporão da destruição.

De repente, porém os dois bichos separaram-se, recuaram. Houve o hiato de um segundo. Logo após, sacudiram os pescoços, e, fingindo mariscar, foram-se aproximando devagar. Depois o da esquerda saltou com os esporões para a frente. O outro parecia esperar a agressão.

Saltou também de lado, simplesmente, na mesma altura do outro, e quando o outro descia, formou de súbito pulo idêntico ao do primeiro com os esporões em ponta. Foram assim, nessa exasperante capoeiragem, até ao canto do circo. Era a caçada trágica dos olhos, o golpe da

cegueira. Os dois bichos atiravam-se aos olhos um do outro como supremo recurso da vitória. E a turba expectante, vendo que um deles, quase encostado ao circo, tolhido nos pulos, só tinha desvantagem, cindiu-se em dois grupos rancorosos.

– Não pode! não pode! – Isto assim não vai.

– Estai a ver que perdes! – Ora vá dormir!

– Segura *Frei!* Segura, *Nilo!* – Bravos! Estúpidos! É ele! – Ora vá dormir! – Espera um pouco! E no rumor de ressaca colérica, a voz do Rosa Gritador tomava proporções de fanfarra, a berrar: Ora vá dormir! Ora vá dormir!

O juiz, entretanto, consultara o relógio. Já passara o prazo de quinze minutos. Ia borrifar os lutadores com água e sal. Isso interromperia a rinha. Os que pendiam para o galo a se debater entre o inimigo e o acolchoado do circo começaram logo a aplaudir; os outros gritaram: não pode! A celeuma ameaçava acabar em “rolo”. O juiz foi inflexível – borrifou. A luta interrompeu-se, os dois galos voltaram para o meio da arena. Mas como acontece, às vezes, realizar-se mais depressa aquilo que muitos desejam evitar, a rinha travou-se logo com redobrada violência e uma fúria de extinção que não deixou dúvidas.

Os dois galos pulavam, bicavam-se, pulavam, um de frente do outro, medindo os efeitos, tomando medida do espaço numa alucinante movimentação do pescoço, – para arremeter às esporas. E iam rodando, iam voltando lentamente, porque ambos fugiam da parede do circo e ambos desejavam encostar o adversário ao acolchoado para mais facilmente furar-lhe os olhos.

Esse desespero durou três minutos, no máximo. De repente, o menos alto abriu o bico que fendera, e sangrava, pareceu decidir-se ao impossível e correu para o outro numa série de saltos consecutivos, imediatos, instantâneos, que o encostaram, o deixaram sem defesa,

aturdido. E aí, continuou, continuou, esporeando-lhe o pescoço, a princípio, depois o crânio, depois o bico e, finalmente, de repente – um dos olhos. Quando o sangue espirrou, um urro sacudiu a massa bárbara. O galo triunfante descrevia hemiciclos exaustos na arena, aparentando a vitória e o outro cego, num horrendo e horrível furor, atirava-se, bicava o ar, procurava o inimigo. Vão-se matar! Vão-se matar! bradavam uns. – Deixa, deixa! Quem venceu? inquiriram outros. Para que servem mais? Deixa? Deixa!

O galo cego conseguira agarrar a crista em sangue do seu vencedor e feriu-a, feriu-a metendo-lhe as esporas ao acaso, até que o largou tão cheio de terror, que o outro fugiu, recuou, fechou as asas, procurou sumir-se.

O cego, então, sentindo a derrota alheia, soltou um cocoricó cheio de rouquidão e de orgulho. Dois homens, os proprietários, precipitaram-se. Estava terminada a luta.

– Mas é estúpida e bárbara esta coisa! bradei eu na algazarra do povaréu ao cidadão informador.

– Acha?

– Acho, sim.

– Pois os circos galísticos estão muito em moda na Espanha.

– Que tenho eu com isso?

– E o general Machado gosta.

Não discuti. O sujeito desaparecera. No circo três, ia começar outra luta. Mas muita gente saía – os proprietários dos ex-valiosos galos, o poeta das *Ondas*, o general Pinheiro. Rompi a multidão a custo, e, já na rua, encontrei de novo o cidadão informante que caminhava gravemente atrás da poesia e do senado, carregando o galo sem bicos.

– Era seu o animal!

– Não senhor. Eu venho às rinhas para comprar os “bacamartes”. Este seu bico valia 200 mil réis há duas horas. Comprei-o por mil e

quinhentos réis e como-o amanhã ao almoço. O sr. não gosta de galos?

– Muito, principalmente dos galos que se limitam a anunciar a madrugada e a fazer ovos.

E com o sujeito do galo, logo atrás do poeta das *Ondas* e do vencedor dos pampas, deixei para todo o sempre a sensação feroz do barracão das rinhas. Tinha ganhado o meu dia. Entrevira o esporte de manhã em toda a cidade – se o *Bloco* foi até aos esportes, ou não acabar os seus grandes intuitos políticos antes da vitória definitiva de qualquer esporte.

A VALORIZAÇÃO DAS PALAVRAS

Conheço, há cerca de quatro anos, um cavalheiro da mais fina sociedade, que tem uma especial maneira de mostrar a sua amizade. Quando começa a gostar da gente, é certo dizer, naturalmente, em público:

– Então como vais, patife?

Se a vítima não reage, um mês depois o cavalheiro está de uma absoluta inconveniência. Esteja onde estiver, abre os braços e brada:

– Grande animal, então como vai a infame carcaça? Tu és mesmo um miserável! Preparei-te outro dia um jantar que te mataria a fome atrasada e tu, ladrão, fugiste.

Esse cavalheiro tem alguns amigos íntimos. Ouvi-los é ouvir os insultos mais soezes das vielas sórdidas, é pasmar horrorizado diante de um vocabulário estranho e macabro, em que o insulto se contorciona em expressões fundamentalmente inéditas. Após duas ou três sessões de tão imprevisito conversar, resolvi fugir da amizade incipiente do cavalheiro, e nada pode exprimir o meu terror, uma vez, nos corredores do Lírico, ao ouvi-lo berrar:

– Ó miserável, então não me falas?

Há dois dias, porém, como tomasse um *tramway* do Jardim Botânico, depois de estar sentado no banco, depois de ter aberto um jornal, depois de começar a lê-lo, ouvi ao meu lado uma voz amável:

– O ilustre amigo vai bem?

Voltei o rosto e tive uma exclamação fria, uma dessas exclamações esquisitas em que o pasmo se revolta do imprevisto. Era o tal cavalheiro, correto, elegante, corado, bem disposto.

– Não o tinha visto...

– Felizmente. Se o senhor me tivesse visto, certamente não estaria a meu lado...

– Oh! por quem é! Até com prazer...

– E eu não lhe daria uma explicação que conservo engatilhada há muito tempo.

– Uma explicação?

– De certo. O meu ilustre amigo começou a evitar-me logo que eu comecei a chamá-lo de patife. Evidentemente foge de mim.

– Eu?

– Não negue! Ora, é preciso que eu lhe explique a razão dessa minha esquisitice.

Olhou para todos os lados, receando ser observado, curvou-se para o meu ouvido e murmurou:

– Eu sou um homem sincero.

Olhei para todos os lados, abri mais os olhos, ferrei-os bem no cavalheiro e sussurrei assombrado:

– Que me diz?

– A verdade. Sou o último abencerrage desse antigo sentimento. Como deve saber, é difícil um homem viver com qualidades extraordinárias. Eu vivia na sociedade como um emparedado. Situação de tal forma anormal desenvolveu-me estranhas qualidades de observação e de psicologia. Da observação à fantasia vai um passo – da psicologia à metafísica menos do que isso. A acuidade dos meus nervos dava-me o estado de subdelírio em que os grandes vates compõem os poemas épicos e os filósofos redigem os seus ensinamentos. Não compus poe-

mas nem redigi ensinamentos. Fiz bem, porque ninguém mos leria. Mas cheguei por deduções fatais a estudos sobre a transmutação dos valores das palavras.

– A transmutação dos valores das palavras? repeti dobrando o jornal, meio enleado e meio grave.

– Acha curioso, pois não? É um estudo em que a filologia, a história, a filosofia, a sociologia se confundem. Apesar disso é claro. A palavra tem uma vida própria. Há palavras que com o tempo chegam a mudar de sexo.

– Há pessoas assim?

– Pois, decerto. As palavras são mesmo andróginas. Se folhear um elucidário, verá o senhor que algumas por aí pimponas perderam por completo a significação primitiva; se as observar na vida comum, terá a certeza de que o valor expressivo de cada uma se transmuda com o tempo, os costumes e os usos. É que as palavras de muito empregadas estalam, deixam de comportar a ideia primitiva que encerravam. “Miserável”, por exemplo, perdeu da sua ferocidade. Em compensação: “caro e ilustre” – já não têm mais cor. “Ladrão” era atroz. Hoje “ladrão” tem várias significações. “Meu ladrãozinho” – numa entrevista amorosa, é amável. “Ai que ladrão!” – quando um sujeito faz um passe bem feito, é um elogio. A múltipla sinonímia de “gênio”, esfarelou-lhe o valor potencial. A humanidade faz agora a grande reforma da significação das palavras.

– É realmente curioso.

– Muito obrigado. Eu estava exatamente nesta fase dos meus estudos quando o conheci. Repugnava-me tratar, como toda a gente, o próximo de: – meu bem, minha flor, meu coração, ilustre, caro, querido – eu que já lhes sentia a desvalorização da significação. Daí o arranco reformador do meu estilo íntimo, aquela abundância de palavras que os nossos avós julgavam insultuosas, mas que em breve futuro serão de elogio.

– Os tais patifes, miserável, infame?

– Exatamente. Na palavra tudo vai da inflexão. A inflexão é a alma do som. Parta do princípio, da interjeição, do “oh!” fundamental! “Oh!” é terror, é asco, é assombro, é carinho, é dor, é mágoa, é amor; “oh” é tédio e pode ser vontade de dormir...

– Mas o senhor é delirante!

– Quando eu lhe digo que as minhas observações nascem de um estado de subdelírio! Entretanto há um fato positivo em tudo isso – a desvalorização dos adjetivos.

– É de espantar, agora, nesta época de valorizações.

– Mas às palavras acontece o que aconteceu ao café. O abuso e o excesso é que fazem a desvalorização.

E sério, grave, o cavalheiro tomou do jornal que eu tinha entre as mãos, indagou como um professor:

– Que julga o senhor uma coisa surpreendente?

– Uma coisa maravilhosa, nunca vista!

– Pois façamos a leitura desses anúncios. Há hoje no “Moulin Rouge” um espetáculo. Esse espetáculo vai ser surpreendente.

– Ora esta!

– Cá está. E com uma grandiosa estreia, igual a todas as outras, de dois tocadores de pandeiros, denominados panderetólogos, que se dizem afamados apesar de não serem conhecidos senão do empresário. Haverá mais um ruidoso sucesso de um duo que canta para as cadeiras vazias. Veja o senhor – panderetólogos, afamados, grandes, grandiosa, ruidoso – palavras que perdem a sua significação. Passemos à companhia lírica. Cá está o Tornesi indigitado como notável, uma senhora modesta arrebicada com o título de célebre, e se formos mais adiante encontramos uma comédia denominada magnífica... É Tartarin-Reclamo como um menino insolente,

espalhando as palavras e prostituindo-lhes a significação. Quer ir às páginas de redação?

– Oh! não...

– O senhor sabe melhor do que eu a desvalorização do adjetivo nessa colmeia de progresso. Há horrores gentis, há gatunos honrados, há desconhecidos célebres. É a desvalorização – não só aqui como em toda a parte do mundo. O produto barateado e abundante está desvalorizado. Por isso já ninguém se comove quando é chamado de ilustre ou de distinto. Eis porque eu trato os meus pelas palavras de amabilidade futura.

O cavalheiro dobrou o jornal, entregou-mo, grave e sério. O *tramway* chegava à Avenida Central.

– Tenho razão?

– O senhor ou é doido ou é um admirável observador.

– Sou doido. Admirável observador é toda a gente. Posso então tratá-lo com sinceridade?

– Pode.

Saltamos. A estação estava cheia. O cavalheiro agarrou-me da mão.

– Adeus, patife!

– Adeus, infame!

E cada um de nós, depois desse desabafo íntimo e valorizador, mergulhou na sociedade – onde as palavras de elogio começam a perder a sua antiga significação.

O DITO DA “RUA”

Há agora pelas ruas da cidade um novo dito do populacho. Esse dito é ouvido em cada canto e não exprime particularmente coisa alguma. É antes uma das mil faces da irreverência arrogante da canalha. O malandro para, ginga, diz mordaz:

– E eu, nada?

É a sarjeta impondo-se, é o riso despreocupado do garoto estabelecendo por troça o seu alto lá! invasor de último estado prestes a liquidar os superiores. Nada mais irônico, de chocarrice mais áspera. O cavalheiro conta uma mentira e sente a interrupção corrosiva: – E eu, nada? O cavalheiro leva uma conquista, e por trás ou de cara desnorteia-o a frase: – E eu, nada? O cavalheiro ganha ao jogo, esbraveja, tem sorte, deplora-se, elogia-se. A frase vem como o obstáculo: – E eu, nada?

E eu, nada? para todas as coisas pergunta camaleão, último grito da língua verde e do calão!

E eu amo o calão. Propriamente, cada classe social tem o seu calão como as profissões o têm, original e exclusivista. Um idioma é uma floresta extensa com uma infinita variedade de espécies botânicas. O empregado público fala de certo modo, o militar de outro, os pintores também de outro. Há grandes famílias: o calão dos gatunos e assassinos, o calão do *high-life*, o calão do meretrício. Um observador penetrante, Raul de Le Grasserie, assegura que a “glosa”, isto é, o calão, não

passa de ser o refletor poderoso da moral que o inventa, e de quem o emprega correntemente. É o instinto criptológico, o instinto animal perseguido que leva o criminoso a refugiar-se no segredo de uma linguagem misteriosa; é o desejo do concreto, a necessidade de materializar, de “ver” as ideias, que forma a “cataglosa”, ou a maneira de falar da gente baixa; é a oecoglosa, a expressão habitual dos burgueses; é o desejo de grupar, de excluir importunos, o amor próprio de se reconhecer por um certo costume oral, de se distinguir, de fazer mundo à parte, que cria o calão da gente chique.

O calão é a seleção natural das espécies sociais; e, ao ouvir um veranista de Petrópolis ou um frequentador do Lírico, pode-se afirmar que o seu falar *select* é tão calão como as piadas imprevistas dos malfeitores da Gamboa ou dos rufiões da Rua de São Jorge.

Como, porém, há calão e calão, o da canalha é para mim muito mais curioso pela dose admirável de psicologia latente e pela maneira por que se impõe. O número, a quantidade, assoberbam fatalmente e obrigam o domínio do calão canalha. Não há memória de uma frase, de um qualificativo de salão que chegue à rua sem perder a significação. A ralé invade tudo com esse turbilhão de qualificativos e de frases que tudo exprimem, e nascem, morrem, brotam em novas frases, incessantemente. Nos ditos que correm as ruas verifica a gente que as cidades ainda são verdadeiras moradas da alegria...

Nós podemos fazer aqui um aprofundado estudo de raças e de costumes apenas com estas chispas vivas da língua verde. Não há comparável em expressão. O debique, a troça, o pouco caso, a despreocupação, a blague, a inteligência parecem juntar-se para fazer um desses ditos. O dito sai espontâneo, pega, porque tem uma certa cadência, uma certa correlação com o ambiente, e não há um cuja vida efêmera não seja a vibração de um látego.

O primeiro valdevinos que indagou:

– Quem foi que disse que eu chorava?

Devia tê-lo dito a gingar, mãos abertas, batendo a chinela entre desafiante e desprezador.

É o mesmo caso dessa outra frase, que parece um gesto de braço espalhando gente: “– Se há diferença, desmancha-se já!” Com meia dúzia de ditos da rua constrói-se o malandro carioca. Ele entra onde reina o rolo, diz logo:

– Não há novidades. O delegado é o mesmo!

O delegado é o mesmo! Como não há de pegar uma frase de síntese de tal ordem? O delegado é o mesmo, isto é, continua camarada, se for preso sai logo, o homem fecha os olhos, arruma e não pensa no dia de amanhã – o delegado é o mesmo, do mesmo relaxamento... Mas é admirável!

Se vem alguém com conversas e “presepadas”, o malandro chupa o cigarro, balança o corpo e tem três frases, que são como relhadas. A primeira é de deboche:

“– Talvez te escreva...”

A segunda acentua-o:

“– Não venhas de borzeguins ao leito.”

A terceira é mais grave:

“– Não sei ler, meu chefe!”

É definitivo. Não vai, não quer compreender. A imagem é de uma evidência absoluta. E, quando o outro se encoleriza, estas três palavras: “Suspenda o pranto!...”

“Suspenda o pranto!” é talvez melhor que “o delegado é o mesmo”.

Muitas dessas frases vêm de certos hábitos que os malandros quase não usam. É curioso saber que nas rodas baixas o aperto de mão jamais tem a significação do nosso meio. Na gente reles é um contato raro e

sem expressão; entre capoeiras, rufistas e jogadores de vermelhinhas, chega a não existir. Dois malandrins podem atravessar uma rua inteira de mãos dadas como crianças. Nunca as apertam quando se encontram. O cumprimento mesmo, a aproximação diária é seca, fria, desconfiada ou inexistente. Daí todas essas expressões de “blague” e de escárnio, exagerando o cumprimento, que se tornaram ditos populares.

“— Como passou, já se casou? A feridinha do pé já sarou? Batizou o filho e não me convidou!”

E com as mulheres, apesar do dengue, conservam a troça:

“— Gente, carapicu tem dente que morde a gente! Menina, o trem na curva apita? Está bom, deixe, quando papai vier, mamãe faz queixa...”

Nasce-lhe da incompreensão do gesto todo o sabor da frase, e é aí, na dificuldade de compreender que, como dizem eles, — o *Chico chora...*

Nesse torvelinho de frases, algumas vivendo dias apenas, outras imortais, há um certo número de expressões típicas, de filosofias de sarjeta em três palavras, quase imortais. Ninguém sabe quem as disse primeiro, ninguém sabe a sua primeira significação. O fato é que servem para tudo, amoldam-se em casquinada a todas as coisas, e são por exemplo aquele: “oh! ferro! nunca vi tanto aço” de que a cidade vivia cheia há três anos, o imprevisto “cheirava-te”, e esta agora: “— E eu, nada?”

“E eu, nada?” é uma frase que pinta um gesto, uma situação, um momento. O reverso desta formidável época de avanço não pode ser outro senão a indagação de alto lá! irônica e debochativa: “E eu, nada?”

No amor, no gozo, no prazer, no trabalho, na ambição, na glória, no mando, os que chegam depois, com algum atraso, e não têm coragem para jogar a cabeça, têm na ponta da língua a frase fatal.

O general Pinheiro Machado, vendo que lhe tomam tudo, toca para Campos, cruza os braços:

“– E eu, nada?”

Os meninos do jardim de infância veem a rédea na mão dos velhos. Cada um por si exclama:

“– E eu, nada?”

O conselheiro Afonso Pena assiste, impassível, ao entusiasmo dos seus secretários. No fim, diz:

“– E eu, nada?”

A frase pode ser a divisão de metade maior, como dizem as crianças, quando pedem a repartição de um bolo, porque a humanidade sempre se dividiu numa parte que come, e na outra que espera a vez. A que espera a vez está mesmo a dizer o “– E eu, nada?”

Frases tais valem por poemas e por tratados de sociologia. Quem a fez? ninguém sabe. Nascem do anônimo, o anônimo fá-la saltar ao ar de toda a parte, por todos os cantos, e agora, no Rio, cidade de ambições desvairadas, de riso, de troça, de luxúria, para todas as coisas, só há uma frase: “– E eu, nada?” pergunta camaleão, último grito dos sem vintém, da língua verde e do calão!

A DECADÊNCIA DOS CHOPPS

Outro dia, ao passar pela Rua do Lavradio, observei com pesar que em toda a sua extensão havia apenas três casas de *chopp*. A observação fez-me lembrar a rancorosa antipatia do malogrado Artur Azevedo pelo *chopp*, agente destruidor do teatro, e dessa lembrança, que evocava tempos passados, resultou a certeza profunda da decadência do *chopp*.

Os *chopps* morrem. É comovedor para quantos recordam a breve refulgência desses estabelecimentos. Há uns sete anos, a invenção partira da Rua da Assembleia. Alguns estetas, imitando Montmartre, tinham inaugurado o prazer de discutir literatura e falar mal do próximo nas mesas de mármore do Jacob. Chegavam, trocavam frases de profunda estima com os caixeiros, faziam enigmas com fósforos, enchiam o ventre de cerveja e estavam suficientemente originais. Depois apareceram os amigos dos estetas, que em geral desconhecem a estética, mas são bons rapazes. Por esse tempo a Iwonne, mulher barítono, montou o seu cabaré satânico à Rua do Lavradio, um cabaré com todo o sabor do vício parisiense, tudo quanto há de mais *rive-gauche*, mais *butte-sacrée*. Ia-se à Iwonne como a um supremo prazer de arte, e a voz da pítia daquela Delfos do gozo extravagante recitava sonoramente as *Nevroses* de Rollinat e os trechos mais profundos de Baudelaire e de Bruant.

O *Chat-Noir* morreu por falta de dinheiro, mas a tradição ficou. Iwonne e Jacob foram as duas correntes criadoras do *chopp* nacional. As primeiras casas apareceram na Rua da Assembleia e na Rua da Carioca. Na primeira, sempre extremamente concorrida, predominava a nota popular e pândega. Houve logo a rivalidade entre os proprietários. No desespero da concorrência os estabelecimentos inventaram chamarizes inéditos. A princípio apareceram num pequeno estrado ao fundo, acompanhados ao piano, os imitadores da Pepa cantando em falsete a *estação das flores*, e alguns tenores gringos, de colarinho sujo e luva na mão. Depois surgiu o *chopp* enorme, em forma de *ball* com grande orquestra, tocando trechos de óperas e valsas perturbadoras, depois o *chopp* sugestivo, com sanduíches de caviar, acompanhados de árias italianas. Certa vez uma das casas apresentou uma harpista capenga, mas formosa como as fidalgas florentinas das oleografias. No dia seguinte um empresário genial fez estrear um cantador de modinhas. Foi uma coisa louca. A modinha absorveu o público. Antes para ouvir uma modinha tinha a gente de arriscar a pele em baiucas equívocas e acompanhar serestas ainda mais equívocas. No *chopp* tomava logo um fartão sem se comprometer. E era de ver os mulatos de beijo grosso, berrando tristemente:

Eu canto em minha viola
Ternuras de amor,
Mas de muito amor...

E os pretos barítonos, os Bruants de nanquim, maxixando cateretês apopléticos.

O *chopp* tornou-se um concurso permanente. Os modinheiros célebres iam ouvir os outros contratados, e nas velhas casas da Rua da

Assembleia, à hora da meia noite, muita vez o príncipe da nênia chorosa, o Catulo da Paixão Cearense, erguendo um triste copo de cerveja, soluçava o

Dorme que eu velo, sedutora imagem,

com umas largas atitudes de Manfredo fatal.

E enquanto o burguês engolia o prazer popular que lhe falava à alma, na Rua da Carioca vicejavam as pocilgas literárias, com uma porção de cidadãos, de grande cabeleira e fato no fio, que iam ouvir as musas decadentes, pequenas morfinômanas a recitar a infalível *Charogne*, de Baudelaire, de olhos estáticos e queixos a bater de frio...

Depois os dois regatos se fundiram num rio caudaloso. A força assimiladora da raça transformou a importação francesa numa coisa sua, especial, única: no *chopp*. Desapareceram as cançonetas de Paris e triunfaram os nossos prazeres.

Onde não havia um *chopp*? Na Rua da Carioca contei uma vez dez. Na Rua do Lavradio era de um lado e de outro, às vezes a seguir um estabelecimento atrás do outro, e a praga invadira pela Rua do Riachuelo a Cidade Nova, Catumbi, o Estácio, a Praça Onze de Julho... Os empresários mais ricos fundavam casas com ideias de cassinos, como a *Maison Moderne*, o *High-Life*, o *Colyseu-Boliche*, mas os outros, os pequenos, viviam perfeitamente.

Não havia malandro desempregado. Durante o dia, em grandes pedras negras, os transeuntes liam às portas dos botequins uma lista de estrelas maior que a conhecida no Observatório, e era raro que uma dessas raparigas, cuja fatalidade é ser alegre toda a vida, não perguntasse aos cavalheiros:

– Não me conhece, não? eu sou do *chopp*, do 37.

Oh! o *chopp!* Quanta observação da alma sempre cambiante desta estranha cidade! Eram espanholas arrepanhando os farrapos da beleza em *olés* roufenhos, eram cantores em decadência, agarrados ao velho repertório, ganindo o *celestes Aida*, e principalmente os modinheiros nacionais, cantando maxixes e a poesia dos trovadores cariocas – essa poesia feita de rebolados excitantes e de imensas tristezas, enquanto nas plateias aplaudiam rufiões valentes, biraias medrosas de pancada, trabalhadores maravilhados, e soldados, marinheiros a gastar em bebida todo o cobre, fascinados por esse vestígio de bambolina grátis.

Tudo isso acabara. O *High-Life* ardeu, a *Maison Moderne* cresceu de pretensão, criando uma espécie de cassino popular com aspectos de feira, os outros desapareciam, e eu estava exatamente na rua onde mais impetuosamente vivera o *chopp...*

Entrei no que me ficava mais próximo, defronte do Apolo. À porta, uma das *chanteuses*, embrulhada num velho *fichu*, conversava com um cidadão de calças abombachadas. A conversa devia ser triste. Mergulhei na sala lúgubre, onde o gás arfava numa ânsia, preso às túnicas Auer já estragadas. Algumas meninas com o ar murcho fariscavam de mesa em mesa consumações. Uma delas dizia sempre:

– Posso tomar groselha?

E corria a buscar um copo grosso com água envermelhecida, sentava-se ao lado dos fregueses, sem graça, sem atenção. Do teto desse espaço de prazer pendiam umas bandeirolas sujas, em torno das mesas havia muitos claros. Só, perto do tablado, chamava a atenção um grupo de sujeitos que, mal acabava de cantar uma senhora magra, reventavam em aplausos dilacerantes. A senhora voltava nesse momento. Trazia um resto de vestido de cançonetista com algumas lantejoulas, as meias grossas, os sapatos cambados. Como se não visse os marmanjos do aplauso, estendia para a sala as duas mãos cheias de

beijos gratos. E, de repente, pôs-se a cantar. Era horrível. Cada vez que, esticando as goelas, a pobre soltava um *mai piú!* da sua desesperada *romanza*, esse *mai piú!* parecia um silvo de lancha, à noite, pedindo socorro.

A menina desenxabida já trouxera para a minha mesa um copo de groselha acompanhado de um canudinho, e aí estava quieta, muito direita, olhando a porta a ver se entrava outra vítima.

– Então esta cantora agrada muito? perguntei-lhe.

– Qual o que! Até queremos ver se vai embora. O diabo é que tem três filhos.

– Ah! muito bem. Mas os aplausos?

– O sr. não repare. Aquilo é a claque, sim senhor. Ela paga as bebidas.

– E quanto ganha a cantora?

– Dez mil réis.

Saí convencido de que assistira a um drama muito mais cruel que o *Mestre de Forjas*, mas já agora era preciso ver o fim e como me tinham denunciado uma roleta da Rua de Sant’Anna, onde vegeta o último vestígio do *chopp*, fui até lá.

Chama-se o antro Colyseu-Bolicho. A impressão de sordidez é inacreditável. De velho, de sujo tudo aquilo parece rebentar, sob a luz pálida de algumas lâmpadas de acetileno. A cada passo encontra-se um brinquedo de apanhar dinheiro ao próximo e sente-se em lugares ocultos as rodas dos *jabusus* explorando a humanidade. No teatrinho, separado do resto da feira por um simples corrimão, havia no máximo umas 20 pessoas. Eram II horas da noite e um vento frio de temporal soprava. Junto ao estrado, um pianista deu o sinal e um mocinho lesto, de sapatos brancos, calça preta e dólma alvinitente, trepou os três degraus da escada, fez três ou quatro rapapés como se adejasse, e começou com caretas e piruetas a dizer uma cançoneta aérea:

Sabes que dos dois balões
O do Costa é maior
A minha afeição está posta
Cada um come do que gosta!...

Deus do céu! Era nevrálgicamente estúpido, mas a vozinha metálica do macaco cantador fazia rir dois ou três portugueses cavouqueiros com tal ruído que o pianista sacudia as mãos como renascendo de alegria.

Foi aí, vendo o último vestígio do passado esplendor dos *chopps*, que eu pensei no fim de todos os números sensacionais dos defuntos cabarés. Onde se perde a esta hora o turbilhão das cançonetistas e dos modinheiros?

Quanta vaidade delirante, quanta miséria acrescida! Decerto, a cidade, a mais infiel das amantes, já nem se recorda desses pobres tipos que já gozaram um dia o seu sucesso e tiveram por instantes o pábulo do aplauso, e, decerto, os antigos triunfadores ficaram para sempre perdidos na ilusão do triunfo que, sempre breve, é para toda a vida a inutilizadora das existências humildes.

JUNHO DE OUTORA

Na delícia perfumada destas noites de junho, tão luzentes d'astros, tão álacres de prazeres, há, no olhar das avós e no olhar das mães de todos nós, uma névoa de nostalgia. Que sentem elas quando a natureza se oferta cheia de graça e de abandono? Nenhum de nós indaga, nem tempo tem de indagar. Há um jantar elegante com espáduas nuas e casacas, na casa de um titular do Vaticano; a mulher de um alto financeiro espera-nos para não ouvir em qualquer teatro as estrelas viajantes; e talvez, após o teatro, tenhamos um baile do escol, ou — o que é pior! — uma ceia longa com pequenas caras. Como indagar as vagas tristezas silenciosas dos olhos das nossas maiores?

Entretanto, elas estão tristes e talvez não saibam por que — tristes recordações que ficam presas à vida como os farrapos de um nevoeiro, tristes da nostalgia, a última vibração do passado que se faz harmonia presente.

— Então, avó, não quererás ver hoje a opereta?

— Em junho, pequeno?

E, pobrezinhas! elas são, à beira dos costumes desaparecidos, como os espelhos mágicos da saudade. Curvai-vos para os seus olhos. Toda a história antiga do grande mês dos santos inverniais, modesta e caseira, desabotoa nas pupilas de cada uma. Olhai a sua face. A melancolia empalidece-a. Senti o seu coração. Chora decerto baixo, em surdina, ignorando porque chora. E as avós e as doces mães de 50 anos sen-

tem apenas a mente a recordar o mês de junho d'antanho, — mês de fogos e de frio, em que elas passaram crianças a pensar nos brincos, moças a pensar no futuro noivo, mããs a temer desastres para os filhos.

Ah! o mês de junho! Santo Antônio, São João, São Pedro, a Senhora Sant'Anna, a pureza dos lares com muito namoro, muitos foguetes, e bailes, e carás e melado, o encanto do céu todo aceso nas pupilas cegas dos balões soltos! Jesus! Há quanto tempo isso foi...

Certo, com algum esforço, nos lembramos que tivemos uma barrquinha ou uma cesta de fogos, com pistolões e rodinhas. Talvez no-la tivesse mandado o namorado da mana, hoje casado com outra e pai de rapazes já feitos. Era bom? Era como tudo que não volta mais.

Em algumas casas as meninas deitavam sortes, enquanto os rapazolas enchiam balões. E era a gota de chumbo quente indicando o futuro e a clara de ovo ao sereno mostrando se as pequenas partiam para a catedral ou para o cemitério. Como era grave a análise e quanto riso de diamante se desnastrava no ar, sonoro e meigo! Depois, entre o baile e a ceia — a ceia tradicional com melado, havia o fogo, o sagrado esplendor do fogo com fogueiras altas para se pular e chuvas de ouro líquido e chispas de rodinhas, e jorros de rojões, e tiros coloridos de pistolões da Pérsia. E a animação, a alegria, mãos que se tocavam, com o pretexto de arrebatar as pistolas, beijos vagos aproveitando a ocasião de amparar uma queda...

Quantas vezes, a cair de sono e carrancudos, fomos ao colo da avozinha!

— Mas, o que temos? O José que não te quer dar as rodinhas? Espera, meu filho...

E a boa senhora lá ia tirar rodinhas para queimarmos em honra de Santo Antônio, que lhe dera, em moça, um marido, e, em velha, a luz daqueles netos.

Um baile de junho! Ai! como os rapazes daquele tempo gostavam e aproveitavam! Não havia cartões de convite com termos em inglês, nem *cotillons* e *flirts*. Os burgueses convidavam “para uma brincadeira lá em casa”. A dona do lar talvez aparecesse de matinê, mas a ceia era farta, estava-se como na própria casa e a alegria simples parecia rir em cada lábio e em cada olhar. Fora, no quintal ou no jardim, os meninos pintavam; na sala, a valsar, as moças namoravam, e o fogo era dentro e fora de casa, porque havia os fogos de salão, a fonte *bouquet*, a chuva de ouro, e prata, as pérolas Fontaine, as serpentes voadoras, os fósforos elétricos, as cobrinhas de Faraó, as borboletas e as estrelinhas, reben-tando com um leve ruído de seda, estrelas como que feitas de seda luminosa... As borboletas davam um estalo e tinham um verso. Serviam para o namoro, o puro irmão mais velho desse doente *blasé* que se chama o *flirt*.

– D. Maria, quer puxar?

– Vá lá.

Um estalo, e saía o verso:

Cupido exige de todos
Um penoso sacrifício
Se quer assim, vamos bem
Mas se não quer, outro ofício.

Gargalhadas... arrufos, inquietações... Havia versinhos intrigantes:

As pessoas que vos amam,
Que só sabem vos gabar,
Dizem que de vós segredos
Já ninguém pode fiar.

Havia indiscretos:

Oh! quanto prazer te deu
Meu coração inflamado!...

Havia até patriotismo nas quadras:

É tão grande pela Pátria
Este vosso fanatismo,
Que não há quem não respeite
O vosso patriotismo.

Essas tolices todas aprendiam as almas no laço perpétuo do casamento!

E, se o aspecto íntimo de junho era tão bom e tão casto, o aspecto lá fora, nas ruas, sob o dossel do céu, tinha da maravilha de uma paisagem noturna do Oriente, de uma festa árabe. Ruas inteiras se coagulavam de barraquinhas com lanternas de papel multicolor, ajuntando grupos de crianças a soltar busca-pés à baiana, bombas, trepanoleques, zigue-zagues de chama, súbitos estrondos. Das janelas de muitos prédios, num polvilho perpétuo de favilas, golfavam em arrancos as notas azuis, verdes e rubras, dos pistolões; dos quintais subiam rojões rasgando o veludo do espaço, alguns num longo assobio, para rebentar lá em cima ramalhetes de luzes variegadas. A iluminação normal dos combustores diminuía de vergonha. Havia quarteirões que, em momentos, davam o aspecto de uma guerra de fantasia ardente, com grandes fogueiras lambendo o casario de reflexos amarelos, iluminações intermitentes de fogos de bengala, ora verdes, ora rubros, e aquele tecido de flor de fogo, de tenda de fogo, que se desdobrava, trechos e

trechos, de sacada para sacada, como mantos irrealis e inconsúteis, de refulgências inauditas.

Para além das casas, no céu sereno, de um azul cor de tinta, riscado pelo arabesco dos foguetes, pelas longas fitas de ouro que se prendiam em laços momentâneos, para escorrer em fitas luzentes, o carnaval dos fogos soltava a iluminação dos balões. Eram 2, eram 10, eram 20, eram 200, eram 1.000, subindo de todas as direções, caindo alguns atacados de vertigem, galgando as imensidades outros, em fila, em marcha, em desencontro, obedecendo às correntes das variadas camadas de ar, parecendo, a confundir-se com as estrelas, a dança das lanternas dos santos à procura do bem na treva. A noite imensa era silenciosa, mas feita desses silêncios abalados de mil estalos e mil rumores, porque se o céu estalava aos rojões, os barulhos dos fogos viviam na cidade até cantarem os galos e ainda perto do alvorecer as badernas do garotinho corriam aos balões caídos aos gritos de: “– Tasca! Tasca!” – ou a cantar em coro:

Cai, cai, balão
Aqui na minha mão!

Santos clementes do mês de inverno, muito boa senhora Sant’Anna, cujo nome desde o berço ouvimos para esquecer-lo depois de homens – que saudades! Há quanto tempo foi isso em que sentíamos o frio dos grandes momentos vendo um balão cortar obliquamente a escuridão do firmamento? Há quanto tempo nós tínhamos, como supremo ideal da inocência, que um balão caísse na nossa mão? Hoje, nem mais as crianças pensam em balões senão dirigíveis... O doce mês de junho antigo com o seu rosário de folguedos simples, acabou, morreu. Há agora outro, um junho bonito, de sobretudo de pe-

les, neurastênico, febril, com *surmenage* de pândegas e esnobismo. E como nós somos este junho, por isso não sentimos – oh! não! – na delícia perfumada destas boas noites, tão álacres de prazer, tão brilhantes de astros, o olhar das avós e das pobres mamãs cheio da saudade do junho de antanho...

LUDUS DIVINUS

Eram dez horas da noite. Toda a praça parecia viver na estrídula iluminação do *music-ball*, uma iluminação violenta de lâmpadas elétricas em candelária pelas duas faces e de holofotes escandalosos que investigavam e alanhavam a sombra do *square* de segundo em segundo. À porta, entre a entrada para o jardim e um briqueite estreito onde se instalara o bilheteiro, a multidão acotovelava-se nervosa e febril: rapazes de esporte, de carne esplendente e grandes gestos, sujeitos com cara de azaristas, burgueses pacatos, cocotes do alto tráfico, fúfias com os boás magros a escorrer pelo pescoço, sujeitinhos cujo moral oscila entre o michê e o amante grátis. Dentro, a banda militar sacolejava a sarabanda do *cake-walk* e todos os sons metálicos da banda pareciam em íntima correspondência com as cruas notas da luz como no mesmo desejo de galvanizar a turba.

Estávamos no Moulin Rouge, a ver a luta romana. O barão Belfort prometera-me uma noite de entusiasmo, uma noite de Neuilly com algumas notas íntimas sobre os lutadores. Era ele quem me conduzia, abrindo caminho entre o povaréu.

— Vamos por alguns momentos voltar à Antiguidade, à admiração da força hábil e destra dos gladiadores! Nestas épocas de nevrose e de maldade, os gladiadores são o Tabernáculo onde se aninhou a glória da força. Talvez por isso sejam os homens mais simples do mundo. Guarda-os das perversidades terrenas o halo da energia.

Tínhamos quase a soco vencido a entrada, e íamos devagar abrindo caminho e a ouvir a palavras vagas do barão. Um momento não foi possível andar. Sujeitos entusiasmados faziam uma roda que interceptava a passagem. O meu guia esticou o pescoço.

– É o negro, disse, o Amalhou. Como sabes, nós temos a coqueluche da luta romana. Os lutadores passam a animais irresistíveis, e os negros então não são coqueluche, são uma verdadeira e geral bronquite. É uma questão de vaga solidariedade étnica...

Atirou a frase e foi furando com os ombros a turba compacta, até chegarmos diante da mesa, onde repousava, como num altar, o preto formidável.

– Amalhou!

Na caraça cor de chocolate desdobrou-se um largo riso. Evidentemente, o lutador gozava a admiração de todos aqueles curiosos olhares.

– *Toi?* Fez com familiaridade africana. *On boit?*

O barão sentou-se, e para mim, em português:

– Não imagina. Este que aqui está vendo, em 10 dias de cidade é perseguido por 17 mulheres. Não há perigo, porém, nem para as mulheres nem para ele. Amalhou tem juízo, contenta-se com a paixão platônica. Veja como bebe o vinho.

Voltou-se para o negro cujos olhos riam.

– *Et les femmes?*

– *Ab! les femmes... obé! Les petites femmes, elles sont folles!*

E de repente queixou-se do clima, falou saudoso de Paris. Aqui, levava a gente a suar. Nem era possível *s'entraîner*. Uf! Limpou a face inundada de suor, quedou-se sem ver, com um sorriso na beizama, e um cheiro de barata a lhe sair do corpo. O barão ergue-se. Em torno o povo parecia invejoso da nossa intimidade.

– *Toi, tu vas payer ça.*

– Pago! pago!

E arrastou-me para ver o novo Le Boucher, o que adotou o nome de valentão feroz já apreciado no Rio, que uma gripe matara aos 22 anos, o ano passado.

O novo Le Boucher deixava-se admirar. No seu olhar líquido e ingênuo, havia uma fraqueza pueril. Dois minutos depois de ouvi-lo tem-se a impressão de conversar com um pequeno no país dos gigantes. É como os bebês que a primeira impressão domina e logo a esquecem, quando lhes aparece outra.

Nasceu mais para ser admirado que para a luta. Duas ou três vezes hesitou com um pedido nos lábios. Por fim, não pôde mais.

– Lê-me esta carta, sim?

Era um pedido ao barão, que com calma e sangue frio se prestava a esse papel de secretário. A carta estava em espanhol. Le Boucher não a compreendia. Belfort correu a assinatura.

– Maria!

– Ah! Maria! fez o lutador engolindo a saliva, leia, leia... o sr. pode ouvir... não conhece... tanto faz.

Aproximamos as cadeiras em torno da mesa. O barão entalou o monóculo, curvou-se, leu devagar.

“Meu queridinho. Que esta carta te encontre cheio de vitórias, deseja-o muito a tua Maria. Não imaginas o que tenho sofrido. Sem ti, o que será de mim? Lembra-te dos dias que passaste ao lado da tua escrava...”

Era lamentável e idiota. O lutador estava emocionado.

Mas ouvia-se o retinir das campainhas chamando o público ao recinto, e ele, como respondendo ao nosso olhar crapuloso, disse apenas, mergulhando a carta entre as outras, que naturalmente lhe traziam paixões escaldantes:

– Tão boa! Tão boa!

E foi-se. Nós, guiados pelo secretário da empresa, subimos ao camarote.

O *ball* reverberava num incêndio branco. Vinte lâmpadas elétricas derramavam do alto uma luz igual e cegadora. Na galeria, a multidão ansiosa – homens, mulheres, homens colados aos balaustres – palpitava. Nos camarotes, na plateia, uma agitação de *vestons*, de chapéus de palha, de gazes, de tules, de cores claras, de corpos ondulantes de mulheres, e por todas as dependências do circo, a palpitação dos grandes acontecimentos, enquanto no tablado, o ginasiarca, o juiz, gordo, com uma barbinha em bico, apresentava os lutadores e os golpes proibidos.

A música tocava. Os tremendos homens apresentavam-se nus, apen- nas com um leve calção negro a lhes resguardar o baixo ventre. O público batia palmas. O barão, calmo, limpando o monóculo, dava-me informações:

– Esses diabos comem copiosamente e fazem exercícios todas as manhãs. Os que começam adoram o aplauso, os que estão em pleno fulgor são-lhe indiferentes, os que decaem têm inveja. Odeiam-se alguns mortalmente. Mas veja Paulo Pons. Tem 42 anos. Começou a lutar, vai para 20. Em 1890 obteve a primeira vitória sobre Ton Canan, no Cassino de Paris, vencendo em seguida os terríveis Kara Osman e Youssou. Oito anos ganhou o primeiro campeonato do mundo, e desde então é fatalmente o vitorioso. A multidão adora-o cegamente. Como o odiará no dia em que lhe assistir à primeira derrota!

Um apito trilou. A música cessara. Estavam em frente um do outro Paulo Pons e Le Boucher.

Pons é laminar, desventrado, todo músculos, com a pele sem brilho e uma tatuagem no braço. Le Boucher é feito de congéstões marmóreas. Nenhum pelo lhe macula a maciez da epiderme. As pernas, grossas,

rijas, a cinta estreita, lacedemônia, parecia o cálice donde desabrocha o seu largo tronco, o vasto ventre e os grandes peitorais. Direitas com o cachaço, as espáduas brilhavam com um brilho mineral de mármore rosa, e coroando essa beleza de carne, a face tinha um olhar de *apache* e de *bal des vaches*.

Os dois enfrentaram medindo forças, apalpando o terreno em movimentos felinos. Pons, sem um gesto inútil, análise, arte, tato. Boucher, uma torre com gestos nervosos talvez.

De repente Pons estalou as mãos no toutiço do outro. Era o ataque. E a luta começou sinuosa, cheia de extremos e de recursos hábeis. Dos camarotes viam-se as flexões dos músculos dos braços e do dorso. O espetáculo empolgava o povo. No camarote ao lado da esquerda uma mulher de grandes plumas, torcia o leque com os olhos cravados no contendor de Pons, e na primeira fila de cadeiras, um cidadão de paletó cor de canela, erguia-se e sentava-se febrilmente.

– Le Boucher! Le Boucher! gritavam das torrinhas.

Súbito, o campeão agarrou o moço pelas costas. Le Boucher desvencilhou-se, correu perseguido, remou, agitou-se, caiu de barriga para baixo, voltando a face rubra.

– Pons! Pons! Le Boucher!

Era uma hecatombe de gritos, de pragas, de frases cacológicas. Pons, por cima de Le Boucher, apalpava-lhe a anatomia, metia o braço entre o braço e o peito do adversário. O outro, vibrante de atenção quando sentia o contato do campeão, curvava o braço como uma tenaz, e Pons recuava, tornava a tentar, calmo como um médico que espera o momento fatal de dar o golpe decisivo. Le Boucher, porém, deu de repente uma volta, apanhou o contendor que tentava erguer-se e caíram ambos de ventre para o ar, sem tocar com as espáduas no chão. E, à luz das lâmpadas, sustentando os troncos triangulares com um dos

braços, forcejando com o outro para dominar, ficaram assim por segundos, até que Pons se desprendeu.

– Le Boucher! Le Boucher! berrava a multidão rouca de agonia.

Então o corpo de Le Boucher, molhado e lustroso de suor, tentou um impetuoso esforço, e lento, vigoroso, forte, tremendo, se foi alçando, enquanto os braços do outro pareciam uma cadeia de serpentes enopadas de sangue em torno do seu ventre branco.

O delírio rebentou frenético. Já tinham decorrido dez minutos. A multidão uivava. Anacleto! Cochons! Fora! Cala a boca, idiota! Pons! Le Boucher!

Parecia que a força se desprendera dos lutadores dando ao *ball* o aspecto de um combate.

No trovejar das aclamações havia violências de socos e de taponas.

Pons e Le Boucher, afinal encolerizados, atiraram-se furiosamente um contra outro, Pons, com a tática dos cachações para entontecer o inimigo, colando a cabeça à cabeça de Le Boucher. Era despedaçante. As mãos agarravam os músculos com ímpetos de rasgá-los, os braços enlaçavam os troncos como se os fossem separar, uma vermelhidão tingia a atmosfera, e os dois lutadores com cada flexão de braço pareciam alucinar mais a galeria.

Mas um urro rebentou, atroou, ecoou longe. Pons atirara ao chão o adversário. Enquanto o campeão do mundo fazia esforços para dominar, o tronco de Le Boucher foi-se erguendo devagar, firmando-se nos joelhos, nas pontas dos pés. A tentativa falhou. Caiu de novo, cruzou os braços em torno do pescoço, e como um titã erguendo um mundo, a cara vermelha escorrendo suor, o povo viu esse corpo vir surgindo até levantar-se de todo num supremo arranco.

Um indescritível furor rebentou no recinto. A mulher das plumas levantara-se nervosa. Tinha as unhas em sangue. O cidadão do paletó

cor de canela estava já perto da orquestra dando vivas. Assobios riscavam o ar, gritos confusos gargolejavam do alto entre as palmas. E no meio de tudo isso um homem de *pince-nez*, muito magro, muito feio, gania quase a chorar: – Herói! Herói!

Mas o esforço aniquilara o aclamado. Calmo, imperturbável, cruel, leve como um florete, forte como um rochedo, o campeão do mundo atirou-se de novo. Le Boucher tombou, tentando o último recurso de defesa. Quando Pons lhe ia deitando as espáduas em terra, o jovem gladiador reunia toda a energia, e com a boca seca, o olhar esbugalhado, erguia-se, salvava-se. Pons não desfalecia porém, e de pronto repetia o ataque... de modo que, quando ninguém esperava, Le Boucher estatelou os ombros numa ponta do tapete.

A multidão então desencadeou a sua fúria em palavradas, em aplausos, em vaias, um verdadeiro frenesi histérico. Eu estava aterrado. O barão exclamava:

– Como na antiga Roma, o *ludus divinus!* A multidão vocifera!

E naquela tempestade de ódios e de admirações, Pons e Le Boucher saudaram, desapareceram, indiferentes aos urros, às pragas e às aclamações.

Tínhamos assistido ao mais excitante espetáculo dos tempos modernos...

A SOLUÇÃO DOS TRANSATLÂNTICOS

A estação de inverno está oficialmente aberta...

Esta frase, de cuja elegância social ninguém duvida, significa com amplidão que a cidade, farta de descansar das violências caniculares, resolve entregar-se, doidivanas e perdulária, ao oceano do agitado prazer. O prazer é estar em toda a parte onde a gente se diverte ou finge divertir: nas regatas, nos prados, nos campos de futebol, nos restaurantes chiques, nas recepções de etiqueta, nos teatros, na aluvião de companhias estrangeiras que nos chegam por todos os vapores. E, coisa curiosa! é possível que o dinheiro ande arredado da bolsa dessa comandita da pândega urbana, é possível que nem sempre os esportes, inclusive os da frequência aos restaurantes e às pretensas recepções, sejam *hurff* e animadores. Há um prazer a que o público, com delírio, se entrega: o teatro!

Sim! o teatro. Parece incrível, mas é verdade. Mesmo no momento em que os atores nacionais se queixam da ingratidão do público, mesmo neste momento, os teatros rebentam de gente, com as salas abarrotadas. A cena é lugubrememente cômica. Ao primeiro anúncio das andorinhas estrangeiras, os mambembes que funcionavam hesitantemente, tiveram um desmaio; à chegada do bando, recuaram espavoridos e agora abandonaram todos os postos, numa confessada derrota, cheia de ressentimentos incompreensíveis. E, enquanto a maior parte abala para a peregrinação esta-

dual, — cada casa de espetáculos oferece permanentemente o espetáculo de uma enchente e ganha dinheiro a zarzuela, ganham dinheiro o drama e a opereta italiana, ganham dinheiro as portuguesas.

Por quê? Os artistas nacionais queixam-se; os artistas nacionais têm o ar de que o público eleva o seu frivolidade a ser impatriota, e é caso para perguntar se há razão para tal procedimento por parte dos frequentadores dos teatros. E, quanto mais observo, mais me certifico de que é o público o único a ter razão.

Que deseja qualquer pessoa quando vai ao teatro? O mesmo que quando vai ao restaurante, ao alfaiate ou ao barbeiro, como qualidade primordial: limpeza no serviço. Nada mais terra a terra. Como o restaurante, o alfaiate e o barbeiro, só ganha dinheiro o teatro que sabe bem servir o seu público.

Entretanto, que fazem os nossos artistas? Os nossos artistas agremiam-se em associações com o domínio dos carranças ou a inconsciência pastrana dos pedantes, a sufocar os verdadeiros talentos, e resolvem empresas propriamente de exploração de cenários velhos. Eu só me capacito de que esta cidade tem mesmo um milhão de habitantes boníssimos quando vejo anunciado ainda o “Remorso Vivo” e à noite encontro num cenário inaudito o velho Dias Braga, urrando para centenas de espectadores a horrenda moxinifada.

Não se faz nada de novo, não se trabalha, não há direção, não há elã. Só se aumenta em pretensão e em defeitos, e de tal forma, que as coristas passaram a se denominar *ensemblistas* — (é gaiato, hein?) e que as associações se dissolvem, quase sempre tendo por base o conflito das estrelas e dos estrelos. Ide ao assombroso Dias Braga. Esse homem é o prodígio da sorte. O público dispensa-lhe uma simpatia ardente. De que forma corresponde ele? Remontando a “Graça de Deus” e o “Monte Cristo”.

Ide às outras companhias que exploram o gênero alegre e o maxixe. Ainda há pouco, Cinira tentou os espetáculos por sessões. O público viu uma cousinha modesta mas nova e compensou logo. Que se faz na empresa em que, se havia a Cinira com vontade da novidade, havia no arquivo o libreto do “Rio Nu”? Para corresponder à boa vontade dos frequentadores, tome “Gran-Via”, com cenários velhos e sem ensaios, tome “Jovem Telêmaco”, tome “Tim-Tim”, tome “Capital Federal” com três coristas apenas!

Há 40 anos o nosso repertório dramático é o mesmo. Há 15 é o mesmo o nosso repertório leve. Os artistas antigos e feitos não se querem dar ao trabalho de estudar peças novas, e os artistas novos, sem escola, sem ensaiador, sem disciplina, têm por ideal fazer os papéis das peças velhas como confronto. De modo que aí temos, com exceção da sra. Lucília Peres, que resolveu confrontar-se com Duse, a Réjane, a Tina e a Angela Pinto – como peças escola: o “Remorso Vivo”, o “Mártir do Calvário”, o “Tim-Tim por Tim-Tim”! É imensamente divertido ouvir essas meninas dizerem:

– Não veio ontem? Pois eu fiz pela primeira vez o *colorau picante do Tim-Tim*.

Ou ainda:

– Ontem no “Mártir” quem fez a Verônica fui eu...

Como se tivessem dado uma prova clássica, representando a Celi-mene ou a Chimêne. Que faz o público? O público ainda vai, ainda atura o “Tim-Tim”, ainda se senta três horas, pagando com o seu dinheiro para olhar a mobília império que no Dias Braga serve para todas as peças há dez anos e os cenários transparentes do Silva Pinto.

Apenas, vai pouco... Quando não há companhias estrangeiras, enche os cinematógrafos de tal forma que enriquece os proprietários inúmeros em alguns meses; quando as companhias vêm, vão a elas.

É que essas companhias de turnê, sejam compostas de gênios, tenham *mise-en-scène* de causar inveja ao Antoine, à Réjane, ou ao Guitry, vozes fantásticas, repertórios inteiramente novos? Não. Nada disso. As nossas plateias não são exigentes. Mas há em cada trupe ordem, disciplina, um esforço contínuo, persistente, desesperado de agradar. Os artistas trabalham, dão tudo quanto têm, guardam o orgulho da sua profissão e a vontade louca de subir no conceito do público para voltar, ganhar mais dinheiro. Ide à companhia italiana do modesto e inteligente Vergana. A última novidade ele mesmo a traduz e o seu grupo modesto representa-a com um *entrain* que nós qualificaríamos de admirável se fosse nacional. Ide às companhias portuguesas. Estão trabalhando, ensaiando, cada ator querendo sobressair mais.

O público compara, o público é cruel, o público vai ao estrangeiro. Os atores nacionais de valor, vendo-se na dura contingência de não poder lutar contra a corrente, correm aos transatlânticos: Mattos, Medina de Sousa, Olympio Nogueira, Rangel, Grijó, o *dessus du panier* teatral, incorporou-se ao batalhão de lá. Raros são os que ainda resistem heroicamente, solitários como o Peixoto, ou em turnês estaduais como o Ferreira. As companhias estrangeiras, que eram raras, começaram a vir aos magotes, passaram a demorar mais tempo, quase todo o ano, e positivamente agora nós temos o estreitamento das relações com a Itália e com Portugal, através de um bando de artistas que passam lá quatro meses e oito cá, — artistas transatlânticos, teatro transatlântico.

É a solução da decadência teatral — solução que só espera a abertura do Municipal para ter o beneplácito oficial — porque mesmo os organizadores do projeto, mesmo o inculcado diretor, são todos convencidos da necessidade de contratar o elenco em grande parte, “pelo menos para começar”, no teatro português.

Talvez isso não agrade aos artistas nacionais? Mas a culpa é só desses artistas e foram eles que pelas suas próprias mãos trouxeram o teatro nosso a esse lastimável estado que seria a perpétua escandalosa ruína se não fosse a solução moderna: a solução dos transatlânticos.

A REFORMA DAS CORISTAS

Naturalmente nós todos começamos a rir. A pequena tinha jeito para a coisa. Cada gesto seu era um modelo de topete e de cinismo, desse cinismo de *bonbonnière* em montra de confeitiro, um cinismo que se oferecia, que se ofertava, que estava ali. No meio das outras, os cabelos loiros repuxados para trás como a crina de uma poldra, o dorso cilhado pelas barbatanas do colete que lhe comiam o ventre, pondo em relevo as linhas das ancas, o busto empinado, as mãos adejantes, a garota dançava como ninguém a vertigem do *cake-walk*. Fora Cinira Polonio, a estrela coruscante, que com o seu faro de teatro descobrira na linha de 20 coristas aquele diabo.

– Olhem, fazia ela, porque não dançam vocês como a pequena? Imediatamente, todos os olhos convergiam para o bichinho, minutos antes anônimo. O maestro parou: – Homem, realmente, estava vendo isso mesmo; o empresário coçou a cabeça, e todo o teatro, naquela hora de ensaio, em que a crua violência do sol do terraço tomava um esmorecido ar cerúleo para os lados do palco, esperou com um sorriso pregado na face. As coristas, algumas conservavam as mãos no ar e eram uma galeria de caras empapuçadas ainda do sono da manhã, mas moças bem moças, bem fortes. Cinira Polonio fez um gesto.

– Venha cá você.

A pequena sorriu e aproximou-se num passo de *footing*, o passo esporte inaugurado por certas cocotes nas fatigantes exibições do Cas-

tellões. Tinha um enorme chapéu de palha do Chile com fitas de veludo e era a única de lábios pintados.

– Pronto.

– Nunca trabalhaste em teatro?

– Não senhora, agora é que estreio.

– Ah! estreias agora, sorriu a estrela, acentuando o verbo. E donde vens?

– Venho da casa da Chica Pereira, estou lá por causa de um sujeito que me queria explorar. Compreende, eu não sou dessas. Foi lá que eu aprendi o *cake-walk* com os ingleses, uns diabos, madame, que é chegar e é vestirem-se com a roupa da gente.

– E que idade tens tu?

– Eu vou fazer 15.

– Bom, fez o empresário, vamos vê-la dançar o negócio, mas só.

O maestro fez soar os primeiros acordes, e ela empinou-se, e como estava sendo observada, exagerou, caricaturou a dança num delírio que era uma pândega, brandindo a sombrinha e gritando “*away!*” Naturalmente, então, nós começamos a rir, quando um empregado trouxe desdobrado um papel da justiça para o ensaiador.

Embaixo, na plateia, um magote de agentes secretos e de soldados da polícia olhava o ensaio.

– Quem é aqui a Etelvina dos Santos? indagou o ensaiador?

– Sou eu, sim senhor. Ainda esses canalhas!...

– É, o juiz manda entregá-la aos agentes. Você é menor, vai ser depositada numa casa de família.

– Imbecis! Já me mandaram buscar três vezes à casa da Chica. Não querem deixar a gente ser o que deseja. Mas eu os arranjo!

Todo o pessoal do teatro, coristas e carpinteiros, atrizes e atores, não teve uma pilhéria. A pequena tomou o seu ar mais arrogante, des-

ceu à plateia, sumiu-se no terraço com os agentes, como quem vai esbofetear alguém.

– Mas que juiz esse que deseja moralizar uma pequena de tanta força.

– O diabo é que a rapariga tem jeito. Bom! a postos, minhas senhoras. Maestro, repita.

De novo o piano começou o *cake-walk* e as mulheres de capa larga, a face desbotada pela noite em claro, moveram-se num rumor de sedas roçadas. Eu, a um canto, vendo passar no palco aquele punhado de mulheres que à noite acenderia desejos na plateia, pensava na vida curiosa das coristas nacionais. Ah, as coristas! Neste país em que as mulheres não têm grandes necessidades, o posto de corista era positivamente dado às infelizes. Os autores nada lhes faziam nas peças alegres, nem as punham em relevo. Eram damas ou muito gordas ou muito magras, lamentavelmente sem graça. Quando aparecia uma criatura mais moça, ou não demorava, ou morria ou era logo artista empurrada pelos cômicos, jungida às ligações violentas. E era uma tristeza ver mulheres velhas com famílias numerosas, o ventre enorme, o corpo numa elephantíase de linhas, cambando os sapatos e sujando as gazes, clamarem nos revistões cariocas: “nós somos as ninfas”, ou outra qualquer afirmação ainda mais escandalosa, para ganhar cinco mil réis... Era angustioso. Nos ensaios, os ensaiadores esgoelavam-se para fazê-las compreender um gesto comezinho; nos intervalos, algumas davam de mamar aos filhos enquanto as outras se remordiam numa inconsciente miséria entre os carpinteiros bastante maus para atirar-lhes cenários e maços de corda. As coristas! Eram os canhões de bucha, enquanto a estrela mudava de roupa e o ator principal punha outro colarinho. E não havia quem quisesse ser corista. Algumas tinham 20 anos de trabalho efetivo, talvez mais. Algumas eram contemporâneas da primeira revista nacional...

E agora, com a transformação das ruas, a cidade escancarava de súbito a indignidade e o vício, mostrava todas as furnas do caftismo e nós víamos, ao desejo do luxo, ao contato com o horror, uma flora precoce de pequenas depravadas, galgando o tablado com uma ânsia de bacanal e piscando de lá o olho, na idade em que deviam brincar o “ciranda-cirandinha” das estalagens onde nasceram... Era ou não a civilização, era ou não o Rio reflexo de Paris, era ou não a cidade igual a todas as outras cidades, com as mesmas necessidades, a coreia de cinismo e o mesmo apetite pelos frutos ácidos, pela mocidade que todas as cidades velhas possuem? De embrulhada, o teatro também se transformava, e no gênero alegre nós iríamos ouvir as graças – (sim! as graças, tudo é possível...) – dos revisteiros apimentadas, esquentadas por todo aquele excesso de provocações fesceninas...

Mas que iriam fazer as outras, as velhas, as mães de família? Que iriam fazer esses bonecos de música desafinada, que durante decênios se estatelaram em cena, cantando como que a mesma coisa sempre? Como se alimentariam as pobres, agora, depois de uma vida inteira passada a dizer – “nós somos, nós somos...”, num coro vazio e lamentável, vestindo em metins baratos todas as fantasias desde a de flor à de animal?

Oh! era a reforma das coristas, reforma desoladora apenas para as reformadas, mas com um bando de recrutas, em que se sentia todo um exército feito por um sorteio indireto e lambaceiro.

O *cake-walk* acabava. Deixei o teatro, subi a Rua do Espírito Santo. Mais adiante outro buraco dramático. Enfiei, e oh! Deus do céu. Dei exatamente noutra escândalo da reforma.

No terraço, sob o riso dos carpinteiros e do pessoal barato, um tipo baixinho, magro, de calça larga e bigode torcido, espumava pragas contra uma menina de vestido curto, mal ajambrada, ainda pouco

mulher, ainda pouco limpa, com os olhos de animal e uma boca vermelha, uma boca sangrenta, uma boca que parecia um fruto. Já tinha mandado chamar o diretor o tipo. Estava decidido.

– Mas o que é? fiz, intervindo.

– Que tem com isso? indagou ele. Venho buscar minha mulher.

– Quem é sua mulher?

– Sou eu, chorou a pequena. Sou eu, mas estou separada há seis meses dele, porque mamã disse que homem sem trabalho não é marido. Eu casei, não foi por gostar; foi porque o delegado obrigou. Burro!

– Desavergonhada!

– Mas que é isto? Você, menina, que idade tem?

– Quatorze, sim senhor, mas já sou maior e separada; e não vou, não vou, porque quero representar e ganhar a minha vida.

Deu uma rabanada e partiu para o palco, num bamboleio feroz de todo o corpo, enquanto o marido batia o pé, danado.

Neste momento, porém, apareceu o diretor.

– Não repares, filho. São as coristas novas. É a reforma. Tudo voluntário, mas uma desorganização feroz.

– Sinto pelas outras e compreendo a miséria, o vício, o horror desses destroços precoces.

Bonita frase! Anda daí, vamos tomar um grogue. Ó José, ponha esse marido lá fora...

E fomos tomar grogue gelado com algumas atrizes maduras e loucas de riso – porque os incidentes da reforma eram realmente alegres – enquanto o marido, empurrado pelos carpinteiros, saía aos trancos, praguejando...

A CRÍTICA NOS BASTIDORES

O cavalheiro que atentamente lia o jornal ergueu os olhos, suspirou e disse:

– Você é um cruel!

– Por quê, cavalheiro?

– Porque é. Você leva a falar mal dos grandes trabalhos nacionais, escolheu a posição cômoda de não ser criticado. Ah! você vai pagar caro. Dizem que você está arranjando com outro colega uma pilhéria em um ato para teatro de trololó. Pois bem. Ou você escreve uma tragédia shakespeariana, ou tem aí toda a crítica a atacá-lo.

– Mas por quê, cavalheiro?

– Porque você é inclemente.

O cavalheiro dizia aquilo depois de ter lido atentamente o jornal. Mas, sorria. E eu percebendo que o amável homem era incontestavelmente uma parte da opinião pública, tomei-lhe o braço e fui andando com ele.

– Meu caro, a apostar que você leu isso ainda agora. Como eu não me abalanço às vertigens da crítica senão para fazer notícias teatrais e inserir reclamos de toda a gente, segue-se que no jornal ainda um descontente falou. Ora, excelente cavalheiro, eu vou fazer uma confissão que o assombrará: em teatro, ainda não falei mal de ninguém, porque não é possível. O estado da praça teatral é tão precário que seria um atentado de lesa-existência uma opinião desfavorável. Quando vou às

“primeiras”, estou convencido de que a casa está cheia a transbordar e que os artistas foram excelentemente. É o máximo da isenção de ânimo: julgar antes de ver. E acho que procedo bem, porque depois de vê-los, se lhes notasse defeitos, aumentaria a fama de maldizente e a vaidade ofendida do cômico. Sou mesmo o mais formidável dizedor de elogios de que há memória nos fastos teatrais, e isto porque se eu dissesse que a Duse às vezes representa sem vontade ou que a corista Fulanita guinchou demais, o teatro em peso desandaria a cortar-me na pele, em nome da tradição e da pobre coitadinha. No dia que um sujeito atrevido quisesse ter o trabalho de escrever contra o teatro, devia antes suicidar-se. A crítica não adianta nada e se o elogio não faz ir aos teatros, a má vontade de uma notícia faz com que a falta de público seja imputada à fatal notícia. E, você, cavalheiro, compreende o horror, o remorso de um homem de bom coração vendo desde o empresário até o varredor, amarguradamente, todos a dizer em olhares, que variam entre a cólera furibunda e a tristeza lancinante: – Foste tu! A culpa é tua...

– Caramba!

– Não sei se você já espairoseou o espírito pela *Legenda dos Séculos*, de Victor Hugo. Pois a situação do que diz mal é durante oito dias pelo menos a do Caim do grande vate. Depois... (quer você tomar uma limonada? Está fazendo um calor de rachar!) depois, eu estou que só por inteiro afastado do ambiente é que se pode fugir às sugestões de mútuo auxílio. A média dos nossos artistas, e na média não incorporo os primaciais, o Brandão e o Machado, na revista de ano, o Peixoto nos vaudevilles, a Cinira nas revistas, a Lucília Peres no drama – são capazes de dar muito mais do que dão. O público abandona o teatro, o empresário aflito recorre à bambochata. É justo censurar? Nunca! E, naturalmente, exagera-se o elogio.

– Isso não é crítica!

– É a crítica de toda a parte – da França, da Inglaterra, da Itália, dos Estados Unidos. O elogio começa a ser feito com a inserção de pequenas locais, pagas nos outros países e aqui grátis, no *fiau*, como diz pitorescamente a gíria consagrada pelos escritores. O público fica sabendo que na peça trabalha um batalhão de gente, que os números de música são lindíssimos, que nos ensaios os risos são sem fim. Quando a peça vai já se sabe tudo, e os críticos na “primeira”, após o primeiro ato ou o segundo, traçam nervosa e apressadamente: “Acabou o 2.º ato. Aplausos delirantes. Ou muito nos enganamos, ou esta peça chega ao meio centenário” – centenário que é para nós a meta do agrado excepcional.

Dizem que o público conhece a condescendência. Todo o teatro também. Só um limitado número de artistas lê. Os outros não têm tempo ou só leem quando não se diz totalmente bem. Então, é um horror, uma tragédia. “– Fulano não gostou do trabalho de Sicrano. Pois se estão zangados! Ah! aquele analfabeto!” Está o cavalheiro admirado?

– Realmente...

– Pois ainda outro dia eu tive um caso hilariante para a coleção. Certo órgão achara os vestidos das coristas um pouco *fanés*. À noite, nos bastidores, palestra de jornalistas, e uma das coristas, indignada: qual dos senhores é do jornal tal? Eu quero mostrar que o vestido é bom e custou bom dinheiro... Foi um *tout petit scandale!*... Ah! excelente cavalheiro, a vida dos bastidores, o resumo da existência cá de fora, a placa sensível do mundo! Os nossos romancistas deviam traçar esse trepidante existir de riso de amargura, de sentimentos hiperestesiados, e de sofrimento em que tudo se confunde. O teatro só é bem nosso, bem local nos bastidores, e eu que o amo (há certos sentimentos contra os quais não se luta) cada vez sou mais complacente e mais amigo

desses artistas que hoje muito camaradas, estão furiosos amanhã para depois de novo se tornarem excelentes...

– Mas não se trata dos artistas; trata-se dos escritores. Dizem que você os ataca.

– Eu? Mas, criatura, eu elogiei até uma peça assinada pelo Fonseca Moreira!

Foi o recorde mais desabalado da minha vida, mas venci-o. Está claro que limito a minha admiração incondicional a Coelho Neto e ao mestre incontestável que é o Artur Azevedo, mestre na comédia, mestre na *pièce*, mestre na burleta, mestre na revista, o autor não só do “Dote”, como dessa delícia que é a “Fantasia” e desse encanto que é a “Fonte Castália”. Artur e Neto impõem-se pelo trabalho e o valor. Todos os outros, porém, vivem no elogio das minhas linhas. E, de resto, são poucos. Nós não temos, representados, muitos dramaturgos. Há apenas três ou quatro burletistas ou, antes, três ou quatro *capital-federalistas* que demonstram muito espírito, mas prendem a burleta ao mesmo enredo do casamento, depois de algumas cabeçadas do rapaz.

– Pois asseguram que você vai contra o êxito alheio...

– Escrevendo aquelas notas de que já dei um exemplo?

– Não, atacando os burlistas. Veja você este artigo.

O cavalheiro desdobrou o jornal e eu vi o fatal artigo. Com a modestia humorística de sempre, o desopilante e por mim louvado escritor do “Povoamento do Solo”, assegurava aos povos que eu fora cruel e pérfido – para nós os burletistas, ai de nós, para nós os burletistas, chovem inimigos! E por que fora eu cruel e pérfido, pai do céu? Porque num pequeno artigo de análise social, pretendia examinar o estado da nossa sociedade para com o teatro, permitindo a este, depois de muitos anos, apenas a observação do rapaz estroina e conservando fi-

xos e inalteráveis todos os outros tipos, alguns dos quais já defuntos na mesma sociedade, como o moleque, o pequeno chorão e a mulata irmã de leite da sinhazinha...

Deuses que povoam os céus! Era decididamente o melhor artigo pilhérico do inesgotável humorista. Estive quase a telegrafar-lhe pedindo repeti-lo como qualquer das suas espantosas conferências. E só podia julgar assim, porque não me passaria jamais pela cabeça que um escritor lisonjeado pela crítica levasse a suscetibilidade desconfiante a ponto de achar ataques à sua obra-prima num artigo com exemplos sobre certo caso de observação social.

Era a mesma coisa que se eu dissesse: “no verão chove à tarde”, e noutro dia um cidadão assegurasse estar eu a desmoralizar o clima do Rio de Janeiro, com uma grande perfídia; era a mesma coisa que se eu assegurasse: “as moças casam dos 17 aos 20 anos” – e, no outro dia aparecesse um artigo assegurando o meu insulto à pátria e à família – era, afinal, um disparate de vaidade, se não fosse uma engraçadíssima caçoada.

O cavalheiro, porém, que lia o jornal e era uma parcela da opinião pública, terminava.

– Mas a sua peça? Você há de ter tipos novos! Se não tiver tipos novos, arrebetam-no!

– Cavalheiro, você sabe o que é a minha peça, a peça que de resto nunca farei? Uma revista. Ora uma revista com tipos novos é mais uma pilhéria, uma revista sem compadres a negação do que eu tenho escrito há quatro anos achando que o molde da revista é a francesa, com compadres e sem comédia. Daí almejar fazer uma revista tal qual a dos outros, deixando os tipos novos e arte pura e a envergadura, às tragédias até agora inéditas, por culpa empresária, do Batista Coelho.

– Daí?...

– Daí dar-me uma gana enorme de seguir, embora sem engenho, as pegadas de toda a gente. E, só não me moldo pelo modelo novo de “nós outros, ai de nós, os burletistas autores!”, só não me restrinjo ao “Povoamento do Solo”, porque, infelizmente, o novo clichê das burletas (ai de nós, os escritores teatrais que têm a perfídia e a impiedade de quatro ou cinco artigos-elogio dos críticos!) – foi povoar o porão superabarrotado desse camaradão incondicional que se chama Dias Braga. Mas vamos tomar uma limonada. Os bastidores da crítica são esses.

Legendas, vaidades e desconfianças. Como quer você que se tente uma opinião geral sem passar por pérfido? Eis a razão porque revogo as disposições de análise, e retomo sempre a frase das primeiras “Teatro cheio. Aplausos delirantes. Ou muito nos enganamos, ou a peça tem 50 representações seguras”... A peça vai dez vezes, mas não há descontentes. E o ideal da vida, cavalheiro, é tomar uma limonada, com a consciência de não ter azedado o trabalho glorioso dos contemporâneos...

GNATHO

Chovia muito à tarde de ontem. No largo da Lapa, os grossos cordões d'água batendo no asfalto, davam à praça uma expressão de oceano agitado e os carros que passavam, os automóveis em disparada, as tipoias e os tálburis mal abrigando os passageiros, faziam uma perpétua e contínua debandada. Exatamente àquela hora, com o guarda-chuva vítima das cóleras do vento, eu corria à estação de tálburis, quando senti que alguém ao meu encalço se precipitava:

– Excelentíssimo! Excelentíssimo!

Parei, voltei-me e deparei com o sorriso nos lábios e todo alagado aquele celebrado personagem da comédia grega que dá pelo nome de Gnatho. Gnatho era, como toda a gente sabe, o parasita das comédias de Menandro, encarregado de viver de lisonjas baixas aos generais farrões. Como esses personagens são imortais, o amável Gnatho passou a Roma com as mesmas funções e tomou tal incremento que de simples tipo de comédia de Terêncio acaba entre nós influência política e homem de conceito.

Apenas, tendo casado e sendo a família maior que a do Dr. Accioly, Gnatho muda de nome às vezes e quando assina, acrescenta ao seu nome, que vale por um programa, esta modesta conclusão: “da Conceição”. Eu estava pois, naquela tarde de chuva, em presença do pai da formidável árvore do engrossamento, Gnatho da Conceição.

Estendi-lhe a mão:

– Amado homem!

– Caríssimo doutor, vi-o passar e senti um tal desejo de ouvir-lhe a voz que não resisti, e, atirando-me à chuva, corri ao seu encalço. Bem disposto, sempre? A família toda boa? E a senhora? Ah! desculpe, V. Ex.^a não é casado. Está dando o seu passeiozinho?...

No tempo do general Thrasão, eu daria algumas dracmas a Gnatho ou convidá-lo-ia a jantar, sentindo sob a sua lisonja muita fome. No tempo do general Pinheiro Machado, Gnatho é muito mais, é o que consegue remir a nomeação para o Povoamento e a simpatia do chefe do resistente Bloco e ter, através das opiniões divergentes e dos tempos desiguais uma única opinião definitiva: a de servir bem à sua pessoa.

Percebi, sem dificuldade, que o admirável Gnatho da Conceição queria apenas orientar essa opinião, e, generosamente, interroguiei:

– Então as coisas não vão bem?

Gnatho sorriu:

– O excelentíssimo é arguto. Devo dizer, entretanto, que para mim em toda a parte do mundo as coisas vão sempre bem. Eu sou imortal porque sou a lisonja. A lisonja é tudo, é a ambrosia enganadora servida aos humanos. Viver é sempre possível quando se dispõe de engenho para uma polianteia e para se mostrar a outro homem esta coisa teatral que se chama admiração. Estou, com efeito, um tanto desequilibrado.

– Ah!

– Mas um desequilíbrio momentâneo, e isto sabe por quê? Por causa da política, meu ilustre amigo, por causa da lealdade política. Nunca se meta em política. É um inferno!

A chuva continuava a cair. Os carros, com os cocheiros ávidos por freguesia, faziam em torno de nós círculos perigosíssimos. Quis partir, deixar o doce Gnatho atribulado. Mas não sei por que, vi-

nha-me um desejo imenso de interrogá-lo. Então, tomei o carro, fi-lo subir também.

– Gnatho, vou para a Tijuca.

– Acompanho-o, excelentíssimo.

– Se quiseres, deixo-te à porta do general Pinheiro.

Gnatho esticou-se no carro.

– Não, não precisa. Eu não sei mesmo se tenho relações com esse general. Depende, depende muito. Não ria. Eu explico. Esse general é antes de tudo um produto meu. Pode-se dizer que eu lancei o *bluff* do Bloco. Diga-me o excelentíssimo que seria o general Pinheiro Machado sem presentes de galos, mandados por uma porção de pessoas, aliás fiadas umas nas outras, desde o filósofo mais elegante ao poeta mais ardente? O general Pinheiro seria exatamente o general Pinheiro sem presentes de galos? Diga!

– Com franqueza, os presentes de galos eram realmente...

– Ora bem. Quem mandava os presentes? A lisonja virilizada neste país com o nome de engrossamento, eu, afinal, eu, Gnatho da Conceição, para o servir! Há mais, porém. Que seria o general Pinheiro sem manifestações, bandas de música e discurseira e landau e préstito e iluminação a *giorno* sempre que voltava, mesmo que fosse de Niterói? O excelentíssimo deve ter a mesma opinião. O general assim era um pinheiro sem ramos, um pinheiro hibernal.

– Devo dizer-te, caro Gnatho, que comesas a ser má língua.

– O engrossador vinga-se sempre, excelentíssimo.

– Com cinismo.

– É uma qualidade quando aproveitado. Mas, há mais.

– Ainda?

– Ainda. Que seria o general Pinheiro sem os telegramas passados por mim, sem as fantasias idealizadas por mim, sem as cartas escritas

por mim? Os deuses e as majestades são feitas pelo pavor. No meu tempo de Latium, um poeta escreveu:

Primus in orbis, Deus fecit timor.

Com a maioria desse pessoal que nós engrossamos, o engrossamento é que os fez. Eu criei o “eminente”, o “ilibado”, eu trombetei a sua enorme força quando estava longe dele para aproximar-me, quando estava perto da roda, do círculo da intimidade, para que invejassem a minha importância. Só os patetas não reparam em tais coisas. E o próprio Terêncio faz-me dizer numa das suas comédias: “Que distância entre os homens de espírito e os idiotas!” Este ofício agora é dos mais lucrativos!

– Gnatho, você está danado.

– Não é para menos. Sabe um dos últimos telegramas que eu passei para um dos Estados? Este apenas: “– De volta da amistosa conferência que se dignou ter com o Sr. Afonso Pena, o eminente senador Pinheiro Machado teve à sua disposição um vagão especial cedido pela Leopoldina. S. Ex.^a convidou o ministério a descer em sua companhia.” Está admirado? Eu escrevi isso e isso devia ter sido publicado. Pois bem. É neste momento em que me comprometia afinal com o digno moço, Dr. Carlos Peixoto, (uma joia, um brilhante sem jaça a quem pessoalmente só devo gentilezas), que o general despe o ponche e recolhe.

– Mas Gnatho, quanto ganhaste tu em fazer com os galos, os ponches, as manifestações, as discurséis, a lenda de Faraó brásílico ao eminente prócere do Bloco?

– Nada, meu amigo, nada. Esse guerreiro era engrossado sem interesse. Eu engrosso sem interesse. É instintivo, é o meu natural. Aos

meus filhos e afilhados, está claro que o general deu muitas cadeiras de deputado. Houve tempo mesmo que eu temi a concorrência às marce-narias nacionais, fora os empreguinhos. Mas a mim – nada. Juro.

O carro rodava. Gnatho espiou um pouco a rua.

– Lá vai o senador Vasconcellos mudo e só.

– Salta a conversar.

– Eu só converso com gente que tem roda. Mas, excelentíssimo, a minha ideia, o que eu ia dizer-lhe...

– É verdade.

– Nós precisamos explicar as coisas. Para que brigas? Para que tantas complicações? Não há dúvida que o nosso caríssimo amigo Carlos Peixoto...

– Você já é amigo?

– Ainda não, mas serei... O nosso eminentíssimo Carlos murchou a crista do velho.

– Que expressões, Gnatho!

– Aprendi-as com o Pinheiro, excelentíssimo. Para que insistir, por-rém? O Pinheiro ainda serve. Que belos jantares! Que discursos sobre os destinos da pátria! Que fumo goiano! O general tem de todas as cores, um arco-íris de tabaco. Ora, podíamos entrar numa combinação, e os partidos não balançariam a estabilidade da nação com oposições nefastas. O general recuou, por isso. Eu não vou lá com medo. Não há mais ninguém. Queria então definir a minha posição.

– Que desejas tu, Gnatho?

– O Pinheiro, coitado! é um bom velho. Mas precisamos ter o co-ração desanuviado.

– Desanuvia-o!

– O excelentíssimo era capaz de fazer o que eu peço?

– Fala sempre.

Gnatho curvou-se para mim cheio de ternura:

– O excelentíssimo é uma flor! Então mande voltar o carro. Mande voltar o carro, e veja se o Dr. Carlos Peixoto pode receber o seu mais humilde admirador...

E nós voltamos, a toda, para a Lapa, onde, à porta do hotel, Gnatho saltou a apertar a mão de um batalhão de dedicados íntimos do general Pinheiro – há dois meses...

UMA EXPOSIÇÃO

Ao subir as escadas da Exposição Latour, encontrei, que também subia, Helios Selinger. E Helios, segurando-me o braço, murmurou:

– Sim, senhor; vais ver coisa. O Latour é gente.

Continuei a subir radiante. É prazer e grande, poder dizer com razão bem dos contemporâneos. Um homem contente com a sua época torna-se, naturalmente, contente consigo mesmo. E nada mais agradável do que, em vez de suspirar recordando o passado, exclamar cheio de alegria: – ah! incomparável tempo o nosso de atividade e de talento!

Eu nunca tive a nostalgia hereditária que acha sempre o tempo passado bom tempo. Para mim, hoje, é melhor do que ontem e pior do que amanhã. De modo que a certeza do triunfo de um comportamento me faz quase, por um fenômeno reflexo, participar desse triunfo. Latour triunfava e quem lá fosse ia sentir a influência misteriosa da beleza. Era um conforto para quantos vivem da instrumentação difícil de impressionar o público e de dominar a massa pela vibração especial de uma inteligência maior. Quando cheguei ao alto, estava disposto até a suportar com alegria os frequentadores de exposição e essa terrível raça de entendidos que há dez anos vejo desfilar pelos salões e pelos ateliês cada vez mais pedante e mais ignorante.

A raça estava toda. Havia a dama amadora que pinta nas horas vagas entre os trabalhos de agulha e os exercícios ao piano, tomando posições científicas para observar as pinturas de *face-à-main* no nariz,

havia os *rapins* esperançados do Montmartre carioca que fica ali pelos lados da travessa Leopoldina; havia a coleção de mestres oficiais tratados com as considerações de Budas ambulantes, havia os críticos desde os velhos até os pequenos de fralda que nunca viram um quadro e chamam de idiotas grandes artistas, havia a onda polimorfa do burguês achando sempre o melhor o pior e dizendo que se fosse o pintor teria feito assim... Era a frequência habitual. Diante de um Bernardelli, essa gente diz sempre:

– Que retrato parecido! E a técnica!...

Diante de um Amoedo é fatal excluir:

– Que pena não trabalhar mais!

Diante de um Parreiras não passa da frase:

– A figura é fraca, mas que paisagem!

Diante dos quadros de Latour, ainda não havia a frase feita. E era isso que impressionava como a primeira novidade – a procura da classificação fácil e cômoda para um talento que chega. E um talento que chega, não arranjado pela proteção amiga, mas vigoroso, individual e imposto pelo seu próprio valor.

Que artista complexo esse! No seu salão há mais de 70 trabalhos, grandes telas, pequenas telas, paisagens, composições filosóficas, alegorias, retratos, fantasias, caricaturas. E em cada pedaço de pano enquadado sente-se a marca, a *empreinte* do artista, esse *quid* especial que faz parar, faz exclamar: – hein! há aqui qualquer coisa! e que é no fundo a correspondência eletiva do Belo, a corrente misteriosa que fixa para um sentimento persistente da alma, o gesto fugaz da vida e a ondulação brevíssima da natureza. Começo pela caricatura meio inglesa dos *Touristes en Roma*, sem o cuidado de seguir o catálogo: e dessa vergasta bufa os meus olhos passam para a simbolização da *Inveja*, um horror de harpia pávida em desesperado ambiente amarelo, contrain-

do-se com o medo odioso de ver a vitória dos outros, dilatado o olhar, sangrenta a face. Diante da figura um frio vos corre a espinha, como diante do *Veneno* ou daquela ensanguentada *Cabeça de São João Batista* que Helios Selinger faz apresentar por um braço fatal da obscuridade do Nada. São duas impressões integralmente diversas. Logo depois há outra, a das grandes composições, como a *Sóror Materna*, em que domina a nota um pouco banal do sentimentalismo socialista.

Mas essa passagem, que me repousa da funda beleza trágica da *Inveja*, leva-me às paisagens e aos retratos de mulher, e Latour é principalmente o paisagista delicado e o sutil retratista feminino, casando com o mesmo refinamento o encanto da natureza e o encanto perturbador da mulher.

Como paisagista, Latour, que nos surge absolutamente senhor da técnica, tem uma concepção de arte muito especial, sente a natureza intensamente, com uma visão própria, mas através de um temperamento francês. E francês moderno. A sua passagem pela Itália foi a de um *prix de Rome* da Escola de Belas Artes de Paris, bastante forte para apreciar, admirar, aprender, sem amoldar o seu temperamento à influência italiana – influência contemporânea, está bem de ver. A paisagem tem uma animação particular, é um momento da natureza, uma expressão fixada com um elemento tão justo e tão íntimo que tem qualquer coisa de psicológico.

Essa palavra importante de psicologia talvez seja de moderna aplicação às coisas inanimadas.

Mas o homem fez-se para emprestar uma alma ao que o cerca. Há objetos que têm história, casas que vos dizem mistérios, horas fatalmente alegres ou inexoravelmente tristes, árvores amorosas e árvores puritanas e austeras. A natureza multiplica-se nessas expressões em que as cores falam e sugerem...

Latour reproduz os grandes momentos, a virgindade das manhãs e a lassidão de dona honesta de certos ocasos, apanha nos campos e nas praias de Itália as vibrações, os sentimentos da paisagem, e quase sempre as anima com figuras. Quando assim faz, os quadros não são apenas o que dizem os títulos: – são harmonias, correspondências de sentimentos, acordes musicais de almas apanhadas pelo seu pincel.

Céus claros em que o verde se faz azul, romarias de primavera, terrenos rosas batidos de sol, pedaços de lagunas chapeados do reflexo achamalotado da luz, velas que se retesam molhadas d'ouro líquido, vegetações que se escorregam pelas lombadas dos morros, servem de ambiente instrumental onde aparecem certas figuras de mulher, que têm a personalidade especial, o riso, a nervosidade moderna, o abandono, qualquer coisa de tão exato que a gente deixa de pensar num arranjo do pintor com o modelo firme, ali, horas e horas, para crer que ele viu a cena e a sentiu como no bom tempo do impressionismo fariam por senti-la Manet, Degas ou Pissarro.

E quando a paisagem desaparece e ficam apenas os modelos, aí tendes o mais encantador retratista feminino da geração moderna. É tudo quanto há de mais aristocrático e de mais delicado.

Sente-se a influência do velho Cabanel através da influência do nosso grande Amoedo? Sente-se toda a acumulação de observações de retratos de mulher dos artistas de nomeada da França – Henner, Bou-nat, Wencker até os mais modernos, esse admirável da Gândara, o curioso Zo, o psicológico Watelet? Sente-se que Latour, o portador de um nome várias vezes notável na arte, é um dos elos dos enfeitados da grande maravilha terrena que é a Mulher?

Sim? Pode-se dizer que ele estudou os artistas, pode-se dizer que ele é um dos *envoulés* não sei se de Eva, personagem decadente e *pot-au-feu*, mas de Lilith, de Satania que nos deu a ronda sedutora das

mulheres d'agora. Enfeitiçado, porém, enfeitiçado dos gestos, dos adornos, de todas as belezas inúmeras e envolventes de cada mulher, ele pôs seus grandes recursos técnicos e a sua alma ao serviço de fixá-las originalmente com uma acuidade estranha. E, aceitando aquele conselho do Tintoreto:

Sempre si fa il mare maggiore,

como que eleva a símbolos de perdição, o gesto sedutor, as bocas sangrentas e os sorrisos castos, as cabeleiras leves e os olhos luminosos dessas criaturas postas no mundo para que todo o esforço do homem tivesse como causa primária e causa final o seu hipotético amor. É basta ver aquele tipo de italiana moça, que calça as luvas, tão claro, tão atraente, em que os tecidos são como a carícia de uma carne que se sente, basta olhar a boca de cravo vermelho da *Electra*, basta enlevar-se a gente no sorriso casto de uma *Cabeça de Estudo*, obra de mestre, basta parar diante dessa maravilha de perturbação que é a *Diva*, para se sentir o enamorado da mulher, o psicólogo da alma feminina, o delicado capaz de exprimir na tela essas fisionomias em que a Graça vive e vive a Fascinação!

E, encantado, eu esqueci a multidão e pensei na frase da Helios:

– Vais ver coisa. O Latour é gente.

Gente, sim. Há dois anos impõe-se com êxitos seguidos a geração dos pintores novos. Não tem espalhafatos escandalosos de guerra aos mestres, nem vem destruir. Vem apenas mostrar quanto pode fazer com o carinho dos já gloriosos. E aí temos Helios, o temperamento mais fundamente original da pintura brasileira, o bárbaro e o muscular, o criador dos Faunos e da apoteose da Chama; e aí temos Malaguti, a sensibilidade refinada, e aí temos Lucílio de Albuquerque e os irmãos

Chambelland e os irmãos Timotheo e aí temos Latour que, de volta de Paris, é, com a sua exposição, de chofre, no espírito público – dos primeiros.

Um pintor que, como Carrière, sabe escrever pensamentos admiráveis, depois de dizer: “– a obra não é senão o eco de todos os paraísos perdidos que dentro de nós se guardam”, sentenciou que “o artista não pode ver a semelhança da sua obra senão quando estiver do outro lado do mundo”. Talvez. Mas vê o público por eles, vêem os que gostam de admirar, e esses fazem em torno deles a apoteose, porque o triunfo de um contemporâneo é, por um fenômeno reflexo, o triunfo de toda a sua geração.

E na exposição Latour eu tive a encantadora ilusão, o sonho belo que eu também triunfava...

OS HUMILDES

Esta greve do gás, que pôs em treva a cidade tantos dias, deixa-me apenas mais radicado um sentimento doloroso. E esse sentimento doloroso, nascido de longa observação, é tão banal que talvez toda a gente o tivesse, se observasse.

Quando pensou a cidade que havia, com efeito, por trás daquela sinistra fachada do Gás, homens a suar, a sofrer, a morrer para lhe dar a luz que é civilização e conforto? Quando esses homens, desesperados, largaram as pás, enxugaram o suor da fronte e não quiseram mais continuar a morrer, que ideia fazia a cidade — aquela elegante menina, este rapazola de passo inglês, o negociante grave, o conselheiro, o empregado público, os apaniguados da Sorte, daquele bando de homens, negros de lama do carvão e do suor, torcionados pelo Peso e pelo Fogo? Nenhuma. Esses pobres diabos, homens como nós, com família, com filhos, com ideais talvez, não existiam propriamente; eram como o coque, como os aparelhos de destilação, como os fornos de uma quantidade componente do fato estabelecido neste princípio breve: *ex fumo dare lucem*. Mais nada. Só ao acender o bico de gás em vão é que surgiu a ideia do operário, do homem preso nas malhas de ferro de um sindicato poderoso, com a frase:

— Os operários fizeram greve...

É a noção de uma classe de oprimidos, classe diminuta, classe anônima, com a sua vida inteira amarrada à polé do trabalho hórri-

do, e que, de repente, só ao cruzar os braços, punha em sombra uma cidade inteira.

Estes conhecimentos foram rápidos e rapidamente desaparecerão. Amanhã, arranjadas definitivamente as coisas, o bando volta ao horror, ninguém ao passar pelo edifício lembrará tanta gente no trabalho desesperado, e o próprio bando estará resignado. Por quê? Porque é a vida, porque é preciso trabalhar, porque não há remédio...

Nada mais simples. Nada mais insignificante. Prestemos atenção aos condutores de homens, e deixemos a morrer os fracos e humildes – mesmo porque eles seriam incapazes de sair da engrenagem, da máquina fabulosa de carne e de aço de que são utensílios!

E, entretanto, a nossa vida, o nosso conforto, tudo quanto é agradável, assenta na resignação, inconsciente quase, dos humildes e nessa tremenda fúria com que a sociedade os esmigalha, sem olhar ao menos a sua agonia final.

Os humildes! Já leste o noticiário *sem importância* dos jornais? Já nadaste por aí nas descargas, nas ilhas, nos grandes trabalhos? Pois lê e vai ver. Se tens um pouco de comiseração pela velhice e um pouco de amor pela mocidade em flor, os teus olhos ficarão para sempre pasmados dessas aglomerações sob o regime bruto de um trabalho de animais e da maneira por que a morte mastiga, engole, deglute vorazmente as vidas desses homens que não são homens já – são as cabeças de um enorme rebanho.

Nas notas da Santa Casa e do Necrotério há todo o dia farta messe de informações. Oitenta por cento dos entrados para a autópsia do Necrotério são pobres-diabos desconhecidos, mortos no trabalho e que ninguém tem curiosidade de ver. Para a Santa Casa, com guia do delegado, entram também, todo o dia, os feridos e os estropiados do trabalho. Os jornais dão as notas curtas: Ontem, quando conduzia a

carroça, Manuel, de 20 anos, caiu, quebrando a perna; – ontem, Joaquim, de 60 anos, carregador, na ocasião em que conduzia um saco... Ninguém imagina a estatística trágica de pobres rapazes, de adolescentes, estropiados, feridos, mortos, esmigalhados pelo trabalho feroz, e ninguém pensa em ter pena de um sexagenário que arrebenta sob o peso de um saco em plena calçada.

Eles, coitados, não sabem. São os humildes, são os ignorantes. Todas as emoções se lhes embotaram. Os pais trabalhavam de sol a sol. Aos dez anos já trabalham. É preciso trabalhar para ganhar, com medo do patrão poderoso, do feitor, do espia, de toda a gente, para não perder aquela certeza assustada e mortal do pão.

Humildes! Quanta coisa se vê e se ouve (que é impossível contar) de miséria, de sentimento, de irreparável, de infinita candura nessas pobres almas sem luz, nesses seres em que o próprio instinto se encurta ao movimento do animal de carga! Houve um tempo em que eu me preocupei com a grande tragédia, e no meu cérebro até hoje ficaram gravados os cenários enormes e as cenas.

Das pequenas cenas, duas voltam-me à memória constantemente. E foram simples. Na primeira um rapazola, carroceiro, caíra da boleia fraturando a perna. Havia sangue, gente em torno e o coitado gemia. Enquanto o carro da Assistência não vinha – e esse carro tornou-se notável por não vir, uma autoridade qualquer aproveitava para interrogá-lo.

- Que idade tem?
 - Saberá V.S.^a que vinte e poucos, ai!
 - Tem família?
 - Ai! a mãe... minha mãe.
- Interrompi a autoridade com uma curiosidade imprevista.
- Há quanto tempo é você carroceiro?

– Há muito... desde criança... há dez anos, para a mãe que é viúva.

E de repente em pranto:

– Ai! a minha vida, que vou perder o emprego, ai! que não trabalho mais...

Essa criança moída de trabalho para uma criatura miserável que era a sua mãe, empastada de sangue, nunca mais me saiu da retina.

A outra foi num bonde da Saúde, à noite. No bonde deserto vi-nham três trabalhadores das Obras do Porto, a conversar.

– O João morreu hoje.

– O caixão caiu e ele afundou.

– Conte-me lá isso, intervim eu.

– Sei lá! Mais ou menos todo o dia morre um. Que quer? É preciso.

E era verdade. Nem os jornais davam notícia, nem é possível dar. Morrem nas pedreiras, morrem na estiva, morrem no minério, morrem sob as carroças, um hoje, amanhã outro. É fatal. Só quando morrem muitos é que se fala. Quando morrem ou quando fazem greve – porque o trabalho interrompe, o patrão dá o supremo desespero e a sociedade sente falta.

Para os humildes, porém, morrer é fácil. A greve é que é um problema assustador. Em certos sítios deste Rio de Janeiro gritalhão e *meetin-gueiro*, há regimes que seriam o inferno para os servos da gleba da Idade Média e que só podem ser comparados à alucinante visão da *História dos Tempos Futuros*, de Wells. A algumas braças de Niterói, há uma ilha que se intitula suavemente de Fome Negra. Os homens nessa região viraram apenas máquinas. São aparelhos da grande máquina de levar o minério, o *piquiry*, para os navios de carga. Quando descansa essa gente? Quando dorme? Quando pensa? É impossível saber. Estão ali com as mãos rotas dessorando uma gosma amarela, a pele gretada, os olhares desconfiados. Para chegar até eles em trabalho é preciso uma espé-

cie de assalto à vontade do feitor, à vontade dos espías. E quando a gente, entre as descargas, lhes dirige a palavra, os mais espertos dizem, olhando de soslaio:

– Olhe o feitor. Pelo amor de Deus, não fale, que eu sou demitido!

E os fracos, os tímidos, os covardes ganem com medo de tudo, do feitor, do patrão, símbolo molossiano que eles não conhecem, dos companheiros, de nós mesmos:

– Para que quer saber meu nome? Não sei! Deixe-me trabalhar! Estou muito bem!

É ali, a dois passos, um dos trustes de exploração da vida humana, do esgotamento de pobres diabos, que nasceram pobres, que vivem pobres e que morrerão, abreviados pelo trabalho, ainda pobres, sem ao menos essa compensação magna: o dinheiro... O messias que se erguer nesse ambiente está perdido. A suspeita pesa-lhe como um grillão, faz-se em torno um cordão de isolamento contra a ideia nova em que o patrão tece, para a segurança dos seus interesses, todas as forças possíveis: o terror dos companheiros, a vigilância da polícia, o conservadorismo dos jornais, a hostilidade da massa.

De vez em quando, um desses devotados, também humilde mas possuído da vontade fraternal de melhorar a sorte dos companheiros, surge, fala de “emancipação do operariado” e de outras coisas graves, solenes e vazias. É um homem ao mar. Nem tu, nem aquele cavalheiro proprietário o conhecem. Mas a polícia já sabe que o bandido é um anarquista infame, os feitores não o largam com o olhar, os companheiros o evitam ou chasqueiam na sua ignorância das suas ideias de associações de classe, e o diretor da Companhia, a Companhia, o sindicato, o Truste, a entidade absoluta e poderosa que detém as energias humanas enfim, têm o seu retrato com uma cruz no grupo fotográfico dos operários, recebe informações

da sua pessoa, faz o dossiê do crime para esmagá-lo com uma patada na primeira ocasião.

Naquele inferno do gás, velho e atroz, em que os homens são como os pistons de uma enorme máquina saindo de uma temperatura de ar livre, à chuva com frio ou com calor, quase nus, para entrar numa temperatura de caldeira e de novo sair e tornar a entrar, sem parar, durante horas e horas; naquele horror em que as fornalhas lembram olhos de ciclopes fantásticos numa fixação de hipnose – quantas vezes terá aparecido o revolucionário, quantas vezes terá aparecido já o desejo de melhorar a vida daquela pobre gente? Muitas decerto... A timidez da humildade, porém, a timidez dos simples, que os faz eternamente explorados, extinguiu os generosos sob o bridão insolente das exigências da Companhia. E ninguém sabia que ali, num trabalho que vos dá a impressão de um delírio permanente, de um círculo infernal esquecido pelo Dante, havia homens, homens como nós, a penar, a morrer, para escassamente comer e gentilmente nos dar, com lucros para todos, menos para eles, o bico de gás civilizado. Foi preciso a greve, para que se ouvisse um protesto de treva, um protesto mudo a soluçar nos combustores semiapagados, um enorme espasmo de sombra cobrindo a cidade inteira a indicar que eles existiam...

A greve! A greve é ainda uma anomalia entre nós, quando a exploração do capital é um fato tão negro como na Europa. Mas é que lá os humildes começam a se reconhecer e aqui eles ainda são tão pobres, tão tímidos, carne de bucha da sociedade, tão ignorados dela que se ignoram quase totalmente a eles mesmos.

E lembrar, a propósito de um caso, tanta aflição humana, tanto trabalho tremendo, tantos casos: a maior parte da espécie é imensamente comovente, posto que incorrigivelmente romântica e de um pieguismo colegial...

ALGUNS POETAS DO HOSPÍCIO

O ntem, num bonde vertiginoso da Escola Militar, o diretor do Hospício indaga-me:

- Queres ler alguns versos dos malucos?
- Deve ser interessante.
- Pois salta, e vem até ao meu gabinete.

Salto. O diretor conduz-me até um salão encerado, manda vir café, abre uma gaveta e espalha dessa gaveta, em cima da mesa, uma porção de papéis. É a Musa do Hospício. Bebo o café, agradeço, faço um emburramento da versalhada e parto.

É sempre muito grave afirmar a maluquice alheia. Os doidos têm a sua razão como os são têm as suas manias e as manias dos são, com a razão dos doidos, dão em regra geral um homem normal. Infelizmente, essas condições de normalidade andam quase sempre separadas. Qual de nós agora, com calma e reflexão, é capaz de se considerar um desequilibrado? Qual de nós não terá bem dissimulado na alma algum vinco mais forte da besta inconsciente?

Os brutos, no primeiro momento, mostram o delírio do sangue, os civilizados sofrem todas as vesânicas, todos os delírios que os oscilam entre os dois paroxismos modernos: a Moda e a Sexualidade; os grandes homens são sempre malucos. Cristo, toda a gente sabe, tinha um evidente delírio progressivo, e, depois dele, não há Deus ou herói que

não tenha suportado, através da história, a aguda dissecação dos alienistas. Entre a loucura e a razão tudo é vago, inexplicável, e, como dizia o célebre ironista, o limite de ambos é talvez um verso.

Este verso, que antigamente era um farto hexâmetro, tem diminuído no conceito público. A extravagância dos poetas atrapalha o normal. Hoje, quando se descobre que um homem considerável faz versos, é como se de repente o víssemos na rua em fralda de camisa, comentando atos irregulares.

Os poetas agem quase ao contrário de toda a gente, têm a fantasia, amam, cantam as amadas com estranhas palavras rutilantes – são anormais. E tanto o são que não há nada mais fácil que transformar uma escola literária em certame de maluquice. Outra coisa não faz Max Nordau na sua *Degenerescência*. Talvez por isso o Hospício abunde em poetas, talvez por isso eu carregasse o embrulho da musa mórbida com um respeito tão cheio de filosofias extravagantes, talvez por isso, depois de desembrollá-lo e de lê-lo, a minha extravagância amarga amente.

Há no vasto manicômio da Praia da Saudade toda a casta de sonhadores fabricantes de quadras. O Hospício é um resumo da Cidade, excepcionalmente demonstrativo, o hospício é o trecho mais romântico da *urbs*, porque só ali se acredita hábito ainda nestes tempos de utilidade – enlouquecer e morrer de amor...

Nessa casa da dor e do delírio abundam os loucos de amor. Há lá dentro helenistas, médicos, inventores do moto-contínuo, do elixir da longa vida, da telegrafia sem fio, de aparelhos funerários, de reformas ortográficas, de relógios-moscas, autores de dicionários, aviários, balões, inovadores dramáticos... Os loucos de amor são os mais tocantes. Um deles, C..., pintor italiano, já ia obtendo fama entre nós, quando subitamente se apaixonou por uma senhora da nossa alta sociedade.

Convidado a dar explicações na polícia pelas suas audaciosas maneiras, C... perdeu o juízo, falando de socialismo, amor livre e outras coisas abundantes em brochuras vermelhas. O delegado mandou-o para o Hospício, e lá, nos momentos de calma, ele escreve versos como este a respeito do miosótis:

*E il picciol fiore, confuso e vergognoso,
Ove nessun la vide, si nascose
E guarda il cielo ove dimora Iddio
E dice a tutte l'ore:
– Non te scordar di me, povera fiore!*

Versos tão emotivos deram logo ao sr. Tavares Bastos, um tradutor a que não escapou nem o soneto de Anvers, esta tradução:

E, então ela, confusa e envergonhada,
De onde ninguém a vê, sempre escondida,
Contempla o céu e a abóbada estrelada,
E assim longe de Deus que nela mora
Do seu recanto, trêmula, perdida
“Não te esqueças de mim, repete agora...”

Tanto o original como a tradução estão longe de indicar uma doença mental. C... tem entretanto alguns pensamentos nietzschiano. As máximas do venerando marquês de Maricá são lamentáveis à vista destas ideias:

“1.º – A caridade é a antítese do homem.”
“2.º – Homem é a encarnação do Eu.”

“3.º – O beijo mais belo que o homem possa receber da natureza é a morte, lembrando-lhe assim um novo passo no Universo que é a Vida.”

“É morte o que foi; é vida o futuro.”

“4.º – O amor é sublime por ser sinônimo do ódio.”

E em italiano:

L'humus d'onde nasce, cresce, germoglia e fruttifica l'amore é il Bene. Le due parole se confondano...

Outro poeta d'amor é o paranoico Dr. P..., um engenheiro enlouquecido por uma tremenda paixão. P... tem a mania da perseguição acentuadíssima, vive no Hospício há quase dez anos e agora com o sistema da *open door*, passeia, vai aos ministérios, pede, caceteia o Dr. Lyra e deseja empregos do Dr. Calmon. Apesar disso é lírico. Cada verso seu parece um rosário de adorações, e ninguém dirá lendo tais endei-xas, que esse homem está irremediavelmente sem razão.

Leiam esta *sonatina*:

Ontem, quando carpia
 O sino da freguesia
 Tangendo a Ave-Maria
 Em compassado lamento,
 Eu vi teu batel esguio
 Passar triste e vazio
 Mui vagaroso e sombrio
 Dos mares no isolamento.
 Do sino os tristes queixumes

Da vaga os inquietos lumes
Fosforescentes cardumes
Das ondas carpindo a dor,
Levam ao barquinho algente
Que passa triste e silente
Da saudade a dor pungente
Que suporta o trovador.

P... tem três livros: *Confissões e Fragmentos*, *Harpa Quebrada* e o *Livro Negro*.

A paixão transformou esse engenheiro rude num místico amoroso que nos fala com *poses* fatais de Manfredo. Ninguém deixará de sentir a sinceridade desta quadra:

Regina-coeli, fonte de Blandícias!
Para louvar-te toda a prece é pouca,
Porque teve o batismo de carícias
Na pia batismal da tua boca...

O celebrado sabiá das nossas selvas deu-lhe à alma esta comparação enternecida:

Se eu fosse um sabiá, iria agora
ficar preso em teu lar, do mundo alheio,
pra contar-te, sem medo, sem receio,
a tristeza cruel que me devora.

Por não ser sabiá minh'alma chora,
pois não pode dizer-te num gorgείο
a saudade que mora no meu seio
ao chegar do crepúsculo a doce hora.

Se eu fosse um sabiá, terno, cantando
bem juntinho à gaiola, eu te veria
trazer-me o alimento, suspirando.

Eu, então, tuas mãozinhas beliscando
c'ô o biquinho entreaberto, pediria
um beijinho dos teus de quando em quando.

A lista do Hospício não é, entretanto, só de poetas que ficaram malucos de tanto amar. Há de todos os gêneros. O mais estranho é o simbolista Hermano Paiva, autor da *Cura Eterna*, que imprime os seus volumes e os manda às redações dos jornais. Esse homem inventou um gênero – o *dramatativo*.

O dramatativo é, diz ele, um drama recitativo. Por enquanto tem dois: a *Cura* e a *Ópera Lírica*. Esta última começa com algumas palavras explicativas, isto é: um *antifétido*, porque – *precede-lhe um intuito particular que será em toda a parte a última comunhão figurada*.

Como se vê, puro simbolismo. *Ópera Lírica* é de resto escrita em versos livres com uma preocupação de ironia constante. Eis um dos seus trechos:

Inda mais esta reticência
Tu bem sabes que a voz, o sentimento de espírito é
O Retoriquinho, retoriquito!
Enquanto a gramática, realmente, com toda a verdade,
E sem mentira alguma, não a sabemos não!

Qual o poeta que ao brigar não diz o mesmo do rival? Até na Academia Maior de Letras, e digo maior porque há no Brasil, todas de le-

tras, mais de 40 – até na Academia as discussões acabam sempre assim. Mas o dramático tem outras reflexões importantes. Esta, por exemplo:

Affonso e Pedro o cru, a triste e mesquinha
Que depois de morta foi rainha!...
Camões... Antonio José, depois de uma discussão literária,
Com o conde de Oeiras na masmorra!
Só estes três fatos históricos nos bastariam
Para ver os homens no Estado e na Igreja

Todos os poetas são imensamente orgulhosos. C.J..., positivista, fala sempre nas suas composições e põe asteriscos nas poesias, fazendo chamadas para lamentar a falta da Biblioteca. É dele este cromo:

Tototó... soa a sala de espera, a quem porta
Que passa o atriozinho de pétrea escada
De dois lances... Em um folga o beco do Cruzeiro
Em outro a cidade. Largos rústicos, entrada.

Há outros jocosos, o A... por exemplo que implica com o barbeiro e escreve malvadas quadras contra ele:

As navalhas do barbeiro
Estão mui cegas e embotadas,
E as epidermes dos malucos
Quase ficam esfoladas.

Esse senhor do ofício
Nunca aprendera a barbear;
Afez-se por muito favor,
A essa vida de raspar.

Oh! No Hospício há o resumo da Cidade. Todos esses poetas entretanto não seriam bem o esgar trágico dos de cá, se não tivessem as qualidades primordiais de exibicionismo tão estridentes no parnaso contemporâneo. É só abrir o maço de documentos e acho o reclamo, o escandaloso reclamo – a obra intitulada: *A Perna Esquerda de Inácio Pinheiro*:

As assinaturas desta importante obra, diz ele, acham-se abertas nas redações do jornal de maior circulação e da casa moisaica e do Diário Oficial. O autor, pela sua modéstia reconhecida pela família Accioly, etc.

Dez mil exemplares serão pagos pelo autor se por ventura a dita obra não for a escolhida pelo público respeitável das cinco partes do mundo.

O autor precisa não receber quantia alguma.

E foi assim que eu mais me afirmei no princípio fundamental de que é sempre muito grave assegurar a maluquice dos malucos.

Porque, afinal, idênticos versos e quase idênticos reclamos já tenho lido de cavalheiros geniais que nunca moraram na Praia da Saudade e têm a nossa admiração.

O VELHO MERCADO

Acabou de mudar-se ontem a Praça do Mercado. Naquele abafado e sombrio dia de ontem era um correr de carregadores, carroças e carrinhos de mão pelos *squares* rentes ao Pharoux levando as mercadorias da velha Praça abandonada para a nova instalação catita do Largo do Moura, e, ao passo que aí uma vida ainda desnorteada estridulava e enchia de ruído o silêncio do sinistro largo, na alegre e bonancheirona Praça ia uma desolação de abandono, com as casas fechadas e o arrastar de utensílios para o meio das ruas sujas. A mudança! Nada mais inquietante do que a mudança — porque leva a gente amarrada essa esperança, essa tortura vaga que é a saudade. Aquela mudança era, entretanto, maior do que todas, era uma operação da cirurgia urbana, era para modificar inteiramente o Rio de outrora, a mobilização do próprio estômago da cidade para outro local. Que nos resta mais do velho Rio antigo, tão curioso e tão característico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas. O progresso, a higiene, o confortável nivelam almas, gostos, costumes, a civilização é a igualdade num certo poste, que de comum acordo se julga admirável, e, assim como as damas ocidentais usam os mesmos chapéus, os mesmos tecidos, o mesmo andar, assim como dois homens bem vestidos hão de fatalmente ter o mesmo feitio da gola do casaco e do chapéu, todas as cidades modernas têm avenidas largas, *squares*, mercados e palácios de ferro, vidro e cerâmica. As cidades que não são civilizadas são exó-

ticas, mas quão mais agradáveis. Não há avenidas, há outras coisas e quem vinha ao Rio gozava o interesse de uma cidade diferente das outras e tão curiosa no seu feitio, como é Toledo na sua maneira, como é o Porto, como o são algumas cidades da Itália, onde ainda não entrou o progresso, que estende logo um cais, destrói 20 ruas e solta sobre as ruínas um automóvel.

O Rio, cidade nova – a única talvez no mundo – cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença. De súbito, da noite para o dia, compreendeu que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser Paris, e ruíram casas e estalaram igrejas, e desapareceram ruas e até ao mar se pôs barreiras. Desse descombro surgiu a *urbs* conforme a civilização, como ao carioca bem carioca, surgia da cabeça aos pés o reflexo cinematográfico do homem das outras cidades. Foi como nas mágicas, quando há mutação para a apoteose. Vamos tomar café? Oh! filho, não é civilizado! Vamos antes ao chá! E tal qual o homem, a cidade desdobrou avenidas, adaptou nomes estrangeiros, comeu à francesa, viveu à francesa.

Só a Praça do Mercado ainda resistia. A Praça! Essa velha bonacheirona que era o Ventre do Rio, levava a escolher o seu local muitos séculos. Em mil seiscentos e sessenta e tantos, a Rua da Quitanda, era da Quitanda Velha, porque lá se instalara a Praça. Pouco depois a Rua da Alfândega era da Quitanda do Marisco, porque lá a Praça tentara o mercado. E nos tempos do Brasil colônia, a Praça, já se aproximando do seu lugar, ficava por trás da Câmara e incomodava nos seus palácios os vice-reis, porque desprendia muito mau cheiro.

Só em 1836 é que ela se abeirou do cais Pharoux e lá fixou as primeiras estacas das primitivas cabanas. Não há um século ainda. Alguns dos homens que a viram assim começar ainda vivem. Mas esses 70 anos bastaram para fazê-la um símbolo, na sua força, na sua origi-

nalidade, no espírito de coesão e na vida própria dos seus habitantes. O local fora durante muito tempo motivo de discussão de propriedade, mas a gente de lá sempre viveu como numa praça sua, no forte do estômago, organizando festas, batendo-se contra a polícia, incendiando-se, continuando.

Quem não sentiu a influência da Praça, quem não palpou aquela pletora de vida? Na Praça havia a abundância, a riqueza, a miséria e a vagabundagem. Ao lado de rapazolas que mourejavam desde pela madrugada entre montanhas de vegetais e ruínas sangrentas de carne, rastejando por entre as fortunas feitas às braçadas no desencaixotar das cebolas e dos alhos, viviam e morriam com fome garotos esqueléticos, vagabundos estranhos, toda a vasa do crime, do horror da prostituição, bem idêntica à vasa cheia de detritos da velha doca e da rampa. Noite e dia aquela gente, que tinha um calão próprio e vivia separada da cidade, labutava, e era uma sensação esquisita sentir-lhe os vários aspectos...

Oh! os aspectos da Praça! Seria preciso pertencer a todas as classes sociais para apreendê-los e enfeixá-los. Às primeiras horas da noite, quando ainda há no céu alguma luz deixada pelo sol, as casas de pasto com a crua iluminação do gás, os botequins baratos, as casas de louças, as barracas de frutas e de aves, as bancas de peixe, os açougues, a praça dos legumes cheia de montanhas vegetais – passavam por uma crise de nervos. Eram os donos das faluas, eram carregadores, catraieiros, garotos, gente de hotéis, homens das bancas de peixe, suando, gesticulando, gritando. Na rampa desciam por pranchas tipos hercúleos carregando caixões, os caixões passavam para outras cabeças e havia, ininterrupta, uma corrente viva de trabalho exaustivo, enquanto pelas bodegas comiam outros em mangas de camisa, mas calmos e já prósperos, ou de camisa de meia, suando e saudáveis,

entre o farisaísmo dos ciganos à cata de coisas grátis e o bando de malandros parasitas, desde o garoto do recado ao mendigo falso.

Depois tudo era sombra, escuridão, obscuridade complacente e uma atmosfera feita de relentos de cozinha, do cheiro das aves, da maresia da vasa, dos animais, das couves em montanhas, toda uma orquestração impalpável de cheiros afrodisíacos, espalhando uma vaga, indizível luxúria. Homens que nunca sentiram o mal de viver, nem o mal, moral da dúvida, nem a dor física, dormiam quase nus nos paralelepípedos, sobre as soleiras das portas, e não havia canto escuso em que não se encontrasse uma criatura a roncar – ou gente de labuta, ou gente parasita. Na sombra, indecisamente sombras delineavam-se e na atmosfera pesada de tantos cheiros um rumor sutil, feito de mil rumores de suspiros, de roncões, de pios, de grunhidos, excitava ainda mais.

À meia-noite, porém, começavam a chegar os vendedores, as carroças de verduras das hortas distantes e as faluas pesadas do outro lado da baía.

Os proprietários, os compradores caminhavam sempre com um pauzinho na mão, à guisa de bengala; os outros, carroceiros, deixavam a carroça e recostavam a dormir mais um pouco. E o trabalho começava da descarga da quitanda, ligava-se das faluas para a rampa outra corrente humana, na alegria dos homens. – Eh, José, eu já carreguei três! – A apostar como eu levo mais! – Duvido! E em cada uma, enquanto o chefe dirigia a colocação por ordem, os cestos de tomates com os cestos de tomates, os molhos de salsas com os molhos de salsas, sempre havia o “espirituoso” encarregado de dizer graça, ou o pequeno vagabundo que às vezes trabalha mais que os outros para matar o tempo.

Ia a madrugada em fora, e à luz das estrelas ou sob a chuva a cena se repetia. A um certo momento, os vendedores de peixe e de ostras

aquartelavam com as latas enferrujadas e os cestos, acendendo cotos de velas a iluminar em derredor. Defronte sempre abria uma casa de pasto. Era a hora em que bordejavam bêbedos, à espera de bote, as blusas vermelhas dos fuzileiros navais, era a hora em que apareciam os seresteiros para tomar vinho branco e comer ostras, era a hora em que, à saída dos bailes carnavalescos, paravam tipoias transbordantes de mulheres alegres e de rapazes divertidos para o fim da orgia.

– Vamos comer ostras ao mercado?

Quem não teve esta pergunta lamentável uma vez na sua vida?

Quando, porém, os retardatários davam por si, já no céu se fizera a transfusão da luz e era a aurora que abria sobre o mar e sobre as coisas como uma grande casa, a renovação da vida. E tudo parecia acordar, fervilhar, brilhar: aves, animais, escamas de peixes, latas, pratos, homens, pássaros, numa grita infrene, que tinha da Arca de Noé e de uma aluvião de leilões. Apagando os mendigos, apagando os garotos, apagando o sono misterioso, entrava a grande massa dos compradores, saíam as levas dos vendedores ambulantes, todos na grande agitação que dá a compra da vida, enquanto homens saudáveis brandiam machados em cepos sangrentos, montes de verdura desapareciam em cabazes, peixes rolavam, cães ladravam, aves cacarejavam e, dourando tudo, alindando tudo, o sol cobria a ruína sórdida das barracas, envolvia as faluas e a sujeira da doca, arrastava pelo mar a rede de lhama de ouro da sua luz.

E era assim até ao meio-dia em que sempre havia tempo para uma palestra e um descanso em todos os múltiplos ramos dessa babel do estômago.

Quantas vidas se passaram ali, sem outro desejo, naquela apoteose da abundância que fechava o apetite e devia dar saúde? Quantas lutas, quantas intriguinhas, quantas discussões, quantos combates, porque a

gente da praça sempre foi valente? Quantos limitaram as festas aos co-retos da Lapa, com ornamentações, leilões de prendas e outros brincos primitivos? Quantos tiveram aqueles quatro portões como os portões de uma cidadela que não se sentia?...

Com essas tristes reflexões deixei o novo Mercado pela velha e amada Praça. Havia, como eu, muito cavalheiro discreto a armazenar na retina pela última vez a topografia do Mercado. E o mercado era desolador. O quadrilátero onde paravam as carroças de verdura estava deserto. A parte central, onde havia bancas de peixe, frutas, casas de cebolas e de louças também deserta e junto ao chafariz seco um soldado de ar triste. Pelas ruas estreitas, uma ou outra casa ainda aberta a carregar os utensílios para o novo edifício, onde ninguém dorme e às dez horas fecha. No mais, portas batidas, portões de grade mostrando a ruína vasta das paredes e o anseio interminável de mudança. Paramos enfim na rampa. Alguns homens conversavam em mangas de camisa. Para eles era impossível deixar de aproveitar a rampa. Mas a doca estava quase vazia. Só, amarrada a um dos grossos e gastos argolões de ferro, uma falua balouçava. Era a última. Dali a minutos ela partiria, deixando abandonada a velha bonacheirona antiga, cuja história já tinha da legenda. Era a derradeira. A atmosfera estava carregada. E além da falua tão cansada e triste, arabescando o horizonte de treva, um bando de corvos em círculos concêntricos alastrava um pedaço do céu.

CHERS CONFRÈRES

— Oh! você!... Foi o céu que o mandou.

Tenho a apresentar-lhe um colega muito distinto do jornalismo holandês. Veio dar-nos a honra de uma visita de recreio. M. Hupfman, o nosso colega...

Um homem curva-se, a mão direita do homem estica-se, uma voz guturaliza:

— *Cher confrère!*...

Pronto. Não é preciso dizer mais. Estamos diante de um exemplar da epidemia propagandista. A princípio, esse caso de ter ao nosso lado um repórter do *Matin* ou do gravíssimo *Temps* dava-nos um certo receio. Que dirá o colega? Pensará como a Réjane ou como a Sarah da primeira vez? E era um cuidado excessivo, como acontece com as visitas nas casas nobres e pretensiosas. Um jornalista francês ou belga ali, no Hotel dos Estrangeiros ou no Hotel Caboclo, e nós sem procurar informá-lo, sem procurar apagar a má impressão da poeira, das ruas sujas, dos bondinhos da Carris com a vista direta do Corcovado, do Corpo de Bombeiros e da implacável pedra de Itapuca na não menos implacável beleza icaraiense! Imediatamente um mais ousado atirava-se à *interview* e o jornalista em *tournées* dava as suas impressões, aliás, parecidíssimas com as dos anteriores.

— Muito interessante. Nunca pensei. E não é que me diziam haver índios de tanga e surucucus pelas ruas? Estive com o presidente. O

café não dará mais nada? E as *haciendas*? Realmente, muito bonito: o Corcovado, *les pompières*...

E nós com açodamento:

– Mas ainda não viu a pedra de Itapuca nem o Ipanema?

Em geral, o colega europeu – (que nos prevenia modestamente e mostrando algumas condecorações pretender viajar incógnito como os soberanos) – não tinha visto todas as nossas belezas naturais. O *interviewer* virava em cicerone e passava uma semana cornacando o repórter pelas confeitarias, os bares, os restaurantes e os sítios belos.

Ao cabo de um certo tempo, o homem tomava um vapor e, passando alguns meses, o ousado entrevistante via nos jornais uma crônica, citando com o qualificativo de gentil, o seu nome, as mais das vezes estropiado. Não raro acontecia não ver coisa alguma, nem crônica nem nome estropiado. Mas não se incomodava – porque nenhum de nós tinha ainda n'alma o cúmulo do patriotismo que é a vaidade suprema de aparecer lá fora como os de lá de fora.

Agora, entretanto, o estado mórbido de impor a nossa avenida aos *boulevards* parisienses, aos *squares* londrinos e às perspectivas russas, acentuou-se de tal forma que fizemos nosso intendente honorário um intendente de Paris e que esse adendo francês ao conselho do sr. Mendes Tavares conseguiu lançar as nossas ações de companhia nova em plena bolsa universal. As ações foram lançadas e imediatamente, como uma praga – praga aliás benéfica – de toda a parte do mundo caíram os *courtiers* e os jornalistas. O governo não resolve apenas a superprodução do café. Resolve também a superprodução de jornalistas amigos dos estrangeiros. É uma súbita crise de enxerto internacional, que por esse mesmo internacionalismo se poderia chamar de *graft* propagandista, se a gente se fosse meter entre os *boss* ocultos do movimento.

Não há vapor que não nos traga um pelo menos; não há ponto da cidade em que eles não estejam a observar o nosso progresso e a grande força de *ce jeune pays*. Todos têm ideias, querem falar ao barão do Rio Branco e ao Miguel Calmon, todos são de grandes jornais.

– *Cher confrère...*

Há franceses, desde o pessoal empregado da Rua Drout até os boêmios de Montmartre; há belgas, que consideram este país como o rei Leopoldo nos considera e já considerou, entre outras, a Liana de Pougy; há americanos, há húngaros, há turcos. A propaganda passou até o janizarismo egoístico da Sublime Porta; ainda outro dia, num clube de prazer, atentando para dois homens finos que jogavam com elegância, o diretor arredondou-se e apresentou-me aos dois homens – jornalistas liberais, fugidos da macabra ferocidade do Sultão, para que eles murmurassem o – *Cher confrère, fatal*.

Chers confrères! Nós somos os *chers confrères* de uma porção de gente. Pensando bem, nunca uma pessoa poderia imaginar ter tantos *chers confrères* dedicados ao Brasil. Como nós estaríamos outros se eles tivessem aparecido antes! O diabo também é que as ideias de cada um deles estão sempre em oposição umas às outras, e em conjunto a todo o movimento. Assim, um assegura-nos:

– Dar 30.000 francos ao *Figaro!* Mas é uma loucura! O Turot, você compreende, com aquela queixada de lobo esfomeado, *cher confrère*, e dando-se ares de ter descoberto o Brasil! É humilhante! Afinal de contas, é humilhante! A propaganda devia ser feita em entrelinhados nos jornais das províncias dos países que emigram.

– Mas o Paula Ramos...

– *La propagande de l'or?* com um presidente que não sabe bem francês? Oh! *cher confrère!* Eu poderia ajudar o governo deste jovem país com umas ideias que breve exporei ao barão...

Outro, encontra a gente, e logo:

– O Doumer, você viu? Aquele cacete – (eles dizem *raseur* e eu traduzo cacete com uma imensa vontade de empregar o superlativo quando me lembro das conferências do genial Accacio do Indo-China) – não viu nada e vai escrever dois volumes a respeito do vosso país! Que desastre! Será verdade que Doumer vai fundar um jornal com fundos brasileiros? Que erro! que imenso erro! Ah! *cher confrère!* Eu, entretanto, tinha uma ideia. Que precisam vocês? De capital! Ora, eu com as relações de que disponho na Bolsa, poderia...

Mas logo outro agarra-nos na primeira esquina.

– Temos então aí o Destez!... Ah! *cher confrère!*

– O Destez, porém, sabe coisas, tem o seu nome todo o dia nos jornais de Paris...

– Que ilusão! Ele pode ter tudo isso, mas as suas opiniões sobre o café e a transplantação de capitais são uma fantasia. O meu plano é que realmente é bom. Ora, imagine um pequeno guia com as vistas das Avenidas, do Corcovado?... Tenho que falar ao barão.

Todos esses *chers confrères* – por mais que a gente queira iludir-se – não vêm pelos nossos bonitos olhos, vêm simplesmente pelo ouro. Há boas profissões hoje em dia ainda, isto é, lucrativas. Fazer cartolas, por exemplo. O fabricante fá-las por 2 fr. 50 e vende a 25 francos, isto é, tem logo de lucro 1.000%.

Não só cartolas. Os dentes postiços, a soda *water*, a água de cal, a farmácia, as cadeiras de deputado – dão um resultadão. A todas estas profissões lucrativas a de propagandista vence. É a melhor atualmente. Os *chers confrères* desertam os *boulevards*, metem-se num transatlântico, saltam neste país – *le pays des palmiers où chantent les sabiás*, e estão convencidíssimos de que vão ganhar dinheiro e que sem eles o bromeliano David Campista não aguenta a Caixa de Conversão nem o general Pinheiro Machado

perde a sua grande partida. Chegam, sabem logo tudo e, como evidentemente o nosso governo não é composto de pastranas, ao cabo de um mês estão furiosos. Há dias encontrei um belga absolutamente raivoso. O homem rangia os dentes. Tive a coragem de perguntar como iam os negócios, os *business* – porque afinal negócio é negócio. O homem revirou para mim um olho apunhalante, um olho dinamitoso.

– *Le père* Rio Branco ainda não me recebeu!

– Palavra?

– De honra, *cher confrère*. Pensam eles que eu vim para aqui ver a Avenida Central e o corpo de infantaria dos Bombeiros?

– Ainda não temos o de cavalaria.

O propagandista não me ouvia, porém. Toda a sua propaganda estalava diante da “cavação” perdida.

– Eu que sou importante! Eu que tenho vários jornais! Oh! país famoso! Mas também eles me pagam! Vou escrever para todos os meus jornais que este Rio é um foco de epidemias. Não querem as minhas ideias? *Le père* Rio Branco não me recebe? Pois bem. Vão ver...

– Mas, *cher confrère*, não faça isso. Ainda há pouco tivemos aquele repórter do *Matin* parecido com um gatuno, que foi preso aqui e conduzido depois com todas as honras para bordo, mas que não tendo mostrado documento nenhum que provasse não ser ele amigo do alheio mas amigo de todos nós – é capaz de cair colericamente contra os nossos costumes. Basta esse...

– Qual! Tenho que mostrar a minha força. E então o Pierre Loti não vem, não vem o d’Annunzio, não vem o autor do *Quo Vadis*, não vem mais ninguém.

– Pois que? vinha toda essa gente?

Vinha, sim. O Loti para fazer um romance com uma das vossas índias vestida de parisiense, propaganda da fusão das raças: o

d'Annunzio para documentar-se sobre o Belo Natural e o autor do *Quo Vadis* para transportar todos os polacos com o seu verbo inflamado para as culturas do Sul. Mas não vem mais ninguém – porque eu não quero...

A propaganda! Oh! interessante coisa! Uma crise louvável de patriotismo que nos trouxe o *graft* da publicação e uma epidemia tal de colegas que vocês não podem dar um passo na rua sem lembrar que mil olhos de Paris, para informar Paris, os olham nas órbitas de um batalhão de *chers confrères*. Porque, em suma, não há hoje no Rio um estrangeiro recém-chegado que não queira fazer propaganda e não seja *cher confrère*.

A CASA DOS MILAGRES

O convento dos missionários capuchinhos é uma velha casa em ruína. Eu, que há muito tempo não via frei Luiz Piazza, me permitira incomodá-lo à hora da sua modesta refeição, e, pela primeira vez acolhido como só os bons sabem acolher, passeava pelos corredores e salas do vetusto casarão. O ar lavado e puro entrava pelas janelas, e tudo era tão pobre que confrangia a alma. Nem o ouro de uma moldura, nem a beleza histórica de um móvel antigo, nada que denotasse sequer a simples satisfação burguesa. Apenas catres, duros bancos de pau, mesas de pinho, gravuras e pinturas edificantes penduradas nas paredes, em caixilhos desconjuntados. Na cela do superior, uma escrivaninha modesta, o grabato e um crucifixo; na biblioteca, livros santos, mal encadernados; no jardim, rosas que florescem entre couves e alfaces, ao lado de um tanque onde cada frade lava a sua própria roupa. Aí, curvado, esquecido do mundo, um leigo esfregava velhos trapos, e só por nós deu quando frei Piazza pediu mais um prato ao jantar para honrar o hóspede.

Esta sensação de miséria satisfeita afastava-me infinitamente da cidade que, em baixo, se pulverizava d'ouro. Todas as ambições humanas pareciam vagas. A custo falei das riquezas dos jesuítas.

– Veja você, meu filho, como são fantasistas os homens. Riqueza nas galerias! É desmoronar o morro à toa. Mas, vão lá dizer-lhes que não existem aqui apóstolos d'ouro, cheios de gemas preciosas! Nós temos, sim, agora uma nova riqueza. Esta alegra a alma.

Eu venero frei Piazza. Esse velho de longas barbas cândidas soube, numa cidade em que a calúnia é a praga maior, ser forte e bom, sentir todos os contatos e deles sair ileso, perdoar o mal dos homens e dominar a sua influência. É exemplar; Deus deu-lhe a túnica da crença e, Luiz, ancião superior dos capuchos, todo o dia a agitar-se na obra da caridade; tem a alma de Luiz criança, feita de encanto e de maravilhas. Perguntei, com curiosidade:

– Algum tesouro de fé?

– Três solidéus de Santo Ubaldo. Depois de jantar vou mostrá-los.

Entramos no refeitório e as rezas começaram. Fora, o dia tinha um esplendor de turquesa ao sol.

Há três frades no convento, além do superior: – um velho de óculos, 40 verões já ali passou; outro, de larga face, inteligente e barba grisalha; outro, apenas moço, corado, com uma breve barba negra como a de S. Francisco de Assis. Pareceu-me que o primeiro vivia a vida vegetativa dos antigos mosteiros; que o segundo se ocupava de contestar o espiritismo, que o terceiro era mais orgulhoso. Não garanto a verdade dessas observações. É preciso perdoar aos humanos a mania de julgar tudo.

Enquanto, porém, comíamos uma sopa de grande alimento, foi agradável ao meu espírito pensar que recuava milhares de anos e que me encontrava num dos conventos da península, antes dos excessos dos papas e antipapas, antes do terror do fim do mundo. Os frades deviam miniaturar letras de missais, apagar os versos clássicos e contar, como os romanos, as horas do dia. Eles tinham acordado pelo *gallinicum*, à hora em que canta o galo. Quando chegava o *conticinium* – hora em que o galo deixa de cantar –, cada um na sua cela, a oração lhes dulcificara os lábios. De manhã, *antelucaem*, haviam ouvido missa, *ad meridiem* chegara eu. Jantávamos agora, *meridies*. Quando eu dali saísse, recolhi-

dos de novo, eles esperariam a *suprema* e, decerto, chegariam ao terraço para louvar Maria, na hora *véspera*, antes de nascer a estrela que Plauto chama *vesperugo*, Ennius *Vesper*, e Virgílio *hesperon*...

O meu sonho, entretanto, morreu. Era preciso divertir os convivas e frei Piazza contava anedotas de um cômico edificante.

– Havia em certa aldeia um homem, coitado, que maltratava os filhos. Mas tinha um nariz muito grande...

Terminada a história, ria ruidosamente. O velho de óculos também. Os outros dois sorriam e eu estava triste.

Daí a concluir que éramos nós três os únicos capazes de julgar o mal irremediável.

Acabado o jantar, eles levantaram-se e rezaram. Depois, na igreja, nos altares laterais, de novo os vi prostrados. Eu inventariava os santos, uns mal feitos, outros belos e invejava principalmente o bem-estar de algumas velhas que por lá andavam arrumando os paramentos, como por sua casa. Quando um dos frades erguia-se, logo uma delas corria, num miúdo passo, a beijar-lhe a palma, e eram perguntinhas ociosas, com uma voz lambareira: “Pode-se pôr um ramo de rosas no altar de S. Félix?” “E uma toalha de crivo no de Nossa Senhora?” “Ai! que rico esteve o ensaio do coro, hoje!” “Pode-se armar o coro aqui?” E davam corridinhas, num rumor de baratas por papel novo.

Comodo, de Gaza, aconselhava separar o bom do falso – *discite quæso bonum, cives, simulacra*: frei Piazza julga o fingimento já talvez um começo para o arrependimento... Na sua mão os beijos das beatas, sinceros ou falsos, ficavam; e, abertas, as mãos tudo consentiam e tudo davam. Na capela, os santos, com um ar de família, sorriam, como à espera que as beatas varressem a sala, para recolher às celas. O superior parou diante da bela anatomia de S. Félix.

– Este santo tem feito espantosos milagres, disse. Na igreja, é o santo que mais pessoas tem a seus pés. Não imagina o número de milagres. Doenças, paralisias, vidas desarranjadas, tudo ele cura e salva...

– Até da morte tem salvo criancinhas, sussurrou uma das velhas. O filho da Joana estava a morrer de peste e a pobre gritou: “Salva o meu filho, que é a mãe que t’o pede.” E quando chegou à casa, o rapaz era outro.

O santo, no altar, guardava uma atitude severa, capaz de aplacar dores e angústias e de continuar impassível às oferendas e aos ex-votos. Receando o exagero, o superior foi até à porta mostrar-me o primeiro marco da cidade de S. Sebastião, fincado por Estácio de Sá, que na igreja tem o seu túmulo, e, quando de novo entramos na nave, apenas os pingentes de um candelabro tintinabulavam claros sons de cristal.

– Vamos ver a gruta de Lourdes.

Seguimos por ali até o terraço, e, aí, sob a intensa luz do sol, eu vi a miniatura da gruta afamada, feita de cimento pintado. É catita, é falsa, mas, apesar do seu ar de cascata de jardim, o que se guarda no seu bojo, assusta. A primeira visão é a de Nossa Senhora, engastada na argamassa, lavada das chuvas, a desmaiar.

Depois, por todos os lados, os clamores mudos das lápides comemorativas e dos ex-votos. Graças à Nossa Senhora que me salvou da morte! – Para que todos saibam, glória à N. Sra. de Lourdes. – Uma operação era o meu fim, e Nossa Senhora me salvou! gritam as letras dos mármores! E, no fundo da gruta, o espetáculo ainda mais empolgante, como animado de uma estranha vida. Estão ali os ex-votos, as promessas no chão ou enfiadas num arame, ao alto, cercando a fonte.

São pernas de cera, cabeças de crianças, braços, velas, coroas de *biscuit*, corações, mãos defeituosas.

De vez em quando, derretidos pelos raios solares, um coração ou uma perna despenca-se do arame e cai, com um som fofo, no cimento.

A gruta recorda o monturo de um cemitério e, cada braço, cada mão, cada perna, espapaçada no solo, parecem guardar a gratidão de uma alma viva e ardente.

– E os solidéus, frei Piazza? digo, quase sem voz.

– Na sacristia.

Apressamos o passo pelos corredores humildes da casa dos milagres.

Com grande cuidado o frade abriu uma das gavetas do arcaz de jacarandá – o único móvel de estilo no convento, e tirou três barretes de seda lilás, debruados de ouro.

– São os solidéus de Santo Ubaldo, disse. Mandaram-nos de Roma; Santo Ubaldo, que foi bispo e salvou a sua cidade das fúrias de Barba-ruça, conserva, morto, a elasticidade dos músculos e o perfeito estado da carne.

Depois de muitas provas e observações, chegou-se a concluir que um solidéu, passando três horas na cabeça do santo, adquiria a propriedade do milagre, curava as dores de cabeça incuráveis e enchia de formosas ideias os cérebros, desde que a cabeça doente lhe sentisse o contato por alguns instantes. Tenho feito a experiência.

Mais de quinhentas pessoas já tem sido curadas aqui com o solidéu de Ubaldo.

Eu olhava com respeito os pedaços de seda e as barbas alvas do frade.

Santo Ubaldo vivera na época da crise da Igreja, em que os condes de Tusculum entregaram o papado às cortesãs e aos bandidos; fora contemporâneo de João XII, papa aos 17 anos, que tinha um harém e consagrava bispos nas estrebarias; e de Benedito IX, papa aos 12 anos, que reproduzia na cadeira de S. Pedro a vida de Heliogabalus.

Santo Ubaldo resistira ao mal, fora apenas puro e, quase mil anos depois, três solidéus seus faziam, no Brasil, no alto do Castelo, o milagre!

Que nos adiantou a Ciência, se os prodígios se dão tão continuamente como dantes? Que adiantou ao homem descobrir o automóvel, para morrer mais depressa, se neste mundo continuam a dirigir a fatalidade, as cartomantes, os feiticeiros, os santos e aqueles que são como o Joaquim do Dante?

Di spirito profetico dotato?

Mas, frei Piazza sorria. Como é bom ter crença! Aquele velho acredita na virtude dos solidéus, como tem a certeza de que no azul o sol brilha por vontade de Deus. Intermediário entre os santos que ascendem ao paraíso e a humanidade angustiada, a sua obra é acalmar esta com auxílio daqueles – e lá estava com a firme convicção de que a bondade de Santo Ubaldo, impregnada no leve tecido, curará todas as cefalalgias e todos os maus pensamentos. Ter princípios filosóficos é sempre mau. Não se pode duvidar da própria lógica. Eu poderia negar, com a vaidade científica, o milagre do pedaço de seda: poderia rir, como fazem os inconscientes que riem do que lhes parece inacreditável: eu poderia crer, com um pouco de artificialismo literário ou como o bruto que ingere água benta em lugar de fenacetina e passa *bentinhos* na testa, por não encontrar *crystal japonês*. Nunca, porém, poderia acreditar simplesmente, piamente, como as crianças, na magia dos solidéus...

E foi por isso que na casa dos milagres, diante do miraculoso pedaço de seda, querendo-me convencer de que ele encerrava o bem dos pensamentos e o final das cefalalgias, comecei a sentir a dúvida amarga e o começo de uma grande dor de cabeça...

O MELHOR PISTOLÃO

O meu mais íntimo amigo é, neste momento, o cidadão Justino.

O cidadão Justino fala rápido, engorolando as palavras, o que é agradabilíssimo quando se está com pressa; o cidadão Justino parece inteligente porque sorri com desdém daquilo que nunca viu; o cidadão Justino tem evidentemente diante de si um grande futuro: – é mineiro. Essa esplêndida qualidade, de que afinal o cidadão Justino não tem culpa nenhuma, é o seu mais brilhante ornamento.

No dia em que chegou do Paraíso – (o Paraíso não foi senão em Minas) – Justino conhecia dois ou três representantes federais do seu Estado, inclusive o senador Bueno, eleito por tocar bem clarineta. Apenas. Oito dias depois fui encontrá-lo na Câmara a ser ouvido, com intimidade, por alguns líderes de uma opinião pública, que não deixou nunca de ser a mais pessoal das opiniões. Que viria fazer nesta cidade Justino? Justino veio empregar-se.

– Preciso ganhar a vida, disse-me o homem agradável, mastigando tanto a primeira e a última palavra que eu só ouvi o imperioso infinito do verbo.

– Vens jogar na bolsa?

– Não.

– Vens refundir a primeira e única tragédia do velho Guanabario?

– Não. Venho arranjar um emprego público. O diabo é que só há de 400 e eu quero mais, quero de 800 para cima.

Aristóteles dizia: todos os animais têm o gosto e o tato, exceto aqueles que são imperfeitos na memória. Eu tive o tato e o gosto de guardar a memória da frase lapidar. E fiquei realmente triste por não ser mineiro.

Ser mineiro hoje é realizar o ideal da sua vida; ser mineiro é ser feliz, é ter o pão assegurado e assegurada a consideração, é viver, é triunfar; ser mineiro é poder contar com todas as sortes, a dos empregos, a dos bilhetes de loteria, a do elogio universal.

Antigamente, o mineiro era um matuto austero que sabia latim e mesmo grego. Hoje, o mineiro não sabe latim nem mesmo grego (coisas de resto inteiramente inúteis) mas sabe tudo e sobe acima de tudo.

Contam de Thales de Mileto – que dando-lhe alguém como causa da própria miséria a sua imensa sabedoria, Thales, fiado nos conhecimentos meteorológicos, previu uma grande colheita de azeitonas, alugou a preço reduzido todos os lagares de Chio e Mileto e, assim, quando se fez a colheita, pôde realugá-los a preços loucos, ganhando uma fortuna.

Se Thales fosse vivo, não precisava alugar coisa alguma. Bastava ter dito com tempo às multidões:

– Eu sou mineiro...

Estaria, pelo menos, nomeado diretor da Caixa de Conversão, nomeação que seria a mais acertada escolha do fulgurante David Campista.

Ser mineiro é ser o romano na Grécia conquistada, é ser Guilherme II, em Tanger, é ser francês no Tonkin. Nós somos, com delícia e prazer, uma colônia magnífica dos heróis descendentes dos caçadores de diamantes. É mineiro o presidente da República, é mineira a fazenda, é virtualmente mineira a Central, é mineira a presidência da Câmara, é mineira a polícia, vai ser mineiro o ministério da Agricultura. Todos se voltam, por um glorioso fenômeno de heliotropismo social, para Minas

altiva. Já seis armarinhos passaram a chamar-se Belo Horizonte, todas as casas de leite são de Campo Belo, de Itatiaia, acabam de fundar uma sociedade beneficente Dr. Afonso Pena; o venerando Bittencourt da Silva prepara o diploma de sócio do Liceu para vários mineiros, já há uma casa de doces, simbolicamente chamada A Família Mineira.

Não é só. Outro dia li num anúncio que se achava à disposição do público uma cartomante mineira (era uma francesa desejosa de reclame): Nené Gama, uma rapariga que toda a gente sabe do Pará e que eu tenho a fraqueza de admirar, resolveu chamar-se há cinco noites no High-Life: Nené Mineira.

Por que isso? Mas é não querer compreender as superstições coletivas da multidão. Ser mineiro equivale a usar um fetiche, a ter um breve, a guardar consigo a boa sorte. É tolíce? A multidão vive de certas ideias fixas que são tolíces. Tudo no mundo é mistério. Nós temos um dedo que de tanto usar anel passou a chamar-se anular, e é até hoje o anular que anuncia aos povos o autor de passaportes para o outro mundo, o engenheiro e o inofensivo bacharel. Por quê? Porque, diz Apião nas *Egípcias*, dissecando o corpo humano viu-se um nervo tenuíssimo indo desse dedo ao coração, a parte nobre do homem. Como, todos os senhores sabem, não há nervo nenhum, nem grosso nem tênue, que se dê ao trabalho de sair do “fura-bolos” para a “região altiva do pêndulo da vida”, como podia dizer o ex-deputado Eduardo Ramos. E, entretanto, até hoje, o anel continua a ser enfiado no indicador, por uma razão que ninguém procura saber.

Assim, ser mineiro foi, a princípio, para os cavadores da vida, chegar ao fracasso da sensibilidade governadora. Depois o hábito alastrou. Hoje é uma agradabilíssima doença.

Também, quando se é mineiro de verdade, há sempre um ou dois ou mesmo três empregos em expectativa. O Dr. Chefe de polícia man-

dou buscar os escrivães a Minas; o chefe dos agentes é da Mata, o chofer do palácio é mineiro, o porteiro, os professores, os funcionários da embaixada de ouro, os esforçados empregados do Povoamento todos são mineiros, pelo menos honorários – para serem parcelas nomeáveis do glorioso Estado.

Quando de manhã a gente acorda para tomar o clássico café, que para ser bom, apesar do Convênio, deve ser de Minas, só tem uma preocupação:

– Quantos mineiros foram hoje nomeados?

Não se discute se há vagas, se houve concursos, se há deuses adversos protestando e lutando contra a harmonia desse espetáculo admirável. Às vezes não foi nenhum descendente dos gloriosos conquistadores de diamantes. Mas o hábito, a nevrose do dia, a *mineirite* está de tal forma na nossa alma que nem se discute o contrário.

– Veja você. Mais mineiros empregados! Mais patrícios.

– Quê? Você é também de Minas? Você que ainda outro dia se dizia paulista da gema.

– Outro dia, protesto. Eu disse isso, por brincadeira, mas há pelo menos dois anos.

Há dois anos esse cavalheiro não se empregou.

Talvez aconteça o mesmo neste quadriênio, mas a opinião fica de pé e neste caso antes parecer do que ser.

E é isso um mal? Não. Antes pelo contrário. As nomeações mineiras, esse curioso caso de acyolismo federal, requerem uma série de qualidades prudentes e excelentes. A primeira é que o melhor é governar com a prata da casa. A segunda está até no Evangelho: Mateus, primeiro os teus. A terceira proclama os sentimentos de cordialidade e íntima harmonia da família mineira. Estado onde nunca houve revoltas, terra de paz onde o respeito mútuo é um traço de civilização. A

quarta é o ressurgimento de uma velha lição da política aristotélica que faz nascer os governos das famílias – lição, aliás sempre abundante em exemplos. Um homem que chega a uma secretaria, não precisa mandar o seu cartão, informa ao porteiro: “Diga ao ministro que é um mineiro.” Um cavalheiro que queira ser bem tratado no hotel não dá mais a profissão, põe apenas no cartão: “Fulano de tal, mineiro”, e não há ninguém que não perceba numa roda a prolongada interjeição admirativa quando um feliz mortal diz ser patrício do Dr. Sabino Barroso ou do cavanhacudo Manuel Fulgêncio.

Eis porque, neste momento, o meu mais íntimo amigo é o cidadão Justino. Justino que sorri com desdém da Avenida, é forte, fala depressa e quer um lugar de 800 mil réis, sendo mineiro.

Aristóteles dizia: todos os animais têm o tato e o gosto, menos aqueles que são imperfeitos na memória. Eu tive o tato, o gosto e a memória de conservar a frase do meu ilustre amigo. Quando Justino tiver o seu lugar – é por estes dias com certeza – aproximo-me e digo:

- Justino, preciso de um emprego.
- Olha que é difícil arranjar, dirá Justino.
- Tu arranjas.
- Só há de 400 para baixo... ladeará Justino.
- Acredito, meu Justino.
- Mas que qualidades apresentas? insistirá o bom Justino.

Eu então – não digam nada a ninguém! é a confissão prévia de um sonho que ainda hei de realizar! –, eu então direi, abrindo os braços, num suspiro sentido, como resumo das minhas qualidades passadas, presentes e futuras:

- Justino, eu sou mineiro de coração!
- E talvez consiga o posto de guarda-civil extranumerário.

HORAS DA BIBLIOTECA

Um cavalleiro com que encontro anuncia-me cheio de enthusiasmo:
– Afinal, meu amigo, a Biblioteca vai ter um extraordinário palácio que já está por cinco mil contos! A nossa pobre preciosidade está numa tal barafunda, com o pessoal brigado, a confusão dos catálogos, a confusão das estantes, a confusão dos leitores, que só a mudança a salvará.

A biblioteca! Quanta recordação!

Como estivesse um dia bonito, eu indaguei:

– A biblioteca continua no mesmo lugar?

– Por dois anos mais, pelo menos.

– Pois vou vê-la.

E fui matar saudades daquele lugar onde eu passara há anos um tempo de voraz e obscura leitura.

A biblioteca é um dos aspectos mais curiosos do Rio.

Seções há, como a de numismática e de estampa, fechadas às três da tarde, que podiam estar fechadas toda a vida. Ninguém as visita. Na de numismática os visitantes são acompanhados com uma vigilância incalculável; na de estampas, os raros que de ano em ano aparecem, não entendem nada do assunto. O amanuense ou o chefe de seção, quase sempre em mangas de camisa em tão suave remanso, quando chega o cavalleiro curioso, passeiam-no pelas duas salas, mostram como se guardam as gravuras, e só. O cavalleiro curioso tem um ar de profunda e satisfeita surpresa, um ar de quem diz:

– Que país esta minha pátria. Até gravuras tem!

As duas seções realmente concorridas são as de manuscritos e de impressos. Na de manuscritos há sempre um ou outro historiador, um ou outro curioso a ler trechos da vida oculta dos reis portugueses e a verificar mapas; na dos impressos aflui a maior parte da concorrência. É esta a seção, com sala de leitura pública, onde se passa a vida intensa da biblioteca, em cujos boletins se aferem as tendências literárias da cidade, os livros que ela mais ama e estuda, as manias e os tiques dos frequentadores. Pelos boletins eu vi que eram as mesmas leituras, os mesmos livros que deliciavam os mesmíssimos frequentadores e de súbito, enquanto o funcionário amigo repetia que felizmente a Biblioteca ia deixar de ficar entalada entre um salão de baile e uma farmácia, imaginei a cara que os frequentadores não farão quando a Biblioteca mudar...

Há diversas espécies de frequentadores. Das dez da manhã até às três da tarde, aparece a primeira leva. As mesas ficam cheias de uma sociedade mais ou menos ruidosa, que se levanta a cada passo para beber água, lavar as mãos e fumar em certos retiros facilitadores de necessidades urgentes... A frequência da primeira enchente é em geral de estudantes, meninos ainda nos preparatórios que posam o curso nas faculdades. Nenhum deles se contenta enchendo apenas um boletim: enchem logo três. Durante alguns anos eu observei os três pedidos de cada consultante e 99 vezes em cem, lia Física, de Ganot; Geometria, de F.I.C.; Química, de Langlebert, no primeiro boletim, e nos outros: *A Rainha Margot*, *Os Três Mosqueteiros*, *O Guarani*, *Os Fantoches de Mme. Diabo*, *Lucíola*, *Naná*.

Que fariam os consultantes sentados ao mesmo tempo com o Ganot, os *Fantoches* de Montepin e as aventuras de Dumas?

Os consultantes folheavam o Ganot, iam beber água, encostavam no Ganot a *Rainha Margot* ou a *Naná* e estudavam regaladamente as

aventuras dessas senhoras em péssimas traduções portuguesas até às três da tarde, a hora em que é preciso começar a passear pela Rua do Ouvidor.

Desse momento em diante a concorrência amortece, os livros vão descansar e só às seis recomeça o movimento.

A sociedade é a mesma – estudantes em maioria. Alguns ainda palitam os dentes do jantar, outros vêm aos pares para estudar juntos. O longo corredor, que é o salão de leitura, fica repleto. Ganot, Langlebert, F.I.C. voltam às mesas. Estudar em companhia numa biblioteca pública, tendo defronte da gente outro cidadão a ler, é pelo menos impertinente. Os siameses do saber sussurram a princípio, falam depois baixinho e conversam finalmente quase alto, conversam de tudo menos de estudo, enchendo de um rumor surdo a Biblioteca, onde é do regulamento guardar silêncio. Na sua cadeira alta o amanuense de dia olha com aflição o relógio e parece que todos os frequentadores, às vezes por motivos opostos, seguem com ânsia o curso dos ponteiros para a hora em que as campainhas elétricas despacharão os retardatários.

Esta é a impressão em grosso. Nas duas grandes enchentes diárias aparecem, entretanto, tipos interessantíssimos. Há o frequentador erudito, que entra, circula pelos assistentes um olhar superior através do *pince-nez*, desde Montesquieu, símbolo em português do saber, e enche três boletins, em que pede livros ilegíveis há séculos; há o poeta que vai ler o próprio livro de versos e fala alto para os funcionários.

– Ainda não achou? As *Canções* de Sousa Peres, um livro tão procurado!

Há os coitados, que desconfiam da existência dos autores, mas não lhe sabem o título das obras.

– Verlaine, que obra quer?

– Não sei, Verlaine, poesias, qualquer um...

Há os transitivos, senhores de passagem, que passam e entram para matar o tempo e dizem ingenuamente:

– É verdade, não sei o que pedir. Deixe ver qualquer coisa...

Há os imorais que escrevinham, com sorrisinhos equívocos, o pedido de Alfredo Gallis, da Martinhada ou dos tratados de Garnier; os políglotas exigindo para meia hora um livro em alemão, outro em hebraico, outro em sueco; os namoradores, aproveitando a mesa, a tinta e a caneta da casa para escrever às futuras esposas; os sensacionais, que após o pedido dizem alto:

– É o último livro que me falta ler deste autor. Eu leio muito!

E levam dez minutos a folheá-lo E ainda os estudantes de latim indo buscar a tradução de Ovidio no francês de Nisard, e os leitores de folhetins-romances que leem o dia inteiro rodapés do *Jornal* de 1855...

Entre os anônimos, há naturalmente os íntimos, que entram por toda a parte cumprimentados pelos contínuos com perguntas pela saúde. O mais notável é o Dr. Capistrano de Abreu.

Este nunca vai à sala pública. Entra com o chapeuzinho mole debaixo do braço, levanta os reposteiros das diversas seções; conversa com os funcionários, agarra os livros, lê, toma notas como se estivesse na sua casa. Quase sempre frequenta as seções de impressos e de manuscritos.

Nesta última leva horas e horas a escrever em pequenas tiras, que vai atirando a esmo. No dia seguinte volta:

– Sabe que perdi aquelas notas?

E os funcionários, que muito justamente prezam o grande erudito:

– Qual, Capistrano! Estão aqui todas! Como você as esquecesse, guardamo-las.

Outro também assíduo é o Dr. Felizbello Freire. O eminente homem sobe diretamente aos manuscritos e faz da sala uma espécie de

consultório. Certa vez em que eu lá estive uma hora, o Dr. Felisbello fora procurado por oito pessoas, e eu descia as escadas quando um cavaleiro subindo indagou com simplicidade, como se perguntasse ao porteiro, na casa de S. Ex.^a.

– O Dr. Felizbello está?

Noto ainda entre as seções de manuscritos e de impressos, o senador Dr. Manuel Barata, que há dez anos extrai documentos para a sua formidável História do Pará, o sr. Caldas Brito a investigar coisas de viticultura, o livreiro Paiva a farejar negócios, o sr. Chichorro da Gama, do Arquivo, o antigo diplomata Araujo...

O sr. Chichorro da Gama é um autor da sinopse dos Historiadores, regenerador teatral, admirador da atriz Ismênia, e lê peças manuscritas tendo já feito uma, felizmente impressa, a “Nuvem Desfeita”.

Este Chichorro, depois de Artur Azevedo é o mais temido combatente da regeneração teatral. A atriz Ismênia será um dos seus meios eficazes, e é pena que ainda não esteja vivo João Caetano...

O sr. Araújo gasta os ócios diplomáticos lendo rodapés do *Jornal* de 1860. Entra às dez horas, pede as coleções, e, bem lavado, com os cabelos muito penteados, as unhas afiadas, mergulha no folhetim.

Uma vez eram três da tarde, os contínuos viram-no muito branco, estatelado nas velhas páginas do velho órgão. Acudiram, borrifaram-lhe o rosto, deram-lhe a cheirar éter. O folhetim do *Jornal* tinha dado uma síncope ao velho diplomata!

Ah! os leitores da Biblioteca!... Que estranho romance, como os de Jerome, se faria daquele remanso onde o saber impenetravelmente dorme!

Quantas histórias, quantos diálogos, quantos aspectos, quantas figuras, cujo destaque se torna mais intenso na sombra dos infólios perdidos para todo o sempre! É uma vida especial, dupla, a desse casarão

tranquilo o apodrecido de livros, em que o livro separa o frequentador do funcionário, mas os liga imperceptivelmente. Poder-se-ia escrever nos capítulos a vida de ambos ao mesmo tempo, a rir um do outro com a mais feroz ironia...

Hei de lembrar sempre que uma vez, tendo subido à sala pública, encontrei certo mocinho de óculos a discutir furioso com um auxiliar de farta bigodeira.

O auxiliar dizia, batendo no boletim:

– Como quer o sr. que eu saiba o que deseje, se escreve Larousse em duas palavras e sem um s? Como quer que eu descubra o Larousse no La Ruse?

– Foi um lapso, um lapso claro, berrava o mocinho. E de repente:

– Bom, não quero mais Larousse, quero Hugo, *Châtiments* de Hugo.

Em torno já havia curiosos e nós esperávamos a conclusão da cena, como no teatro.

O auxiliar limpou o bigode.

– Está direito.

Desceu o estrado, meteu-se na gaveta dos cartões, remexeu.

– Não temos.

– Não é possível. Não ter os *Chatiments* do grande Hugo, de Victor Hugo...

– Só há *Os Miseráveis* e em italiano.

– Hein? Eu já li aqui os *Miseráveis* e em português.

– Está enganado.

– Não estou.

– Homessa! o senhor começa a ser impertinente. Duvida? Pois venha ver...

O mocinho precipitou-se, meteu o nariz na gaveta e a sala vibrou logo com a sua voz violenta:

– Ora! tenho ou não tenho razão! O senhor estava procurando Victor Hugo na letra U...

E tudo isso continua! Continua o F.I.C., continua o Ganot, continuam os estudantes, os íntimos, continua a Rainha Margot.

Enquanto o funcionário falava, eu medi de alto a baixo as paredes forradas de volumes, olhei fixamente a capa velha dos *Três Mosqueteiros* e deplorei do fundo da alma o futuro remoto em que tudo aquilo dali tiver de sair. Santo Deus! Que farão os leitores da Biblioteca enquanto estiverem a arrumar a outra na Avenida?

O CHARUTO DAS FILIPINAS

Há nas Filipinas um costume muito original. Esse costume assim original intitula-se o costume do charuto familiar.

Como acontece para todos os costumes, mesmo os mais rebarbativos, houve um observador capaz de se interessar pelo charuto familiar a ponto de descrevê-lo ao pasmo ouvido da Civilização. O charuto é um móvel importantíssimo nas regiões em que o ministro da guerra dos Estados Unidos foi há pouco afundar a ilusão de predomínio. É também o maior charuto do mundo – o maior e o mais grosso. Mede pé e meio de comprimento e tem uma polegada de grossura.

Um charuto com tais proporções não se fuma assim de uma vez, e quando não o fumam, o charuto familiar repousa num buraco propositalmente preparado nas colunas de bambu dos cantos da casa, e feito em altura que qualquer criança o pode agarrar. Porque nas Filipinas todo o mundo fuma: o velho patriarca, o moço patriarca, o filho do patriarca e mesmo os netos. Um filipino de três anos não deixa de puxar a sua fumaça no charutão desconforme. As crianças de mama variam a chupação entre a mamadeira e o charuto. Quando aparece um hóspede, não se pergunta como entre nós nos tempos remotos em que não havia *five-o-clocks* e esnobismo:

– É servido de café?

Não! Agarra-se o formidável charuto, puxa-se um trago e oferece-se logo ao visitante:

– Queira servir-se! Tem três meses!

Ora, outro dia passeando pela Avenida, à hora em que acendem as iluminações cegadoras dos cinematógrafos e do céu foge a luz do dia, encontrei um camarada de jornal, fino, discreto e elegante. Naturalmente falamos mal da vida alheia, e estávamos a desancar uma pessoa qualquer, quando o jovem saudou um cidadão que passava.

– Que é?

– Jornalista.

– Não conheço.

– Ah! parece que começou agora. É repórter e estudante.

A ideia de um repórter também estudante pareceu-me esquisita. Mas não tive tempo de comentários. Passava um homem grosso, um desses homens que cheiram a *bookmakers*, e a viagem de ida e volta a Manaus. O jovem camarada tornou a saudar.

– E esse?

– Diretor do jornal x que vai sair.

– Santo Deus!

– E está vendo aquele sujeito grave? Também nosso colega. É o diretor de outro jornal que já levou a breca.

Pus as mãos na cabeça! A Avenida estava coalha de jornalistas que eu não conhecia.

O meu camarada ria. Resolvi rir também. Estávamos ambos indiferentes ao fenômeno, posto que ele nos trouxesse prejuízos morais e materiais. E o fenômeno, apesar da nossa indiferença, era alarmante. Para ser jornalista, em qualquer parte do mundo civilizado, é preciso ter vocação e prática. Já se dispensa o bom senso, como se dispensa o estilo e a impertinente gramática. Aqui não há estilo, não há gramática, não há prática, não há bom senso, não há vocação. Um pequeno estudante, naturalmente poeta, tem uma crise monetária. A revisão inco-

moda-o. É difícil emendar o que os outros escrevem, quando não se tem absoluta certeza. O povoamento do solo já não tem empregos, nem para os mineiros. Que fazer? O pequeno estudante arranja um empenho político e amanhece repórter, redator, jornalista. Um cidadão qualquer fracassou em todas as profissões, quebrou, foi posto para fora de um clube de jogo. Que faz? É jornalista. Aquele moço bonito, cuja bolsa parca só se compara à opulência de vontade de frequentar as rodas chiques, vê-se à beira do abismo? Não há hesitações. Faz-se jornalista. O idiota que quer gastar dinheiro, o industrial esperto, o político com apetites de chefe, estão em crise? Surge imediatamente o jornal para lançá-los, lançado por eles.

O público, o público que não lê os jornais feitos, vê atônito essa floração de folhas impressas e de novos jornalistas; todas as classes sociais, dos barbeiros aos *gentlemen* do *Club* dos Diários, estão na perpétua expectativa, quando falam com um desconhecido, que esse desconhecido seja jornalista.

Os jornais aparecem. Quem é o secretário? Um cidadão que nunca na sua vida escreveu três linhas. Quais são os redatores? Um moço que é advogado, um almirante, um engenheiro, um ocioso. Jornalistas é que não há. Esses distintos cavalheiros aparecem, fazem um jornal idiota, o jornal rebenta, e com ele desaparece a vocação dos redatores. A um destes que rebentara em certo jornal da tarde, eu indaguei dois meses depois:

- Que se faz agora?
- Voltei à cavação antiga: sou bicheiro.

E por que essa lamentável situação? Pela indiferença, pelo ceticismo dos jornalistas profissionais, pelo *laissez-aller* com que deixam de defender-se e até encorajam todas as manifestações jornalísticas do país. Os engenheiros defendem-se do prático; os médicos fazem uma

guerra de morte ao curandeiro; os dentistas com diploma desenvolvem uma campanha tão feroz contra os sem diploma, que todos os anos vemos na Instrução Pública homens de 40 anos aflitivamente desejosos de passar em francês, para poder colocar a sua placa à porta; os atores esmagam os amadores. Não há profissional que não se defenda. É humano, é animal e é também altamente moral.

O jornalista carioca é o único que não se defende. Quando é um deles a fundar um novo diário, os pedidos de quanta influência política há são logo atendidos, preterindo nomes honestos de profissionais. Quando é um cidadão qualquer, deputado ou bolsista, que funda o jornal sem saber o seu valor, então é uma lástima: a lista do pessoal é do começo ao fim de estreantes transitórios.

Isso desmoraliza. Apesar da evolução dos nossos costumes, evolução vertiginosa que foi logo das sobrecasacas conselheiras ao *smartismo* mais sandeu, ninguém se atreverá a dizer numa roda conservadora:

– Eu sou jornalista! – sem ter como resposta a pergunta:

– Já é profissão o jornalismo? porque infelizmente esse exaustivo trabalho, esse rude e honesto labor ingrato para os mais dedicados, é na maioria a “cavação” passageira de uma porção variada de cavalheiros à espera de outra coisa...

Nós, entretanto, continuávamos a passear pela Avenida, quando encontramos um sujeito, cuja profissão eu sempre ignorei, mas que veste e conversa bem. O meu excelente camarada fez-lhe uma série de gentilezas. Depois, amável, batendo-lhe no ombro:

– Você talvez não saiba. O alegre Eusébio vai ser nosso colega.

– Quê! Também jornalista?

– É. Tomei a seção mundana e os teatros do novo jornal.

– Meus parabéns.

Eu estava com uma louca vontade, não de lhe perguntar se ele sabia o que vinha a ser teatro, mas ao menos se sabia escrever três linhas com sentido. Eu sempre fui um homem pouco exigente. Afinal, não me contive. Cortei um pouco mais o desejo e indaguei:

– Mas, Eusébio, você entende de jornal?

– Ora, meu filho, fez ele. Não queiras vender caro o peixe. Quem não entende desse negócio de jornal? Jornalismo é como o cigarro. Não há quem não tenha experimentado.

E olhou-me bem d’alto, com a superioridade do forte cavador que estraçalha um pobre diabo.

Foi então que me lembrei do charutão das Filipinas. A imprensa carioca é bem esse charutão que toda a gente chupa, que anda por todas as bocas, dos pirralhos de mama aos velhos cretinos. Apenas nós é que guardamos o charuto e que lhe chupamos as pontas. E como decididamente a amargura (talvez o sarro) desse fenômeno trágico elevava-me a vertigens simbólicas, deixei a Avenida com medo de ver mais jornalistas, mais fumadores nos barbeiros, nos garçons de café, nos transeuntes, nos cocheiros, nos motoristas, até nos cinematógrafos, onde se avolumava a onda de populares...

O CLOUDA EXPOSIÇÃO

Francamente. Nos futuros números sensacionais da Exposição, o que mais me agradava a princípio era ver o major Dias Braga, mostrando ao vulgo o que é nesta terra a arte teatral. O interessante homem, porém, largou a prebenda diminuída de verba, às mãos de outros regeneradores mais desinteressados, e eu passei logo a castelar imaginações nos fogos japoneses, recorrendo ao saber matemático para verificar quanto se ganharia por minuto a queimar rodinhas que apesar de nipônicas não deixarão de ser rodinhas como quaisquer outras. No momento, entretanto, da mais inútil e intruncada elocubra, surgiu a notícia de uma banda de bororós dos sertões de Mato Grosso e eu ainda não voltara a mim de admiração, quando se anunciou simplesmente este fato: durante o certame um menino prodígio se exhibirá dando alguns concertos...

Um menino prodígio! Alguns concertos! Era de fulminar um homem patriota e de sentimentos estéticos. Eu tenho um imenso respeito por essa arte ascensional e etérea que se chama a música. Já alguém disse que ela adoçava os costumes. Os sábios naturalistas verificam o seu poder de sugestão sobre os animais de todas as espécies, inclusive nós. Com uma orquestra, o homem tem presa a natureza, porque as carpas e as tainhas gostam de ouvir tocar flauta, as aranhas são loucas pelo piano, os canários belgas pelas sopranos, os cavalos pelas trombetas, os cachorros variam de predileção e há mesmo bichos que admi-

ram e veneram o bombo. Ninguém ignora que o tambor é uma invenção pessoal dos chimpanzés.

Mas se a música é a essência da beleza, se todos os instrumentos são para mim os portadores da poesia impalpável, mesmo os pratos e os timbales, eu gosto muito menos de aturar os seus *virtuosi* profissionais. A vaidade de serem sacerdotes da vibração sonora, os inspirados da harmonia, dá-lhes até quando desafinam uma violenta susceptibilidade e um ar perfeitamente impertinente.

Já conversaram com um tenor, antes ou depois de cantar? Já aturaram um violinista célebre em turnê, ou um simples tocador de piano? O ar que eles têm olhando para os miseráveis ignorantes da clave de fá ou da clave de sol, o tom com que agradecem os cumprimentos! Parece até moléstia inerente à profissão.

O menino prodígio do certame é para mim o meio de desfazer a contrariedade que me causa a atitude dos *virtuosi* na admiração que em minha alma se alastra cada vez mais extensa pela música sugestionadora. Um menino não tem pretensões. Toca bem como quem pula corda ou faz gangorra, esbodega Beethoven ou Gluck como quem torce a cabeça aos bonecos do amigo. A gente está à vontade para gozar sem se arreliar.

Depois, se a música é tudo, é a vida, é a exteriorização sonora da alma da natureza inteira, se Asclepiades curava os enraivados arrumando-lhes em cima uma sinfonia, e nós não endoidecemos ouvindo tanta música, é preciso saber que Pitágoras, sujeito de muito valor, admitindo duas espécies de gestações ao tratar da origem do homem, não só lhes deu para uma sete e para outra dez meses como dias diversos para sua conformação, criando assim a origem musical do *fatus* pela teoria das consonâncias. Para Pitágoras nós nascíamos em virtude de consonâncias musicais, com intervalos, pausas, fermatas, e toda uma ciência de contraponto e

de harmonia. Daí a dedução natural de que música não se aprende principalmente em criança, porque não se ensina uma partitura inspirada. E daí também a quase certeza de que na escala dos meninos prodígios, o prodígio musical é sempre o mais espontâneo.

Um menino prodígio! Um petiz de três anos que toca magnificamente! Mas é qualquer coisa de fenomenal, de imprevisito e de glorioso para a nossa terra!

Neste instante em que a Europa tem os olhos cravados na política do Jardim da Infância e que alguns senhores despeitados falam de homens de 40 anos fazendo-os de *babies* ingênuos ainda em fralda mas já geniais, era preciso um menino nosso verdadeiramente menino e verdadeiramente prodígio para explicar, com provas, aleivosias irônicas e ser o *clou* da Exposição.

O *clou*, ei-lo, aí está.

Esse menino da Exposição assegurará aos estrangeiros o nosso papel na América do Sul de êmulos da América do Norte. O menino prodígio era um caso raro aparecendo esporadicamente em cada país. Hoje, os Estados Unidos absorvem de tal modo o prodígio que o enlearam num truste.

Em New York não há petiz que não seja prodígio. Em Chicago, além da conserva de porco salgado, o usual é o pequeno espantoso. Para começar, esses traquinas, com o aplauso dos jornais, resolveram dar uma nova interpretação à história como o fez o eminente Ferrero com o nariz de Cleópatra e outros narizes antigos. Ainda outro dia, num exame de geografia e história, os *babies* geniais tiveram destas respostas:

– Que me diz do Tratado de Utrecht, que pôs fim em 1713 à guerra de sucessão da Espanha?

– Ah! esse tratado foi uma batalha entre os zulus e os ingleses.

– Por quem foi descoberta a América?

– Por Shakespeare, que vivia no reino de Jorge III e foi assassinado por um sujeito chamado Caliban.

E como na América há religião, um garoto indagado a respeito destas três personagens bíblicas: Esaú, Aarão e Isaías, respondeu grave:

– Esaú era um homem que escrevia fábulas. Aarão vendia lentes e acabou diretor da Central do Rio de Janeiro City, Isaías era um grande profeta que atualmente toca violino...

Disparates? Não! Interpretação. Um menino prodígio começa logo por alterar os fatos históricos. A história é uma fantasia inverossímil.

Esses meninos, além de historiadores, odeiam a poesia. Num inquérito que a respeito de versos se organizou em certo colégio, ao contrário do que ainda fazem os anciãos de 40 anos no nosso país, tem estas máximas profundas:

– A poesia é uma linguagem cifrada para a leitura da qual é preciso ter uma chave.

– Em regra geral não é preciso procurar sentido no que está escrito em verso.

Quando aparece um gênio infantil, imediatamente os *managers* alugam-no por tempo indeterminado e o menino acaba antes de crescer ou de morto, gênio americano.

Agora não. Graças aos céus, agora não. A Exposição vai revelar ao coro das nações que também nós cultivamos o menino prodígio. O Jardim da Infância, dominador político, não era bastante, mesmo porque neste jardim há muito jequitibá frondoso de 50 anos, não contando com as bananeiras antediluvianas que fugiram da chácara do general José Gomes Pinheiro Machado ao primeiro toque de recolher. Os meninos de 18 anos, que fazem versos – oh! bichos fora da moda! – não davam bem a sensação de precocidade; as meninas que casam

quando deviam jogar o *lawn-tennis* e brincar com bonecas, não exprimiam senão uma sensualidade faunesca e irreprimível por parte dos cavalheiros. Era preciso, na Exposição, além da banda dos bororós, que exprime a educação *wagneriana* do silvícola, o pequeno de três anos, que ao acabar de engatinhar, senta-se ao piano e executa com a mesma felicidade a *Sonata ao Luar* ou o *Vem cá, Mulata*.

Era esse menino que faltava. É esse menino que vai ser a peça mais rara do fulgurante certame.

Como tudo neste país é questão de imitação e de moda, a semente desse menino fará brotar do solo abençoado da pátria verdadeiras florestas de meninos prodígios. Dentro de pouco tempo os pais felizes não dirão mais aos seus produtos:

– Juquinha, diga um verso para o moço.

Esses pais tomarão dos braços da ama o petiz enfaixado e com austeridade:

– Doutor, explique aqui ao velho amigo a quadratura do círculo.

Nós havemos de ver ainda garotos de cinco anos trabalhando com açodamento revistas de ano, tragédias shakespearianas e romances da vida anteterrestre, havemos de vitoriar maestros de ano e meio, havemos de encontrar, na rua, deputados, banqueiros, ministros, cantoras de café cantante na idade em que nós – desgraçados! – perdíamos o tempo jogando a malha.

E quando, num futuro remoto, depois da Humanidade ter perdido os cabelos, as unhas, os dentes, depois da Humanidade ter descascado completamente, na época em que viver dez anos for um excesso de longevidade, quiserem notar casos típicos de precocidade antiga, os músicos velhos do momento, em vez de citar Mozart, citarão comovidos a terra admirável e o bebê bonito que toca Chopin, e toca Schumann, e toca Bach, e qual novo Orfeu, levará à Exposição o público sequioso de prodígios.

Não. O precoce tocador é a inicial da nova raça de gênios. Não nos enganemos. E a sua aparição no certame mostra o quanto Miguel Calmon é capaz de fazer para demonstrar que os meninos valem mais do que os anciãos.

Mesmo porque, enquanto o bebê, com três anos, toca tudo, nem Afonso Pena, o presidente, nem Calmon, nem o Jardim da Infância inteiro, nem mesmo o general José Gomes com alguns lustros mais, nem eu até somos capazes de tocar ao menos berimbau, sem pôr em debandada todos os circunstantes.

QUANDO O BRASILEIRO DESCOBRIRÁ O BRASIL?

— **M**as, então, Minas não tem um porto de mar?

— Infelizmente, minha senhora. Apesar do Brasil ter as costas largas, Minas é um dos quatro estados centrais, sem porto de mar.

— Quatro, só?

— Infelizmente, quatro só. Apesar do Brasil ter muitos estados, os outros não aderiram ao movimento de horror ao oceano.

Esta interessante e erudita palestra, era num salão perfeitamente intelectual. Havia damas deliciosamente vestidas e cavalheiros superiormente instalados na vida. Os que em torno da mesa do chá, preparado à russa, com limão, ouviram as minhas revelações, tinham o ar impertinente e fatigado com que se permite a um toleirão mostrar as suas habilidades, e a própria dama que perguntava, fazia-o apenas por um desfazio civilizado. Que se importava ela com os estados do Brasil, e que Minas fosse um estado central?

Neste momento, porém, a um canto, o conde papal Rodrigo Azambuja, que vinha de fazer uma estação no Egito, como toda a gente que se presa, começou a contar as suas impressões do Nilo e das areias. Dentro em pouco, metido pelo deserto, Rodrigo Azambuja, falava do baixo Niger.

Esse Niger é muito interessante.

— Mais que nosso Amazonas?

– Oh! meu amigo, o Amazonas... Falo propriamente dos costumes. Imagine que há um meandro do Níger que nasce perto de Idda, e desemboca no Otnicha. Subindo esse curso d'água, encontra-se uma aldeia de nome Egga-Mambara. O rei desse país tem o nome de rei do rio. E sabem por quê? Porque matou mais inimigos e mais animais ferozes. Nesse país, o homem que mata uma pantera ou um caimão tem o direito de usar um laço de fita no tornozelo. A cada ato de bravura, acrescentam-lhe um laço. Quando o tornozelo está cheio de decorações, o homem é nomeado rei do rio!

A roda toda ria encantada e o conde Rodrigo trunfava.

– À margem dos nossos rios, também há costumes muito interessantes. Não sei se as senhoras leram os estudos do esforçado Dr. Barbosa Rodrigues...

Houve um frio. E o cavalheiro de mais intimidade, interrompeu:

– Oh! criatura, não assustes as damas com os índios. Mas que mania a nossa de falar de selvagens! Deixa os índios em paz, rapaz.

Cheio de vergonha, engoli de uma vez só um sanduíche de caviar, eu que não gosto de caviar, e, como era preciso afinar pelo diapasão geral, interoguei de face uma das senhoras:

– Dessas histórias, não ouviu V. Ex.^a na sua última *croisserie*, pela Escandinávia!

Mas ouvi e vi coisas tão interessantes! fez ela, demorando os olhos no teto do *hall* com um ar de maravilha. E, imediatamente começou de falar das cidades da Dinamarca, da situação política da Suécia, das vias de comunicação no arquipélago de Loffoden, como se nunca tivesse saído de lá.

Esta interessante palestra, que pode ser considerada um exemplo de progresso e a demonstração de um mal, era, na sua essência, o estado exato do brasileiro, desde que o brasileiro é brasileiro. O nosso pa-

triotismo limita-se ao estridente espalhafato, sempre que nos julgamos ofendidos por qualquer país, seja a Inglaterra, seja a Itália, seja a Argentina. No fundo, porém, temos a ideia de que somos fenomenalmente inferiores, porque não somos tal qual os outros, e ignoramo-nos por completo. Naquela roda as senhoras conheciam a Escandinávia, e perguntavam se Minas era porto de mar. Como os daquela roda, somos todos nós. Para o brasileiro ultramoderno, o Brasil só existe depois da Avenida Central, e da Beira-Mar, que, como vocês sabem, é a primeira do mundo. O resto não nos interessa, o resto é inteiramente inútil..

A base do estudo de um país – e eu creio não avançar um paradoxo assustador – é a corografia desse país. Cada nação faz questão capital de que os seus filhos a conheçam. A própria França, bem conhecida por não saber geografia, pode teimar em julgar o Rio de Janeiro capital de Buenos Aires e o Brasil um dos mais ricos departamentos do Chile. Mas não há francês que ignore o seu país, a sua divisão política, a sua produção e a sua história. No Brasil dá-se absolutamente o contrário. Os filhos de gente rica vão estudar na Europa. Vêm de lá, falando várias línguas e tendo isto aqui, não como pátria, mas como a cidade, onde é preciso ganhar um pouco mais, ou melhor – como o lugar onde mora a família. Os remediados, cuja ambição em toda a parte é imitar os ricos, seguem o curso geral, e os pobres, como que marcados mentalmente por essa bizarra sensação de inferioridade, não têm outra opinião.

É curioso assistir aos exames na Instrução, exemplo médio dos ginásios oficiais e semioficiais. O exame de geografia geral e da geografia do Brasil é feito de uma só vez, assim como o de história. Os pontos são sempre muito mais carregados nas coisas de fora – mesmo porque os professores estão convencidos de que o nosso lado nada tem de interessante. Eu acompanhei, em tempo, esses exames. Raro era o rapaz

que sabia o seu ponto do Brasil e havia muitos que discorriam sobre a Holanda, a Sibéria ou o Turquestão, com uma certeza de enervar o examinador. Os estudantes faziam decerto má cara aos raríssimos examinadores que se interessavam pelo Brasil, e quando Moreira Pinto indagava do jovem:

– De que estado é o senhor? de que cidade? Diga-me alguma coisa da sua terra.

Os estudantes murmuravam à boca pequena:

– Lá está o Moreira Pinto tomando notas para aumentar a corografia! Que secante! Terminado o curso preparatório, os rapazes nunca mais abrem um compêndio, mas o vírus do universalismo, o apetite de ir viajar fá-los abrir quanto guia europeu há por aí, ao passo que lhes mata por completo o desejo de conhecer o seu país. Quantos rapazes inteligentes há nesta cidade que ignoram, por completo, quantos metros de altitude tem o pico do Itatiaia, onde nasce o Amazonas, e têm de cor os lagos dos Estados Unidos, e um conhecimento matemático dos Alpes? Um dos abundantes propagadores, ultimamente aparecidos, dizia-me aborrecidíssimo:

– É espantoso, *mon cher confrère*. Todos os seus compatriotas conhecem Paris como se lá tivessem estado, e ignoram por completo o caminho mais simples para ir a um arrabalde. Digo mais. Foi preciso perguntar a dez pessoas, para obter informações impressas sobre o Rio de Janeiro.

Esse cavalheiro, querendo informações sobre o nosso país, estava alienando gravemente os leitores brasileiros. Não um, mas muitos, a propósito do relatório de Miss Wright, ou da palpitante e magnífica reportagem de Manuel Bernardez, confessaram-me:

– Agradável a parte referente à reforma do Rio. Mas quantos dados sobre os estados, quantas informações fatigantes.

E isto, por quê? Porque, brasileiros, esses cavalheiros acham inteiramente inútil conhecer o Brasil. Um livro sobre a geologia da França é para cada um deles muito mais interessante que a descrição do esplendor no qual vivemos sem o conhecer, e há mais gente conhecendo, por exemplo, o sistema de irrigação de Calcutá do que o lugar de onde nos vem a água bebida no Rio, que, como a Avenida Beira-Mar, é também a primeira do mundo.

Em tais condições, para que o brasileiro atacado de rastaquerismo cerebral, em plena Avenida Central, imaginando *gratte-elels* new-yorkenses nos prédios de cinco andares e as elegâncias *boulevardières* nas *terrasses* dos cafés – descobrisse o Brasil, não havia propaganda nem embaixada de ouro.

Veio o esfomeado Touro? Veio o prolixo Doumer? Vieram as damas repórteres e o turbilhão de admiradores? Que importa? Vieram os Estados Unidos na pessoa da seu ministro? Já tivemos um rei americano, com o seu iate nas águas da Guanabara? Isso, longe de fazer com que nos olhássemos, deu-nos mais tremendo o apetite da desnacionalização, reduzindo o Brasil às transformações materiais da cidade. E nós, o brasileiro, admirável, estávamos assim, quando alguém se lembrou de uma exposição, cuja organização de trabalho e de esforço eleva os seus autores mais que os guerreiros de Troia.

A Exposição vai abrir-se. É a grande amostra do Brasil. Cada estado expõe as suas riquezas naturais e os tentames da sua indústria. O estrangeiro admirará e aproveitará, graças ao céu. O brasileiro descobrirá. E eu estou a ver o pasmo das cariocas e dos cariocas diante do ouro, das pedras, das madeiras, dos tecidos, dos aproveitamentos da natureza assombrosa pelo homem vagaroso. Isto é do Paraná? Realmente, o mate é tão bebido e apreciado! Isto é do Amazonas? Ora, diga-me, onde fica Mato Grosso!

Mas é estupendo, que Minas tenha, além de S. João Del Rei e de Belo Horizonte, esta estupenda riqueza! O Espírito Santo fica ao norte ou ao sul?

E só talvez na Exposição o brasileiro descobrirá o Brasil – o que será talvez direito seu, depois de Cabral, de Turot e de Mme. Touché. E descobrirá com a pílula bem dourada e bem cara. Todos irão ver a Exposição, não pelo Brasil que lá está, mas pelas diversões com que se arrebrica.

Como a interessante dama, que me fizera pensar no nosso curioso estado moral, esgotava a Escandinávia – francamente, que nos importa a Escandinávia –, atrevi-me, modesto, a insinuar a Exposição. Toda a roda mostrou um contentamento de bom tom.

– Vai ser a salvação dos prazeres da primavera! disse o insuportável e papal Rodrigo.

– Tem todas as diversões imagináveis, o *château-d'eau*, restaurantes exóticos, concertos em que ouviremos, pela primeira vez, os maestros russos tão em moda, agora.

– E o Brasil, minhas senhoras, e o Brasil, também.

– O cavalheiro está insuportável. Querem ver que virou jacobino? Deixe-se disso! Mas a Exposição vai ser mesmo um encanto. Meu marido que lá deu um pulo, outro dia, de automóvel, assegurou-me. Tem tudo. Vai ser talvez melhor que a de Paris...

E eu senti que, substituindo o Pão de Açúcar a Torre Eiffel, o brasileiro ainda depois da Exposição ignora o Brasil. Mesmo porque o Pão de Açúcar está apagado...

O MILAGRE DA MOCIDADE

No segundo dia da Exposição, desde que a luz se acendeu, transformando a cidade dos palácios em cidade da maravilha, eu resolvi andar sozinho. Para sentir, para gozar, para perceber a vida com todas as faculdades da inteligência, andar só é excelente. Um psiquiatra meu amigo, dando-me outro dia o esboço de uma lei sobre psicologia das multidões, demonstrava claramente que, numa reunião de quatro ou cinco homens inteligentes, a palestra é menos inteligente, porque as consciências descansam umas nas outras. Eu precisamente não descanso e irrita-me a corrente geral, quase sempre produto de um erro, ou, o que é pior – de um pedantismo consciente. Para gozar, porém, aquele encantamento de luz, aquela orgia de sol domado pela inteligência, enlaçando da terra ao mar uma cidade na cambiante da Cor, era melhor passear só.

E a mim parecia-me que a Vida se fizera sonho e que eu ia conduzido como um escudeiro de mágica para um desses países de arrebol, onde as mulheres se transformam em flores e as fadas, saindo das grutas, transformam em rutilâncias divinas a simples escuridão.

Que estavam os meus olhos mortais admirando e louvando? A obra imortal de uma geração incomparável. Aquela Exposição era simplesmente a Maravilha. Dela, dessa grande prova universal, quantas consequências enormes! O Brasil, errada e pretensiosamente descoberto por quanto cavador europeu tem aparecido, descobria-se ele próprio, des-

cobria-se numa apoteose extraordinária, amontoando as riquezas incomparáveis da terra e as riquezas estranhas da sua inteligência e da sua energia. Naquele certame em que os pavilhões são palácios e cada sala assombramentos sucessivos, era ao mesmo tempo a sensação do Brasil num mostruário colossal para o mundo e para o próprio Brasil; e os resultados do conhecimento exato do estrangeiro, com a entrada de capitais para a exploração das riquezas naturais e o desenvolvimento das indústrias, e as consequências do íntimo conhecimento interestadual, feito na ligação dos *balls*, seriam tão grandes, que o meu cérebro se recusava a pensar com medo ao exagero fantasista.

A minha admiração ficava apenas na obra terminada e concluída, naquilo que os meus olhos viam e meus nervos sentiam, e, vendo e sentindo, de toda a minha alma subia a admiração pela geração que realizara tal obra. Quem a fez? Um punhado de moços – os moços que afirmam o Brasil de modo extraordinário, no momento em que ele começa a ser falado. Há um fato evidente: do governo de Rodrigues Alves é que se começou a conhecer o Brasil, e desse governo data a ingerência dos moços de modo dominador nas administrações e nos negócios públicos. Foi talvez por isso que as reformas, as transformações se fizeram tão rapidamente, é talvez por isso que repentinamente a nossa energia e a nossa decisão ao próprio país aturdem, acordando os nobres instintos do patriotismo, que é a consciência da própria força.

Que está fazendo essa geração de moços dos 20 aos 35 anos? Essa geração desfez a politiquice de camarilha, intriguinha e inutilidade, não teve nunca o acesso histórico de um patriotismo de agressão, e impõe a sua pátria pela obra da paz e do saber, pelo puritanismo sem espalhafato e pelo talento demonstrado em ação. Os moços acompanharam Frontin e Passos na transformação da cidade; os moços transformaram alguns dos nossos serviços de assistência, como o Hospício, a

ponto de obrigarem os sábios alemães a virem ver o modelo aqui; os moços são do valor de Carlos Peixoto ou de Miguel Calmon; e nesta cidade, quando qualquer coisa é realmente boa e digna de elogio, é também certo ser feita por moços, que no tempo da monarquia faziam, no máximo, estudantadas.

Aquela cidade da maravilha, erguida em oito meses, quem a fizera? Dois moços: Miguel Calmon e Sampaio Correia. De Miguel Calmon, o benjamin do ministério, pode-se bem dizer que a ousadia dos seus projetos, a sua retidão e a multidão de ideias que o seu cérebro continha, espantaram um instante. Mas era um cérebro de matemática. Os resultados foram fatais, e ele continua impassível no elogio e na agressão, como um sujeito certo do seu fim. De Sampaio Correia só há uma dificuldade: encontrá-lo para admirá-lo bem e amá-lo mais. A atividade intelectual desse homem tem do prodígio. Ao mesmo tempo em que dirigia as Obras Públicas, como elas nunca foram dirigidas, inaugurando uma série de trabalhos e providenciando para o já crônico abastecimento d'água da cidade, Sampaio Correia, o melhor colaborador de Calmon, dirigia pessoalmente os trabalhos da Exposição, e esses trabalhos em oito meses foram apenas: projeto geral com divisão da área, ornamentos, ajardinamentos; preparo da área com aterro e desaterro; demolição dos edificios antigos, dependências da Escola Militar e doze prédios particulares; construção de um cais que completa a Avenida Beira-Mar até fora da barra, com uma ponte de cimento com 20 metros de vão; outra ponte de alvenaria para atracação de barcas, o assombroso *château d'eau*, aquele pórtico da maravilha que é o portão monumental, o palácio manuelino de Portugal, cerca de 30 pavilhões, o teatro, os restaurantes, as redes de esgotos e águas fluviais, a distribuição da água e da iluminação, que só por si é uma prova de talento e de arte, o calçamento, a arborização — que sei eu, deuses fortes

da Hellada morta? o assombro da energia, da atividade, da capacidade, o prodígio de uma cidade criada em 130 dias, o milagre da força inteligente!

Como não se sentir a gente participando um pouco dessa glória imensa?

Outrora era chique e podia ter a sua razão de ser, posar de pouco brasileiro, tendo o patriotismo como uma espécie de ataque intermitente de jacobinismo. Hoje, só quem não tem a faculdade simples de pensar o que sente, só quem, em vez de sangue, tem nas veias orchata ou água de Lubin, é que se pode conservar impassível naquele recinto.

Patriotismo não é manifestação de bandeira, nem gritos contra estrangeiros, quando eles afirmam a sua superioridade; patriotismo não é a fanfarrone de ficar eternamente na sujeira, dizendo que nós somos uns heróis, porque os voluntários da Pátria fizeram prodígios na guerra do Paraguai. Patriotismo é demonstrar, no concerto das nações, o seu valor igual ou maior do que os outros, na indústria, na arte, no progresso. Foi assim que se fez a República dos Estados Unidos: é assim que nos fazemos nós — terra da América, terra nova, terra de energias novas, terra de deslumbramento. Na cidade luminosa, diante de uma população de 8.500 expositores, vendo riquezas que nenhum país tem e todas as indústrias imagináveis, representação de 18 regiões nossas, tendo S. Paulo à frente, como maior expositor, o estrangeiro *touriste* verifica que isto é um país onde há a fibra do próximo domínio de grande potência, o estrangeiro domiciliado sente-se contente por ter empregado a sua atividade numa terra assim, e o brasileiro diz, enfim, com orgulho:

— Eu sou brasileiro!

Oh! vocês não imaginam a embriaguez divina de poder dizer civilizadamente, sem o avatar da *natureza* e da guerra do Paraguai, sem a

vergonha da selvageria – a sua nacionalidade! Vocês não podem conceber o prazer delicioso, na Grande Mágica, de compreender que tudo aquilo somos nós, que tudo aquilo é o Brasil, que aquela iluminação nunca teve rival em todo o mundo, que aquelas indústrias são tão perfeitas como as melhores do mundo, que aquelas riquezas naturais ou são melhores que as dos outros países ou não têm rival em todo o mundo. É um enervamento perturbador, é um sentimento de alegria paroxismada. E eu só, caminhando por aquela aluvião de gente, tinha vontade, a vontade pueril que cada um dos *touristes* soubesse que eu era brasileiro – não já o brasileiro das operetas do Meillac, mas o tipo que alia ao afinamento latino a energia prodigiosa da América.

Fui assim até ao terraço que deita para o oceano, desejoso de acalmar os nervos. E aí, pela primeira vez, eu tive o medo de envelhecer – de envelhecer sem impor a minha personalidade no máximo de energia útil ao meu país, sem aproveitar a atividade e a força da mocidade inteiramente, na construção de uma vida que me desse a maior quantidade de prazer são, cooperando para a integração do progresso da minha terra.

E patriota, eu, o frívolo, o cético, diante do oceano, que os árias consideravam o laboratório da vida, louvei mais uma vez, com o horror de envelhecer, a obra portentosa desse punhado de cérebros e de energias assombrosas que realizavam, na terra de Santa Cruz – o milagre da mocidade...

A CARTA DE UM DELEGADO À EXPOSIÇÃO

Como estivéssemos no bar vendo o prazer convencido com que a humanidade se envenena, à roda agregou-se Getúlio de Azambuja. Também chegou, emborcou um copo de cerveja, exclamou que aquilo tudo era uma beleza, e ao abaixar os olhos, deu com uma carta no chão.

– Estão a ver? Entro e descubro logo coisas!

A carta, evidentemente, caíra de uma algibeira poucos momentos antes. Nem o invólucro estava sujo. E, caso que nos aguçou a curiosidade maldosa, estava ainda aberta e por selar. Um por um dos cavaleiros em torno à mesa sopesou a carta, olhou o sobrescrito, sorriu, disse uma frase. E todos pareciam acanhados, porque a vontade geral era abrir a carta e lê-la. Há quem resista à leitura de uma carta?

Se até as anônimas são irresistíveis! Quanto mais uma epístola aberta, num bar de Exposição! Getúlio compreendeu o estado d’alma da roda.

– E se nós a lêssemos?

– É um crime!

– Fôssemos nós não fazer tudo quanto a nossa imaginação chama crime, a vida seria de uma insulsez lamentável. Leiamo-la!

– Por tua conta?

– Está bem. Acarreto com as responsabilidades e com a possibilidade de aparecer por aí o autor.

Rimo-nos, olhando para os lados, por causa das dúvidas. Getúlio já desdobrara o papel. A carta era longa e dizia assim:

“Minha querida Nathalia. – Em primeiro lugar um beijo muito longo à minha mulherzinha, de quem cada vez sinto mais saudades. E que esse beijo se reflita nos pequenos, frutos do nosso amor. Reconfortado o coração, tão só nesta vasta cidade, com o pensamento em ti, aproveito a ocasião em que os trabalhos da Exposição me deixam um pouco tranquilo e logo pego da pena para mandar ao ser querido toda a alma.

Com efeito, cara esposa, há quase um mês que não te escrevo. As tuas cartas são em parte justas. Mas como escrever? Não há tempo, tenho passado uma vida de cão. Imagina! Estou numa pensão de famílias da Rua Voluntários da Pátria para ficar mais perto da Praia Vermelha. A pensão é de uma velha parálitica e nunca vi gente tão feia e tão sem graça como o resto dos hóspedes. E digo o resto – porque sou eu a maior parte. A comida é péssima, a cama dura e o criado não me dá o café sem entornar metade da xícara no pires.

A princípio, logo que cheguei, fui forçado a acompanhar o nosso senador, que como já deves saber volta à presidência brevemente enquanto o atual estiver no Rio, a senatorizar um pouco. O nosso senador, aliás muito amável, não me largava. Assim percorri a cidade e andei em vários lugares. Escusado é dizer-te que com todo o respeito. Mas queres saber a minha impressão sincera? Isto fica muito aquém do que eu pensava.

Como a vida parte do estômago, dir-te-ei que a cidade é, quanto a hotéis, uma fábrica de mortes. Andei pelos mais afamados, sempre

com o senador, homem muito austero como tu sabes. Pois, minha filha, é uma grande miséria. Os criados são insolentes, mal vestidos, com os punhos sujos; as listas parecem-se todas, primeiro pela língua arrevesada de quem as faz, segundo pelos pratos que são sempre os mesmos, terceiro porque o que a gente quer sempre já acabou.

É fatal, Nathalia. Uma vez – um pouquinho tarde talvez, porque o senador estivera conversando comigo e vários deputados – depois de consultar a lista, já muito enjoado, disse ao garçom:

– Dê-me pão.

E sabes o que respondeu ele? Respondeu simplesmente:

– Já acabou!

Nem pão, quando a gente quer!

Mal comido, um homem não tem vontade de coisa nenhuma.

As diversões e os passeios também não agradam, porque a cidade, depois das avenidas e das lâmpadas elétricas, mais os automóveis, é de uma grande pretensão, e parece que toda a gente tem falta de dinheiro, principalmente as senhoras. E senão vê tu: recebi um cartão de convite para uma sessão magna em certo clube, graças ao senador, e embaixo do convite a diretoria pedia que eu fosse de casaca. Como se eu não soubesse! De resto, há homens que mudam de roupa três vezes por dia como nos romances, e vão sempre ao teatro de *smoking*. Coitados deles, Nathalia! Os teatros são detestáveis. Os artistas não sabem os papéis e quando a gente vai à caixa distribuem cadeiras de benefício. Eu também fui uma vez só e saí esfolado, porque o senador obrigou-me a ficar com alguns bilhetes em atenção a um seu camarada de colégio, que deu para cômico.

Ao sair do teatro não se tem aonde ir, quero dizer que uma pessoa com insônia fica a trocar as pernas pela cidade deserta. As conduções custam caríssimo, e os passeios ao Leme (lugar muito sério, onde se

reúnem várias famílias) custam os olhos da cara. Também já o Leme não é moda. Um juiz da alta dizia-me outro dia:

– A civilização caminha. Esteve no bar de Botafogo, no Pavilhão Mourisco, no Leme. Está agora na Exposição. Para onde irá amanhã? Talvez para a ilha Rasa.

– E V. Ex.^a acompanha-a?

– Que se há de fazer?

Muito aborrecido, pensando em ti, abandonei um pouco o senador e travei relações com um viúvo distinto, pai de cinco filhos, que tive o prazer de conhecer no Moulin Rouge, teatro de variedades, uma espécie de circo, onde levava os filhos para ver os cachorros sábios. É o meu único camarada. Chama-se Julio Guimarães.

Ao demais, o trabalho da Exposição apertava. Foi uma inferneira. A comissão executiva parece que tem má vontade com o estado. Os volumes são os últimos a serem descarregados e ainda não inauguramos o nosso pavilhão. Que trabalho o de delegado, minha boa amiga!

Acordo cedo, deixo o Julio ainda a tomar café e parto para a Praia Vermelha. Julio, mais os filhos, que moram na mesma pensão, vão ver-me. E ficam admirados. Estou lá trabalhando firme, às vezes em mangas de camisa. À hora do almoço, como qualquer coisa e continuo até à tarde. Volto à noite e trabalho ainda, tenho que aparecer, conversar, tratar de fazer conhecidos os produtos do meu estado...

Ah! quem me dera na minha terra, no meu jardim, ao lado de minha mulherzinha querida, vendo os pequenos a brincar! Que saudades! Estou até magro. O senador ainda outro dia disse-me:

– Tu trabalhas demais...

Infelizmente as coisas saem sempre ao contrário do que se pensa. Eu desejava partir já, mas ao que consta esse horror da Exposição caiu

no vício da população, e o ministro talvez a prorrogue até dezembro. Sendo assim, só em janeiro lá estarei. A minha tristeza é tanta que pensei em te mandar buscar. Mas a epidemia de varíola é grande e tenho medo, por ti e pelas crianças. Eu não, que sou homem e estou tratando do futuro.

São duas horas da madrugada. A fadiga vence-me, porque tivemos de mostrar a um capitalista americano os tecidos de fibra da bananeira. Mas não quis demorar mais um dia a carta longa em que vai o meu coração.

Adeus, Nathalia! Até breve. Beija Renato e Eurídice. Não te esqueças de dizer a teu pai que mande a ordem para a casa bancária antes do fim do mês. E perdoa que te escreva o último adeus quase sem poder conter as lágrimas. Teu marido do coração – Oscar.”

Todos nós sorriamos, quando Getúlio acabou.

– Que força a desse sr. Oscar, hein?

– Quem sabe lá! É uma impressão.

– Eu guardo a carta. É um documento! fez Getúlio metendo-a no invólucro.

Nesse momento precisamente um cavalheiro de casaca, muito corado e lépido, chegou com uma dama de manto de pele de cisne e cintilante de joias. Circunvagou o olhar em torno, desfechou para nós:

– Perdão, senhores, esta carta...

– Achamo-la agora mesmo no chão.

– É minha. Deixei-a cair pensando tê-la posto no bolso da casaca. E se não andar depressa ainda hoje perco o Correio da Exposição. Obrigado.

E foi-se apressado. Nós contínhamos o riso. Então Getúlio ergueu-se, e, solene, reuniu a impressão geral:

– Pobre D. Nathalia! Coitado de seu marido! Lá vai ele, magro e ralado de saudade, em companhia do Julio Guimarães, mostrar ao capitalista americano as fibras das bananeiras!..

OS ANIMAIS NA EXPOSIÇÃO

O ntem, o acaso fez-me passar o dia entre animais. Esta sensação para o homem urbano que limita a sua vida ao salão onde se intriga e à praça onde se calunia, é absolutamente rara. Eu, pelo menos, nunca a tiveira, e pela concorrência de cavalheiros e damas e crianças, que em torno às gaiolas e em torno às baias soltavam gritozinhos e exclamações de pasmo, é muito provável que 90% da cidade esteja nesse interessante desconhecimento dos animais.

Há animais e animais. Há cidadãos e cidadãos. A compreensão que o homem tem do animal é em extremo variada. O animal foi e é o nosso grande exemplo desde o pecado estudado por Adão ao vivo no paraíso entre os animais até a vida socialista apanhada pelos sonhadores nas colmeias, entre as abelhas.

Tudo, desde as formas da ligação: a monogamia e a poligamia, até os mais aperfeiçoados meios de obter o sustento, o homem apanhou do bicho-inseto, quadrúpede, ou ave, mas sempre bicho. E até mesmo qualidades que o nosso entendimento dividiu em boas e más foram a tal ponto copiadas dos animais que até hoje os fazemos símbolos delas. O cachorro há de exprimir sempre fidelidade por mais que morda; a formiga há de ser sempre o trabalho; a raposa continua através os séculos a representar a manha. Alguns animais, aliás honestos e delicados, suportam a calúnia séculos e séculos. Haja vista o veado...

O homem, com um fundo de poesia, que não é mais do que o grito incoerente e contínuo da natureza, vai ao ponto de quando ama o seu semelhante compará-lo sempre com os animais. As senhoras têm olhos de gazela, andar de garça, colo de pomba, pescoço de cisne; os homens são fortes como os leões, ferozes como os tigres. Homero comparava os olhos das mulheres aos olhos dos bois, e um sujeito de talento é fatalmente águia, posto que o talento da águia seja muito discutível. O animal está de fato a cada instante na nossa vida moral e mesmo no físico, porque segundo Rabier e as suas caricaturas, não há ser humano que não lembre um bicho.

Essa intimidade, entretanto, é apenas subjetiva e vagamente astral, para dizer como os oculistas. O homem da cidade olha o bicho com um ódio secreto, quando ele é selvagem, e quando o amansa para fazê-lo elemento decorativo e para espancá-lo. Nada mais instintivo do que dar pancada num bicho feroz, quando ele está preso. Ao ver um sujeito meter a bengala pelas grades de uma jaula para enfuriar um leão, longe de julgá-lo com mau caráter, eu admiro o homem que ainda tem no sangue a fúria do pitecantropo, contra os companheiros de floresta que era preciso vencer.

De resto é essa uma das características da espécie egoística. A caça é uma das faces acentuadas, as outras vê a gente ou nos jardins zoológicos ou nas exposições de pecuária. Nos jardins olha-se com um orgulho instintivo:

– Um jacaré! E nós prendemos esse bicho perigoso!

Um pouco mais e lá vai pedrada, porque cada um de nós tem bem nítida a certeza de que o jacaré, estando do lado de fora, não se limitaria à pedrada, mas saltaria a devorar-nos.

Nas exposições é o prazer de ter feito obra nossa:

– Que lindo cavalo! É cruzamento do inglês com o árabe? E aquele zebu! Que bichão!

Nós montamos o cavalo, sabemos-lhe a família, conhecemos o pai do boi, discutimos a sua qualidade de reprodutor, enfim: cavalo, boi, cachorro, galinha, canário, tudo isso não passa de elemento decorativo da nossa vida, de prazer da domesticidade. Tem-se um cão bonito como se tem um laçao de farda.

Estou a dizer mesmo que o homem da cidade de tal modo vive separado do animal que o não conhece e o não vê, senão por excentricidade. A eletricidade domina a condução. Os carros puxados por animais são hipomóveis e ninguém separa o tálburi do cavalo – a não ser quando se é membro da Sociedade Protetora dos Animais. Os cachorrinhos são como que ornamentos das damas. Os gatos, uma espécie de cacoete filósofo-literário. E quanto aos outros, a ideia é ainda mais vaga, fica restrita aos criadores. Quem se lembra da galinha e do boi vivos, quando os pede num restaurante?

Eu, por exemplo, abomino os gatos, os cachorros, os passarinhos, as galinhas. Um gato ronronando em cima de uma poltrona enfeza-me; um cachorro saltando num salão, faz-me doente, e nada mais desolador do que ver uma gaiola com alguns bichinhos, incapazes de voar, a trinar vagamente árias vagas, às vezes tristes.

Na Exposição, em meio àquelas senhoras de grandes chapéus emplumados e de cavalheiros de luvas, tomando informações com os tratadores ingleses ou argentinos, foi como se de novo travasse relações com essas variedades da vida. E, de repente, senti como uma *griserie*, senti-me integralmente animal. Fui a princípio à exposição de canários, uma porção de gaiolas, todas do mesmo feitio. As avesitas pareciam assustadas com tanta gente, não cantavam, e eram quase cor de creme algumas, outras amarelo d'ouro, outras d'açafraão e castanha, outras cor de gema d'ovo, tão delicadas, tão aéreas, tão imateriais que pareciam leves flocos animados de um sopro a perder-se minutos depois.

Em seguida vieram os pombos. Como era possível haver uma tão grande variedade de pombos? Há-os todos brancos e todos cinza e todos salmão, e todos cor de havana; há-os como encrespados artificialmente, com a cauda abrindo em leque e a cabeça perdida num cocar de penas; há-os com rebrilhos d' aço que parecem saídos das fantasias de um forno de faianças do golfo Juan. Alguns são enormes, abrindo as rêmiges fortes; outros podem caber na palma da mão de uma donzela. E vendo os cartões com as informações dos cruzamentos, gozando-lhes o olhar – o olhar dos pombos que olham como se não vissem, – a fascinação do arrullo prendia-me. Como se compreende a Hélade, e Vênus, e o velho Virgílio e o prudente Enéas, diante de uma gaiola de pombos! Certo, Enéas não teria descido aos infernos, se Vênus não o fizesse conduzir pelas suas pombas brancas...

Os pombos levaram-me até ao local da exposição de bois, de cavalos e de touros. Que aspecto inédito! O sol, abrindo na porcelana azul do céu, dardejava uma poeira de diamante cegadora. E, naquele brilho impalpável, acotovelava-se a multidão. Eram empregados do comércio, eram operários, eram sujeitos bem postos, eram *sportsmen* e estrangeiros, mulheres do povo e senhoras de alto tom, cabeças em cabelo e grandes chapéus à Gainsbourg, crianças endomingadas e *babies* como escapados aos figurinos, de luva de seda branca e gestinhos tenros. A luz tirava chispas e fulgurações das joias, dava um cunho de apoteose a tudo. Era como se estivéssemos na pesagem de um prado, em dia de grande prêmio.

Os animais estavam na sombra e a curiosidade era toda para eles. Damas flexíveis e delicadas paravam em êxtase diante dos bois formidáveis, crianças queriam pegar, passar a mão, e os tratadores, perfilados, davam informações.

– Esse cavalo?

– É do sr. barão do Paraná.

– E aquela zebra?

– Ah! isso é cruzado. O sr. barão tem I9. Este é filho de um cavalo e de uma zebra. Com aquele deu-se o contrário. E são menos maus que os burros, os zebroides.

Os cavalos pareciam orgulhosos daquela admiração. Alguns desenhavam atitudes como se fossem tirar o retrato, e essa desconfiança em mim se acentuava porque pelo menos aqueles pareciam compreender perfeitamente o que se lhes dizia. Eram cavalos de raça, cavalos fidalgos. Os cartazes noticiavam o seu sangue, a sua filiação e até mesmo o que atualmente fazem os pais – coisa que o papa não pergunta quando erige em condes os vaidosos.

Todos, ao demais, sabiam como se chamavam.

– Pachá?

E Pachá alazão voltava-se.

– Sultão?

E Sultão, negro como azeviche, esticava as orelhas.

Os bois não tinham orgulho. Eram majestosamente paternais. O olhar amistoso de um desses animais consola a alma. Havia-os de todas as idades, de todas as raças, de todos os pesos. Um, formidavelmente negro, pesava mais de mil quilos, e parecia um divã da casa Mapple: dava vontade da gente se deitar por cima. Alguns, com sete meses, tinham tamanho e carne para deixar um homem envergonhado de crescer tão devagar.

Mas a estranha sensação daquele ambiente! O cheiro saudável dos bois, aquelas cabeças tão belas e graves em que o rosa tem desmaios, o pelo macio e lustroso, a fartura, a plenitude, a pujança daqueles exemplares, tudo se ligava para infiltrar nas anemias urbanas e nas neurastenias presentes a *griserie* de uma outra vida, o desejo de ter muita saúde,

de não conhecer perfumes e fatuidades, de viver como os tratadores dormindo no feno, amando livremente, refocilando com os bichos. As damas ainda resistiam em passar a mão pelo dorso dos touros. Os homens iam fatalmente do desejo ao gesto. As crianças, que estão mais perto da natureza, pediam...

Então eu, disfarçadamente, descalcei as luvas, e experimentei. O pelo era macio, de uma suave e inédita maciez. Nem as peles que as damas aconchegam, nem as gazes que as vestem são tão macias – porque lhes falta a vida. Fiquei perto de um zebu cinzento e gostosamente acariciei-lhe a anca. O touro voltou-se, olhou-me pachorrentamente, admirado daquele ser artificial, tão cheio de roupas e tão fraco. Passei a outro, que nem se voltou, e como um criador me assegurava que um novilho de dois meses e do meu tamanho era manso, pedi-lhe que o tirasse da baía – a passeá-lo.

Agradecido, o novilho, ao ver-se livre, estendeu a cabeça. Acariciei-o e ele beatamente estendeu-a mais, de modo que o seu focinho rosa roçou a minha face pálida. E eu senti-me profundamente bom, tão bom, tão contente de mim mesmo que por lá fiquei até que o sol transmontou, e na atmosfera de agapanto as lâmpadas elétricas fulguraram. Era como se tivesse de novo encontrado a vida. A história humana, a história da evolução dos homens sem os animais não poderia ser contada. Os pombos são o amor, os galos são os natais da vida, as aves dos ares a música do viver, os cães a defesa, os bois o conforto e o bem perpétuo da existência. Por isso Jesus nasceu numa estrebaria sob o hálito de um boi, por isso com a pele de um boi se fez Cartago, por isso os merovíngios seguiam vitoriosamente em carros de bois.

E no restaurante, mal servido, entre animais de calças, com todos os horrores que não têm os animais, quando o garçom infame indagou

se eu queria um bife – o que restava do cardápio –, o garçom ficou atônito com o meu olhar. Porque eu, até àquele momento, ignorante de que o bife era de um animal tão bom, ficava agora, só com a lembrança da ignorância, apavorado de tão tarde ter conhecido a poesia dessa criação de vigor resignado, de bem e de pujança tranquila...

OS ESNOBES E A EXPOSIÇÃO

Não sei se os senhores conhecem a definição do esnobe por Georges Griffey. Esse Griffey tem espírito e sabe inglês. Daí a admirável definição: “– Toma-se um pouco de todos os ridículos da natureza humana aos quais se juntam alguns grãos de estupidez, muita fanfarronada, uma certa dose de trivialismo e de pretensão, espessura de espírito, mesquinhez de gosto, e principalmente uma ausência total do que é belo, nobre e distinto. Essa mistura dá um esnobe perfeito.”

Não era possível que esta cidade, porto de mar destinado a todas as adaptações, deixasse de possuir uma coleção de esnobes. A coleção é formidável, a coleção aumenta todos os dias, e como o Destino, o mais terrível e o único Deus respeitado, tem caprichos atrozes, os esnobes cariocas são em tão grande quantidade que um homem simples não deixa de conhecer pelo menos cinco dúzias. Cinco dúzias? Talvez mais, talvez 10, talvez 20. Quando era moda fazer citações em latim dizia-se nessa língua morta que o número dos idiotas é infinito.

Eu, por exemplo, que tenho poucos conhecimentos, conheço pelo menos 60 dúzias, e devo dizer que esses cavalheiros e essas damas têm a propriedade de divertir-me. Como já Thackray o afirmava, há esnobes relativos, e positivos. Quando encontro um positivo eu passo logo a relativo, fazendo o que o camaleão nunca fez, isto é, tomando a cor da planta em que estou. E é delicioso de sandice. Há gente que toma éter para ter a sensação de que paira no espaço, de que se desloca da

terra. Eu converso com o pessoal esnobe para ter o prazer de não estar em parte alguma. Chega a ser capitoso de vazio.

A primeira qualidade pela qual se conhece a pastranice é a pretensão a não ser brasileiro. O supremo chique, a nota verdadeiramente *up-to-date* é passear pelas avenidas com o ar impertinente dos secretários de legação que proliferam sob o olhar pesquisador do barão do Rio Branco. Há esnobes de todos os gêneros, desde o literário até o policial, mas as variedades têm todas a grande força fundamental de estrangeirice balofa. Se o homem é das letras, acha Coelho Neto insuportável, e põe o olho em alvo falando de Keats, de Verlaine, de Maclair ou do fogofo d'Annunzio, que aliás não leu como não leu Coelho Neto — porque o esnobe não lê nem os jornais, limitando a sua instrução às figuras do *Femina*, e às notas mundanas do *Figaro*. Se o esnobe é policial, acha impertinente o civil e admira o *policeman* e o *agent de sureté*.

— *C'est chic ça, lin? L'agent de sureté!* Muito melhor que secreta...

Uma conversinha em roda esnobe descansa o espírito na Região de Parte-Nenhuma. Eles e elas estão todos estudando atitudes, copiando gestos, e dizendo coisas: — Então, a Renata foi a Paris? — É verdade. Ainda não mandaste fazer as tuas encomendas ao alfaiate parisiense que corta para os príncipes russos?

— Ah! *sweetheart*, o *colis* trouxe-me os vestidos da viúva Paquin. Que ousadia! É lá possível usá-los neste país! É verdade que é moda agora ir ao Egito?

E quando chega algum estrangeiro é o açodamento, seja ele quem for. Se um cidadão aparecer aqui dizendo-se o falecido Khediva do Egito, tem logo a acolhê-lo uma roda *smart*, que terá prazer em se mostrar conhecedora do Nilo, dos antigos coptas, da Esfinge, das pirâmides — ah! as pirâmides!... — das avenidas modernas, do Cairo... Brasil é que não, nem rachado!

Ora, uma vez, antes da inauguração, eu voltava fascinado com as experiências de luz da Praia Vermelha, e entrei no Lírigo. Lá estavam os esnobes discorrendo de Lope de Vega, Tirso de Molina, Velásquez, Espanha, Madri, touradas, Alcalá. Era a genial Maria Guerrero envolvendo aqueles patetas num conhecimento da civilização castelhana mais transparente que a gaze do De Kan – porque através daquele papaguear via-se a indigência dos conhecimentos. Entrei numa roda, sem lembrar que estava em Parte Nenhuma, e um dos cavalheiros, desejando conversar comigo, indagou:

– Na Cavé, amanhã, às cinco?

– Oh! filho, na Exposição.

Ele empertigou-se:

– Eu vou lá à Exposição!

Eu finquei o pé, arregalei os olhos, abri a boca:

– Pois tu não vais à Exposição?

Ele teve receio de que não fosse chique deixar de ir, passou o lenço pela face, balbuciou ao cabo de segundos:

– Vou, mas vou à noite, de casaca, cear com o secretário de Honduras...

Essa interessantíssima palestra deu-me o apetite de observá-los na Cidade da Maravilha, que é a Exposição. E, realmente, eles são espantosos. Toda essa gente tem nas artérias água de Lubin, e como miolos, algumas folhas do *Cri de Paris* amassadas. Diante do esplendor, da magnificência, daquele grande milagre de progresso, ide vê-los – eles continuam todos em Parte Nenhuma. Na inauguração, depois de ter caçado com ânsia um convite para aparecer, eu encontrei três ou quatro.

– Então vem colaborar para o triunfo do Brasil?

– É. Que calor! Está muito quente. Este país já não tem estações.

– Oh! ao contrário. Inauguram-se mensalmente algumas. Pergunte ao Aarão.

– Falo de estações climatéricas.

– Essas são quatro apenas e se as não temos a culpa é do Souza Bastos, que as encaixou no *Tim-tim*.

Depois da visita presidencial, todos eles correndo atrás dos diplomatas ou procurando posições estratégicas para serem vistos pelas *leading-beauties*, passavam distraidamente pelos *balls*.

– Veja você como o Brasil tem indústria, tem força, tem energia!

– Mas que poeira, filho, que poeira.

– Todas as exposições têm poeira. A de Paris tinha.

– Sêrio?

– Palavra.

– Então é outra coisa.

Finalmente à noite, todos eles lá estavam, solenemente de casaca, peitilho reluzente, gestos fatigados de gente que se enfara. Em torno, era a apoteose da maravilha, uma fulguração de astros. Os pavilhões, que são palácios, vestiam de luz da base ao alto das torres; nas avenidas os arcos voltaicos abriam clareiras de luz branca na luz de metal dos pavilhões; pelos relvados, aos tufos de verdura, espreguiçavam-se desmaios de luz na morte-cor do espectro: e as águas eram de cores luzentes e tudo era cor, era luz, era como se a multidão se encerrasse dentro do *Koh-i-noor* – a montanha da luz, no âmagô de um diamante colossal.

Eles passeavam entretanto, como se o governo tivesse insistentemente mandado pedir o seu conselho e a sua opinião, passeavam como árbitros da beleza e professores de chique, irredutivelmente agressivos.

– Olhe aquele canteiro. Que beleza de luz!

– É, mas apagou uma lanterninha.

– Onde?

– Ali, a dez metros.

– E que me diz do Acre da Entrada?

– Os calçamentos ainda não estão feitos.

– Veja aquele fogo que se queima. Lindo, não?

– Acho fumaça demais.

– Já examinou as nossas cerâmicas?

– Coisas de índios, hein?

– Não, senhor, coisas modernas de uma fábrica como as do golfo Juan.

– Não há de ser tão bom.

– E a vitrine de pedras preciosas em que o Hugo Brill expõe o assombro?

– Pedras brasileiras?

– Sim, que a rainha Alexandra ama...

– Ah!

– Mas você não se admira afinal, não sente nada, não vibra diante desta apoteose? Mas você tem decididamente óleo de oriza nas veias. Nem a cidade da exposição, nem o assombro de iluminação mais belo que o do Palais Automobile em Paris, nem os trabalhos expostos, nem as diversões, nada você acha digno de uma aprovação sua?

– Não, é bonitinho, não há dúvida. Mas o exagero patriótico não é chique.

– Então não venha mais aqui.

– Impossível. Janto com o secretário de legação X, na quinta, ceio sexta com duas princesas valáquias dançarinas nas horas vagas, tenho que trazer cinco jornalistas estrangeiros que são muito importantes, sábado, e como essa gente quer ver – eu venho...

Uma confusão inteira de vazio cerebral com grandes ares.

E são todos assim. Vão lá fatalmente, posando uma desnacionalização de bom tom passear as casacas e os *smokings*, acham defeito em tudo porque não podem sorrir, sorriem porque não podem rir, falam baixo porque já não podem gritar. Naquele trecho de maravilha, cuja construção os deixou indiferentes, se lhes apontarem um homem simples, de cabelo comprido com a barba por fazer e o casaco empoeirado, dizendo:

– É aquele o Sampaio Correia.

Eles não correrão a saudar a energia admirável, porque talvez não saibam que Sampaio Correia fez a Cidade da Maravilha em oito meses. Se lhes disserem que Calmon já viajou o mundo inteiro com a preocupação do Brasil, eles abrirão a boca de pasmo – eles que vivem aqui sonhando com os braços do Vaticano e os internacionalismos elegantes gênero Montana...

Mas são maus?

Não! cem vezes não! Eles cumprem o seu dever – vão lá. Admirem-se ou não, que importa?

De todos os idiotas são os mais inofensivos, porque são de um país à parte para que todas as terras concorrem: o país da insignificância, o país de Parte Nenhuma.

Na Exposição, quando eles passam discorrendo, sem olhar as belezas ou olhando apenas para decretar impertinências sem importância ou fazer comparações disparatadas com o fim de achar melhor tudo quanto não for do nosso território, eu louvo os deuses misericordiosos por terem permitido que entre os esnobes ainda seja desconhecido o esnobismo patriótico – porque então seria a calamidade...

O esnobe é um animal com todos os ridículos e todas as vulgaridades pretensiosas. O nosso tem mais uma: acha feio ser brasileiro.

E na Exposição, diante da montra maravilhosa da Energia de um Grande País, eu tenho vontade de abraçar o esnobe pelas suas convicções. Ou bem que se é integralmente pastrana, ou bem que se não é.

A POLÍCIA DE COSTUMES

Depois de ter concordado com Alfredo Pinto, que é preciso quanto antes levar a cidade a bom caminho e defender com calor a salvação da dignidade urbana que, sabe-o toda a gente, assenta na polícia de costumes, fui dar um giro pela Rua do Senhor dos Passos. Essa via pública das mais movimentadas, se não é uma rua de maus costumes, é pelo menos uma rua doida. Por lá habita parte da colônia síria, mas há lá também a sede de um distrito policial, e como o distrito é todo de gente que entretém relações com marinheiros, soldados vulgares e malandrins de toda a espécie, a sede tem de instante a instante a erupção de praças trazendo presos aos berros, mulheres em fúria ou homens ensanguentados. São as crises de insânia de rua tão respeitavelmente apelidada.

Fazia luar, os botequins sórdidos fechavam, e eu ia por ali pensando na moralidade das coisas e assobiando um trechinho da linda opereta *Tosca*. *Tosca* ou *Boêmia*? Não sei bem. Puccini é um gênio tão grande que as suas obras se confundem. Puccini ou Leoncavallo? Também não sei. De resto, o fato essencial é que eu ia assobiando e pensando, quando, bem em frente à delegacia, uma vez autoritária chamou:

– Olá, cidadão!

Cidadão é uma palavra implicante, cidadão só por desaforo ou em pleno delírio revolucionário, depois de ter estrangulado 40 homens. Eu serei incapaz de meter a chave numa das caixas de socorro manda-

das vir pelo general Antonio Geraldo, mesmo em caso de maior perigo, apenas por que na linha do orifício há estas palavras: – chave, cidadão. Voltei-me, entretanto, e vi que era um cabo.

– Que temos?

– O cidadão está armado?

– Armadíssimo.

– Então deixe ver o revólver.

– Quem lhe disse que era um revólver?

– Deixe ver a faca.

– A faca!

O homem aproximou-se.

– Nada de deboches comigo. É contra a lei estar armado. E se você põe-se com pilhérias vai direitinho para o xadrez.

A esse tempo, com a sua autoridade, metia-me a mão na cava do colete e a outra – a disponível, a que lhe restava, porque duas estavam no chão e a outra na cava – no bolso da calça.

Eu podia gritar o “não pode!” ou perguntar classicamente: “você sabe com quem está falando?”

Mas era interessantíssimo um transeunte pacífico ser assim revista-do pela autoridade em plena Rua do Senhor, particularmente dos Passos. Deixei-o fazer. O homem estava carrancudo.

– Bom, pode ir, não tem nada. Então porque disse que estava armado?

– Saberá vosmecê que estava e estou – estou armado de paciência!

E dito que foi esse desabafo, saí rápido com medo à justa cólera da autoridade.

Sim, porque, francamente, não havia motivo de queixa. Afinal, aquela cena já antes repetida com outros cavalheiros, que era em síntese? Uma das faces da polícia de costumes. Para que o cabo perguntava se eu estava armado? Para que eu, sem revólver ou faca, não fizesse a

minha desgraça matando alguém. Há maior perigo do que um homem armado? Maior só dois homens. Assim agindo, a polícia estava no seu direito de defesa preventiva da sociedade. Talvez metade das mortes que se têm dado não tivesse acontecido se os cabos ou mesmo os soldados rasos andassem a revistar os homens nas calçadas públicas.

Então, já longe do cabo, continuei o meu passeio evitando a garantia urbana por um mesquinho sentimento de medo individualista e imaginando ao mesmo tempo o que será a campanha de policiamento de costumes conduzida puritanamente pelo severo Alfredo.

Com uma boa polícia de costumes, a cidade dentro em pouco estará regenerada. Com que direito age a polícia? Com o direito da previsão, que é o alicerce da sua utilidade. Não é depois do crime que se é útil. É antes. De posse desse princípio, a autoridade procede como um cultivador num jardim. Firme para impedir o crime, empalma as armas.

– Deixe ver o revólver!

– Mas eu não vou matar ninguém...

– Para que serve a arma? Não é para acariciar. Por consequência evite o desastre!

Em pouco tempo as delegacias exportarão revólveres e facas, como as fábricas de maior cotação. Restam os negociantes de armas. Um belo dia, o inspetor chega e diz:

– Cidadão, você está intimado a transformar o seu negócio em casa de brinquedos.

Restam os paus, as bengalas. Proibe-se as bengalas fortes e usa-se apenas *badines*, *etikis*, ou mesmo bengalas grossas de papelão, inofensivas. Ninguém perde nada com isso segundo o princípio de que nada se cria e nada se perde na natureza, mas em compensação, lucra a moral. Os assassinos diminuem e as cabeças quebradas passam a casos sensacionais.

Como para o decréscimo do crime, a polícia agirá nos outros casos. O alcoolismo, por exemplo. Um homem está muito bem bebendo. A polícia à porta, ou mesmo dentro, vigia-o. Ao segundo copo, bate-lhe no ombro.

– Cidadão, basta! Um copo pode passar como alimento respiratório. Dois é degradação.

Se os alcoólicos insistirem, manda-se fechar os botequins ou ordena-se, em nome do bem público, que o vinho do Porto seja orchata, o Collares, xarope de groselhas e os vinhos brancos, precioso mate do Paraná. Tudo é ilusão, os habitantes da cidade deixam de tomar Campeche para tomar xarope, pensando que tomam vinho.

Assim inibido de matar e de beber alcoóis, o carioca ainda tem o excesso das comidas, das mulheres, e o direito de passear – ou jogar. A polícia de costumes fecha os clubes, aliás imoralíssimos, trancafia os profissionais do jogo, distribui um sermão edificante para mostrar os estragos do burro e da bisca em família e talvez acabe com baralhos. Evitado o jogo, ou pelo menos reduzido, pode-se contar com a interpelação em praça pública dos agentes:

– Ó cidadão, diga-me cá o que jantou hoje?

– Hoje, para que?

– Para seu bem.

– Ah! Tomei uma *bisque*, comi um pedaço de galo que me asseguraram ser faisão, um pouco de patê de *foie gras*, queijos... não sei mais.

– Horror! Por que não come você feijão preto, ervas, arroz? Olhe os mineiros, homens fortes, olhe o Dr. Murtinho e os vegetarianos. Feijão preto é bom para a neurastenia e patê é um veneno para o artrismo...

E dentro em pouco, os hotéis terão o cardápio com o visto da polícia de costumes, enquanto toda a cidade exultará, sem dispepsias e forte.

Há ainda dois pontos graves. Por mais cedo que se fechem os estabelecimentos, só por teimosia nós teremos a mania de ficar na rua até tarde. Os batalhões da moral sairão à rua a convencer.

– Que faz você, cidadão?

– Nada!

– Pois então vá dormir. Está perdendo o repouso, talvez assustando a família, dando um triste espetáculo da moralidade da cidade. Vá, ande...

Como essas senhoras companheiras ocasionais estão todas com a porta fechada e ordem de não sair, o homem recolhe a penates muito correto. Também, se não quiser ir por bem vai por mal como as crianças renitentes, e em breve, às dez, toca-se o sino nos quartéis regionais, nas centrais, nas sedes dos distritos, e a essa hora a cidade inteira apaga a luz.

Que linda coisa! A vida pura do campo em plena capital! E o estrangeiro, pasmado, vendo de dia homens fortes e calmos a trabalhar e à noite todos dormindo, sem beber, sem pandegar, sem licenças de espécie alguma, desde andar armado a andar na rua a horas mortas, indagará:

– Como esse prodígio?

– Graças à polícia de costumes, cidadão!

Oh! suprema delícia, gozo pastoral de inocência e pureza!

A sonhar a cidade assim, dentro de dois anos, eu fugira entretanto da parte central para evitar outros cabos e outros distritos intrometidos... Deuses! Seria o meu outro eu negando-se a colaborar na grande obra regeneradora da polícia de costumes? Seria a revolta do meu organismo contra a autoridade? Nunca! A autoridade não pode ser excessiva. Nos Estados Unidos, a pátria da liberdade – será ela mesmo? Uma autoridade acaba de publicar uma lei proibindo os cachorros de uivar ou ladrar depois das seis horas da tarde. E ninguém riu. Nem os próprios cachorros.

Se os cachorros dos Estados Unidos obedecem tão cegamente à lei – que devemos fazer nós?

Obedecer! Cooperar para a polícia de costumes, ir à central pedir desde já um regulamento de vida para a grande regeneração. E, o que é mais, cumpri-lo!

Esfreguei os olhos, olhei a rua que em breve estaria deserta e, decidido a cooperar, armei-me do maior sangue frio, chamei um carro arriado e toquei a comprar um revólver de seis balas. Nunca na minha vida eu pensara em comprar um revólver...

EPITÁFIOS

Oh! o dia de finados! Que curioso e inesgotável panorama da indiferença humana! Acordo cedo, tomo um pouco de café com leite lendo os jornais, que todos falam da tristeza geral, da saudade, de lágrimas e de tochas. Atochado dessa literatura inconsciente e banal, feita de focinhas aos velhos números de anos anteriores, visto um fraque preto, tomo um ar alegre e vou percorrer os cemitérios. Haverá passeio mais filosófico do que essa peregrinação entre as tumbas de parentes alheios?

Os temperamentos grandemente sensíveis são na vida as vítimas dessa hiperacuidade de emoção. À sensibilidade refinada corresponde quase sempre uma semirrevolta contra a banalidade apagada das sensações do vulgar. Eu estou convencido de que sou imensamente sensível. Nada mais triste para mim que um piquenique do *high-life* ou um baile carnavalesco – duas coisas imensamente gostadas. Tanto dos piqueniques como desses bailes denominados forrobodós, venho febril, nervoso, amargo, com uma tristeza que se abeira do cemitério e do suicídio diante da irremediável sandice humana.

Em compensação, de volta de um enterro, de uma visita de pêsames ou de um breve passeio pelo cemitério, sinto uma alegria satânica, a vontade de cantar e dançar o *vem cá, mulata!* e dizer com provocação chufas aos transeuntes.

E por quê? Porque eu sou mau? Oh! não! Porque a indiferença dos que deviam sofrer não corresponde nunca ao grau de piedade consola-

dora que lhes reserva o meu coração. É uma alegria de despeito, é um espalhafato nascido da desilusão, é um escândalo que se abebera e envenena e se anima da observação amarga.

A civilização impõe a supressão do pranto. A selvageria esbata todas as possibilidades de um sentimento digno. A sociedade é estupidamente egoísta, feita de classes que pendem umas para o máximo da civilização, outras para o homem primitivo. E tantos são os casos de dor fingida que eu desconfio sempre, não compreendo mais, com uma grande vontade de rir.

Por isso, logo de manhã, de fraque preto, vou visitar os cemitérios. Estão sempre cheios. A direção, que encontro à porta, faz questão de encher, dando notas aos repórteres. Cada cemitério corresponde a uma certa classe. O jovial cemitério do Catumbi é bem dos ricos moradores do Haddock Lobo e Tijuca; o Caju é vulgar, é misto como a Cidade Nova e as ruas centrais: tem imensamente de tudo; os dois outros das ordens cheiram a S. Cristóvão; e há um *up-to-date*, positivista, nefelibata e elegante: o de S.

Eu gozo esses camaradões educadores. Logo à porta, onde há algumas pilhérias lúgubres, tais como um insulso *revertere ad locum tuum*, as corujas de Pallas Athenae – atiram-nos do alto das grades um olho sabedor. Entra-se. A direção, louca por um elogiozinho na imprensa, é amabilíssima:

– Então, por aqui? Há quanto tempo? Já viu como está isso limpo? Fizemos o possível para preparar tudo...

Há porém atrás da direção um homem de sobrecasaca e face triste.

Espere, exclama o administrador, vou apresentar-lhe o representante do barão de Souto, que ornamentou muito bem o sarcófago da família.

– Ah! meus parabéns...

– Se V. Ex.^a permite, eu mostro. É todo de flores naturais e tem candelabros de bronze verde com acetileno.

– Que acetileno?

– As velas com o vento fazem mau efeito. Espero que V. S.^a não se esqueça de mim.

De fraque preto e chapéu na cabeça (porque já ninguém tira o chapéu no cemitério quando vai pela aleia principal) vou conduzido pelo representante do barão. E vejo os túmulos, e vejo os vivos. Oh! o estranho espetáculo, a calma sinistra de moças aparando as velas por cima das lápides brancas; os velhos sepulcros com raminhos de manjerição guardados apenas por criados. Em alguns túmulos de família, há famílias que conversam e eu não esquecerei nunca que uma vez encontrei, no Catumbi, uma senhora reclinada à entrada do túmulo, numa cadeira de balanço, lendo com interesse os *Fantoches de Mme. Diabo*.

De vez em quando um riso, uma corrida: são as crianças que brincam de “tempo-será”. E há senhoras que vieram de cupê, cobertas de crepe, cheirando a violeta; há cavalheiros de sobrecasaca e *huit-reflets* carregando com gravidade uma corbelha; há conhecidos que se encontram, trocam apertos de mão por entre os túmulos, enquanto à beira da artéria principal, o povo miúdo, a gente baixa, sentada no chão, come frutas e doces, discutindo coisas ou lamentando-se.

O homem do sepulcro do barão mostra-me o aparelho do acetileno dentro do túmulo que encerra os antepassados do grande Souto, como se me mostrasse uma tela célebre, dá-me o seu cartão, e corre outra vez à administração, e eu, de fraque preto, começo a passear e a ver os epitáfios.

Os epitáfios foram, pelo menos na Grécia, de uma sugestiva delicadeza. Os poetas da antologia deixaram-nos epigramas funerários de uma gentileza encantadora, e os romanos – nas inscrições, posto que

mais graves, criaram o epitáfio que faz pensar. Já nesse tempo nem todos os falecidos tinham epitáfios porque até na morte é fatal a desigualdade, mas há nos que chegaram à nossa época, escritos para crianças, homens, mulheres ou animais, tanta poesia, tanta melancolia que se fica a amar esses mortos remotos. Assim de uma criança se diz: “Brinquei toda a minha vida, fui amada de toda gente, tinha os cabelos loiros soltos nas espáduas.” Assim morto o negociante ufana-se do seu crédito, um correeiro diz que ama a caça, e as dançarinas belas asseguram aos pósteros a sua lindeza, dizendo-se filhas das musas.

O epitáfio não evoluiu muito. É talvez mais tolo e mais reclamista apenas. As honras pregam-se às lápides, e há sempre poetas, filósofos e gente sem juízo para mandar gravar no mármore opiniões, sentenças e crenças e a passageira Saudade, que só assim dura um pouco mais.

Entre o correeiro Vitalis, dizendo-se autor do próprio epitáfio, e o epitáfio de Fabrício no “Père Lachaise”, há tempos dado à publicidade:

Aqui jaz
Conhecido negociante parisiense,
A sua inconsolável viúva
continua com o mesmo
ramo de negócio

ou o de Smith já conhecido de impressos:

Aqui jaz John Smith
que se suicidou com um revólver
sistema “Colt”
A melhor marca para os desesperados

ou o do Belton também notado pelos repórteres de extravagâncias:

Debaixo desta pedra
repousará um dia James Belton
que presentemente dirige
na 5.^a avenida n.º 127, a bem conhecida
casa de cabedais e utensílios
para sapateiros

há apenas a notar o predomínio dos instintos práticos sobre a vaidade ou hipocrisia.

Nas mansões dos mortos brasileiros não há ainda tanta ousadia, como não há a beleza dos epitáfios gregos. Há sentimentais, poéticos, informativos. O amor conjugal corre parelha com os diminutivos, os nomes gravam-se entre adjetivos fatais. Mas o lastimável é que nem depois da morte, nem na pretensa paz dos túmulos, o homem escapa à convenção do seu meio, à sociedade, à vida social, e arrosta, e carrega, e todos os anos toma parte e todos os dias mostra uma lápide em que o exagero, e o ridículo, e as vaidades humanas se intensivam. Os epitáfios! Mas que capítulo entre o assustador e o altamente pilhérico se poderia escrever apenas com esses dizeres de mármore! Eles são assustadores pelo que fazem pensar. Quantas pedras há com esses dizeres:

Aqui jaz
José Antonio Pereira

E em baixo para dizer quem pôs a pedra:

Amor conjugal.

Quantas dessas senhoras não estão casadas outra vez? Não é possível ler uma dessas confissões sem o desejo de conhecer o confessado. Há outros, porém, menos preocupados. Põem o nome do defunto e em baixo:

Oraí por ele!

Quer dizer: tratem vocês disso se tiverem tempo porque nós francamente... São melhores, entretanto, do que os egoístas, tão egoístas que até nas pedras deixam pedidos:

Aqui jaz Marocas
Anjo feliz no céu

Para o pedido cínico:

Pede a Deus pelos que te
quiseram bem

E os biográficos, os biográficos sempre em monumentos importantes com horrendos anjos a tocar trombetas ou a depositar grinaldas?

Aqui jaz D. Fulana de tal,
filha do conselheiro Sicrano e
esposa do Dr. Beltrano, médico,
advogado, oficial da Ordem da Rosa,
ex-deputado
pela ex-província de...

E os religiosos, os que afirmam a sua crença para além da sepultura e colocam legendas positivistas ou frases espíritas à porta da campa naturalmente quente no mês de novembro? E os poéticos? Que tristeza. Deus do céu!

A morte inspira particularmente os vates e os que não o são. Os cemitérios estão cheios de poesias. Há o filosófico:

Que te importam os ossos meus
Ó tu que me estás lendo
Enquanto fores vivendo
Ri do mundo e teme a Deus.

Ri do mundo e teme a Deus... Oh! La Rochefoucauld! É isso mesmo. Riamos tristemente dessa grande feira de vaidade e vamos ver mais adiante como morreu Alice:

Como um lírio ainda em botão
Desfolhado pelo vento
Assim morreu Alice,
Ao som de um triste lamento.

Muito bem. Foi um falecimento delicado e harmônico, assim uma espécie das conferências da Exposição... Pobre Alice! Mas qual o morto que a poesia tumular não compara a flores? Na vida tudo são flores, porque mesmo com a saudade a vida é melhor que a morte. Todos os túmulos têm a marca dos de cá, a marca que é um pedido: “—Descansa em paz! Paz à sua alma! Roga a Deus pelos teus!” o que significa: “Não nos aborreças mais! Fica descansado! Se realmente estás no céu ajuda-nos cá na terra.”

Sim, definamos a situação. Nada de confusões. Se os mortos governam cada vez mais os vivos, os mortos estão muito mais seguros onde estão. E decerto nada mais sincero do que este epitáfio de uma esposa e de uma filha ao esposo e pai morto:

Esposo e pai, foste tão bom e justo
Que só para prantear a tua morte
Queremos viver muito...

Oh! Enganou-se positivamente aquele grande poeta espiritualista que escreveu:

*Borné dans sa nature, infini dans ses vœux
L'homme est un dieu tombé qui se se souvient des cieux.*

Não! Não se lembra absolutamente. Caído, o seu maior desejo é ficar cá e deixar o céu no mais completo abandono. Todos nós queremos ficar e viver.

Viver! sim, viver muito. Da visita aos cemitérios ressalta sempre nestes dias fixos, o triunfo de viver. Nesse verbo está toda a alegria humana, todo o segredo das sociedades que se constituíram, todo o horror dos sentimentos egoísticos, toda a indiferença da taboleta-gem choraminga. Nos dias de finados, os mortos aparecem à vida de novo para aumentar a renda das companhias de bondes, dos floristas, dos vendedores ambulantes – para aumentar o sentimento salvador da espécie.

E, gravemente, lendo epitáfios, eu não falho às grandes recepções anuais, à espera do dia em que hei de carregar uma pedra com uma tolice memorável por cima, para não falhar ao Costume que é a força, à

Tradição que é a energia e ao mascaramento do Egoísmo que é a vida e todos fazem e constituem a sociedade.

Mesmo porque, vendo epitáfios, eu sinto um grande frio e um grande medo quando passo por entre as tumbas, sem nome, esquecidas, anônimas, esticando apenas para a gente um número que é como um apelo de grilheta do esquecimento ao prazer de continuar a afirmar, pelo menos num epitáfio, a passagem por cima da terra...

O PAVILHÃO DE PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO

Um homem de triste pensar disse um dia:

– O sentimento da beleza desaparece do mundo!

Esse homem de triste pensar era um infeliz. O sentimento da beleza cada vez mais é o guia da perfeição dos seres na terra e o seu consolo e o seu escopo. Basta que alguém queira a beleza para que as mais secundárias ações humanas se toquem de uma luz de arte, basta que a arte se enuncie vagamente mesmo para que o ambiente seja outro e os homens procurem compreender. Arte é tudo quanto faz o homem compreender belamente a vida e nobremente vivê-la ou extingui-la. Beleza é a harmonia entre os homens e as coisas prolongando a ilusão. E este sentimento é cada vez maior no mundo moderno, porque não há país de raça antiga em que não seja notado o renascimento, não há país de raça nova em que não se desabotoe a flor da arte.

Quando se pensou na Exposição Nacional, houve quem tivesse a grata ideia de associar Portugal, o ascendente venerável, ao certame. Era a homenagem justa e era também o interesse de conhecer o progenitor com a sua vida – porque as exposições são grandes cursos de educação universal.

Que sabíamos nós de Portugal, nós tão intimamente a ele ligados? Os seus artistas, os seus escritores são aqui quase desconhecidos, e quando a sra. Maria Bordallo Pinheiro mandava-nos amostras de ren-

da, quando Collaço trazia a maestria dos azulejos, ou quando Malhõa mostrava-nos a pujança velasquiã das suas telas, era uma admiração.

– Pois que! Portugal moderno não desmerece artisticamente do Portugal antigo!

E o pasmo acentuava-se.

A Exposição veio dar ao Brasil a amostra do renascimento das artes em Portugal, e foi bom que começasse delicadamente por essa cerimônia de *vernissage* do pavilhão anexo da terra de Affonso Henriques.

Portugal tem dois pavilhões. No inaugurado ontem, estão na sua maioria obras de arte – de arte chamada nobre e de artes aplicadas. São quatro *halls* imensos e duas salas cheias de quadros, de azulejos, de objetos artísticos, decoradas e arrançadas com um sentimento de gosto, de luxo e de arte, por Jorge Collaço, verdadeiramente admiráveis. Só esse homem é um atestado da vibração superior de um momento, pelo seu talento e pela energia do seu trabalho – porque nesse pavilhão é forçoso admirar tanto as obras como a decoração e a disposição dos objetos.

No primeiro *hall*, entrais sobre tapetes confortáveis. Há telas, há gueridons com objetos, há preciosidades. Logo ao fundo se vos depara o retrato de D. Manuel, pintado por Columbano, e dos dois outros lados os retratos de D. Carlos e de D. Amelia. Mas se olhardes os tetos haveis de vos maravilhar com quatro painéis de Collaço e, se o vosso olhar descer um pouco, toda uma sugestão da glória de Portugal se vos deparará num friso encantador de Jorge Collaço – uma fita interminável de caravelas e barcos sobre a onda encapelada, pintada a duas cores. E assim no segundo, e assim no terceiro. À saída haveis de ter a sensação nítida do renascimento da arte portuguesa, de uma arte que, após um período de estagnação, soube aprender fora para se revelar agora admirável e profundamente nacional.

Quantas telas há expostas? Cerca de 200. O nosso salão geral às vezes não tem tantas. Nesses 200 trabalhos há uma paisagem de D. Carlos, um carro de bois da rainha D. Amélia, magnífico, e avultam as telas de Malhõa: os admiráveis Bêbados que nos fazem lembrar os borrachos, a deliciosa procissão, de uma frescura de vida e de verdade infinita, a “a ilha dos Amores”, a “compra do voto”; as telas de Columbano, o qual, se não nos agradou no retrato de D. Manuel, expõe verdadeiras obras primas com aquela sua feição tão original, como o “outono”, o retrato de João Rosa, o retrato do Valle e um esplêndido “interior de cozinha”; Carlos Reis com o seu retrato de D. Carlos; Sousa Pinto com uma série de telas; José Vaz, que, entre outros trabalhos, tem uma paisagem de especial destaque: “margens do Sado”; o notável José Velloso Salgado.

Mas quantos pintores de talento! E são a notar Almeida e Silva com a “apanha do folhado” de uma tão sugestiva poesia e a deliciosa “viúvas em oração”; a condessa do Alto Mearim com o seu “último raio de luz”; o curioso e verista temperamento artístico de Julio Teixeira Bastos com os seus trabalhos: “os cinco sentidos”; José de Brito, um decorador na “vaga” e um evocador na “procissão dos milagres”; Antonio Carneiro, discípulo de J. P. Laurens, e que nas suas paisagens consegue conservar um absoluto cunho territorial; Ernesto Condeixa; o pintor dos movimentos da multidão com a “feira dos arredores de Lisboa”; José Girão com as suas paisagens; Thomaz de Mello, com as suas impressões do mar em tipos e em marinhas; a pintura pessoal e caracteristicamente portuguesa de Manuel Henrique Pinto; Manuel da Saúde, Ribeiro Júnior, Torquato Pinheiro, com as suas lindas paisagens... quantos!

O visitante tem impressões parceladas, gosta mais de um do que de outro, descobre um talento que se liga mais à sua emoção por uma sé-

rie de afinidades, e tem também uma impressão geral, a impressão de que há uma escola de pintura moderna em Portugal, com influências vagas da Espanha e da Holanda do Renascimento nuns tons de Paris, que são o corrosivo e infiltrante pó da “parisina”, mas pessoal, mas portuguesa, mas sua, feita dos movimentos como que estáticos dos seus tipos e da poesia indefinível da paisagem, dessa poesia em que se condensaram a calma, a saudade e a força dos instintos como que virginizados.

Não se dá nunca um grande movimento artístico sem um sentimento mais forte de culto à terra e aos maiores. O movimento estético dos meados do século passado na Inglaterra, o movimento atual da Itália nasceram da cultura do eu encalgado na tradição da raça. Os gênios e os artistas são produtos de gerações, cadeias que ligam os tempos e desenvolvimentos da alma de um povo.

Assim, haveis de ver nas aquarelas, em que se notam Alfredo Roque Gameiro, Ribeiro Arthur e Joaquim Marinho, nos desenhos e na pintura a pastel, em que é necessário acentuar Mattoso da Fonseca, com o seu “O Amor dos Homens” e vários outros trabalhos; nos projetos de arquitetura, na escultura, em que figuram a duquesa de Palmella com três trabalhos em bronze admiráveis, principalmente a “Cabeça de preta”; Costa Motta com o busto em bronze do ator Tabor da; Thomaz Costa e o admirado Teixeira Lopes; na arte aplicada, a mesma nota regional se patenteia e impõe.

A arte aplicada é dar a tudo quanto nos cerca o nobre cunho da arte. Houve um momento em que o mundo latino não fez mais do que copiar as gerações antigas, e às vezes, como aconteceu a Portugal, chegou mesmo a esquecer o passado. Na exposição mostra o renascimento da sua grande arte decorativa na marcenaria, nos azulejos, na tapeçaria, na ourivesaria, nas faianças, nas rendas.

Nos azulejos não é só de notar Jorge Collaço, com o “Sinite Parvulos ad Me” e “Uma Estrofe de Camões”, duas peças esplêndidas; e também Joaquim Luiz Cardoso, com o “Retrato de D. Carlos”, “Os Músicos”, “Moendo Café”, “Tocando Rabeca”; e Battistini com “Uma Passagem dos Lusíadas”; nas rendas, é a grande artista D. Maria Bordallo Pinheiro, dando-nos uma série de amostras das maravilhas de sua fabricação, em que o antigo ponto de Peniche evolui nacionalizando-se, modernizando-se; na ourivesaria são os srs. Leitão, renovando em prata cinzelada e em ouro os estilos antigos, guardados pelos feitores de Gondomar, e em marcenaria e em *poteries* uma porção de reveladores surgem.

Que dizer desse trecho da Exposição?

Os deuses sugeriram aos homens, como uma nota de amizade grata e de respeito familiar, chamar ao certame em que o Brasil assegura a plethora da sua energia e a força da sua vitalidade a representação de Portugal. E todos haviam de crer que Portugal mandaria produtos de simples indústria e riquezas naturais desse solo que, segundo bases autorizadas, foi o Paraíso terreal, e, segundo o poeta Antonio Corrêa de Oliveira, tem ainda a marca dos cinco dedos da mão de Deus, espalmada sobre ele.

Portugal mandou-nos os produtos naturais e industriais e, carinhosamente agradecido, enviou também a prova palpável do renascimento da sua arte, dando-nos esse pavilhão anexo, em que palpita parte do nobre engenho e do nobre sentir de uma raça sempre jovem e sempre nova.

Graças sejam dadas aos deuses! Porque, se naqueles três *balls* de encantamento na paisagem, nos tipos, nos motivos escolhidos pelos artistas, a cada passo se vai descobrindo uma loa à terra abençoada, persistente e dominante irradia como atestado do renascimento da arte portuguesa – o sentimento da Beleza, guia dos homens na terra, seu consolo e seu escopo...

IMPRESSÕES BORORÓS

Um dos meus grandes desejos foi não ver os bororós. Logo às primeiras notícias de que um padre inexoravelmente civilizador domesticara meia dúzia de guris bravios ensinando-os a tocar bombardão e flautim – a minha alma, se é que temos alma, confrangeu-se. Há caricaturas lúgubres. Os bororós arregimentados, soprando instrumentos da banda militar, lembravam um desses esgares jocosos dos macacos, esgares que dão vontade de chorar. E eu acompanhava a aproximação dos bororós com verdadeiro mal estar.

E os bororós?

– Estão ainda longe.

– Graças aos deuses!

Os bororós estavam sendo passeados em S. Paulo, passeados como ursos amestrados pela movimentação do triângulo e as redações dos jornais. O padre inexorável guiava a teoria cor de brasa a caminho da Civilização pelas ruas da Pauliceia, e vinha vindo. Em breve estaria cá, em breve eu os veria grandalhões, de grande cabeleira, soprando a inúbia feroz, com o tacape e as flechas envenenadas ao lado. Pobre gente! Que infinita inconsciência, que obtusidade bem satisfeita da vida pode imaginar uma obra de bondade formar no sertão de Mato Grosso um regimento de bororós para vir exhibi-los na praça pública como colégio equiparado no dia da distribuição de prêmios? Que estado de alma incapaz de compreender a vida pode julgar mérito nessa deslava-

da passeata de burlantim nômade a passear a sua companhia de fenômenos?

A primeira coisa que eu fazia pela manhã era correr aos telegramas de S. Paulo, a ver o que tinham feito os bororós, e uma infinita tristeza mais no meu espírito avolumava a desfavorável impressão da passeata ao ver que na terra civilizada, onde desabrocham as mais belas flores do Brasil, os bororós murchavam e feneciam doentes da bruma, doentes do barulho elétrico, doentes de saudade da taba. No dia em que li a morte do primeiro quase tive de amparar-me. Foi um choque. Sentia-me vagamente correu naquele assassinato urbano. O padre inexorável disparara com a sua orquestra para outro ponto. Desse ponto vinha a notícia de outra morte. E eu estava vendo que o venerável civilizador chegava só à Exposição e, para não perder o benefício, dizia:

– Eu sou aquele que de um bando de bororós fez uma banda de música.

Mas infelizmente não foi assim. Um belo dia eu tive a sensação de que o padre e os bororós restantes estavam na cidade.

– Viste os bororós?

– Não. Índios civilizados só conheço os da professora Daltro. São nevrálgicos.

– Pois os bororós, coitaditos! andam por aí com uma porção de gente atrás.

Só então comecei a compreender como esta cidade é grande. Invasa pela aldeia bororó, ainda assim eu conseguia ter a sorte de passear, de andar, de movimentar-me sem ver um bororó sequer como amostra. Mas em compensação lia os artigos dos jornais falando da obra de civilização dos salesianos missionários, do benefício de estreia que a banda fenomenal ia dar, e lia mesmo na íntegra, uma história lamentável que o menor dos guris domesticados dissera no palco onde a

Lucília Péres sapateia o seu gênio dramático ao lado dos embezerramentos “smarts” do gordalhudo Marzullo. O padre virara os bororós em cabotinos e fazia logo o menor precipitar-se no vórtice da oratória popular dizendo coisas melosas e néscias a propósito da civilização.

Pobres bororós! O concerto fora uma cousa incolor, mas esse discurso do mais moço do bando, escrito com toda a literatura missionária do reverendo Mallan, valia como o atestado d’óbito da deplorável ideia exibicionista, e eu estava contente por sentir que os bororós partiam sem por mim serem encontrados. Conversava, porém, outro dia, na câmara, a uma janela do gabinete da presidência, quando em baixo, na calçada, rebentaram uns sons doentes que hesitavam entre a filarmônica recreativamente maçante das vilas e a orquestra do homem dos sete instrumentos. Olhei. Olhamos. Estavam lá em baixo os bororós soprando as gaitas, e no meio deles, severamente de chapéu na mão, o coronel Serzedello. A música cessou, os bororós enfileiraram-se e treparam pela câmara a dentro até o gabinete, onde Carlos Peixoto os esperava. E eu vi de perto os bororós, moles, d’olhos baixos, balofos, e tão tristes, coitaditos! e tão comuns que, se um deles sáísse só, ninguém para ele olharia pensando passar por um pobre petiz órfão com a farda e o número de um asilo-oficial de proteção à infância. Talvez estivessem vexados. Ou talvez não compreendessem nada. Sim, eles não compreendiam, não deviam mesmo compreender, pobres crianças, órfãos de uma raça...

O reverendo blandicioso já chamara o pequeno encarregado dos números de efeito para dizer o discurso, laboriosamente decorado desde Mato Grosso. O pequeno ia dizer, como qualquer atriz em *tournée*, que estava encantado com o Rio de Janeiro...

Tomei um dos bororós à janela e indaguei:

– Você sabe ler?

Ele riu, como se fosse pregar-me uma partida.

– Sim.

– Então diga-me aqui, o que significa esta frase do jornal: “– A Exposição esteve muito concorrida”. Sabe o que vem a ser?

– Não.

Era a civilização entre os bororós musicais! Padre Mallan, entretanto, movia-se, agitava-se, distribuindo pela representação nacional umas brochuras. Mesmo sem ser representante, aceitei uma. Os bororós saíam maquinalmente, balofos, pequenos, de olhos baixos, tristes. O gabinete da presidência da câmara ficava com o ar de um “foyer” de teatro durante o intervalo.

Abri a brochura. Eram simplesmente informações de propaganda sobre a língua dos bororós.

Então, um raio aclarador iluminou-me o cérebro. Eu, que antipatizava um pouco com os processos do padre Mallan, percebi de um golpe toda a sua formidável ironia. Homem inteligente, sotaina deliciosa! Suavemente, açucaradamente, todo ele um fabricante de garapa, havia no seu gesto missionário um tal nivelamento de bororós e de deputados, que tinha do prodígio. Sim, era isso. Padre Mallan distribuía nas tabas bárbaras instrumentos de música, e nas representações civilizadas compêndios da língua tupi. Aos selvagens dizia: soplem e entrarão na civilização!

Aos deputados dava-lhes um número de regras para aprender rapidamente a língua dos selvagens, aconselhando: talvez assim melhor se possam compreender. Toda a civilização de padre Mallan se resumia nestes dois elementos: bombardões e aglutinações selvagens para a glória de Deus, Nosso Senhor. E a sintaxe da câmara era tão incoerente, o português uma língua tão difícil, que ao seu coração só parecia conveniente o tupi como língua oficial do Congresso. Certo, todos os

deputados pensariam que aquilo era uma simples demonstração. Mas, não! Nunca! Padre Mallan fazia aquilo com uma requintada preocupação das coisas. Era impossível que não houvesse ironia...

Cheguei à janela, para saudá-lo. A teoria de arcanjos bororós ia longe. Então voltei ao recinto, imaginando que todo aquele pessoal falava a língua dos bororós, que, além de pais da pátria, eram pais dos bororós. Ao velho Gonçalves Souto, do Ceará, ouvi distintamente um regougo de pajé em delírio, ao Heredia, uma exclamação de guerra alisando o papo de tucano de um monstruoso colete, e, como toda a câmara corria a ouvir o Cassiano do Nascimento, gordo, rouco, suado, tal o guerreiro a decidir da terra, eu imaginei o conselho da tribo dos bororós, segundo as imagens do Gonçalves Dias e do falecido Alencar, a ouvir a palavra de Tupã.

E quando, fatalmente, limpando o suor, a intúbia rouquenha de Nascimento atroou o recinto dizendo com a pompa costumeira:

– Estou autorizado a declarar que o alto conceito do governo...

Ouvi isso tão claramente em bororó, que saí sorrateiramente do recinto, tomei o chapéu do bororó porteiro, e abri num elétrico bororamente alucinado.

Era um dos meus grandes desejos, não ver os bororós.

AS INFELIZES MENINAS DA EXPOSIÇÃO

Precisamente, às nove da noite, encontrei, que palmilhava, vestida de roxo com um grande chapéu de veludo roxo, à Avenida dos Pavilhões, Clementina de Souza.

– Por aqui, com esta noite de chuva?

– Não há mais aonde ir. Na Exposição reúne o carioca toda a diversão. Andar pela cidade agora, à noite, é ter a esquisita ideia de que a cidade está vazia. E depois, meu caro, na Exposição quanto mais vê a gente mais aprende.

– Com efeito, os mostruários...

– Qual mostruários, qual histórias. Entrei no Palácio dos Expositores uma única vez, para ver a exposição de pintura. Não é para isso que venho cá. É para ver o vivo, o animado.

– E vai ver o que?

– Vou ao teatro.

Clementina de Souza é uma dessas raparigas inteligentes a quem o destino se compraz em satisfazer, e que longe de ser pedante sabe valorizar a sua beleza com certo espírito, um pouco de arte e algumas observações justas. Mas a par dessas qualidades, Clementina apaixonou-se. A sua paixão é rápida, passa, e recomeça em outro caso dias depois. De modo que quando eu soube da sua visita ao teatro temi que Clementina, já em tempo louca de amor por um jóquei inglês, es-

tivesse apaixonada por algum galã da companhia regeneradora da arte nacional.

– Com que então, paixão?

– Não, melancolia. O teatro é o meu lado melancólico da Exposição. Não perco um espetáculo. Venho ouvir, cada vez mais comovida, a história das pobres meninas...

Clementina tirou o lençinho do seio e enxugou uma lágrima na reticência. Eu olhei-lhe o gesto, cocei a cabeça e indaguei aflito:

– Mas que pobres meninas?

– Oh! filho! As infelizes cuja história fazem o estoque maior do repertório. São as pobres meninas da Exposição. Também são as únicas. E é quanto basta para merecer toda a atenção.

Estendeu a destra enluvada, serpenteou como faz D. Lucília Péres quando representa de jovem cândida e partiu, vestida de roxo, com um grande chapéu de veludo roxo, caminho do templo da arte.

Eu parei. Essa história das infelizes meninas da Exposição era para pensar. Realmente. Na sociedade são raras as meninas infelizes. A infelicidade como norma é o impossível. As meninas, conforme a sua classe, tendem todas para o casamento e a maioria, oh! homens ousados! – casa. Qual o cavalheiro que não conhece muitas meninas? Elas crescem, aprendem línguas ou vão para a Escola Normal, namoram, são levadas ou tímidas, recebem e escrevem cartas, têm confidentes, e dez anos depois ou são as belezas profissionais do grande mundo, escondendo os filhos (às vezes o marido) e expondo os maravilhosos vestuários; ou são matronas feias, cheias de bebês e de queixumes. A menina infeliz é positivamente a exceção raríssima. A mulher é uma flor, a menina é o botão – já disse uma vez em discurso memorável certo deputado. Desfolhar o botão é o máximo da perversidade.

Mas no teatro da Exposição assim não se dá. Aquele palco é o início da comédia nacional. Houve ali em dois meses uma série de revelações. A primeira foi a da nossa boa vontade para uma coisa que não existia até então — o teatro; a segunda foi a plethora de talento de escritores, de lances dramáticos e descomedidos da estrela que a força das circunstâncias faz de primeira grandeza há dez anos, a última foi de esperança geral pela regeneração. Mas ninguém lembrará a observação justa: o curioso acorde dos escritores de todos os tempos sobre as meninas no drama, isto é, torná-las sempre infelizes.

A exposição teatral é realmente curiosa. Todas as meninas são caiporas. Pelo teatro do certame, um homem de coração não poderá encontrar uma pessoa de sexo contrário na quadra risonha da primavera, como dizia o poeta, sem pelo menos dizer:

— Pobre criatura! Moça, mulher! Quanto caiporismo junto!

Assiste um homem ao “Deus e a Natureza” e vê que uma rapariga teve o mau gosto de se apaixonar por um padre, e o que é mais em crise de consciência com indignação filosófica. Vai assistir “As Asas de um Anjo” e, além da hesitante gramática do venerando Alencar, assiste ao despenhar de uma pobre rapariga no turbilhão da infelicidade.

Espera ansioso as peças modernas. Nas peças modernas as meninas devem dominar. Mas não. Há um tipo, talvez o mais fundo e verdadeiro da cena brasileira, a Elisa da “Herança”, da Sra. D. Julia Lopes de Almeida. A Elisa casa com um tísico, sofre tísica na casa dos parentes do marido, vai-se tísica, sob o temporal, morrer num catre de caridade, moça e na flor dos anos. Há uma pequena cheia de vontades, inteligente, digna, na peça de Artur Azevedo. Chama-se Adozinda e casa com um tísico. Pobre moça! Um malandrim saltou-lhe a janela do quarto e ela tem que contar ao marido o que ele fez. Mesmo que o marido perdoe no fim, como Adozinda é sem sorte! Há outra, ultramo-

derna, ultraelegante, a do “Quebranto”, do Sr. Coelho Neto. Do primeiro ato tem-se a ideia:

– Bom. Esta pelo menos vence! O velho está apaixonado.

O velho é um tipo meio selvagem, pouco familiarizado com o *bluff* permanente da sociedade e por consequência fácil de enganar. Pois não. O velho resiste e a pobre menina fica positivamente sem solução.

Certo essas meninas não têm a infelicidade da Antígona de Sófocles nem a dos dramalhões do d’Ennery. À primeira eram os deuses a fazer chorar; as segundas têm infelicidades transitórias para fazer chorar as cozinheiras e terminar à meia-noite com a prisão dos algozes e o decreto da sorte para todo o resto da vida. As meninas do teatro da Exposição, não. Elas são todas boas, elas são todas honestas no fundo d’alma, a grande maioria acaba teatralmente bem. Mas a sua infelicidade perdura, o segredo-cancro da sua alma continua a corroê-las e nós temos a impressão de frutos magníficos que devem ter na polpa o verme.

Desanimados, apelamos outra vez para o tempo antigo. Os rapazes têm do tempo antigo uma ignorância tão cheia de desprezo e por consequência tão parva. Os velhos acham o tempo antigo sempre o bom tempo, tão bom!...Vejam o bom tempo. Vai-se à *História de uma Moça Rica*. Para que, deuses superiores? Para ver mais uma infeliz menina, prendada, de alma honesta e rica, (o que lhe aumenta sobremodo a falta de sorte) descer ao desatino.

Depois dessas graves observações, um homem que tem bom senso não generaliza, não se permite reflexões. Seremos nós líricos? Seremos nós misóginos? Teremos pena ou raiva das raparigas? Talvez o amor e o ódio, as duas faces da mesma moeda do sentimento. É provável que o público não tenha a opinião dos dramaturgos que acirram o destino contra as suas criações; mas os dramaturgos não fazem as suas obras

sem obedecer a correntes misteriosas, sem ter o desejo de reproduzir o meio. E todos eles ao contrário querem pintar o momento.

O momento mudou, as figuras secundárias também. Os namorados são mais práticos; os criados deixaram de ser os escravos escuros para até, às vezes, usarem casaca; os encarregados de encher tempo conversam de outro modo. A menina porém não mudou: — É a vítima.

A vítima! Sim. São todas vítimas! Caminhei para o teatro templo. Que se havia de fazer? Era a opinião que teria de ficar. Por mais que desejasse reagir, eu tinha a ideia de que as meninas, coitadas! deviam nascer velhas já, para não sofrer tanto...

Entrei a sala verde da regeneração. Lá estava a atriz encarregada de encarnar todas as meninas debatendo-se numa série de horrores escritos e imaginados por um homem de talento. Era a Moça Rica do 2.º império, como fora as pseudorricas da República. A plateia ouvia comovida. Clementina assoava-se discretamente.

Então eu lembrei a frase do filósofo romântico a respeito da Grande Revolução. Se a minha opinião fora sempre agradável, talvez fosse por tê-la sempre em bloco. Os dramaturgos analisam. De Alencar à admirável D. Julia Lopes de Almeida as meninas na dramaturgia nacional eram infelizes. Certo a razão estava da parte delas. Para achar qualquer coisa na vida sem taras, é preciso ter uma opinião em bloco. Porque quando o detalhe se impõe, encontra-se uma pessoa na obrigação de acreditar nas infelizes meninas da Exposição...

O BAIRRISMO

— **U**ma exposição é como uma enorme pedra atirada num grande lago!

Esta frase, dita pelo jornalista depois de um longo silêncio, fez-nos sorrir. Estávamos num canto sórdido da área das diversões, num bar bem de última ordem. E não havia motivo algum para sentença tão concludente e tão misteriosa.

— Eu explico. A pedra atirada ao lago cria uma série de círculos concêntricos, que se vão alargando, alargando, até se perderem no achamalotar das águas. A exposição é o grande calhau que resume o incentivo da vida, e que às vezes se chama vaidade e às vezes se chama orgulho. Atira-se a pedra. O turbilhão de pequenos círculos é o dos expositores, que se digladiam a ver qual brilha mais. Os outros círculos mais largos, o das cidades, que desejam superar, umas às outras, em progresso. Os outros, bem nítidos, grossas circunferências em relevo: o bairrismo dos estados. E, finalmente, os últimos, o resultado de todas essas vaidades cumuladas: a repercussão do país no exterior. É ou não verdade?

— É, pelo menos, engenhosa a imagem! Exclamou Theotonio Freire, um elegante boêmio. Podes chamar também o *steeple-chase* do egoísmo ou da pretensão.

— Não. Para mim o orgulho de superar é a força das nações. O Brasil ainda não é colossalmente forte, porque certos elementos ainda não

têm o orgulho de superar. Um homem que quer vencer é admirável, e o seu meio, naturalmente, é o meio que quer vencer. Lembrem-se do exemplo clássico. Uma vela acesa está em continuidade com o meio no qual arde e com o qual entretem relações físicas — as radiações e químicas — alimentação, produto da combustão. Eu ficaria muito triste se a nota do certame não fosse essa.

— Estás a fazer a filosofia da Exposição!

— Nada mais inócuo do que fazer filosofia e principalmente num bar. Mas uma filosofia é sempre um resultado de reflexão, que depende de observação dos fatos. O que se dá aqui e que o grosso público não vê, no maravilhamento da luz! As lutas, as raivas, os delírios dos vencidos. Chego a dizer mais: o orgulho é de homem para homem. Há uma casa com duas montras. O autor das montras acha que os objetos brilham, porque é ele o autor do lugar onde brilham. Os arranjadores disputam-se a primazia do gosto e dizem: “— Noto a v. que quem arrumou esta fui eu”. O proprietário considera-se insuperável. E a frase é habitual: “— Francamente, neste salão nós somos os primeiros!” Parece infantil. Não é. Se fosse o contrário, não havia o incentivo, não se faria nada, porque a individualização é tudo, desde que o homem representa o país, numa das suas forças vivas.

— Mas, que paradoxo!

— Vêm depois as cidades. Se os homens fossem pensar na Exposição, seria uma calamidade. É preciso que eles pensem apenas nos concorrentes, na exposição de produtos idênticos aos que expõem. Se as cidades fossem pensar num certame brasileiro, seria um desastre. Elas limitam o seu ideal a se vencerem umas às outras, com um sentimento de aposta. É Barbacena ou Juiz de Fora? Para os habitantes destas duas cidades o certame cifra-se nisso. Vem depois a grande corrida dos 21.

– Ah! nessa corrida dos estados...

– Há alguns paupérrimos de energia, de acordo. Mas esses têm a riqueza natural e o seu primeiro *entraînement* é a Exposição. Correndo na bagagem, eles se remordem mas não se renegam. O Espírito Santo inveja violentamente a surpresa de Alagoas, mas Alagoas quer ser um dos grandes estados. O Ceará, Goiás estão cá longe, na poeira dos primeiros prêmios, mas com vontade de um dia ser gente; e o Paraná, triunfante, imagina um pavilhão seu. Na reta da chegada, em que estão quatro ou cinco, é tremenda a rivalidade.

O homem do Rio Grande exclama: “E nós que não contávamos que o Pará tivesse criação de cavalos e indústrias de resistência tão desenvolvidas!” O homem do Paraná examina: “Mas então a Bahia dá assim uva?” Os pavilhões, cada um tem um apelido colado pelos rivais. O Distrito Federal é o *neto do Monroe*; o da Bahia é a *cantimplora festiva*; o de S. Paulo, a *mesquita de Maomé*; o de Minas, e com quanta razão! *sarcófago de comendador no cemitério do Catumbi*.

A luta para a escolha dos lugares foi agudíssima. Minas fazia questão de estar primeiro que S. Paulo, ou, antes, queria o lugar de S. Paulo, que é o ponto dominante da praia da Saudade, como que o centro da Exposição, visto da enseada de Botafogo. E há perguntas constantes: Não acha o nosso melhor? Não o julga o mais belo? Venha vê-lo daqui... O Rio Grande, o Pará ficaram naturalmente sem esse motivo de mais um enraivamento. Bahia, S. Paulo, Minas, o Distrito Federal correm na louca disputa. E cada um exprime bem, na federação, um tipo de homem e quase uma raça. O Distrito, no seu delírio de vencer, arranjou salões com os móveis e os tapetes do Municipal, todos de procedência estrangeira, Minas joga com S. Paulo até ao dia da inauguração. E a Bahia, bem a Bahia, com pompa e discurso, começou logo por se julgar intangível.

– E S. Paulo?

– Vocês viram as salas de S. Paulo. São tantas que só pelo número S. Paulo venceria. Quanto ao pavilhão, Ramos de Azevedo, o grande Ramos de Azevedo, fez joia da Exposição. Mas não digamos isto aqui. O nosso dever patriota é acrisolar bairrismo. O bairrismo é o desenvolvimento dos estados e conseqüentemente do país. Desta desesperada corrida à evidência humana e sagrada, nasce a evidência da pátria no estrangeiro. E para este último círculo de expansão é que todos nós estendemos os braços, mostrando a nova.

– Linda frase!

– Ah! vocês vêm à Exposição porque é um ponto da moda, ver as crianças a tentar rir com os tristes divertimentos do Paschoal Segreto, jantar ou *five-o'clock* no Pão de Açúcar, assistir à representação teatral ou à estupidificação do café cantante no Teatro de Variedades. Não têm patriotismo, são cariocas, de uma cidade de desembarque, trânsito de todas as raças. Vocês são uns esnobes de cais.

– E tu?

– Eu observo, examino, maravilho-me. E cada dia que se passa é para mim a certeza de que mais funda se faz a convicção alheia na glória do meu país, porque precisamente a exposição demonstra que já se foi a época das crises intermitentes de patriotismo arruaça. Hoje, os brasileiros querem ser brasileiroamente uns mais evidentes do que os outros pela exibição do trabalho. As cidades fazem o mesmo, e os estados, cuja soma é Brasil, cada vez mais intensamente afirmam o bairrismo, que é a couraça de todas as energias. Vocês não imaginam. Outro dia eu resolvi fazer, pelos mostruários, a experiência desse admirável sentimento. Era, num, certa frase vaga; noutra, uma recordação de cidade; mais além, uma pergunta súbita, e pelo clarear da fisionomia dos delegados, por mais frios que eles quisessem parecer, havia tido

uma revelação. Então, o sr. já esteve lá? Quando? Aquilo agora está muito melhor...

Muito melhor! Muito melhor! Qual é o fim da vida, em síntese? É ser muito melhor do que os outros. E quem tem esse escopo trabalha, dignifica-se, livra-se dos sentimentos sórdidos da inveja, é cada vez mais muito melhor! Eu terminei a visita, depois de percorrer as inúmeras salas de S. Paulo, onde as indústrias, as artes, as riquezas naturais deslumbram, no território do Acre. Estava um pequeno louro e mal posto a tomar conta e a mostrar meia dúzia de coisas. Mas essa meia dúzia de coisas, tantos eram os pormenores, que pareciam muitas. Indaguei interessado: “O menino é daqui?” – “Não sr., disse ele com orgulho, sou do Estado do Acre”. Já o Acre era Estado no seu lábio infantil. E com o mínimo do Acre, estuante de riquezas inauditas, e o máximo de S. Paulo, irradiando o esplendor da terra e a inteligência dominante do homem, eu tive a lição proveitosa de que o bairrismo é a força propulsora do progresso de um país.

Houve um silêncio. De repente, Theotônio indagou:

– Mas, é verdade, de onde és tu?

– Ora, esta! De onde havia de ser eu? De S. Paulo! fez o jornalista grave.

Então, como nós, posto que lhe déssemos razão, sorríssemos, Theotônio ergueu-se solene.

– Aqui está, meus senhores, até que ponto arrasta o *ford* do bairrismo. Quando chega a hiperestesia, como em S. Paulo, não se contenta de fazer o primeiro Estado do Brasil em tudo. Cria também uma filosofia! Só assim se chega do lago tranquilo que o calhau agita ao bárratro tremendo!

E todos nós desatamos a rir na noite luminosamente rumorejante.

NOTURNO POLICROMO

— **E**stou cansado!

Nós tínhamos chegado cedo à Exposição. A visita fora demorada a meia dúzia de salas. Havia muita coisa que ver de útil que não se via bem e muita coisa frívola que os expositores mostravam abundantes de detalhes demorados. Depois, fora havia poeira. Nós sentíamos poeira nas roupas e nas mãos. Sentamos a custo no bar. E a conversa variada daquela gente enervava.

— Eu cá, dizia um sujeito pançudo, não acredito na indústria nacional!

— Mas, Praxedes...

— Indústria nossa com tudo de lá! É como os fósforos. A indústria cifra-se em molhar o palito feito lá na massa fosfórica também lá feita.

— E os fósforos de duas cabeças?

— Brincas? Pois olha, se há tanta indústria, porque não se industria os negociantes a vender os produtos como nacionais?

— Porque há muitos Praxedes no mundo...

Mas adiante um grupo de senhoras e uma pequena magrinha a comentar:

— Um chapéu de palha de banana! Que exotismo! É preferível a fruta.

— A quem o dizes!

O cansaço e as palestras em derredor punham-me de mau humor. E eu começava a notar defeitos, a irritar-me contra a poeira, os pavilhões por acabar, a falta de mais divertimentos. As falhas da grande

obra apareciam e aumentavam, e naquele entardecer feito de seda rosa e seda azul o incompleto do trabalho surgia insuperável. Ergui-me.

– Que vais fazer?

– Vou jantar.

– Deixas a Exposição?

– Deixo.

O meu amigo sorriu.

– Aposto que estás a achar o certame, a tua cidade maravilha, um pouco menos brilhante? É um resultado da fadiga e do enervamento das palestras sem significação. Não só. É o resultado da hora. Ao cair da noite, meu caro, o sonho mais belo é tristemente lamentável. Há poetas que sentem vontade de chorar a essa hora turva como um copo de absinto. E os próprios animais olham com saudade a ausência do sol.

– É pelo menos uma hora literária. Desce Vênus na opala dos céus e canta-se a Ave-Maria.

– Mas fica um instante mais.

– Para quê?

– Não sei se te lembras da tragédia grega de Ésquilo. Há na noite escura uma sentinela à espera. E a sentinela anseia pelo brilho de um fanal que lhe noticie a queda de Troia. Um fanal! um fanal! brada ele. A luz sempre foi a portadora de todos os sentimentos, porque a luz é a vida e a vida é o sol. Toda a terra prende avaramente pedaços de luz, e são luz as pedras preciosas e são luz as flores e tudo é luz, até a própria treva, que não existiria se não houvesse a luz. O mito de Prometeu descobrindo o fogo perpetua-se e hoje todos os progressos humanos grandiosos anunciam-se pela alegria da luz.

Nunca viste iluminar-se a Exposição? É o anúncio aos astros de que aqui ficou um pedaço do sol. Não partas. E garanto que a tua tristeza passará, os nervos cansados se galvanizarão e de novo admirarás. Fica.

Fiquei. Era uma impressão a sentir.

Naquele momento indeciso em que a atmosfera se tornava de violeta e a luz fugia do céu, parecia que os palácios brancos, os gramados verdes, o friso ondeante do mar se envolviam de uma imponderável tristeza. A natureza inteira, num único tom de âmbar gris, diluía-se numa vaga aspiração melancólica, e na própria turba, o arrepio da hora transformadora punha cansaço e um vinco de individual tristeza. As sombras desciam do bloco negro das montanhas, estendiam-se em tarlatanas pesadas e iam ascendendo da terra aos espaços, de modo que a terra já estava quase apagada e ainda à primeira palpitação de uma estrela trêmula, havia bocejos de sol no ocaso cor de lilás.

De repente no pavilhão da Sociedade de Agricultura bateu na treva beirando a frontaria uma descarga de luz a estender um friso de fogo. Logo adiante, no pavilhão do Distrito Federal espocaram oito lâmpadas elétricas. Era como um ataque de guerra. Ao fundo correu no Palácio das Indústrias a escala infundável das lâmpadas. O pavilhão anexo de Portugal ardeu, perto o teatro fulgurou, mais além as lâmpadas abriram nos bares. A conquista luminosa se fazia cerco. Um animal misterioso surgira do solo e ia estendendo os tentáculos, acariciando as cúpulas, rastejando no ar uma cauda de escamas ardentes. Dois minutos depois era a cidade luminosa. Nas ruas amplas o gás em candelabros de três bicos e as lampelas elétricas de uma fixidez d' aço faziam o dia. Ladeando as ruas, baloiçavam-se interminavelmente grinaldas e festões de lâmpadas elétricas. Nos canteiros, em meio das plantas, nos balaústres dos jardins, beijando a relva, ou pendendo do arvoredado, vivia a reticência cor de sangue, cor do céu, cor de esmeralda, cor de leite de outras lâmpadas. A luz vestia inteiramente os pavilhões de fulgores de sol, tauxiava d'ouro os palácios, punha vibrações de labareda no ambiente, espalhava no céu um opaco reflexo de chama enorme, mer-

gulhava na água baloiçante da enseada e como que repercutia além, para fora, para o outro lado, por todo o cais, pela cidade a dentro, arrendo em outras mil lâmpadas ardentes.

Então, comecei a andar sentindo-me como um personagem de Wells, a fazer uma longa peregrinação dentro de um diamante colossal que desafiasse o fulgor e o tamanho do Grão-Mogol. A luz fazia-me como um ambiente de pompa, em que cintilavam diluídos e confundidos todos os minerais do mundo. Era um pesadelo do Oriente, um sonho de Ophir e de Golconda imponderável. O céu parecia feito de hematitas com um negror brumoso que se tocava de tons verdes e lustrosos como as pedras da Amazônia. Cada guirlanda de lâmpadas era uma escala de cores, cada grande lâmpada um *gong* de luz, cada pavilhão um tremendo acorde de cintilações. A Exposição inteira era a sinfonia do sol, a marcha gloriosa à estrela, com cavalgadas de valquírias em fogo, trinos e murmúrios de fadas de fogos-fátuos e de gnomos cambiantes, procissões e candelárias de anjos brancos, coros de arcanjos entrechocando gládios de ouro e de cristal.

Ao incendiar da luz tudo se embelezava e animava. O mar era como um tecido maravilhoso que ondeasse e adejasse o peso de pedrarias ignoradas; a noite estendia-se como uma tapeçaria trabalhada por artistas de Istambul para os espasmos sensuais de um sultão orgíaco. Os pavilhões por acabar, os restaurantes, os palácios rutilavam. Cada luz era por si só um conjunto de emoções, o conjunto das luzes dava àquele amplexo da eletricidade nas trevas, não o tom chinês de uma corrida de balões dançarinantes, não o ar esquisito das festas luminosas dos ritos judaicos, não a sensualidade expressiva de uma iluminação veneziana, mas o aspecto inédito de uma torrente de brilhantes que jorrasse do céu uma infinita variedade de brilhos, desde a porta monumental, onde sarabandam todas as cores, até a montanha negra que aos mi-

lhões de reflexos parece um formidável topázio cor de fogo. E era positivamente um deboche de colorações, uma porneia de tons incandescentes, um vulcão de arco-íris.

Na porta monumental, porta de Bizâncio como feita de laca, havia luzes vermelhas com o surdo esplendor das granadas e o sangue quente dos rubis da Birmânia, luzes amarelas cegadoras com o faiscar dos diamantes do Cabo e a opaca luz das lumaquelas, feitas de madrepérolas e de conchas, verdes do sombrio das turmalinas e do desmaiado das águas marinhas, roxas do roxo azul das ametistas. E nesse braseiro de gemas carbunculantes a luz do mercúrio tombava em cascatas de adularias, de safiras, de reflexos de lápis-lazúli da Sibéria estriado d'ouro.

Dessa apoteose de vitral mágico como que nascia todo o esplendor da Cidade Maravilha. As opalas, as sardônicas, os crisoprásios continuavam as reticências luminosas pelos canteiros floridos; as esmeraldas, as safiras, os diamantes subiam em trepadeiras, em arborescências fantásticas pelos pavilhões acima, e o *château d'eau* reproduzia a cambiante inicial do frontal versicolor, jorrando num redemoinho de espumas, cascatas cor de vinho de Chio e cor de vinho de Siracusa, espanjamentos d'ouro líquido, revérberos aurorais de turmalinas rosas, de prata, de esmeraldas, de jacintos, esplendia de súbito, icebergs diamantinos.

No turbilhão de luz a feira agitava-se. As vestes das mulheres, os chapéus vistosos, o corte severo do traje masculino aquecidos, esfregados, embebidos de tanta luz, lembravam uma esquisita mascarada, um quadro de fantasia em que se englobassem os apetites de luxo de várias raças. E as orquestras tocando, as bandas militares fazendo soar os metais, os gritos desencontrados da turba pareciam as vozes de todas aquelas luzes. Andava-se numa embriaguez de olhar, numa fascinação de rebrilhos, numa visão de íris quebrados.

Como deixar a catedral da chama? Quanto mais os olhos viam, mais queriam ver, e quando cansados estavam da violenta ardência, havia as sombras quietas onde os lampiões ingleses espalhavam mornos mistérios, quando se fartavam do arabesco contínuo desses lampejos suaves, de novo se voltavam para as auréolas rutilantes dos pavilhões.

De repente, porém, alguém gritou:

– O fogo! vai começar o fogo!

A multidão correu em direção à ponte, as janelas do palácio animaram-se de gente, e foi como a correspondência da porta e da fonte em pleno céu. Os rojões subiam fazendo curvas para estalar lá em cima, criando no espaço uma vegetação de sonho nipão. Havia repuxos de estrelas, ramalhetes de flores luminosas, ondulações de véus d'ouro. Toda uma flora parasitária estriava o firmamento, e os rubis, os crisoprásios, os berilos, as adúlarias, as turmalinas, as esmeraldas, os brilhantes que nós víamos na porta sólidos, e líquidos na fonte, diluíam-se preguiçosamente na atmosfera, criando um docel maravilhoso para a própria maravilha.

– Então? indaga o meu companheiro.

– É de sair daqui com os olhos fechados para não os entristecer com a iluminação costumeira da outra cidade.

– É que a luz é tudo: a suprema criadora do contorno e da forma, a inicial da beleza e da vida, a impalpável e existente realidade da ilusão!

E de novo na alma do diamante colossal nós voltamos para o céu os olhos pasmados a ver numa lenta descida que se diluía a queda dos astros e a chuva infinita das estrelas.

A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: — a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção, e eram eles que diziam do dia 13 de dezembro

Le jour croist le saut d'une puce

e que contavam, cheios de prazer, o aumentar dos dias nesse dezembro europeu pelos pulos, saltos e passos de diversos animais:

A la saint Thomas le jour croist

Le saut d'un chat ;

A la Noël

Le saut d'un baudet ;

Au nouvel an

Le pas d'un sergent.

Até o dia 17 de janeiro em que o dia crescia — o jantar de um frade...

Nenhum de nós gozaria a vida observando a delícia dos dias aumentarem. Nem dos dias, nem das noites. Estamos no mês em que as

noites começaram a encompridar, e ninguém ainda se lembrou de dizer que a 13 a noite cresce o pulo de uma pulga e que por Santo Antônio a noite será tão comprida que fartará um casal amoroso... E isto por quê? Porque nós temos pressa de acabar. Sim! Em tudo, essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais, amores que se queiram assemelhar ao símbolo de Philemon e Baucis. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias. Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas. As horas nesses relógios deixavam uma vaga impressão, e foi de S. Luiz, rei de França, a ideia de contar as horas das noites pelas candeias que acendia. Era confundir as horas.

Hoje, não. Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalharia de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

Quem hoje não tem pressa de acabar? É possível que se perca tempo – oh! coisa dolorosa! – mas com a noção de que o estamos perdendo. Perde-se tempo como se perde a vida – porque não há remédio, porque a fatalidade o exige. Mas com que raiva!

Vede o homem da bolsa. Esse homem podia andar devagar. Entretanto anda a correr, suando, a consultar o relógio, querendo fazer em quatro horas o que em outro tempo se fazia em quatro meses. Vede o

jornalista. Dispara por essas ruas aflito, trepidante, à cata de uma porção de fatos que em síntese, desde o assassinato à complicação política, são devidos exclusivamente à pressa de acabar. Vede o espectador teatral. Logo que o último ato chega ao meio, ei-lo nervoso, danado por sair. Para quê? Para tomar chocolate depressa. E por que depressa? Para tomar o bonde onde o vemos febril ao primeiro estorvo. Por quê? Porque tem pressa de ir dormir, para acordar cedo, acabar depressa de dormir e continuar com pressa as breves funções da vida breve!

“Dar tempo ao tempo” é uma frase feita cujo sentido a sociedade perdeu integralmente. Já nada se faz com tempo. Agora faz-se tudo por falta de tempo. Todas as descobertas de há 20 anos a esta parte tendem a apressar os atos da vida. O automóvel, essa delícia, e o fonógrafo, esse tormento encurtando a distância e guardando as vozes para não se perder tempo, são bem os símbolos da época.

O homem mesmo do momento atual num futuro infelizmente remoto, caso a terra não tenha grande pressa de acabar e seja levada na cauda de um cometa antes de esfriar completamente – o homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*.

Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: – *Precisamos acabar depressa*.

O homem-cinematográfico acorda pela manhã desejando acabar com várias coisas e deita-se à noite pretendendo acabar com outras tantas. É impossível falar dez minutos com qualquer ser vivo sem ter a sensação esquisita de que ele vai acabar alguma coisa. O escritor vai acabar o livro, o repórter vai acabar com o segredo de uma notícia, o financeiro vai acabar com a operação, o valente vai liquidar um sujeito, o político vai acabar sempre várias complicações, o amoroso vai acabar *com aquilo*. Daí um verdadeiro tormento de trabalho. Cada um des-

ses sujeitos esforça-se inutilmente – oh! quanto!... – para acabar com o lendário rochedo. O homem cinematográfico, comparado ao homem do século passado, é um gigante de atividade. O comerciante trabalha em dois meses mais do que o seu antecessor em dez anos; o escritor escreve volumes de tal modo, aqui, na França, na Inglaterra, que os próprios colegas (aliás com a mesma moléstia) ficam a desconfiar de que o tipo tenha em casa um batalhão de profissionais anônimos: os amourosos ajeitam-se de tal forma que a paixão me dá hoje a impressão de um bailado desvairado que se denomina: o cançã dos beijos. A pressa de acabar torna a vida um torvelinho macabro e é tão forte o seu domínio que muitos acabam com a vida ou com a razão apenas por não poder acabar depressa umas tantas coisas...

Quem será capaz de dizer hoje sinceramente: – eu vivo para o teu amor? Vive-se dois minutos porque há pressa de outros amores que também se hão de acabar. Ainda outro dia uma jovem senhora casada de fresco dizia-me:

– Oh! não! não desejo ter filhos.

– Mas, minha senhora, o fim da vida...

– Não venha com frases. Preciso dizer-lhe que eu teria saudades de ter mesmo muitos filhos. Mas falta-me o tempo e eles ainda levam nove meses a chegar cá...

Felizmente, os pitizes já começam a nascer nos automóveis, na terceira velocidade e é provável que com algum esforço se consiga apressar o sistema atual da gestação.

Antes mesmo disso nós conseguimos acabar com a reflexão e o sentimento. O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

Cada homem vale por uma turba. A turba é inconsciente, o homem começa a sê-lo nessa nevrose.

– Quantas mulheres amas neste momento?

– Pelo menos, três, fora as *passadas*. Mas vou acabar porque tenho outras.

– Por que escreveste um livro que é inteiramente o oposto do publicado uma semana antes?

– Porque era moda e eu precisava acabar mais um volume.

– Por que te suicidas, tu?

– Porque não posso acabar com o amor que dura há três meses!

A pressa de acabar! Mas é uma forma de histeria difusa! Espalhou-se em toda a multidão. Há nos simples, nos humildes, nos mourejadores diários; há nos inúteis, há nos fúteis, há nos profissionais da *coquetterie*, há em todos esse delírio lamentável. Qual é o fito principal de todos nós? acabar depressa! O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias, (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia) – o pobre diabo sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão. Os que assistem, com a pressa de acabar, gritam inclementes a frase mais representativa do momento:

– Está na hora!

Os que representam (e são os mesmos) têm no cérebro a ideia fixa:

– É a hora! Vai chegar a hora...

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tem-

po que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer? Acentuar a moléstia, passar adiante logo e recordar, nestas noites longas-longas? Não! Brevíssimas! — de mais o bom tempo de antanho em que os nossos avós, sem relógios assegurados, sem a pressa de acabar, nos preparavam este presente vertiginoso com tempo ainda para verificar como os dias aumentavam o pulo de um gato, o passo de sargento ou o farto jantar de um frade...

FIM

AO LEITOR

E tu leste, e tu viste tantas fitas...

Se gostaste de alguma, fica sabendo que foram todas apanhadas ao natural e que mais não são senão os fatos de um ano, as ideias de um ano, os comentários de um ano – o de 1908, apanhados por um aparelho fantasista e que nem sempre apanhou o bom para poder sorrir à vontade e que nunca chegou ao muito mau para não fazer chorar. A sabedoria está no meio termo da emoção.

Vale.

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT; NOTAS, 9/12 PT.

